



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

DANIELA BETÂNIA DOS SANTOS FERREIRA

**ESTUDO TOPONÍMICO EM LIBRAS DOS MUNICÍPIOS DA BAHIA:
MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL**

Feira de Santana-BA
2025

DANIELA BETÂNIA DOS SANTOS FERREIRA

**ESTUDO TOPONÍMICO EM LIBRAS DOS MUNICÍPIOS DA BAHIA:
MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do Título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Feira de Santana-BA
2025

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

F44e

Ferreira, Daniela Betânia dos Santos

Estudo toponímico em Libras dos municípios da Bahia: memória, identidade e resistência cultural / Daniela Betânia dos Santos Ferreira – 2025. 446p. f.: il.

Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2025.

1.Linguística. 2.Lexicologia. 3. Toponímia. 4. Libras. I. Barreiros, Liliane Lemos Santana, orient.II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU 80:376.33(814.22)

Daniela Machado Sampaio Costa - Bibliotecária - CRB-5/2077

TERMO DE APROVAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

DANIELA BETÂNIA DOS SANTOS FERREIRA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 01 de setembro de 2005.

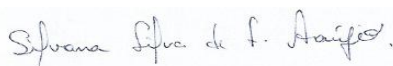
BANCA EXAMINADORA



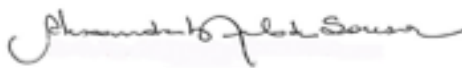
Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora



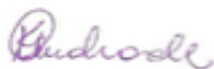
Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinadora Interna



Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinadora Interna



Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Universidade Federal de Alagoas
Examinador Externo



Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade
Universidade Federal do Tocantins
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Escrever estas palavras é olhar para trás com o coração cheio de gratidão. Foram anos de aprendizado intenso, desafios e descobertas que me transformaram profundamente. Houve momentos de cansaço e incerteza, mas também de alegria, crescimento e superação. A cada obstáculo vencido, surgia uma nova força, e cada conquista, por menor que fosse, renovava o sentido desta jornada.

Concluir esta tese é celebrar a fé, a perseverança e o amor pelo conhecimento. É a confirmação de que todo esforço valeu a pena, de que a dedicação e a esperança são capazes de conduzir sonhos à realidade. Hoje, ao chegar até aqui, sinto não apenas o alívio de quem conclui um ciclo, mas a felicidade de quem realizou um grande propósito.

Agradeço a Deus por me conceder força, coragem e constância para ingressar e permanecer nesta caminhada. O doutorado sempre foi a realização de um sonho que parecia distante, e só foi possível porque a fé me sustentou nos momentos em que a insegurança tentou me fazer desistir.

À professora Liliane Lemos Santana Barreiros, minha orientadora, registro minha mais profunda gratidão. Sua presença firme e acolhedora foi essencial para que esta pesquisa se tornasse possível. Agradeço pela confiança, pela paciência e pela sabedoria com que conduziu cada etapa deste trabalho. Encontrei em você não apenas uma orientadora, mas uma inspiração de mulher, professora e pesquisadora comprometida com o conhecimento e com as pessoas.

Ao professor Alexandre Melo de Sousa, minha sincera admiração e gratidão. Sua contribuição foi decisiva para o amadurecimento desta pesquisa e para a consolidação do meu percurso acadêmico. Agradeço pela generosidade com que compartilhou seu vasto conhecimento, pela disponibilidade em orientar e pelas trocas que sempre ampliaram meu olhar sobre a Toponímia em Libras. Sua dedicação à pesquisa, sua postura ética e sua incansável vontade de abrir caminhos inspiram profundamente a todos que aprendem com você. Tenho orgulho de tê-lo como referência e imensa gratidão por sua presença firme, sempre acompanhada de incentivo e confiança.

Às professoras Karylleila Andrade, Norma Lúcia Almeida e Silvana Araújo, minha sincera e profunda gratidão. À professora Norma, por acompanhar minha trajetória acadêmica com cuidado e generosidade, sempre contribuindo para o meu crescimento. À professora Silvana, pela escuta atenta e pelas contribuições valiosas. À professora Karylleila, pela sensibilidade e pelo gesto generoso de ter vindo de tão longe para estar presente neste momento.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Toponímia Bilíngue da Bahia, minha gratidão pela parceria e pelas trocas ao longo da jornada. Cada diálogo e cada colaboração contribuíram para o amadurecimento desta pesquisa. A Iago Gusmão, um agradecimento especial: mesmo em meio às suas próprias batalhas, você nunca soltou a minha mão. Sua generosidade, paciência e compromisso foram fundamentais em muitos momentos decisivos. A Carlos Messias, pela amizade sincera, pelas risadas e pela parceria constante. A Thaiane Macambira, pela sensibilidade, pela escuta e pelo apoio que tornou a reta final mais leve.

À professora e amiga Midian Marins, agradeço pelo carinho, pelas conversas que tantas vezes me devolveram o ânimo e pelas palavras que sempre chegavam na hora certa.

Às amigas Emanuelle Dantas, Stephanne Santiago e Caroline Santos, meu carinho e gratidão. A Manu, pela demonstração de força e coragem inspiradora. A Stephanne, pelo compartilhamento de conhecimento e pelas trocas valiosas. A Carol, pelo carinho e pela amizade acolhedora que tornaram esta jornada mais doce e significativa.

À minha família, minha base e porto seguro, minha eterna gratidão. Agradeço por compreenderem minhas ausências e apoiarem minhas escolhas com amor. À minha mãe, Maristela Casais, pela fé, paciência e força silenciosa que me ensina todos os dias a persistir. À minha irmã, Genáise Alexia, minha irmã surda e meu maior motivo para acreditar na importância deste trabalho. A Gabriel Henrique e Akim Carvalho, pela presença constante e pelo apoio incondicional, especialmente nos momentos em que o cansaço parecia maior que a esperança.

A todos os amigos que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada, minha sincera gratidão. Em especial, a Neginha, pelo amor e acolhimento que me confortaram em tantos momentos; a Fernanda Giallorenzo, pela alegria e leveza nos dias de angústia; e a Daniele Costa, pelos conselhos, incentivo e por me ajudar a manter o foco. A amizade de vocês foi abrigo e força, e cada uma fez parte desta conquista.

Às minhas amigas que, cheias de curiosidade, perguntavam com toda a inocência: “Mas afinal, o que é que você estuda mesmo?”, deixo um agradecimento especial. Eu explicava pacientemente: “Estudo toponímia, bilíngue, Feira de Santana.” Depois de ouvir tudo com atenção, elas sorriam e diziam: “Ah, entendi nada... mas vai dar tudo certo!” Foi a forma mais divertida e carinhosa de me dizerem que não sabiam o que eu fazia, mas que acreditavam em mim de verdade. E, no fim, era exatamente disso que eu precisava.

À minha querida psicóloga Kátia Susi, agradeço pelo apoio constante e pela escuta acolhedora ao longo desta jornada. Sua sensibilidade e orientação foram essenciais para que eu encontrasse equilíbrio e serenidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS), minha sincera gratidão pela oportunidade de aprendizado e crescimento. Agradeço a todos os professores que, com dedicação e competência, contribuíram para a minha formação e ampliaram minha compreensão sobre o fazer científico.

Concluir esta tese representa mais do que o fim de um percurso acadêmico. É a síntese de uma trajetória marcada por esforço, fé, amor e esperança. Cada pessoa e cada gesto de incentivo fizeram parte da construção deste sonho. A todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, deixo minha mais profunda gratidão. Esta conquista não é apenas minha, mas de todos que acreditaram, sustentaram e caminharam comigo até o fim.

RESUMO

Nos últimos anos, os estudos voltados à Toponímia têm alcançado expressivo destaque, despertando o interesse de pesquisadores em diversas regiões do Brasil. Esse movimento tem possibilitado uma compreensão mais ampla das dimensões sociais, culturais, históricas e linguísticas que permeiam as línguas orais utilizadas no país. No campo da Língua Brasileira de Sinais (Libras), as investigações sobre toponímia têm se desenvolvido de forma gradual, configurando-se como um espaço emergente de pesquisa e revelando a necessidade de ampliação das abordagens linguísticas aplicadas às línguas de sinais. Inserida nesse contexto, esta tese tem como objetivo analisar os sinais toponímicos referentes aos municípios baianos em Libras, com ênfase na compreensão dos processos motivacionais que orientam sua formação. O estudo parte da premissa de que a criação e a difusão dos sinais toponímicos expressam, de modo singular, aspectos identitários e culturais das comunidades surdas, ao mesmo tempo em que refletem a interação entre o espaço geográfico, a língua e a experiência visual. Para atingir esse objetivo, foi realizado um levantamento dos 417 municípios do estado da Bahia, com o propósito de identificar aqueles que possuem sinais em uso na comunidade surda. Como resultado desse mapeamento, foram identificados sinais toponímicos em 149 municípios, os quais compõem o *corpus* analisado nesta pesquisa. O estudo adota uma abordagem qualitativa e descritiva, de base linguístico-lexicológica, sustentada por um referencial teórico-metodológico interdisciplinar que articula estudos linguísticos da Libras (Felipe, 1989; 2006; Quadros, 2019; 2025; Quadros e Karnopp, 2004; Strobel, 2008; 2009; Ferreira-Brito, 1995), pesquisas lexicológicas (Biderman, 1998; 2001), investigações toponímicas gerais (Dick, 1990; 1992; 1999; Carvalho, 2014; Francisquini, 1998; Lima, 1997; Seabra, 2004; Isquardo, 1996) e estudos toponímicos na Libras (Barreiros e Ferreira, 2018; Ferreira, 2019; Jesus, 2019; Sousa, 2018; 2019; 2023; Souza Júnior, 2012; Sousa et al., 2025), entre outros. Os resultados alcançados demonstram a diversidade de estratégias motivacionais empregadas na criação dos sinais toponímicos, que vão desde a iconicidade de elementos visuais característicos do lugar até referências históricas, culturais e identitárias. A análise evidencia, ainda, a existência de regiões com lacunas denominativas, o que reforça a importância de políticas linguísticas voltadas à ampliação e à sistematização do léxico em Libras. A contribuição desta tese se expressa, assim, em múltiplas dimensões: no campo teórico, ao consolidar a toponímia em Libras como área de estudo autônoma; no campo metodológico, ao propor instrumentos de coleta e classificação adaptados às línguas visuais-espaciais; e no campo aplicado, ao oferecer produtos digitais que ampliam o acesso e a difusão do conhecimento linguístico. Como produto final, foram desenvolvidos o site *Libras Bahia* e o canal homônimo no *YouTube*, que reúnem vídeos, fichas descritivas e classificações dos sinais estudados. Esses repositórios bilíngues, dinâmicos e acessíveis, destinam-se a beneficiar diretamente a comunidade surda, professores, intérpretes e pesquisadores, promovendo a valorização da Libras e a difusão da diversidade cultural e linguística que caracteriza a Bahia.

Palavras-chave: Toponímia; Libras; Léxico; Bahia; Municípios.

ABSTRACT

In recent years, studies focused on toponymy have gained significant prominence, sparking the interest of researchers in various regions of Brazil. This movement has enabled a broader understanding of the social, cultural, historical, and linguistic dimensions that permeate the oral languages used in the country. In the field of Brazilian Sign Language (Libras), investigations into toponymy have developed gradually, establishing themselves as an emerging research area and revealing the need to expand linguistic approaches applied to sign languages. Within this context, this thesis aims to analyze the toponymic signs referring to municipalities in Bahia in Libras, with an emphasis on understanding the motivational processes that guide their formation. The study is based on the premise that the creation and dissemination of toponymic signs uniquely express identity and cultural aspects of deaf communities, while also reflecting the interaction between geographic space, language, and visual experience. To achieve this objective, a survey was conducted of the 417 municipalities in the state of Bahia, with the purpose of identifying those that have signs in use in the deaf community. As a result of this mapping, toponymic signs were identified in 149 municipalities, which comprise the corpus analyzed in this research. This study adopts a qualitative and descriptive approach, based on linguistics and lexicology, supported by an interdisciplinary theoretical and methodological framework that articulates linguistic studies of Libras (Felipe, 1989; 2006; Quadros, 2019; 2025; Quadros and Karnopp, 2004; Strobel, 2008; 2009; Ferreira-Brito, 1995), lexicological research (Biderman, 1998; 2001), general toponymic investigations (Dick, 1990; 1992; 1999; Carvalho, 2014; Francisquini, 1998; Lima, 1997; Seabra, 2004; Isquardo, 1996) and toponymic studies in Libras (Barreiros and Ferreira, 2018; (Ferreira, 2019; Jesus, 2019; Sousa, 2018; 2019; 2023; Souza Júnior, 2012; Sousa et al., 2025), among others. The results demonstrate the diversity of motivational strategies employed in the creation of toponymic signs, ranging from the iconicity of visual elements characteristic of the place to historical, cultural, and identity references. The analysis also highlights the existence of regions with denominative gaps, which reinforces the importance of linguistic policies aimed at expanding and systematizing the lexicon in Libras (Brazilian Sign Language). The contribution of this thesis is thus expressed in multiple dimensions: in the theoretical field, by consolidating toponymy in Libras as an autonomous area of study; in the methodological field, by proposing data collection and classification instruments adapted to visual-spatial languages; and in the applied field, by offering digital products that broaden access to and dissemination of linguistic knowledge. As a final product, the Libras Bahia website and the homonymous YouTube channel were developed, bringing together videos, descriptive sheets, and classifications of the signs studied. These bilingual, dynamic, and accessible repositories are intended to directly benefit the deaf community, teachers, interpreters, and researchers, promoting the appreciation of Libras (Brazilian Sign Language) and the dissemination of the cultural and linguistic diversity that characterizes Bahia.

Keywords: Toponymy; Libras; Lexicon; Bahia; Municipalities.

RESUMO EM LIBRAS



LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Configurações de Mão – Material do INES	40
Figura 2: Sinal de BRASIL	41
Figura 3: Sinal de BÉLGICA	41
Figura 4: Sinal de PARÁ	41
Figura 5: Sinal de BELEM	41
Figura 6: Sinal de PORTO ALEGRE	43
Figura 7: Sinal de TOPONÍMIA	43
Figura 8: <i>Sinal de AMAZÔNIA</i>	43
Figura 9: Sinal de BAHIA	44
Figura 10: Sinal de SALVADOR	44
Figura 11: Sinal de SORRIDENTE	45
Figura 12: Sinal de CANSAÇO	45
Figura 13: Sinal do bairro CAB em Salvador	48
Figura 14: Sinal da AVENIDA GETÚLIO VARGAS situada na cidade de Feira de Santana	48
Figura 15: Sinal do município BIRITINGA na Bahia	49
Figura 16: Sinal do bairro 35 BI na cidade de Feira de Santana	49
Figura 17: Sinal de CASA	50
Figura 18: Sinal de MORAR	50
Figura 19: Sinal do município de CRUZ DAS ALMAS na Bahia	51
Figura 20: Incorporação de Numeral (3 horas de duração)	51
Figura 21: Incorporação de Negação	52
Figura 22: Sinal de ÁRVORE em Libras	54
Figura 23: Sinal ÁRVORE em Língua de Sinais Chinesa	54
Figura 24: Sinal de SERRINHA-BA	55
Figura 25: Mapa da Bahia de todos os Santos de 1749	75
Figura 26: Mapa da Bahia com a divisão dos Territórios de Identidade	77
Figura 27: Território de Identidade 01 (TI 01) Irecê	78
Figura 28: Território de Identidade 2 (TI 2) Velho Chico	79
Figura 29: Território de Identidade 3 (TI 3) Chapada Diamantina	80
Figura 30: Território de Identidade 4 (TI 4) Sisal	81

Figura 31: Território de Identidade 5 (TI 5) Litoral Sul	82
Figura 32: Território de Identidade 6 (TI 6) Baixo Sul	83
Figura 33: Território de Identidade 7 (TI 7) Extremo Sul	84
Figura 34: Território de Identidade 8 (TI 8) Médio Sudoeste da Bahia	85
Figura 35: Território de Identidade 9 (TI 9) Vale do Jiquiriçá	86
Figura 36: Território de Identidade 1 (TI 10) Sertão do São Francisco	86
Figura 37: Território de Identidade 1 (TI 11) Bacia do Rio Grande	87
Figura 38: Território de Identidade 12 (TI 12) Bacia do Paramirim	88
Figura 39: Mapa do Território de Identidade 13 (TI 13) Sertão Produtivo	89
Figura 40: Território de Identidade 14 Piemonte do Paraguaçu	90
Figura 41: Território de Identidade 1 (TI 15) Bacia do Jacuípe	91
Figura 42: Território de Identidade 16 (TI 16) Piemonte da Diamantina	92
Figura 43: Território de Identidade 1 (TI 17) Semiárido Nordeste II	93
Figura 44: Território de Identidade 8 (TI 18) Litoral Norte e Agreste Baiano	94
Figura 45: Território de Identidade 19 (TI 19) Portal do Sertão	95
Figura 46: Território de Identidade 20 (TI 20) Sudoeste Baiano	96
Figura 47: Território de Identidade 21 (TI 21) Recôncavo	97
Figura 48: Território de Identidade 1 (TI 22) Médio Rio de Contas	98
Figura 49: Território de Identidade 3 (TI 23) Bacia do Rio Corrente	99
Figura 50: Território de Identidade 1 (TI 24) Itaparica	100
Figura 51: Território de Identidade 25 (TI 25) Piemonte Norte do Itapicuru	101
Figura 52: Território de Identidade 26 (TI 26) Metropolitano de Salvador	102
Figura 53: Território de Identidade 27 (TI 27) Costa do Descobrimento	103
Figura 54: Página inicial do Canal do Youtube <i>Libras Bahia</i>	417
Figura 55: QR Code para acesso ao sinal do topônimo do município de COCOS, em Libras	426
Figura 56: QR Code para acesso ao sinal do topônimo do município de SERRINHA, em Libras	426
Figura 57: QR Code para acesso aos sinais do topônimo do município de SANTO AMARO, em Libras	427
Figura 58: QR Code para acesso aos sinais do topônimo do município de FEIRA DE SANTANA, em Libras	428

Figura 59: QR Code para acesso ao sinal do topônimo do município de CATU, em Libras	429
Figura 60: Página inicial do <i>Site Libras Bahia</i>	431
Figura 61: Página inicial do <i>Site Libras Bahia</i>	432
Figura 62: Mapa interativo do <i>Site Libras Bahia</i>	432
Figura 63: Vídeos e informações lexicográficas do <i>Site Libras Bahia</i>	433
Figura 64: Formulário de contato do <i>Site Libras Bahia</i>	434

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias do parâmetro movimento na Libras	42
Quadro 2 - Trabalhos concluídos e em desenvolvimento no âmbito do PPEL-UEFS	68
Quadro 3 - Municípios baianos com e sem sinal registrado de sinais em Libras, organizados por Territórios de Identidade	109
Quadro 4 - Modelo de Ficha Lexicográfico-toponímica	114
Quadro 5 - Estrutura morfológica do sinal em Libras	116
Quadro 6 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Irecê	120
Quadro 7 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Xique-Xique	122
Quadro 8 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Bom Jesus da Lapa	124
Quadro 9 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Boninal	126
Quadro 10 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Bonito	128
Quadro 11 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Lençóis	130
Quadro 12 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Morro do Chapéu	132
Quadro 13 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Palmeiras	134
Quadro 14 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Piatã	136
Quadro 15 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Seabra	138
Quadro 16 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Araci	140
Quadro 17 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barrocas	142
Quadro 18 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Biritinga	143
Quadro 19 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Candéa	145
Quadro 20 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cansanção	147
Quadro 21 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Conceição do Coité	149
Quadro 22 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ichu	151
Quadro 23 - Quadro - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Queimadas	153
Quadro 24 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santa Luz	155
Quadro 25 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Serrinha	157
Quadro 26 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Teofilândia	159
Quadro 27 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Tucano	161
Quadro 28 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Valente	163
Quadro 29 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Almadina	165
Quadro 30 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Aurelino Leal	167
Quadro 31 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barro Preto	169

Quadro 32 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Camacan	171
Quadro 33 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Canavieiras	173
Quadro 34 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Floresta Azul	175
Quadro 35 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ibicarai	177
Quadro 36 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ilhéus	179
Quadro 37 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itabuna	181
Quadro 38 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itacaré	183
Quadro 39 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itajú da Colônia	185
Quadro 40 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Pau Brasil	187
Quadro 41 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São José Da Vitória	189
Quadro 42 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ubaitaba	181
Quadro 43 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Uruçuca	193
Quadro 44 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Valença	195
Quadro 45 - Ficha lexicográfica – toponímico do município de Alcobaça	197
Quadro 46 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Caravelas	199
Quadro 47 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itamaraju	201
Quadro 48 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itanhém	203
Quadro 49 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Medeiros Neto	205
Quadro 50 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Mucuri	207
Quadro 51 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Nova Viçosa	209
Quadro 52 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Prado	211
Quadro 53 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Teixeira de Freitas	213
Quadro 54 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itapetinga	215
Quadro 55 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Amargosa	217
Quadro 56 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jaguaquara	219
Quadro 57 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jiquiriçá	221
Quadro 58 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Laje	223
Quadro 59 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Milagres	225
Quadro 60 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Mutuípe	227
Quadro 61 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ubaíra	229
Quadro 62 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Juazeiro	231
Quadro 63 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Canudos	233
Quadro 64 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Curaçá	235

Quadro 65 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Uauá	237
Quadro 66 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Sobradinho	239
Quadro 67 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Casa Nova	241
Quadro 68 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Angical	243
Quadro 69 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barreiras	245
Quadro 70 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Catolândia	247
Quadro 71 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cotegipe	249
Quadro 72 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cristópolis	251
Quadro 73 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Formosa do Rio Preto	253
Quadro 74 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Luis Eduardo Magalhaes	255
Quadro 75 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Riachão das Neves	457
Quadro 76 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santa Rita de Cássia	259
Quadro 77 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Desidério	261
Quadro 78 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Wanderley	263
Quadro 79 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Boquira	265
Quadro 80 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Brumado	267
Quadro 81 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Caetité	269
Quadro 82 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Iaçu	271
Quadro 83 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itaberaba	273
Quadro 84 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itatim	275
Quadro 85 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Rafael Jambeiro	277
Quadro 86 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Capim Grosso	279
Quadro 87 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Gavião	281
Quadro 88 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Ipirá	283
Quadro 89 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Riachão Do Jacuípe	285
Quadro 90 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Serra Preta	287
Quadro 91 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jacobina	289
Quadro 92 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Serrolândia	291
Quadro 93 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ribeira Do Pombal	293
Quadro 94 - Ficha lexicográfica – toponímico do município de Alagoinhas	295
Quadro 95 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Araçás	297
Quadro 96 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Aramari	299

Quadro 97 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cardeal da Silva	301
Quadro 98 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Catú	203
Quadro 99 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Entre Rios	305
Quadro 100 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Esplanada	307
Quadro 101 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Inhambupe	309
Quadro 102 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Olindina	311
Quadro 103 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Rio Real	313
Quadro 104 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Amelia Rodrigues	315
Quadro 105 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Anguera	317
Quadro 106 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Antônio Cardoso	319
Quadro 107 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ipecaetá	321
Quadro 108 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Conceição Da Feira	323
Quadro 109 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Conceição do Jacuípe	325
Quadro 110 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Coração De Maria	327
Quadro 111 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Feira De Santana	329
Quadro 112 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Irará	331
Quadro 113 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santa Barbara	333
Quadro 114 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santo Estevão	335
Quadro 115 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Gonçalo Dos Campos	337
Quadro 116 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Tanquinho	339
Quadro 117 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Terra Nova	341
Quadro 118 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Anagé	343
Quadro 119 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barra do Choça	345
Quadro 120 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Belo Campo	447
Quadro 121 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Poções	349
Quadro 122 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Vitória Da Conquista	351
Quadro 123 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cabaceiras Do Paraguaçu	353
Quadro 124 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cachoeira	355
Quadro 125 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Castro Alves	357
Quadro 126 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cruz Das Almas	359
Quadro 127 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santo Amaro	361

Quadro 128 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santo Antônio de Jesus	363
Quadro 129 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Félix	365
Quadro 130 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Governador Mangabeira	367
Quadro 131 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Muritiba	369
Quadro 132 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Maragogipe	371
Quadro 133 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Nazaré	373
Quadro 134 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ipiaú	375
Quadro 135 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jequié	377
Quadro 136 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cocos	379
Quadro 137 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Paulo Afonso	381
Quadro 138 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Andorinha	383
Quadro 139 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Antônio Gonçalves	385
Quadro 140 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Campo Formoso	387
Quadro 141 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Filadélfia	389
Quadro 142 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jaguarari	391
Quadro 143 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Pindobaçu	393
Quadro 144 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ponto Novo	395
Quadro 145 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Senhor do Bonfim	397
Quadro 146 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Camaçari	399
Quadro 147 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itaparica	401
Quadro 148 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Lauro de Freitas	403
Quadro 149 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Madre de Deus	405
Quadro 150 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Mata de São João	407
Quadro 151 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Salvador	409
Quadro 152 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Francisco do Conde	411
Quadro 153 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Eunápolis	413
Quadro 154 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Porto Seguro	415
Quadro 155 - Topônimos municipais agrupados conforme classificação taxionômica: dados em línguas orais	418

Quadro 156 - Topônimos municipais cujas motivações não foram identificadas: dados 421
da Libras

Quadro 157 - Topônimos municipais cujas motivações não foram identificadas: dados 430
da Libras

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das Taxonomias Toponímicas nos Municípios Baianos	419
Gráfico 2 - Classificação Taxionômica dos Municípios Baianos em Libras	423
Gráfico 3 - Distribuição dos topônimos em Libras conforme configuração morfológica	425

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C. - Antes de Cristo

ADAS - Associação dos Deficientes Ana Suely

AFADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos

APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (Salvador)

APDEMB - Associação de Pessoas com Deficiência do Município de Brumado e Região

ASCAM - Associação dos Surdos de Camaçari

ASL - American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

ASSEC - Associação dos Surdos de Euclides da Cunha

ASSFS - Associação de Surdos de Feira de Santana

ASSI - Associação dos Surdos de Itabuna

ASSISTIR - Associação de Inclusão de Surdos do Território de Irecê

ASSUC - Associação de Surdos de Canavieiras

ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

ATESP - Atlas Toponímico do Estado de São Paulo

ATEMS - Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul

ATEPAR - Atlas Toponímico do Estado do Paraná

ATIT - Atlas Toponímico do Estado do Tocantins

ATITO - Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins

ATAOB - Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira

ATOBAB - Atlas Toponímico da Bahia

CAP - Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú

CAPENE - Centro de Atendimento Pedagógico a pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

CAS/AC - Centro de Apoio ao Surdo do Acre

CEEEC - Centro Estadual de Educação Especial de Caetité

CESBA - Centro de Estudos da Saúde da Bahia

CM - Configuração de Mão

CONSEPE - Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão

COVID-19 - Doença causada pelo novo coronavírus

d.C. - Depois de Cristo

Dra. – Doutora

EMB - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros

ENM - Expressões Não-Manuais (movimentos faciais e corporais que complementam sinais)

FADBA - Faculdade Adventista da Bahia

FCBA - Fundo de Cultura da Bahia

FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

IAENE - Instituto Adventista de Ensino do Nordeste

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LP - Língua Portuguesa

LSF - Langue des Signes Française (Língua de Sinais Francesa)

MAS - Ministério Adventista dos Surdos

MIQUEI - Movimento de Inclusão e Qualificação do Especial Independente

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

M - Movimento (tipo, direção, intensidade e frequência do deslocamento das mãos ao sinalizar)

NM - Aspectos Não-manuais

nº - Número

Or - Orientação da Mão (direção da palma da mão durante o sinal)

PA - Ponto de Articulação (local no corpo ou espaço onde o sinal é realizado)

PAIS - Projeto para Acolhimento, Informação e Suporte à família de crianças surdas

p. - Página (usado em citações)

PostgreSQL - Sistema gerenciador de banco de dados relacional

Profa. – Professora

QR Code - Quick Response Code (código de resposta rápida)

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SECULT-BA - Secretaria de Cultura do Estado da Bahia

SEPLAN - Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia

SDR - Secretaria de Desenvolvimento Rural

TI - Território de Identidade

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	24
2	LIBRAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E LINGÜÍSTICOS	28
2.1	A CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA	28
2.1.1	A comunidade surda na Bahia	32
2.2	CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA LIBRAS	36
2.2.1	Aspectos Fonéticos e Fonológicos da Libras	38
2.2.2	Aspectos morfológicos da Libras	46
2.3	A ARBITRARIEDADE E A ICONICIDADE DA LIBRAS	52
2.4	VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA LIBRAS	55
3	TOPONÍMIA: FATORES HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS	58
3.1	PANORAMA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL	60
3.2	OS AVANÇOS DAS PESQUISAS TOPONÍMICAS EM LIBRAS	61
3.2.1	Estudo da toponímia baiana em línguas orais e Libras	66
4	PESQUISAS TOPONÍMICAS DOS MUNICÍPIOS BAIANOS REALIZADAS EM LÍNGUAS ORAIS	71
4.1	MARCAS IDENTITÁRIAS DOS TERRITÓRIOS DA BAHIA	74
5.	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	105
5.1	DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	106
6	AS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS DOS MUNICÍPIOS BAIANOS EM LÍNGUAS ORAIS E EM LIBRAS	120
7	DISCUSSÕES E ANÁLISES DOS DADOS	417
7.1	PANORAMA DA ANÁLISE DOS SINAIS TOPONÍMICOS EM LIBRAS	425
7.2	O <i>LIBRAS BAHIA</i> ENQUANTO REPOSITÓRIO DIGITAL	430
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	435
	REFERÊNCIAS	440

1 INTRODUÇÃO

Esta tese versa sobre as nomeações em Libras dos municípios baianos, uma vez que o ato denominativo pode revelar grande carga de significado ao trazer aspectos sócio-históricos-culturais das localidades investigadas. A pesquisa aqui apresentada dialoga diretamente com a linha de pesquisa “Estudo toponímico em línguas orais e Libras da Bahia” (UEFS-CONSEPE 044/2018), coordenado pela Professora Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, e integra a agenda do Atlas Toponímico em Libras do Brasil, coordenado pelo Professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, vinculado a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 88887625.1.0000.5013).

O *corpus* constituído compreende as designações dos municípios que integram os 27 territórios de identidade da Bahia. Inicialmente, foi realizado um levantamento dos 417 municípios do estado, com o intuito de verificar a existência de sinais toponímicos em Libras utilizados pela comunidade surda. A partir dessa investigação, identificaram-se sinais em 149 municípios, que compõem o corpus efetivamente analisado nesta pesquisa.

A abordagem teórico-metodológica adotada baseia-se nos modelos taxionômicos propostos por Dick (1992) e retomados por Isquierdo (1996), Lima (1997), Francisquini (1998), entre outros pesquisadores, que fornecem fundamentos para a classificação e compreensão dos processos denominativos observados. Acredita-se que um estudo lexicográfico-toponímico desta natureza trará contribuições linguísticas relevantes para a língua portuguesa e, principalmente, para a Libras, ao investigar o processo de geração do léxico toponímico dos surdos e possibilitar acessibilidade linguística e social referente ao seu processo de compreensão e referência geográfica.

Na Bahia, já foram realizados dois estudos toponímicos, visando investigar a motivação dos nomes dos municípios. Ricardo Tupiniquim Ramos foi o pioneiro nessa área de estudos no estado, quando defendeu, em 2008, a tese intitulada *Toponímia dos Municípios Baianos: descrição história e mudança* (Ramos, 2008), em que apresentou análise linguística dos referidos 417 topônimos organizados em verbetes. Ele comparou a nomenclatura em diferentes períodos, estudando diversos aspectos como a natureza, a origem e as motivações dos nomes, assim como padrões de mudanças e influências culturais.

Em 2017, Clesy Mary Prudente Correia defendeu sua dissertação de mestrado, denominada *Bahia de Todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na Toponímia da Bahia* (Correia, 2017), na qual analisou 169 topônimos baianos listados em volumes da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, publicada pelo IBGE em 2 de julho de 1958. A

pesquisadora teve como meta evidenciar que esses topônimos preservam traços culturais e de identidade, ajudando na conservação da memória regional.

Esta tese, por sua vez, apresenta um caráter inédito, ao realizar a primeira investigação sistematizada sobre os sinais toponímicos dos municípios baianos em Libras, ampliando o campo dos estudos toponímicos para o universo das línguas de sinais. Embora consulte os *corpora* das investigações mencionadas anteriormente, propõe uma análise com objetivos distintos dos alcançados por Ramos (2008) e Correia (2017), uma vez que busca compreender as razões subjacentes às nomeações dos municípios baianos com enfoque na Libras. Os objetivos específicos incluem a identificação dos topônimos em Libras, sua categorização lexicográfica, análise e classificação, bem como a contribuição para o registro e desenvolvimento do léxico utilizado pela comunidade surda.

Diante dessa temática, emergiram as seguintes questões de pesquisa: quais são as motivações do processo da nomeação dos municípios baianos em Libras? De que forma os sinais identificados podem ser organizados e sistematizados, favorecendo a comunicação da comunidade surda da Bahia? E, por fim, como a iconicidade se manifesta no processo de criação e consolidação desses sinais toponímicos?

A hipótese que norteou a investigação foi de que os sinais toponímicos dos municípios baianos em Libras são formados, em grande parte pela influência da língua oral e com base na iconicidade, refletindo aspectos culturais, históricos, sociais, linguísticos e geográficos de suas comunidades surdas. No entanto, considera-se que a ausência de uma sistematização pode impactar e a acessibilidade da comunidade surda, tornando necessário um inventário que organize e registre esses sinais, facilitando sua análise, difusão e reconhecimento.

A justificativa para os estudos toponímicos dos municípios baianos se dá pela inexistência de uma pesquisa nessa área em Libras e da necessidade de catalogação e análise desses sinais. É essencial realizar um levantamento que identifique os locais com sinais em Libras e mostrar aos surdos possíveis lacunas no processo de nomeação.

A motivação para a realização da pesquisa nasceu de uma experiência pessoal. Ao acompanhar minha irmã surda em seu cotidiano, testemunho de perto as barreiras que ela enfrenta no processo de locomoção, dificuldades que refletem a realidade da maioria dos surdos. Para além, minha trajetória acadêmica e profissional também me conduziu a esse caminho, uma vez que sou docente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e tradutora/intérprete de Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), dedicando minha vida a mais de duas décadas ao estudo e à promoção da Libras. Acredito que a Libras não é apenas um meio de comunicação, mas uma expressão viva da cultura e da

identidade surda e o estudo dessa língua é uma forma de contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, da qual os surdos possam se sentir verdadeiramente pertencentes.

Ainda é importante salientar que os resultados desta tese contribuem para a ampliação dos estudos toponímicos da Bahia, desenvolvidos na UEFS, através do projeto de pesquisa coordenado pela professora Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

A exequibilidade foi possível, sobretudo, por minha vivência e atuação junto à comunidade surda, que me proporcionaram fluência em Libras e um conhecimento aprofundado sobre seus aspectos linguísticos e culturais. Atuei como professora em diferentes municípios baianos, o que ampliou minha compreensão das variações regionais e fortaleceu meu vínculo com a comunidade. O envolvimento contínuo em diversas regiões da Bahia permite-me compreender as complexidades que atravessam a cultura e a língua de sinais. Assim, enquanto parte ativa dessa comunidade, assumo uma perspectiva empática e comprometida, o que contribui para o desenvolvimento de uma pesquisa sensível e abrangente sobre a toponímia em Libras.

A primeira seção corresponde à *Introdução*, em que são apresentados o tema, a justificativa, os objetivos e a problemática da pesquisa.

A segunda seção aborda aspectos históricos e linguísticos da Libras. Inicialmente, apresenta-se uma contextualização histórica da comunidade surda, com ênfase na realidade baiana e no mapeamento de instituições relevantes para o fortalecimento da cultura surda no estado.

Em seguida, discute-se a estrutura linguística da Libras, explorando seus níveis fonético-fonológico e morfológicos, além de refletir sobre os conceitos de arbitrariedade, iconicidade e variação linguística, com exemplificações visuais, a partir de registros da própria pesquisadora.

Na terceira seção, adentra-se o campo da Toponímia, com base em uma perspectiva histórica e sociocultural. São apresentados os fundamentos da Onomástica e seu desdobramento na Toponímia, incluindo um panorama dos estudos toponímicos no Brasil. Também são discutidos os avanços das pesquisas toponímicas em Libras, especialmente no contexto baiano.

A quarta seção traz uma revisão bibliográfica das pesquisas toponímicas realizadas nos municípios baianos em línguas orais, com atenção especial às marcas identitárias presentes nos 27 Territórios de Identidade da Bahia.

A quinta seção apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa, detalhando o referencial teórico-metodológico adotado e os critérios para a delimitação do *corpus*.

É importante ressaltar que os escritos que ora se apresentam foram subsidiados por diversos referenciais teóricos e metodológicos, relacionados aos estudos linguísticos da Libras (Felipe,

1989; 2006; Quadros, 2019; 2025; Quadros; Karnopp, 2004; Strobel, 2008; 2009; Ferreira, 1010), aos estudos lexicológicos (Biderman, 1998; 2001), aos estudos toponímicos (Carvalho, 2014; Correia, 2017; Dick, 1990; 1992; 1999; Francisquini, 1998; Isquendo, 1996; Lima, 1997; Ramos, 2008; Seabra, 2004), aos estudos toponímicos específicos da Libras (Barreiros; Ferreira, 2018; Ferreira, 2019; Jesus, 2019; Sousa, 2018, 2019, 2022; Souza Junior, 2012; Sousa et. al., 2025), entre outros.

Na sexta seção, são organizadas e sistematizadas as fichas lexicográfico-toponímicas dos municípios baianos analisados, contemplando a relação entre os sinais em Libras e suas correspondências em língua portuguesa.

A sétima seção é destinada à análise e discussão dos dados, com foco nas motivações presentes na criação dos sinais, suas características linguísticas e culturais, e a manifestação da iconicidade nos sinais toponímicos.

A oitava seção, intitulada *Considerações Finais*, apresenta as observações decorrentes da análise aprofundada realizada ao longo do estudo. A partir da comparação entre os dados obtidos em língua portuguesa e os sinais identificados em Libras, são destacados os aspectos mais relevantes relacionados à motivação, organização e representação toponímica dos municípios baianos. Essa seção também evidencia como elementos linguísticos e culturais da comunidade surda manifestam-se no processo de nomeação em Libras. Em seguida, são apresentadas as referências bibliográficas que fundamentam o percurso teórico e metodológico desta investigação.

Por fim, salienta-se que esta tese não pretende encerrar o campo investigativo, mas sim contribuir como um passo significativo dentro de uma área em constante expansão.

2 LIBRAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E LINGÜÍSTICOS

A Libras apresenta-se como um sistema linguístico intrinsecamente ligado à comunidade surda do Brasil, representando não apenas um meio de interação, mas um pilar essencial na construção da identidade e expressão cultural dos surdos. Consolidada como língua oficial da comunidade surda pela Lei 10.436/2002, a Libras é definida como uma língua visual-espacial, dotada de uma estrutura gramatical própria e capaz de transmitir ideias e conceitos de forma plena e complexa.

Nesse contexto, torna-se imprescindível abordar a Libras como uma língua completa e autônoma, com uma estrutura gramatical com formas variadas de expressões. Assim, a Libras representa um marco na história da educação e inclusão das pessoas surdas no Brasil. No entanto, seu surgimento e reconhecimento não são fenômenos isolados, mas refletem uma longa trajetória de luta e evolução na história dos surdos brasileiros.

2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE SURDA

Compreender a história dos surdos e seus processos educacionais é essencial para entender os caminhos que possibilitaram o surgimento e o reconhecimento das línguas de sinais. As diferentes concepções sociais, políticas, religiosas e educacionais ao longo do tempo influenciaram diretamente a forma como os surdos foram percebidos e tratados, impactando o reconhecimento de suas línguas e identidades. Refletir sobre essa trajetória, sob a perspectiva dos estudos da linguagem, permite compreender os fatores que moldaram a legitimidade, a institucionalização e o desenvolvimento das línguas de sinais como línguas plenamente reconhecidas do ponto de vista linguístico.

Desde a Antiguidade, as concepções sobre a surdez variavam conforme a cultura de cada civilização. Em sociedades como a egípcia, há registros que indicam que os surdos poderiam ocupar posições de respeito dentro da sociedade. Strobel (2009) afirma que, tanto no Egito quanto na Pérsia, os surdos eram vistos como seres privilegiados, enviados pelos deuses, uma vez que se acreditava que eles se comunicavam secretamente com o divino. Essa visão resultava em um forte sentimento de respeito e proteção, com os surdos recebendo adoração. No entanto, apesar da reverência, levavam uma vida inativa e não tinham acesso à educação formal.

Segundo Talask (2006), a principal preocupação dos homens na Antiguidade Clássica estava na busca daquilo que considerava a perfeição: a arte, a ciência, a técnica da retórica.

Assim, na civilização greco-romana, a surdez passou a ser associada à incapacidade intelectual ou à maldição e os surdos eram condenados ao abandono ou até mesmo à morte.

Aristóteles sustentava que os indivíduos nascidos sem a capacidade de ouvir, por não desenvolverem uma língua oral, eram incapazes de raciocinar. Essa visão, amplamente compartilhada na Grécia clássica, contribuía para que os surdos fossem excluídos da educação secular, desprovidos de direitos e marginalizados ao lado de pessoas com deficiências mentais e dos enfermos, chegando, em alguns casos, à condenação à morte. Em contrapartida, por volta de 360 a.C., Sócrates defendeu que a comunicação através dos gestos e do corpo era plenamente aceitável para os surdos (Carvalho; Conforto, 2014).

No contexto romano, que adotara muitas das concepções gregas, autores como Lucrécio e Plínio também descreviam os surdos como seres imperfeitos e inadequados para a plena integração social. Era prática comum que crianças surdas, especialmente as de famílias pobres, fossem lançadas no rio Tibre para que fossem cuidadas por ninfas, conforme registrado por Carvalho (2007). Ademais, o imperador Justiniano, em 529 d.C., instituiu uma legislação que vedava aos surdos a celebração de contratos, a elaboração de testamentos, a posse de propriedades e o direito de reivindicar heranças, excetuando-se aqueles que conseguiam se expressar oralmente.

Na Idade Média, a marginalização dos surdos permaneceu, mas algumas iniciativas começaram a surgir em ambientes monásticos. Carvalho e Conforto (2014, p. 71) explanam que “Os cristãos, até a Idade Média, criam que os surdos, diferentemente dos ouvintes, não possuíam uma alma imortal, uma vez que eram incapazes de discernir e proferir os sacramentos inúteis dos saudáveis.” Os votos de silêncio praticados por algumas ordens religiosas levaram ao desenvolvimento de sistemas gestuais que, embora não tenham sido criados para os surdos, demonstravam a viabilidade de formas de comunicação efetivas que não fosse exclusivamente através da oralidade. No entanto, a Igreja reforçava a noção de que a oralidade era essencial para a fé cristã, impedindo que os surdos recebessem certos sacramentos, como a confissão. Isso reforçou sua exclusão da vida religiosa e limitou ainda mais suas possibilidades educacionais e desenvolvimento linguístico.

Foi apenas no Renascimento que começaram a surgir tentativas mais concretas de educar surdos. Segundo Campello (2008, p.51), os trabalhos efetivos com Surdos começaram no século XVI, quando o Frei Pedro Ponce de León, da Espanha, principiou a ensinar os Surdos a falar e a ler, para que pudessem receber as suas heranças. O Frei foi pioneiro na instrução de jovens surdos de famílias nobres, demonstrando que eram plenamente capazes de aprender a ler, escrever e até falar. Seu trabalho foi seguido por Juan Pablo Bonet, que desenvolveu um

alfabeto manual para facilitar a comunicação com surdos. Essas iniciativas abriram caminho para o reconhecimento da capacidade de os surdos se desenvolverem plenamente.

No século XVIII, surgiram as primeiras escolas especializadas para surdos, sendo a mais influente a fundada pelo abade Charles-Michel de l'Épée, na França. Ele percebeu que os surdos já utilizavam sinais espontaneamente para se comunicar e decidiu estruturar um método educacional baseado nessa forma de comunicação. Sobre o Abade, Strobel (2009) explica que:

[...] o abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de “Sinais metódicos” (Strobel, 2009, online).

Essa abordagem favoreceu o desenvolvimento da Língua de Sinais Francesa (LSF) e influenciou o ensino de surdos em diversos países. Em contrapartida, na Alemanha, Samuel Heinicke defendia o oralismo, método que enfatizava o ensino da fala e da leitura labial, desconsiderando o uso de sinais. Essa oposição entre métodos visuais e orais marcou os debates sobre os surdos e persistiria por séculos.

A contribuição de L'Épée foi alvo de análises críticas, sobretudo por parte dos educadores oralistas que sempre discordaram da possibilidade de se ensinar surdos através de uma língua gestual-visual, acreditando que o desenvolvimento da fala era a única alternativa. A exemplo disso, durante esse mesmo período histórico, na Alemanha, Samuel Heinicke apresentou uma abordagem pedagógica destinada aos surdos, que viria a ser denominado método oral.

No século XIX, o oralismo tornou-se dominante, culminando no Congresso de Milão, em 1880, um evento que teve consequências desastrosas para as línguas de sinais pelo mundo. De acordo com Strobel (2009), nessa conferência internacional, educadores decidiram que o oralismo deveria ser a única abordagem educacional, proibindo o uso de línguas de sinais nas escolas. Como resultado, muitos surdos foram forçados a tentar aprender exclusivamente por meio da oralidade, enquanto sua língua natural era suprimida.

Esse período representou um grande retrocesso para a comunidade surda, pois limitou sua ascensão social e dificultou a transmissão da língua de sinais para as gerações seguintes.

Somente no século XX, com o avanço dos estudos linguísticos, as línguas de sinais começaram a ser reconhecidas como idiomas legítimos. O trabalho de William Stokoe, na década de 1960, demonstrou que a Língua de Sinais Americana (ASL) possuía estrutura

gramatical própria, desafiando a ideia de que a comunicação visual era inferior à oralidade. Leite e Quadros (2014) explanam que:

A década de 60 representa um marco no estudo das línguas de sinais devido ao trabalho seminal de William Stokoe (2005 [1960]). Neste trabalho, o linguista americano demonstrou que línguas de sinais – tal como a língua de sinais americana (ASL) – poderiam ser descritas e analisadas utilizando-se os mesmos procedimentos teóricos e metodológicos aplicados às línguas orais.

A partir de então, a valorização das línguas de sinais cresceu, resultando em mudanças significativas. Estudos sobre aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo dos surdos demonstraram a importância da gestualidade para a comunicação e aprendizagem. Nesse contexto, emergiu a Comunicação Total, nas décadas de 1960 e 1970, propondo o uso simultâneo de diferentes recursos comunicativos, incluindo língua de sinais, leitura labial, fala e gestos (Strobel, 2009). Entretanto, a ausência de uma fundamentação teórica sólida e a inconsistência na sua implementação prejudicaram sua eficácia, dificultando a aquisição linguística dos surdos.

Diante das limitações das abordagens anteriores, consolidou-se o modelo bilíngue, que reconhece a língua de sinais como primeira língua dos surdos e a língua oral/escrita como segunda língua (Fernandes, 2013). Esse modelo valoriza a cultura surda e proporciona maior acesso ao conhecimento e à participação social.

Alinhada às tendências internacionais, a trajetória dos surdos no Brasil passou por diversas fases, refletindo os avanços e desafios observados em outros países e a adoção de variadas abordagens educativas. Sobre esse acontecimento, Silva Ramalho e Rocha (2024, p.149), evidenciam que:

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) teve seu desenvolvimento no século XIX, quando entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) por meio do professor surdo francês Eduard Huet. Huet chegou ao país em 1855, a convite do imperador D. Pedro II, e fundou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, que hoje é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e continua em atividade.

Estabelecido em 1857, no Rio de Janeiro, o INES representou o primeiro marco na história dos surdos brasileiros, desempenhando um papel pioneiro na educação e inclusão dessa comunidade, mesmo quando os métodos adotados, como o oralismo e a comunicação total, limitavam o uso da Libras.

As primeiras pesquisas que comprovaram a natureza linguística legítima das línguas de sinais foram fundamentais para a mudança de paradigma na história dos surdos. No Brasil, um

dos estudos pioneiros foi conduzido por Lucinda Ferreira Brito na década de 1980, contribuindo significativamente para a compreensão da estrutura e funcionamento da Libras. Nos anos seguintes, outros pesquisadores aprofundaram esse campo de estudos, favorecendo seu reconhecimento acadêmico e legal como língua. Esse processo foi determinante para embasar políticas públicas voltadas à valorização e à difusão da Libras, consolidando sua importância na sociedade e na educação.

Após o reconhecimento da Libras como língua, diversas iniciativas governamentais foram implementadas para garantir o reconhecimento e a promoção da Libras. Entre as principais medidas, destacam-se diretrizes que asseguram a formação de professores, a implantação obrigatória da disciplina Libras no ensino superior e a existência de tradutores-intérpretes de Libras para discentes e docentes surdos em todo o sistema educacional. Esse reconhecimento impulsionou o surgimento e a consolidação de diversas instituições dedicadas a lutar pelos direitos dos surdos.

2.1.1 A comunidade surda na Bahia

Na Bahia, institutos, centros pedagógicos, associações e outras instituições têm desempenhado um papel crucial no fortalecimento e na disseminação da Libras, contribuindo, assim, para a solidificação das comunidades surdas. Uma análise sobre o Povo Surdo e de suas comunidades oferece informações cruciais sobre a forma como os surdos se organizam em sua busca por uma melhoria nas condições de vida.

Para um melhor entendimento nesse contexto, faz-se necessário trazer à tona a discussão abordada por Strobel (2009), em que é possível distinguir os conceitos de "Povo Surdo" e "comunidade surda". Segundo o autor, o "Povo Surdo" refere-se a um grupo de indivíduos surdos que compartilham costumes, história e tradições, constituindo uma identidade própria construída a partir de suas experiências visuais e culturais. Em contrapartida, o termo "comunidade surda" abrange não apenas os surdos, mas também os ouvintes que se relacionam com eles como familiares, intérpretes, professores e amigos, os quais se reúnem em espaços de convivência, tais como associações, federações e igrejas, compartilhando interesses comuns (Strobel, 2009).

A trajetória do Povo Surdo baiano está intrinsecamente ligada aos desdobramentos históricos que moldaram a vivência dos surdos no mundo e, mais especificamente, no Brasil. Ao longo dos anos, a comunidade surda enfrentou desafios significativos, especialmente no acesso à educação bilíngue e aos serviços de acessibilidade. Apesar dos avanços legais em

âmbito federal, estadual e municipal, a efetivação dessas políticas ainda enfrenta entraves, comprometendo a garantia plena dos direitos linguísticos e educacionais dos surdos.

Nesse contexto, as instituições que surgiram em apoio aos surdos desempenham e/ou desempenharam um papel fundamental na promoção da inclusão, acessibilidade e equidade de oportunidades. Diversas cidades do estado abrigam associações e centros especializados que se dedicam à valorização da Libras, à formação de profissionais qualificados e à defesa dos direitos do povo surdo. Analisar suas ações e impactos é essencial para compreender os avanços e desafios da implementação de políticas públicas voltadas a essa população.

O projeto “*PAIS - Projeto para Acolhimento, Informação e Suporte à família de crianças surdas*”, criado pela Profa. Dra. Desirée De Vit Begrow e vinculado ao Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), cataloga e divulga diversas instituições que acolhem, ensinam e orientam surdos no território baiano, oferecendo um valioso recurso para famílias e surdos que buscam orientação, informações e apoio relacionados à pessoa surda e à Libras. A seguir, serão listadas as instituições catalogadas durante a pesquisa que subjaz esta tese.

1. Amargosa: *Pastoral do Surdo da Diocese de Amargosa e Associações dos Surdos de Amargosa*

Em Amargosa, a Pastoral do Surdo da Diocese desempenha um papel crucial na promoção da inclusão religiosa, bem como na conscientização sobre a surdez na comunidade. A associação promove eventos, encontros e apoio pedagógico.

2. Barreiras: *MIQUEI - Movimento de Inclusão e Qualificação do Especial Independente*

O MIQUEI em Barreiras busca promover a inclusão social e a qualificação profissional dos surdos, contribuindo para sua independência e participação ativa na sociedade.

3. Brumado: *APDEMB - Associação de Pessoas com Deficiência do Município de Brumado e Região*

A APDEMB em Brumado atua em prol da inclusão de pessoas com deficiência, incluindo os surdos, e desempenha um papel importante na defesa dos direitos e acessibilidade.

4. Cachoeira: *MAS - Ministério Adventista dos Surdos - IAENE/FADBA*

O MAS em Cachoeira promove a inclusão religiosa, permitindo que os surdos participem ativamente da fé adventista e tenham acesso a seus ensinamentos.

5. Caetité: *CEEEC - Centro Estadual de Educação Especial de Caetité*

O CEEEC em Caetité é uma instituição de ensino especializada, proporcionando educação de qualidade e apoio às crianças surdas e suas famílias.

6. Camaçari: *ASCAM - Associação dos Surdos de Camaçari e Casa da Libras em Camaçari*

A ASCAM e a Casa da Libras em Camaçari promovem a inclusão e a difusão da Libras na comunidade.

7. Canavieiras: *ASSUC - Associação de Surdos de Canavieiras*

A ASSUC em Canavieiras é uma voz importante na defesa dos direitos dos surdos, garantindo que tenham igualdade de oportunidades na cidade.

8. Euclides da Cunha: *ASSEC - Associação dos Surdos de Euclides da Cunha*

A ASSEC em Euclides da Cunha atua na promoção da inclusão social e educacional, garantindo que os surdos tenham acesso à educação e serviços de apoio.

9. Feira de Santana: *Antiga AFADA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos, ASFS – Associação de Surdos de Feira de Santana e MAS - Ministério Adventista dos Surdos.*

Em Feira de Santana, essas associações desempenham papéis cruciais na promoção da inclusão, educação e apoio religioso para a comunidade surda.

10. Ipiaú: *ADAS - Associação dos Deficientes Ana Suely e CAPI – Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú.*

A ADAS em Ipiaú concentra-se na promoção da igualdade de oportunidades e na conscientização sobre a surdez na comunidade local e circunvizinha.

11. Irecê: *ASSISTIR - Associação de Inclusão de Surdos do Território de Irecê.*

A ASSISTIR em Irecê tem um compromisso inabalável com a inclusão e na promoção da igualdade de oportunidades para os surdos na região.

12. Itabuna: *ASSI - Associação dos Surdos de Itabuna.*

A ASSI em Itabuna desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e na quebra de barreiras para a comunidade surda na cidade.

13. Juazeiro: *Pastoral do Surdo.*

A Pastoral do Surdo em Juazeiro oferece apoio religioso e espiritual, garantindo que os surdos tenham acesso à fé.

14. Salvador: *APADA, CESBA, Libras Tudo e MAS - Ministério Adventista dos Surdos - Salvador – BA.*

Em Salvador, essas organizações desempenham papéis essenciais na promoção da acessibilidade, educação e apoio religioso para os surdos.

15. Serrinha: *CAPENE - Centro de Atendimento Pedagógico a pessoas com Necessidades Educacionais Especiais.*

O CAPENE em Serrinha é um centro de referência no atendimento e suporte educacional na perspectiva da inclusão, incluindo surdos.

16. Vitória da Conquista: *CIL - Central de Interpretação de Libras*

A CIL em Vitória da Conquista desempenha um papel vital na promoção da comunicação eficaz entre surdos e ouvintes, garantindo sua participação plena na sociedade.

O surgimento de instituições específicas tem permitido que essas desempenhem papel essencial ao longo da história. Essas iniciativas não apenas oferecem um ambiente propício para a partilha de conhecimentos e experiências, mas também fortalecem a conscientização sobre os direitos e as necessidades dessa população. Dentre essas instituições, destacam-se as associações de surdos, que se configuram como espaços fundamentais de acolhimento, fortalecimento identitário e mobilização política. Souza (2016) apregoa que:

A comunidade surda, ao reunir-se, compartilha das mesmas dificuldades, angústias e necessidades, diante disso, busca através uma forma de organização política visibilidade à sua causa. Dentre estas encontram-se questões políticas, sociais, culturais, educacionais, entre outras, a fim de favorecer a busca por melhorias de vida em diversos aspectos. A esta forma de organização, deu-se o nome de Associação de Surdos (Souza, 2016, p. 14).

Um aspecto relevante para o fortalecimento e reconhecimento das associações de surdos é o fato de serem, em sua maioria, presididas por pessoas surdas. Esses espaços reúnem indivíduos com trajetórias semelhantes e promovem um ambiente de troca e aprendizado, onde surdos com maior domínio linguístico e vivência servem de referência para os demais. Ao estimular a autonomia, essas instituições fortalecem o senso de pertencimento, incentivam a organização coletiva e desempenham um papel fundamental na luta por direitos e na ampliação da participação social dos surdos.

Nesse cenário, as associações e demais organizações ligadas à comunidade surda têm sido fundamentais na luta pelo reconhecimento da Libras e pela criação de políticas públicas voltadas à educação bilíngue. A articulação desses movimentos resultou em avanços significativos, como a implementação da lei que orienta a criação de escolas e classes bilíngues. Esse modelo educacional foi formalmente reconhecido com a promulgação da Lei nº 14.191/2021, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) para oficializar a educação bilíngue de surdos dentro do sistema educacional brasileiro. Dessa forma, a legislação reflete conquistas históricas da comunidade surda e responde às demandas por um ensino mais equitativo e alinhado às especificidades dessa população.

A evolução da educação dos surdos, portanto, reflete diferentes concepções sobre comunicação e transmissão do conhecimento, oscilando entre períodos de repressão e de valorização da língua de sinais. A consolidação do modelo bilíngue representa um marco nesse processo, pois garante o acesso à informação e o desenvolvimento linguístico de forma mais equitativa. Mais do que uma mudança no âmbito educacional, esse avanço reafirma a existência de uma comunidade com identidade própria, cujas interações, práticas e experiências compartilhadas fundamentam uma cultura singular. Compreender esse percurso histórico é essencial para a valorização da Libras, tema central da próxima seção.

2.2 CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA LIBRAS

Na história da Linguística moderna, um dos momentos fundamentais é marcado pelo surgimento das ideias inovadoras de Ferdinand de Saussure, ao introduzir uma abordagem estruturalista que revolucionou o campo de estudos sobre a língua/linguagem. Em contraposição aos estudos linguísticos anteriores, que se concentravam na história e na comparação entre línguas, Saussure propôs uma visão mais profunda e abrangente da linguagem humana. Ele destacou a distinção entre língua e fala, conceituando a língua como um sistema estruturado de valores autônomo subjacente a todas as manifestações linguísticas (Saussure, 2012 [1916]). Essa concepção deu à Linguística um caráter científico, nos moldes positivistas, buscando não apenas descrever os fatos linguísticos, mas também explicar coerentemente sua estruturação.

Apesar de as abordagens saussurianas não terem sido originalmente aplicadas às línguas de sinais, em virtude do reconhecimento tardio dessas línguas como sistemas legítimos, diversos de seus princípios continuam sendo pertinentes e vêm sendo considerados em estudos contemporâneos. A estrutura visuo-espacial das línguas de sinais tem sido analisada com base em distinções propostas por tais abordagens, o que permite compreender esses sistemas como organizados e autônomos. Além disso, suas especificidades estimulam o diálogo com outras perspectivas teóricas, contribuindo para o avanço das reflexões sobre fenômenos linguísticos em modalidades visual-motor.

Os aspectos linguísticos da Libras é um campo de estudos fundamental para compreender a estrutura desta língua. Ferreira (2010, p. 21) destaca que “a LIBRAS é uma língua natural, com estrutura própria, regida também por princípios universais”. Ao explorar a gramática da Libras, os pesquisadores analisam aspectos como a organização de frases, a formação de sinais, as expressões não manuais, entre outros elementos linguísticos.

Após seu reconhecimento oficial, houve um aumento significativo no interesse acadêmico e nas pesquisas linguísticas que vêm se aprofundando e alcançando cada vez mais áreas inexploradas anteriormente. Esses estudos, realizados por linguistas, educadores e pesquisadores, têm contribuído para uma maior compreensão da complexidade e da riqueza gramatical da Libras.

Conforme Lacerda (2013), a Libras é reconhecida como um sistema linguístico autônomo, cuja gramática se expressa por meio de componentes visuais e gestuais e abrange níveis como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Dessa forma, a estrutura gramatical da Libras não representa uma mera adaptação da gramática da língua portuguesa, mas sim um sistema próprio e complexo (Lacerda, 2013, p. 65-66).

Pesquisadores brasileiros alcançaram um marco significativo ao comprovar que a Libras é uma língua natural. Conforme Quadros (2005, p. 11), “tais pesquisas apresentam elementos linguísticos que constituem as línguas de sinais, a partir de estudos com a Língua de Sinais Americana (ASL)”. Essa constatação refuta as visões anteriores que consideravam a Libras apenas um conjunto de gestos e mímicas, resultando em uma mera linguagem de sinais. Nesse contexto, Britto (1995) explica que:

A Libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. (Britto, 1995, p. 1).

Esses estudos permitiram confirmar a natureza linguística da Libras e evidenciar que ela possui todos os níveis característicos de uma língua natural, revelando uma organização sistemática e regular, essencial para a comunicação entre seus usuários. Ao destacar essa estrutura própria, reforça-se que a Libras não é um conjunto de gestos, mas um sistema linguístico completo, com regras e funções bem definidas.

A compreensão mais aprofundada desses aspectos enriquece o campo da Linguística e fortalece o reconhecimento da Libras como parte fundamental da diversidade linguística brasileira. Além disso, o estudo de seus níveis evidencia características que não apenas confirmam seu status de língua, mas também mostram diferenças relevantes em relação à língua portuguesa. A seguir, serão apresentadas sínteses dos níveis linguísticos que ilustram esses aspectos e ajuda na fundamentação teórica desta tese..

2.2.1 Aspectos Fonéticos e Fonológicos da Libras

A Fonética e a Fonologia são áreas da Linguística que, tradicionalmente, estudavam os sons das línguas. Com as pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais pelo mundo, surgiu a necessidade de compreender como essas ciências podem ser aplicadas a uma língua que não se baseia na produção sonora. É importante compreender que tanto os princípios da Fonética quanto da Fonologia tratam de elementos responsáveis pelas expressões linguísticas, seja ela sonora ou visual.

Assim como as línguas oral-auditivas têm na produção oral sua substância básica, nas línguas de sinais essa substância se manifesta por meio de sinais. Zeshan (2002, p.154), afirma que “a palavra e o sinal estão situados em um nível de organização linguística equivalente, que vem do fato de os sinalizantes reconhecerem os sinais das línguas de sinais exatamente nos mesmos contextos em que os falantes de línguas orais reconhecem as palavras”. Assim, mesmo em uma língua sem som, a Fonética e a Fonologia conseguem analisar e descrever os elementos de suas expressões linguísticas.

Neste sentido, a Fonética, enquanto ciência, identifica e investiga os fones da linguagem humana em seus aspectos acústicos, fisiológicos e articulatórios. Aplicada à Libras, a Fonética se ocupa de estudar e descrever todos os sinais produzidos pelos articuladores manuais e não manuais. Assim, Quadros (2019) afirma que:

A fonética das línguas de sinais vai se ocupar de todas as unidades de produção e recepção de articuladores manuais e não-manuais manifestadas de forma gradiente na sua expressão física. A diferença na modalidade das línguas de sinais implica formas fonéticas visual-manuais completamente distintas das formas acústicas identificadas nas línguas faladas. (Quadros, 2019, p. 49).

A análise fonética visa descrever toda a produção física do sinal, detalhando como os sinais são produzidos, transmitidos e compreendidos. Essa abordagem articula como as mãos e outros componentes corporais são utilizados e suas possíveis restrições articulatórias, oferecendo um entendimento detalhado dos aspectos físicos dos gestos que constituem os sinais. Todavia, é de fundamental importância entender que, assim como nas línguas orais, nem todos os sons produzidos são considerados fones, nas línguas de sinais nem todos os gestos são constituintes da língua.

A Fonologia das línguas de sinais, por outro lado, foca na identificação da formação dos constituintes linguísticos, reconhecendo as unidades mínimas e suas combinações possíveis. Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Fonologia das línguas de sinais dedica-se a identificar a

estrutura e a organização dos níveis fonológicos, determinando as unidades mínimas que compõem um sinal, além de estabelecer os padrões de combinação dessas unidades e as variações permitidas.

Embora a palavra fonologia seja historicamente associada à percepção dos sons da fala, ela também é aplicável ao estudo das línguas de sinais. Como observa Quadros (2025, p. 23), “a terminologia envolvendo tais campos da Linguística recebe contestações por parte de alguns linguistas mais tradicionais por remeterem às unidades sonoras”. Ainda assim, o campo avançou ao demonstrar que a fonologia pode descrever parâmetros articulatórios visuais, e não apenas unidades sonoras.

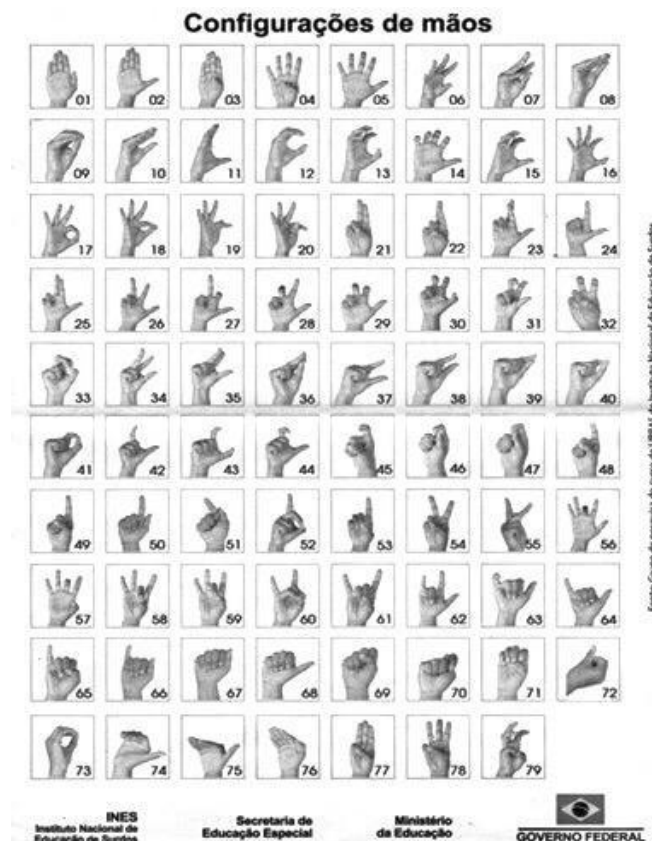
Stokoe (1960) foi pioneiro ao propor o uso dos termos *quirolgia* (do grego “mão”) e *quirema* para representar unidades mínimas das línguas de sinais, estabelecendo uma base para a fonologia visual. Posteriormente, outros pesquisadores ampliaram esses conceitos e os aplicaram às línguas visuais-espaciais, como Stokoe (1978), Klima e Bellugi (1979), Wilbur (1987) e Hulst (1993), conforme sintetiza Quadros (2004). Esses estudos demonstram que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos equivalentes aos das línguas orais, embora diferenciem-se na modalidade de expressão oral-auditiva versus visuo-espacial.

Assim, a Fonologia das línguas de sinais estuda as unidades mínimas de significado (fonemas) e suas combinações possíveis, investigando a estrutura que permite a formação dos sinais. Essa área analisa como diferentes parâmetros se combinam para criar sinais distintos. Esses parâmetros incluem elementos como Configuração de mãos (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA) como parâmetros primários. Quadros & Karnopp (2004, p. 49), afirmam que CM, M e PA são “unidades mínimas (fonemas) que constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais”. Os outros parâmetros identificados são a Orientação da Mão (Or) e os Aspectos Não-manuais (NM), que são considerados como secundários. Os parâmetros desempenham um papel essencial na transmissão de sentido da língua, visto que ao usá-los de forma adequada, os usuários podem transmitir uma infinidade de conceitos, ideias e sentimentos, permitindo uma comunicação plena.

Sendo um parâmetro fundamental, a CM da Libras torna-se essencial para a transmissão de significado nas expressões, referindo-se como a forma como as mãos são posicionadas e moldadas para produzir sinais específicos. De acordo com Ferreira-Brito (1995), a Libras inicialmente possuía 45 Configurações Manuais (CM). No entanto, ao longo do tempo, a pesquisa nessa área avançou, e novas configurações foram identificadas. Atualmente, o quadro

atualizado, elaborado pelo INES, contém 79 CM. Segue, na Figura 1, a representação das diversas configurações de mãos apresentada pelo instituto e reproduzida por Quadros (2019).

Figura 1 – Configurações de Mão – Material do INES



Fonte: Quadros (2019, p. 55).

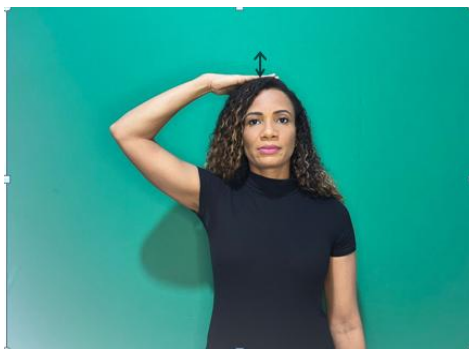
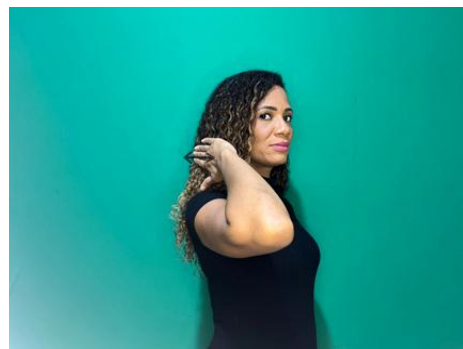
Da mesma forma que as línguas orais possuem um conjunto finito de fonemas, cada língua de sinais apresenta uma variedade limitada de CM. Apesar de algumas similaridades serem encontradas entre esses conjuntos em diferentes línguas de sinais, é crucial ressaltar que eles diferem entre si. É relevante destacar que as CM na Libras não correspondem ao alfabeto manual e número apenas. Mesmo fazendo parte das CM, o alfabeto manual e os números são convenções derivadas da língua oral enquanto as CM são inerentes à própria língua de sinais, refletindo uma realidade linguística natural. Existe uma variedade de CM na Libras e cada uma delas pode modificar ou alterar o significado do sinal dando um novo sentido ou deixando o sinal sem uma compreensão clara. Nas Figuras 2 e 3, exemplificam-se sinais diferentes com mesma CM.

Figura 2 – Sinal de BRASIL**Figura 3 – Sinal de BÉLGICA**

Fonte: elaboradas pela autora.

O PA, também conhecido como Locação por autores como Quadros (2019), é um parâmetro fundamental na Libras. Esse conceito, inicialmente introduzido por Stokoe (1960), refere-se ao local específico no corpo do sinalizador onde o sinal é realizado. Conforme explicado por Quadros e Karnopp (2004, p.57), "o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados".

Na Libras, existem vários pontos de articulação como cabeça, tronco, ombros, mãos ou realizado no espaço neutro. Cada um desses pontos desempenha um papel importante na correta realização e compreensão dos sinais. A variação do ponto de articulação pode ocorrer dependendo do sinal específico, influenciando consideravelmente seu significado. A seguir observe os exemplos demonstrados nos sinais PARÁ e BELEM:

Figura 4 – Sinal de PARÁ**Figura 5– Sinal de BELÉM**

Fonte: elaboradas pela autora.

O M é um dos parâmetros essenciais na Libras, referindo-se à maneira como as mãos se deslocam ao realizar um sinal. Esse parâmetro é fundamental para a compreensão correta dos sinais, uma vez que diferentes movimentos podem alterar o significado. Strobel e Fernandes

(1998) identificam diversos tipos de movimentos que podem ser utilizados na execução dos sinais, incluindo os movimentos retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso e angular.

Ferreira-Brito (1990) explica que os movimentos na Libras podem envolver diferentes partes do corpo, como as mãos, os pulsos e o antebraço. A direcionalidade desses movimentos varia, podendo ocorrer em um único sentido, em direções opostas ou em trajetórias múltiplas. A categoria denominada "maneira" está relacionada à intensidade, ao ritmo e à fluidez com que o movimento é executado. Já a frequência diz respeito à quantidade de vezes em que o movimento é repetido ao longo da realização do sinal. As principais categorias do parâmetro movimento estão organizadas no Quadro 1, apresentado a seguir:

Quadro 1 – Categorias do parâmetro movimento na Libras

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Tipo de Movimento	Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual. Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado. Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar. Torcedura do pulso: rotação, com refreamento. Dobramento do pulso: para cima, para baixo. Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo ou gradativo).
Direcionalidade	Unidirecional: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, lateral inferior direita, lateral superior esquerda, lateral superior direita, para ponto referencial específico. Bidirecional: para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas (ex: superior direita e inferior esquerda). Não direcional.
Maneira	Qualidade, tensão e velocidade do movimento: contínuo, de retenção, refreado.
Frequência	Repetição do movimento: simples, repetido

Fonte: adaptado de Ferreira-Brito (1990).

Dando continuidade às investigações, a autora Ferreira (2010) destaca a complexidade do parâmetro movimento, observando que ele abrange uma variedade de manifestações, como o movimento interno da mão, que envolve a flexão ou extensão dos dedos; o movimento do

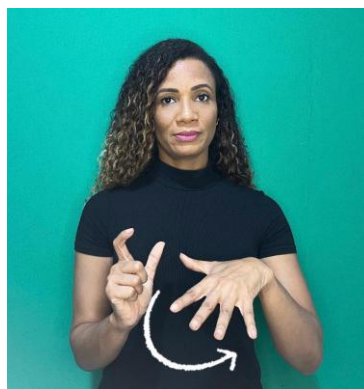
pulso, que pode incluir rotações e oscilações; e o movimento direcional no espaço, que pode variar em direção e intensidade, conferindo nuances adicionais ao significado dos sinais. Essa análise revela a precisão e a sofisticação necessárias para uma comunicação plena. Adiante, nas figuras 5, 6 e 7, serão apresentados três sinais que demonstram a diversidade de movimentos na Libras, ilustrando como cada tipo de movimento contribui para a clareza e a expressividade da comunicação.

Figura 6 – Sinal de PORTO ALEGRE



Movimento circular

Figura 7 – Sinal de TOPONÍMIA



Movimento semicircular

Fonte: elaboradas pela autora.

Figura 8 – Sinal de AMAZÔNIA



Movimento reto

Fonte: elaboradas pela autora.

Além dos movimentos mencionados, é importante destacar que, na Libras, também são observados diferentes tipos de direcionalidade. A Or é outro parâmetro importante na Libras, e refere-se à direção em que um sinal é realizado em relação ao espaço ao redor do corpo do sinalizador. Essa característica permite que os sinais na Libras sejam produzidos de forma dinâmica e expressiva, levando em consideração a localização e a orientação dos objetos ou

pessoas referenciadas. Marentette (1995) identifica que na ASL são seis tipos de orientações da palma da mão: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita e para a esquerda. De maneira similar, Ferreira-Brito (1995) enumera essas mesmas seis orientações na Libras. Apresentam-se os sinais do estado da Bahia e de sua capital, Salvador, em que o primeiro possui uma orientação para dentro e o segundo se movimenta iniciando com a direção para dentro e para frente, adiante.

Figura 9 - Sinal de BAHIA

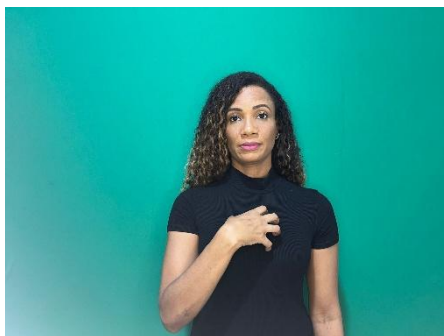
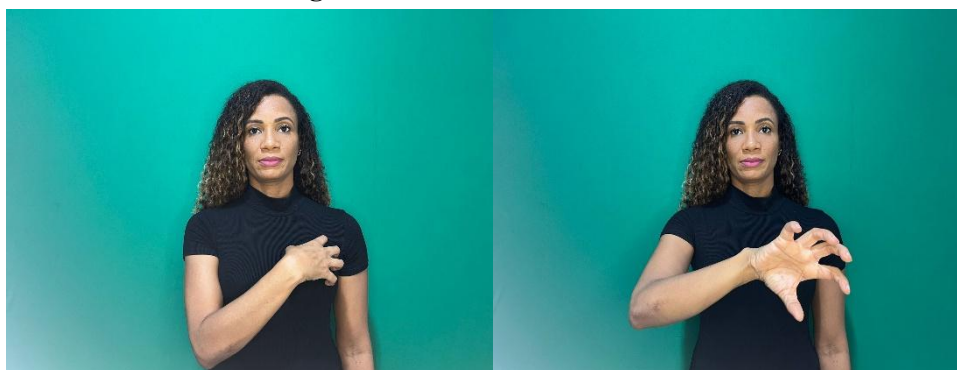


Figura 10 - Sinal de SALVADOR



Fonte: Elaboradas pela pesquisadora.

Por último, as ENM ou Expressões Faciais e/ou Corporais são aspectos vitais na Libras, uma vez que complementam e enriquecem os sinais. Elas incluem movimentos faciais, expressões corporais, postura e olhar, que são utilizados para transmitir informações adicionais, como emoções, atitudes, modalidades gramaticais, e marcam aspectos prosódicos da língua, como entonação e ênfase. Sobre esse parâmetro, Quadros, Pizzo e Rezende, afirmam que:

As expressões faciais também fazem parte da comunicação humana. Através delas, podemos revelar emoções, sentimentos, intenções para nosso interlocutor. Elas são utilizadas em todas as línguas. No caso das línguas de sinais, as expressões faciais desempenham um papel fundamental e devem ser estudadas detalhadamente (Quadros, Pizzo e Rezende, 2009, p. 2-3).

As autoras enfatizam que as expressões faciais desempenham um papel significativo na comunicação em línguas de sinais, sendo categorizadas em dois grandes grupos: expressões

afetivas e expressões gramaticais. As primeiras são utilizadas para transmitir sentimentos como alegria, tristeza, raiva e angústia, podendo ocorrer simultaneamente com itens lexicais ou não. É importante ressaltar que tais expressões não são exclusivas das línguas de sinais, pois também são observadas em línguas faladas, em que as pessoas, igualmente, utilizam expressões faciais para expressar emoções.

Por outro lado, as expressões gramaticais estão intimamente ligadas a estruturas específicas, tanto em termos de morfologia quanto de sintaxe, sendo obrigatórias em contextos determinados nas línguas de sinais. Diferentemente das expressões afetivas, as expressões faciais gramaticais são características distintivas das línguas de sinais, o que as torna objeto de análise detalhada no contexto linguístico. Veja o exemplo a seguir:

Figura – 11 Sinal de SORRIDENTE



Figura 12– Sinal de CANSAÇO



Fonte: elaboradas pela autora.

Esses cinco parâmetros são considerados os fonemas, funcionando como as menores unidades que, em combinação, formam os sinais.

Tendo como base os estudos linguísticos das línguas de sinais que analisam a composição das suas unidades mínimas sem significados, pode se afirmar que, embora as línguas de sinais não utilizem sons, é plenamente viável analisá-las do ponto de vista fonético e fonológico. Nesse sentido, mesmo que, tradicionalmente, a Fonética e a Fonologia sejam compreendidas como ciências voltadas à análise dos sons das línguas (Quadros; Karnopp, 2004), sua aplicação também se estende às línguas sinalizadas. Assim, a fonética e a fonologia das línguas de sinais abordam de maneira abrangente as unidades mínimas e suas combinações, analogamente ao que ocorre com os sons nas línguas orais.

Esses campos de estudo são primordiais para a compreensão completa de qualquer língua natural, evidenciando que, apesar das diferenças na modalidade de expressão, as línguas de sinais possuem uma complexidade e riqueza estrutural comparável às línguas orais.

2.2.2 Aspectos morfológicos da Libras

A Morfologia, outro ramo fundamental da linguística, dedica-se ao estudo da estrutura e formação de novas palavras ou sinais. Esse campo é essencial para compreender como as línguas, sejam elas orais ou sinalizadas, constroem significados por meio de suas unidades mínimas, conhecidas como morfemas. A morfologia das línguas de sinais revela uma complexidade rica e única, refletindo muitos dos processos encontrados nas línguas faladas.

Os estudos morfológicos das línguas de sinais foram iniciados também por Stokoe na década de 1960, quando ele comprovou a existência da morfologia na ASL. Ao analisar características na língua sinalizada, o pesquisador percebeu que, além da fonética e da fonologia, é possível identificar aspectos morfológicos, ao perceber que a organização sistemática dos fonemas resulta na formação dos morfemas. Para Castilho (2010, p. 51):

O morfema é a unidade mínima da estrutura gramatical. Ele associa os dois polos do signo linguístico, o significante e o significado, de acordo com a conhecida formulação saussuriana. Um morfema também é definido como o segmento maior que o fonema e menor que a palavra.

Esses morfemas, isoladamente ou em combinações simples ou complexas, conseguem expressar significados variados.

Os aspectos morfológicos da Libras desempenham um papel essencial na formação e na estruturação de sinais. Pesquisas como as de Quadros, Pizzio e Rezende (2009), inspiradas pelos estudos sobre a ASL, identificaram processos morfológicos importantes na Libras, notando-se que os sinais podem ser compostos por diferentes elementos morfológicos, incluindo prefixos, sufixos e classificadores. Os prefixos e sufixos são afixos que podem ser adicionados aos sinais para modificar ou alterar seu significado, como a adição de um prefixo para indicar negação ou uma mudança de tempo verbal. Além disso, os classificadores são formas de representação visual utilizadas para descrever características espaciais, dimensões, formas, texturas e movimentos de objetos, pessoas ou animais. Nessa perspectiva, Felipe (2006) explana que:

[...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua

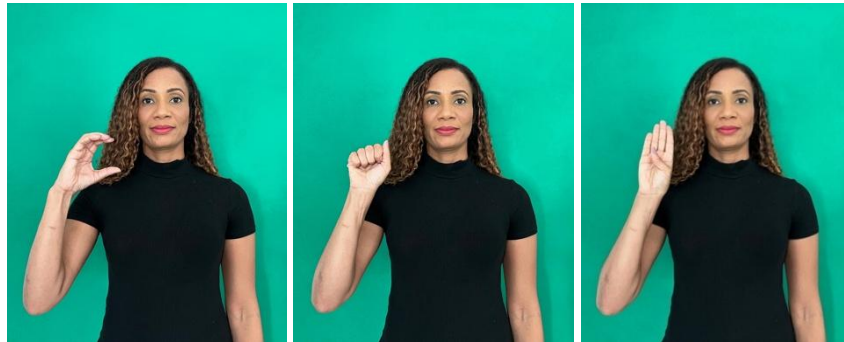
aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação. (Felipe, 2006, p. 200).

Assim, a morfologia da Libras investiga as estruturas internas dos sinais, examinando os morfemas e suas dimensões, como distribuição, classificação, variantes, e processos de formação e derivação dos sinais.

A análise morfológica considera tanto a simultaneidade quanto a sequencialidade dos sinais, que são dois tipos de morfologia presentes na Libras. Assim, ao explorar as estruturas morfológicas da Libras, é possível identificar diversos processos de formação de palavras. As unidades mínimas de significado, desenvolvidas através da formação e composição de morfemas lexicais estão presentes nas unidades convencionadas pela comunidade surda. Quadros e Karnopp (2004), seguindo a proposta de Brentari e Padden (2001), propõem uma divisão do léxico da Libras em léxico nativo e não-nativo. O alfabeto manual é considerado um léxico não-nativo, compondo apenas o núcleo periférico da língua. Isso demonstra que, assim como nas línguas orais, as línguas de sinais também incorporam léxicos de outras línguas como o uso do alfabeto manual.

Assim como ocorre em outras línguas, a Libras também manifesta fenômenos decorrentes do contato interlinguístico, resultando na presença de empréstimos linguísticos (Quadros, 2019). A autora Ferreira (2010, p. 21) descreve cinco tipos de empréstimos linguísticos na Libras, dois dos quais envolvem a datilologia. Esses empréstimos incluem a expressão de nomes de pessoas, rótulos, explicações de sinais a ouvintes ou o uso para coisas que não possuem sinais específicos. Com o uso frequente do alfabeto manual, alguns sinais sofrem um processo de lexicalização, passando de datilológicos a sinais soletrados, obedecendo às regras gramaticais da Libras. Felipe e Monteiro (2007, p. 25) explicam que um sinal soletrado é “uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua”. Por exemplo, a soletração de B-A-R, em algumas regiões, ganhou velocidade em sua articulação, transformando-se em um sinal próprio.

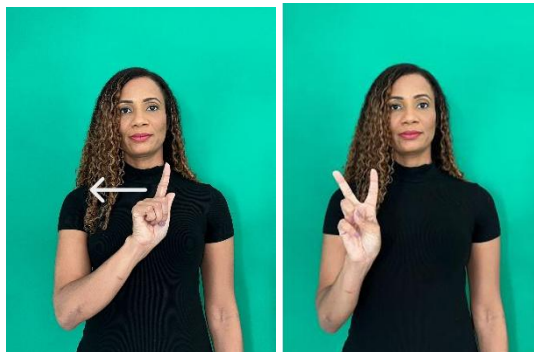
Figura 13 – Sinal do bairro CAB em Salvador



Fonte: elaborada pela autora.

Outro tipo de empréstimo linguístico ocorre quando a configuração de mão se baseia na letra inicial da palavra em português, o que é denominado de empréstimo linguístico por inicialização (Ferreira, 2010). A seguir, tem-se o sinal da avenida Getúlio Vargas, uma das mais conhecidas na cidade de Feira de Santana-BA.

Figura 14 – Sinal da AVENIDA GETÚLIO VARGAS situada na cidade de Feira de Santana



Fonte: adaptado de Ferreira (2019, p. 70)

Sousa (2022) apresenta, também como possibilidade de empréstimos linguísticos nas línguas de sinais, a transliteração e a transemiotização. A transliteração refere-se ao uso de configurações de mão (CM) que representam as letras do alfabeto da língua oral. Embora essas CM não sejam exatamente as letras da língua oral, elas são representativas e frequentemente usadas para soletrar palavras na ausência de um sinal específico. Esse fenômeno é conhecido como empréstimo de transliteração, definido por Faria-Nascimento (2009, p. 61) como “[...] a representação de letras de uma língua oral na CM [Configuração de mão] de uma língua de sinais.” Esse processo pode envolver a utilização de uma ou mais letras ou a soletração completa de um nome da língua oral.

Figura 15 – Sinal do município BIRITINGA na Bahia



Fonte: elaborada pela autora.

Além disso, Sousa (2021) também identifica sinais toponímicos que incorporam numerais, introduzindo o conceito de empréstimo por transemiotização. Este tipo de empréstimo ocorre quando elementos gráficos da língua oral, como números, são integrados na língua de sinais. A transemiotização vai além da simples representação alfabética, incorporando elementos como numerais e outros símbolos gráficos na construção semiótica dos sinais. Isso amplia a compreensão dos empréstimos linguísticos, enriquecendo o repertório comunicativo da língua de sinais com novos recursos visuais e simbólicos.

Figura 16 – Sinal do bairro 35 BI na cidade de Feira de Santana



Fonte: elaborada pela autora.

Ferreira (2010) menciona, ainda, empréstimos de outras línguas de sinais, empréstimos de domínio semântico (como nas cores) e empréstimos de ordem fonética, que representam visualmente sons do português.

Outro processo de criação lexical identificado na Libras é o empréstimo linguístico por calque. Esse tipo de empréstimo ocorre quando há uma tradução literal de uma palavra ou expressão da língua portuguesa para a língua de sinais, preservando o conteúdo semântico

original, mas expressando-o por meio de recursos visuais próprios da Libras. O sinal resultante reflete o significado da palavra de origem, e não necessariamente sua forma fonológica. Adam (2012) observa que o calque pode incluir traduções literais que nem sempre mantêm uma correspondência semântica exata, mas que se consolidam no uso entre os sinalizantes. Esse fenômeno corresponde ao que Faria-Nascimento (2009) denomina empréstimo cruzado, por envolver a transferência de significados entre línguas de modalidades distintas. Ferreira (2010) também o reconhece como um dos mecanismos de ampliação do léxico da Libras, juntamente com a inicialização, a soletração e a combinação de parâmetros.

Em síntese, o empréstimo linguístico por calque constitui uma estratégia de ampliação lexical relevante para a Libras, pois permite a incorporação de elementos da língua portuguesa reinterpretados de modo visual e significativo. Esse processo contribui para o enriquecimento do léxico sinalizado e revela como os aspectos semânticos e culturais das línguas em contato podem se integrar de forma criativa e funcional.

Com relação aos classificadores, eles são, também, morfemas que se afixam aos sinais para revelar classificações, descrever formas e tamanhos, ou representar ações verbais. Eles têm a capacidade de marcar a concordância de pessoas, animais e objetos, tornando-se fundamentais para a descrição visual na Libras. Através da descrição, reprodução da forma, e dos movimentos em suas relações espaciais, os classificadores evidenciam melhor os significados do que se quer enunciar.

Sobre os processos de formação de palavras na Libras, Felipe (2006) destaca a produtividade dos processos de flexão, derivação, composição e incorporação. A derivação envolve a adição de elementos como prefixos ou sufixos a um sinal-base, modificando seu significado e, em alguns casos, sua classe gramatical.

Figura 17 – Sinal de CASA



Fonte: elaboradas pela autora.

Figura 18 – Sinal de MORAR



Fonte: elaboradas pela autora.

A composição resulta da junção de dois ou mais sinais, criando novos conceitos, como a união dos sinais de ALMA + CRUZ, formando o sinal da cidade de Cruz das Almas.

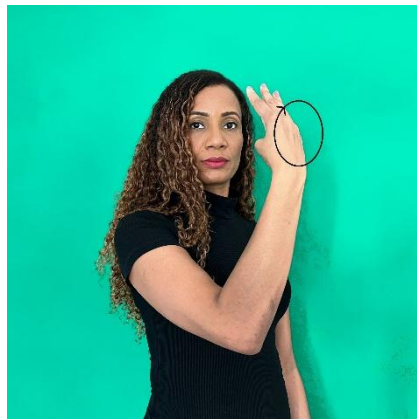
Figura 19 – Sinal do município de CRUZ DAS ALMAS na Bahia



Fonte: elaboradas pela autora.

Quadros e Karnopp (2004) explicam a incorporação de numerais como quantificadores em sinais, geralmente do número um ao quatro, como acontece com a quantidade de horas. Quadros, Pizzio e Rezende (2009) também apontam a possibilidade de incorporação da negação em alguns verbos. Neste caso, ao invés de usar apenas o sinal de negação com o movimento do polegar ou da cabeça, a produção do sinal já vem acompanhada pela negação, adicionando um novo movimento ao sinal afirmativo.

Figura 20 – Incorporação de Numeral (Duração de 3h)



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 21 – Incorporação de Negação



Fonte: elaborada pela autora.

Ainda sobre os aspectos morfológicos, pode-se encontrar a flexão, que, segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), tem como função principal marcar privilégios de ocorrências distintas através das categorias gramaticais peculiares a determinadas classes de palavras. Esses aspectos foram identificados a partir de estudos realizados por Klima e Bellugi (1979) com a ASL e estão presentes na Libras. Quadros e Karnopp (2004) explicam que os sinais podem se flexionar quanto à pessoa (dêixis), número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal e aspectos distributivos. As aplicabilidades desses aspectos morfológicos são frequentes em verbos, que podem se modificar ou se restringir de acordo com a classificação gramatical, sendo apresentados como verbos simples, espaciais e com concordância, além de pronomes e outras classes de palavras da Libras.

2.3 ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE DA LIBRAS

Ao considerar os fundamentos do estruturalismo linguístico, compreende-se que o signo é composto por duas faces indissociáveis: uma forma perceptível e um conceito associado. Essa relação, conforme estabelecido por Saussure (2012 [1916]), é de natureza arbitrária, ou seja, não há um vínculo natural entre o significante e o significado, mas sim uma convenção estabelecida coletivamente entre os falantes de uma língua. Mesmo quando visualmente motivados ou icônicos, os sinais permanecem arbitrários por estarem inseridos em um sistema linguístico estruturado e compartilhado.

Essa compreensão é ampliada por Medeiros (2019), Frydrych (2012) e Xavier (2006), ao apontarem que arbitrariedade e iconicidade não se anulam mutuamente. Ao contrário, podem coexistir em um mesmo signo, já que operam em níveis distintos: enquanto a iconicidade diz

respeito à forma motivada do sinal, a arbitrariedade refere-se à sua convenção no interior da língua.

Percebe-se, portanto, que não se trata de categorias excludentes. Um sinal pode apresentar traços icônicos e, ainda assim, ser arbitrário do ponto de vista estrutural. A análise de um sinal deve considerar sua forma, uso e contexto, situando-o em um espectro que vai do mais ao menos icônico.

Sobre a iconicidade, Taub (2001) afirma que ela está presente em todos os níveis linguísticos das línguas de sinais, sendo um fenômeno produtivo que evoca eventos de forma motivada. A autora argumenta que a modalidade visual-espacial favorece a presença da iconicidade, que se manifesta tanto na representação de objetos e ações concretas quanto na construção de conceitos abstratos, muitas vezes, em articulação com metáforas e metonímias. Ela também diferencia sinais icônicos de gestos espontâneos, ressaltando que os sinais obedecem a restrições fonológicas específicas, criticando a ideia de que a iconicidade implica transparência (Taub, 2001). Desse modo, mostra que o reconhecimento imediato do referente não é garantido. A relação entre forma e significado é interpretativa, culturalmente mediada e aprendida.

Esse argumento é reforçado por Klima e Bellugi (1979), que demonstraram, por meio de experimentos, que ouvintes não-sinalizantes não conseguiam identificar o significado de sinais icônicos da ASL, evidenciando sua opacidade e convencionalidade.

Além disso, Medeiros (2019) diferencia motivação de iconicidade: nem toda motivação gera traços icônicos. Por exemplo, os sinais originados por empréstimo linguístico do português como os inicializados são considerados motivados, mas não icônicos.

Com base na análise de 1.375 sinais iniciados pela letra “A” no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (Capovilla et al., 2017), a autora propõe seis tipos principais de motivação: (1) por classificadores (CL); (2) por gestualidade; (3) por espacialidade; (4) por empréstimo linguístico do português (ELP); (5) por expressões não manuais (ENM); e (6) por movimento. Cada tipo contribui de modo diferente para a forma do sinal, mas nem todos conferem iconicidade.

Nessa perspectiva, no que diz respeito à Libras, nota-se uma sofisticada interação entre elementos arbitrários e icônicos em sua estrutura linguística. Sobre esse aspecto, Quadros (2019) ressalta que:

A iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. Mesmo reconhecendo que ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim, percebemos

tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada (Quadros, 2019, p. 121).

As diferenças entre as línguas de sinais também confirmam que a iconicidade é construída culturalmente. Um mesmo conceito pode ser representado de formas distintas em diferentes comunidades. Fernandes e Strobel (1998) exemplificam essa diversidade ao comparar o sinal de ÁRVORE na Libras, que representa o tronco e a copa da árvore com movimento, e o da Língua de Sinais Chinesa (LSC), que representa apenas o tronco com as duas mãos em posição curva. A seguir, observe o sinal de ARVORE na Libras e na LSC:

Figura 22 – Sinal de ÁRVORE em Libras



Figura 23 – Sinal ÁRVORE em Língua de Sinais Chinesa

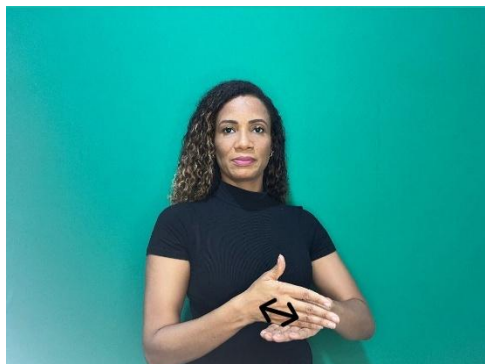


Fonte: elaboradas pela autora.

Esse exemplo mostra que a iconicidade não se baseia em semelhanças absolutas, mas em escolhas culturais e visuais. Um exemplo regional é o sinal utilizado para a cidade de SERRINHA, na Bahia. Embora o topônimo em português esteja relacionado à presença de uma serra (formação geográfica), os surdos nomearam a cidade com base na referência ao objeto serra, fazendo alusão ao movimento que esse instrumento realiza ao cortar madeira. Nesse caso, a escolha do sinal não reproduz o sentido original do nome em português, mas cria uma nova motivação visual, que reforça tanto a expressividade quanto a funcionalidade do sinal no

contexto da Libras. Esse tipo de construção evidencia como a iconicidade pode reforçar a identidade cultural, ao mesmo tempo em que facilita o reconhecimento semântico do sinal.

Figura 24 – Sinal de SERRINHA-BA



Fonte: elaboradas pela autora.

A partir da análise dos diferentes tipos de motivação, Medeiros (2019) propõe um *continuum* de iconicidade, no qual os sinais variam em grau, iniciando do menos ao mais icônico, conforme o tipo e a quantidade de motivações envolvidas. Sinais com classificadores imagéticos tendem a ocupar a extremidade mais icônica, enquanto sinais com empréstimos linguísticos situam-se na extremidade oposta.

A iconicidade não apenas enriquece a expressividade da Libras, como também fortalece seu status como língua legítima e autônoma. Como destaca Souza (2024), "afirmar que as línguas de sinais apresentam iconicidade não as torna inferiores, mas sim, reafirma sua autenticidade como línguas autênticas." A visualidade dos sinais facilita a aprendizagem e a memorização, especialmente entre iniciantes, sem comprometer o princípio da arbitrariedade que sustenta a estrutura das línguas naturais.

2.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS

A variação linguística é um fenômeno comum a todas as línguas naturais e manifesta-se em diferentes níveis da estrutura linguística. Essa diversidade resulta de fatores históricos, sociais e regionais que influenciam diretamente a forma como os usuários se apropriam da língua em seus contextos de vida. A Libras, como qualquer outra língua viva, apresenta marcas dessas variações, que refletem não apenas transformações internas ao longo do tempo, mas também aspectos socioculturais da comunidade surda brasileira.

Em termos de classificação, a variação linguística pode ser compreendida em três eixos principais: variação regional, variação social e mudança histórica. Essa divisão, adotada por

autores como Strobel e Fernandes (1998), relaciona a língua ao espaço geográfico, ao tempo histórico e às práticas culturais de seus usuários.

Segundo esses autores, as variações regionais, surgem da relação entre os sinais e o lugar em que são utilizados. É comum, por exemplo, que uma mesma ideia seja expressa por sinais diferentes em regiões distintas do país, refletindo a identidade e a história local de cada comunidade surda.

As variações sociais, expressam-se de maneira mais sutil, influenciadas por fatores como escolarização, rede de contatos, idade, gênero e grupo social. Strobel e Fernandes (1998) observam que essas diferenças se refletem na maneira como os sinais são realizados, por vezes, na configuração de mão, no movimento, na orientação ou na expressividade corporal, mesmo quando o significado permanece o mesmo. Isso significa que não há uma única forma de sinalizar, mas sim diferentes formas legitimadas por diferentes grupos.

No que diz respeito à mudança histórica, ela se refere às inovações que os sinais sofrem com o passar do tempo. Esse tipo de variação é mais perceptível quando se comparam os sinais utilizados em diferentes momentos temporais. Na Libras também há sinais que foram simplificados, substituídos ou mesmo deixaram de ser usados ao longo das décadas. Essas transformações estão diretamente ligadas às mudanças sociais e culturais da comunidade surda e às suas experiências intergeracionais.

Complementando essa perspectiva mais clássica, autores como Schembri e Johnston (2012) sugerem uma abordagem baseada nos níveis estruturais da língua, o que permite observar a variação em quatro dimensões: fonológica, lexical, morfossintática e discursiva. Esses estudos, inicialmente aplicados à ASL e Auslan (Australian Sign Language – Língua de Sinais Australiana) e à NZSL (New Zealand Sign Language – Língua de Sinais da Nova Zelândia), têm inspirado investigações mais recentes também no Brasil.

A variação fonológica refere-se às alterações na forma de realização dos sinais, sem que haja mudança de significado. Isso inclui modificações na configuração de mão, ponto de articulação, movimento e expressões não manuais. Lucas, Bayley e Valli (2001), ao investigarem a ASL, constataram que fatores como idade, região e classe social influenciam diretamente essas variações. No Brasil, Andrade (2013) e Espíndola (2018) também observaram diferenças na localização e no número de mãos usadas em sinais de diferentes cidades.

A variação lexical, por sua vez, ocorre quando diferentes sinais são usados para expressar o mesmo conceito. Essa é uma das formas mais visíveis de variação na Libras. Estudos como o de Temoteo (2008), no Ceará, mostram que há uma grande diversidade de

sinais usados para designar objetos comuns, dependendo da região. Esse tipo de variação evidencia como os sinais são moldados pelas experiências locais e pelos modos de vida das comunidades surdas.

A variação morfossintática ainda é pouco explorada no contexto da Libras, mas estudos como os de Lucas, Bayley e Valli (2001) que demonstram que, em outras línguas de sinais, há diferenças na maneira como os sujeitos são expressos nas frases, dependendo do contexto e do perfil dos usuários.

A variação discursiva, por sua vez, relaciona-se ao grau de formalidade e ao tipo de interação. Sinais usados em situações mais formais tendem a ser mais precisos, com menos expressividade facial e corporal, como demonstrado por Silva (2013), ao analisar editais sinalizados em Libras.

Além disso, fatores identitários como gênero, etnia e sexualidade também influenciam a variação linguística. Um exemplo relevante é o estudo de Oliveira (2017), que buscou investigar se havia marcas articulatórias associadas à sinalização de surdos gays, partindo da percepção de que suas formas de sinalizar eram vistas como mais femininas. Esse campo ainda é incipiente, mas aponta para novas possibilidades de análise e reconhecimento da diversidade interna da comunidade surda.

No campo da toponímia em Libras, o trabalho de Santos, Bezerra, Ferreira e Xavier (2022) sobre os topônimos acreanos representou uma contribuição significativa. Os autores analisaram os sinais referentes aos municípios do Acre, identificando variações fonológicas, morfológicas e lexicais em diversas cidades. Bezerra (2021) observou que alguns sinais apresentavam mudanças na configuração de mão, na composição morfológica e até na escolha de sinais distintos para o mesmo município. Esse mapeamento reforçou a ideia de que mesmo sinais toponímicos, muitas vezes considerados mais estáveis, também estão sujeitos à variação, o que ressaltou a importância de documentar essas formas e compreender suas motivações. A análise dos topônimos acreanos em Libras serviu como um exemplo importante de como a variação linguística se manifesta no léxico geográfico, contribuindo para o entendimento da complexidade e riqueza das línguas de sinais.

3 TOPONÍMIA: FATORES HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS

Para compreender uma língua em sua totalidade é necessário considerar aspectos históricos, culturais e identitários dos componentes de uma determinada comunidade. Nesse sentido, o léxico torna-se uma ferramenta fundamental, uma vez que no processo de percepção de mundo, o homem costuma nomear tudo que lhe expressa sentido. Nessa perspectiva, Biderman (2001) reconhece que:

O léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras (Biderman, 2001, p.12).

Para os estudos do sistema lexical de uma língua natural em uma dada comunidade linguística, tem-se a Lexicologia, campo responsável por investigar a formação e o significado das lexias. Como subárea dessa disciplina, encontra-se a Onomástica que se encarrega dos estudos referentes aos nomes próprios de forma geral.

A Toponímia é uma disciplina que se dedica ao estudo minucioso dos nomes próprios de lugares, investigando diversos aspectos: morfológicos, etimológicos, semânticos e motivacionais. Essa área do conhecimento desempenha um papel importante na compreensão da identidade cultural, social e histórica de uma região, uma vez que os nomes dos lugares frequentemente refletem a herança cultural, os eventos históricos e as características geográficas que moldaram o ambiente ao longo do tempo.

Os estudos toponímicos permitem desvendar as origens dos nomes de cidades, vilas, rios, montanhas e outros acidentes geográficos, revelando conexões com a língua, as tradições locais, as crenças, bem como os eventos e figuras históricas que influenciaram as nomeações, além de averiguar as motivações e peculiaridades linguísticas do signo toponímico. Dessa forma, a Toponímia contribui significativamente para a preservação e compreensão da cultura, ao mesmo tempo que fornece entendimento sobre as interações humanas com o meio ambiente ao longo da história.

Nesse sentido, consideram-se as cidades, ruas, serras, fazendas como *topos*, ou seja, lugares, que dentro dos estudos linguísticos tornam-se campo de possibilidade para análises científicas. Como conjunto de dados, Dick (1992, p.16) afirma que “a Toponímia deve ser

considerada como um fato do sistema das línguas humanas” responsável por compreender a origem dos nomes próprios dos lugares habitados, ou não, e suas transformações.

3.1 PANORAMA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS NO BRASIL

A partir da década de 1950, a toponímia experimentou um notável avanço, com a criação de diversos centros de pesquisa dedicados ao estudo dos nomes de lugares, tanto na Europa quanto nas Américas. Esse desenvolvimento foi impulsionado por bases teóricas estabelecidas anteriormente, como a obra *Les noms de lieux*, publicada por Aubert Dauzat (1926), que marcou o início da consolidação da toponímia como uma disciplina autônoma no início do século XX. Desde então, a área tem se expandido, ganhando maior profundidade metodológica e reconhecimento acadêmico em escala internacional.

Ao fazer uma retrospectiva histórica, Dick (1975) afirma que os relatos dos estudos da Toponímia principiaram isoladamente na Europa em estudos unilaterais, o que a rotulou por um período como uma “ciência inacabada”, necessitando, assim, de conceitos fundamentais e suporte teórico-metodológico. Foram identificados, posteriormente, estudos nos Estados Unidos e Canadá, entre outros países.

No Brasil, a pesquisa no campo da Toponímia, tendo como foco especial na análise da toponímia indígena, teve suas origens na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), graças ao trabalho pioneiro do professor Carlos Drumond. No entanto, foi a pesquisadora visionária Maria Vicentina Dick que percebeu a existência de uma lacuna na metodologia de análise toponímica e, assim, propôs um método que, desde então, tem sido amplamente adotado no país.

O sistema por ela criado compreende 27 classificações taxionômicas, divididas em 11 de natureza física e 16 de origem antropocultural. Além disso, Dick desenvolveu uma ficha específica como modelo para a organização e registro dos dados coletados em suas pesquisas (Dick, 1990; 1992). Esse método, representou um avanço notável nos estudos toponímicos no Brasil e contribuiu para uma compreensão mais profunda da toponímia.

A pesquisadora iniciou esse mapeamento com a proposta de organizar um Atlas Toponímico do Brasil (ATB) que se encontra em processo de desenvolvimento pela Universidade de São Paulo (USP). Ao perceber a complexidade de se mapear o léxico toponímico em um país tão grande e diversificado, restringiu-se a pesquisa na organização do Atlas Toponímico de São Paulo (ATESP). Posteriormente, amparadas pelas propostas de Dick (1990;1992), várias instituições de nível superior adotaram tal método e, com isso, surgiram

estudos linguísticos nessa perspectiva em vários lugares do país. Como exemplo, podem-se citar no Mato Grosso do Sul, o Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul (ATEMS); no Paraná, o Atlas Toponímico do Estado do Paraná (ATEPAR); em Tocantins, o Atlas Toponímico do Estado do Tocantins (ATIT) e o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO); em Minas Gerais, o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG); no Acre, o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB) apresentou a proposta inovadora de incluir a análise toponímica também em Libras.

Na Bahia, destaca-se o Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAH), concebido como uma iniciativa voltada à investigação sistemática dos nomes de lugar no território baiano. Vinculado ao Núcleo de Estudos Lexicais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o projeto foi idealizado por Celina Abbade e tem contribuído para consolidar a toponímia como campo de pesquisa no estado em línguas orais, promovendo estudos que articulam linguagem, cultura e identidade. Inspirado metodologicamente no Atlas Toponímico do Brasil, o ATOBAH propõe a organização de um banco de dados georreferenciado com registros toponímicos coletados em diferentes fontes, como mapas oficiais, documentos históricos e relatos orais. Consideram-se os aspectos linguísticos, históricos e socioculturais envolvidos nos processos de nomeação dos lugares.

Trata-se de uma iniciativa em constante construção, que reúne pesquisas voltadas tanto ao espaço físico, relacionado a acidentes geográficos e elementos naturais, quanto ao contexto antropocultural, que contempla dimensões simbólicas, históricas e sociais dos topônimos. A equipe do ATOBAH é composta por pesquisadores de diferentes níveis de formação e áreas do conhecimento. Conforme explica Abbade (2016), “entre seus pesquisadores, o grupo conta atualmente com Doutores, Doutorandos, Mestres, Mestrandos, estudantes e um técnico em informática”.

A proposta do projeto valoriza uma abordagem interdisciplinar, integrando contribuições da Linguística, da Geografia, da História e da Antropologia. Ao investigar as formas de nomeação dos espaços, o ATOBAH evidencia como os topônimos expressam experiências coletivas, práticas sociais e modos de ver o mundo das comunidades que os utilizam. Dessa forma, o projeto tem contribuído para o registro e a análise da toponímia baiana, reconhecendo seu valor como patrimônio imaterial e evidência da diversidade cultural do estado.

3.2 OS AVANÇOS DAS PESQUISAS TOPONÍMICAS EM LIBRAS

Nos últimos anos, os estudos sobre toponímia em Libras têm conquistado um espaço de destaque no cenário acadêmico brasileiro, refletindo o crescente interesse pela análise e descrição dos processos de nomeação de espaços geográficos nessa vertente. Como campo de investigação, a toponímia transcende os aspectos linguísticos, permitindo compreender as motivações culturais, históricas e sociais que moldam os sinais e revelando a estreita relação entre língua, cultura e identidade surda. Nesse sentido, Sousa e Barreiros (2020) enfatizam que “descrever os processos de nomeação dos espaços em Libras é, portanto, importante para a descrição da referida língua de sinais, tanto em relação ao processo de formação morfológica do sinal toponímico, quanto à relação língua-cultura”.

Para acompanhar a trajetória de consolidação dessa área, será apresentado um levantamento de teses e dissertações defendidas a partir de 2012, ano que marcou o início das pesquisas sobre toponímia em Libras no Brasil. Os trabalhos identificados revelam o fortalecimento progressivo do campo, com abordagens que vão desde análises descritivas até propostas metodológicas inovadoras.

Além de ampliar o conhecimento sobre a estrutura e as motivações dos sinais toponímicos, essas produções acadêmicas desempenham um papel crucial na valorização e no empoderamento da comunidade surda, ao documentar e promover suas práticas linguísticas e culturais.

Um dos marcos iniciais foi o trabalho de Souza-Júnior (2012), que, em sua dissertação de mestrado, investigou a nomeação de lugares na Libras, analisando 265 sinais toponímicos de 13 estados brasileiros. Souza-Júnior (2012) destacou a singularidade da toponímia em Libras, que, embora compartilhe características com as línguas orais, reflete a perspectiva cultural e histórica da comunidade surda. O estudo também introduziu a categoria "grafotopônimo", referente aos sinais motivados pela grafia do nome original do lugar, uma contribuição importante para a taxionomia dos sinais toponímicos.

Paralelamente, Aguiar (2012) realizou uma análise dos sinais toponímicos presentes no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (DeitLibras), elaborado por Capovilla e Raphael (2009). A autora constatou que apenas 18% dos 252 sinais analisados eram icônicos, enquanto 82% eram não icônicos, sendo a maioria influenciada pela configuração de mão correspondente ao alfabeto datilológico. Aguiar (2012) ressaltou a coexistência da Libras e da língua portuguesa (LP) como um fator determinante para a formação dos sinais, evidenciando a influência da língua oral na toponímia sinalizada.

No estado do Acre, Bezerra (2015; 2016) desenvolveu pesquisas pioneiras sobre os sinais toponímicos das cidades locais, utilizando materiais didáticos do Centro de Apoio ao Surdo do Acre (CAS/AC). Bezerra (2016) investigou a iconicidade e a motivação dos sinais, destacando a influência de fatores socio-histórico-culturais e ambientais na criação dos topônimos em Libras. A pesquisadora, sendo surda e membro da comunidade surda local, trouxe uma perspectiva única ao estudo, enfatizando a importância da cultura visual na nomeação dos espaços geográficos.

Alemão (2017) deu continuidade a essas investigações no âmbito do Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (Projeto ATA OB), desenvolvendo uma ficha lexicográfico-toponímica digital para armazenar dados em Libras. Segundo Alemão (2017, p. 34), "estudar a toponímia em Libras requer um olhar diferenciado para a língua sinalizada", considerando a descrição formal dos sinais e sua motivação semântica. A ficha proposta por ele incluía campos como localização geográfica, topônimo em LP, vídeo do sinal em Libras, descrição fonológica e morfológica, entre outros, representando um avanço metodológico significativo.

Alexandre Melo de Sousa (2018) propôs uma metodologia específica para a pesquisa toponímica em Libras, baseada nas teorias de Dick (1990, 1992) e nos estudos descritivos da Libras, como os de Quadros e Karnopp (2004). Sousa (2018) destacou a importância de considerar as especificidades da Cultura Surda na análise dos sinais, categorizando-os em dois grupos principais: sinais motivados por aspectos antropoculturais e sinais motivados por aspectos físicos. Além disso, Sousa incorporou o uso da escrita de sinais (SignWriting) como uma ferramenta para documentar e analisar os sinais toponímicos, contribuindo para a padronização dos estudos na área.

Em colaboração com Ronice Müller de Quadros, Sousa (2019) desenvolveu uma ficha lexicográfico-toponímica digital mais robusta, utilizando tecnologias como *Python*, *Django*, *PostgreSQL* e *SignPuddle Online*. Essa ferramenta permitiu uma análise mais abrangente e acessível dos sinais toponímicos, integrando campos como localização (*Google Maps*), tipo de acidente geográfico, topônimo em LP e em Libras, descrição fonológica e morfológica e contexto motivacional. Sousa e Quadros (2019) ressaltaram a importância de considerar a iconicidade e a cultura visual dos surdos na criação dos sinais, destacando que a toponímia em Libras reflete a identidade e a história da comunidade surda.

No estado da Bahia, Jesus (2019) investigou a toponímia dos bairros de Feira de Santana em uma perspectiva bilíngue, comparando os topônimos em LP e em Libras. Jesus (2019) observou que a maioria dos sinais era motivada pela grafia do nome em LP, refletindo a

influência da língua oral na Libras. No entanto, também foram identificados sinais motivados por elementos culturais e geográficos locais, como a localização do bairro e objetos da cultura material. Jesus (2019, p. 32) destacou que "a comunidade surda se empodera e passa a se locomover com mais facilidade" quando os espaços são nomeados em Libras, ressaltando a importância da nomeação como uma forma de inclusão social.

Ferreira (2019) ampliou essa investigação ao analisar os sinais toponímicos que nomeiam ruas e avenidas do centro comercial de Feira de Santana. A pesquisadora identificou que 65% dos sinais eram sociotopônimos, motivados por aspectos socioculturais, enquanto 15% eram acronimotopônimos. Ferreira (2019, p. 182) defendeu que “movimentar-se na cidade tendo como ponto de referência os lugares nomeados em Libras é um modo de respeitar os direitos básicos dos surdos como cidadãos”, enfatizando a necessidade de políticas públicas que promovam a acessibilidade linguística.

No Paraná, Urbanski, Xavier e Ferreira (2019) documentaram e analisaram os sinais toponímicos que designam cidades do estado, identificando que a maioria dos sinais era formada por empréstimos da LP, com destaque para os sinais híbridos. Os pesquisadores também observaram variações fonológicas e lexicais nos sinais, refletindo a diversidade regional da Libras. Em um estudo posterior, Urbanski, Ferreira e Xavier (2021) analisaram 888 topônimos de 14 estados brasileiros, destacando a influência da LP na formação dos sinais e a necessidade de considerar a iconicidade e a cultura visual dos surdos na análise toponímica.

No Ceará, Santos (2020) publicou um dicionário bilíngue (Português-Libras) com os sinais dos municípios do estado, baseado em consultas à comunidade surda local. O dicionário representou um importante recurso lexicográfico para a padronização e disseminação dos sinais toponímicos, contribuindo para a visibilidade da Libras e da cultura surda. De forma semelhante, Chaibue (2020) investigou os sinais toponímicos referentes à cidade de Formosa (GO), identificando variações motivadas pela grafia do nome e por elementos geográficos locais, como uma cachoeira. A pesquisa destacou a importância de considerar a diversidade regional na criação dos sinais toponímicos.

Miranda (2020) realizou um estudo pioneiro sobre os sinais toponímicos dos municípios de Tocantins, propondo uma tipologia baseada na origem e na motivação dos sinais. A pesquisadora identificou que 64% dos sinais eram inicializados, ou seja, motivados pela grafia do nome em LP, enquanto 23% eram sinais nativos e 13% eram soletrados. Miranda (2020) ressaltou a importância de disponibilizar informações sobre esses topônimos para a elaboração de bancos de dados, glossários e dicionários especializados, contribuindo para a disseminação e padronização dos sinais.

No Paraná, Marcelino (2021) analisou a variação fonológica, morfológica e lexical nos sinais toponímicos das cidades locais, observando que a variação fonológica era a mais frequente. Já Carmo (2021) investigou os sinais que nomeiam parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco, destacando a influência da LP na formação dos sinais e a importância da iconicidade na motivação dos topônimos. Por fim, Sousa (2021) analisou os sinais toponímicos dos bairros de Rio Branco, enfatizando a necessidade de promover a acessibilidade e a inclusão da comunidade surda por meio da nomeação dos espaços urbanos em Libras.

A partir de 2021, as pesquisas sobre toponímia em Libras expandiram-se significativamente, abrangendo diferentes regiões do Brasil e explorando novas abordagens teóricas e metodológicas. Um dos estudos pioneiros nesse período foi o de Mariana Ferreira Albuquerque (2021), que investigou os sinais toponímicos das escolas públicas e privadas de Araguaína (TO). A pesquisa, fundamentada nos estudos de Dick (1990, 1998), Seabra (2006) e Souza Júnior (2012) identificou que os nomes das escolas eram motivados por fatores políticos, religiosos ou solicitações da comunidade local. Albuquerque (2021) destacou a importância da pesquisa para a educação escolar dos surdos e para a comunidade surda da região Norte do Tocantins, ressaltando que "a manutenção ou não de um topônimo pode ser determinada pelos sentidos que a população estabelece sobre ele" (Albuquerque, 2021, p. 15).

No estado de Goiás, Karime Chaibue (2022) desenvolveu uma tese sobre a onomástica em Libras, com foco nos sinais toponímicos e antroponímicos da cidade de Formosa. A pesquisa, que contou com a participação de 13 surdos e ouvintes da comunidade local, identificou que a maioria dos sinais era motivada por aspectos icônicos, refletindo elementos materiais e culturais da região. Chaibue (2022) também observou que os topônimos tendiam a ser inicializados, ou seja, motivados pela grafia do nome em língua portuguesa, enquanto os antroponímicos eram predominantemente nativos. A autora propôs a inclusão de novas subcategorias motivacionais para abarcar as especificidades dos dados coletados, contribuindo para o aprofundamento dos estudos descritivos em Libras.

Em 2023, Brenno Barros Douettes apresentou uma tese inovadora sobre a toponímia bíblica em línguas de sinais, analisando sinais toponímicos de países da Europa, Oriente Médio, África e América do Sul. O estudo, que utilizou glossários e dicionários em línguas de sinais, identificou 74 sinais toponímicos bíblicos, destacando a motivação linguística baseada em aspectos conceituais, históricos e culturais. Douettes (2023) ressaltou a importância da pesquisa para a tradução da Bíblia em Libras e para a valorização da cultura surda no contexto religioso, afirmando que "os resultados enriquecem os glossários bíblicos e colaboram com a comunicação em Libras no ambiente eclesiástico" (Douettes, 2023, p. 12).

No mesmo ano, Kássia Mariano de Souza Mendes (2023) desenvolveu uma tese que integrou a Toponímia, a Libras e a Linguística de *Corpus*, investigando os sinais toponímicos de cidades do estado de Goiás. A pesquisa, que contou com entrevistas com surdos e a análise de materiais didáticos em Libras, identificou que a maioria dos sinais era motivada por aspectos antropoculturais, refletindo a influência da língua portuguesa no processo de nomeação. Mendes (2023) propôs um modelo de ficha lexicográfico-toponímica bimodal e criou um instrumento lexicográfico online para registrar os 112 sinais toponímicos coletados, contribuindo para o fortalecimento dos estudos linguísticos da Libras no estado de Goiás.

Aleilde Tavares da Silva (2023) investigou a variação linguística em Libras, com foco nos sinais toponímicos de espaços de lazer e turismo em Imperatriz (MA). A pesquisa, que contou com a participação de oito surdos da comunidade local, identificou variações fonético-fonológicas e lexicais na produção dos sinais. Silva (2023) destacou a importância da pesquisa para o ensino e aprendizagem da Libras, propondo a criação de um *site* bilíngue (Libras e língua portuguesa) para registrar os sinais e suas variações, contribuindo para a expansão dos estudos toponímicos e variacionistas em Libras.

Em 2024, Midian de Jesus Souza Marins apresentou uma tese sobre o estudo toponímico bilíngue das unidades de saúde de Feira de Santana (BA), investigando as motivações dos topônimos em línguas orais e em Libras. A pesquisa, que contou com dados coletados na secretaria de saúde do município e na Associação de Surdos de Feira de Santana, propôs a criação da *taxe mimetopônimo* para categorizar sinais com alto grau de iconicidade. Marins (2024) também desenvolveu o *website TopoLibras*¹, como ferramenta para sistematizar e divulgar os resultados da pesquisa, contribuindo para o acesso dos surdos ao sistema de saúde local e para os estudos toponímicos da Bahia.

No mesmo ano, Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas (2024) investigou as motivações toponímicas das instituições de ensino públicas e privadas de Feira de Santana (BA) em línguas orais e em Libras. A pesquisa, que integrou o projeto *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras*, identificou que a maioria dos topônimos em língua portuguesa era motivada por aspectos antropoculturais, enquanto em Libras predominavam os mimetopônimos. Dantas (2024) ressaltou a importância da pesquisa para o resgate e registro da história e da cultura feirense, disponibilizando os sinais em Libras em um inventário digital na rede social *Instagram*.

¹ Disponível em <https://toponimialibrasaude.wixsite.com/uefs>. Acesso em 08 ago. 2025.

A partir do estudo de Pereira (2025), que investigou os topônimos em Libras relacionados aos municípios de Rondônia, observa-se a descrição das características formais e semântico-motivacionais desses sinais. A autora analisou 52 topônimos registrados em fichas toponímicas, considerando aspectos como formações morfológicas, motivações dos sinais, iconicidade e influência do português, em uma pesquisa básica, quanti-quali, descritiva e documental. Os resultados apontam predominância de formações simples híbridas, forte interferência do português e maior ocorrência de grafotopônimos, além de motivações vinculadas à natureza (flora, fauna e águas). O estudo evidencia os processos de criação lexical na comunidade surda e revela como o contato linguístico se manifesta na nomeação dos municípios rondonienses.

Os estudos realizados sobre a toponímia em Libras no Brasil têm revelado uma crescente valorização dessa área de pesquisa, destacando sua relevância tanto para a preservação do patrimônio linguístico e cultural das comunidades surdas quanto para a promoção da acessibilidade e da inclusão social. Além disso, ao reconhecer a importância da Libras na nomeação de localidades, essas iniciativas contribuem para ampliar o reconhecimento da língua de sinais como elemento legítimo na construção do espaço geográfico e cultural brasileiro. Nesse sentido, os avanços já obtidos servem como alicerce para projetos inovadores, como o estudo bilíngue da toponímia da Bahia, que aprofunda o diálogo entre a línguas orais e Libras, inserindo-se na vanguarda desse campo de investigação.

3.2.1 Estudo da toponímia baiana em línguas orais e Libras

A Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) tem se destacado no cenário acadêmico por suas contribuições ao estudo toponímico da Bahia, especialmente em iniciativas voltadas para a análise bilíngue em línguas orais e Libras. Sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, o projeto intitulado *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português–Libras* (CONSEPE 044/2018), reuniu esforços para compreender a dinâmica toponímica desse município baiano, articulando aspectos linguísticos, históricos e culturais.

Inicialmente restrito ao território de Feira de Santana, o projeto teve êxito na sua primeira etapa. No entanto, a necessidade de expandir o olhar para outros territórios da Bahia e aprofundar a análise das nomeações em diferentes contextos linguísticos motivou a ampliação da proposta, contemplando diferentes municípios e promovendo uma abordagem mais abrangente das práticas toponímicas nos territórios baianos em Libras. Ao tempo que agregou

outra instituição como a Universidade Federal do Recôncavo (UFRB). Atualmente, o grupo está cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq – Onomástica em Libras (Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/821525>).

Nesse contexto, o projeto tem como principal objetivo catalogar, classificar, descrever e analisar os nomes dos acidentes geográficos, tanto físicos quanto humanos, adotando uma perspectiva bilíngue. Além de explorar os topônimos em línguas orais, a pesquisa dedica-se à identificação em Libras que traduzam as particularidades históricas, culturais e sociais desses espaços.

Outro aspecto inovador do projeto é a utilização de seus resultados para a criação de um banco de dados bilíngue, acessível em línguas orais e Libras. Essa iniciativa não só facilitará o acesso à toponímia local, mas também contribuirá para a inclusão social e a democratização do conhecimento. Ao reunir elementos linguísticos e históricos sobre a origem da Bahia, a pesquisa reforça a importância do estudo toponímico como ferramenta para compreender o processo político-cultural que envolve a nomeação de localidades, ao mesmo tempo em que enriquece o patrimônio linguístico da comunidade surda.

Com essa abordagem inovadora e interdisciplinar, o projeto reafirma o compromisso da UEFS com o avanço científico e o fortalecimento das relações entre língua, cultura e identidade, ao mesmo tempo em que promove uma maior integração entre diferentes sociedades. O projeto tem gerado impacto acadêmico e social, com formação de recursos humanos qualificados na área e produção científica relevante, contemplando diversos artigos, capítulos de livro, organização de publicações e ventos, dissertações, teses, trabalhos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e uma pesquisa de pós-doutorado “Estudo toponímico bilíngue (Português/Libras) dos patrimônios arquitetônicos tombados de Feira de Santana-BA”, desenvolvido na UFMG (Barreiros, 2018-2019).

O quadro 3 organiza os trabalhos concluídos e em desenvolvimento no âmbito do PPGEL-UEFS, destacando os autores, os temas os os anos de início e de conclusão, quando possível.

Quadro 2 – Trabalhos concluídos e em desenvolvimento no âmbito do PPGEU-UEFS

Autor(a)	Tema	Tipo de Trabalho	Ano de Início	Ano de Conclusão	Status
Daniela Betânia dos Santos Ferreira	Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras	Dissertação	2018	2019	Concluído
Carlos Messias Alves de Jesus	Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras	Dissertação	2018	2019	Concluído
Iago Gusmão Santiago	A nomeação na Bahia setecentista: estudo da toponímia de base portuguesa no mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos (1761-1807)	Dissertação	2019	2021	Concluído
Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas	Estudo toponímico bilíngue (Português e Libras) das instituições de ensino públicas e privadas de Feira de Santana	Dissertação	2022	2023	Concluído
Midian Jesus de Souza Marins	Estudo toponímico Português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana-BA	Tese	2020	2024	Concluído
Caroline da Silva Pereira Santos	Estudo toponímico dos distritos de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras	Iniciação Científica (IC)	2021	2022	Concluído
Caroline da Silva Pereira Santos	Estudo da motivação dos nomes das feiras livres de Feira de Santana-BA em línguas orais e Libras	Iniciação Científica (IC)	2022	2023	Concluído
Caroline da Silva Pereira Santos	Estudo toponímico em Língua Portuguesa e em Libras das feiras livres de Feira de Santana (BA)	Monografia	2023	2024	Concluído
Carlos Messias Alves de Jesus	Lugar de fé e resistência: estudo toponímico em línguas orais e libras dos terreiros do recôncavo da Bahia	Tese	2021	2025	Concluído
Daniela Betânia dos Santos Ferreira	Estudo toponímico em Libras dos municípios da Bahia: memória, identidade e resistência cultural	Tese	2021	2025	Concluído
Iago Gusmão Santiago	Corpus Toponymicum Bahiae: portal toponímico e estudo ecolinguístico da toponímia baiana	Tese	2021	2025	Concluído
Thaiane Souza Macambira	Estudo toponímico bilíngue (Português/Libras) dos espaços de serviços públicos essenciais de Feira de Santana	Dissertação	2024	2025	Concluído
Caroline da Silva Pereira Santos	Sagrada Princesa do Sertão: estudo toponímico bilíngue (Português-Libras) das instituições religiosas de Feira de Santana-BA	Dissertação	2025	-	Em andamento

Autor(a)	Tema	Tipo de Trabalho	Ano de Início	Ano de Conclusão	Status
Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas	Toponímia urbana (línguas orais e Libras): a nomeação dos bairros de Salvador-BA	Tese	2025	-	Em andamento
Daniel Neves dos Santos Neto	Toponímia urbana em línguas orais e Libras: estudo semântico-motivacional de Itaberaba-BA	Tese	2025	-	Em andamento
Lidinea Alves Cerqueira Barreiros	Estudo toponímico bilíngue (Português-Libras) das praias da Bahia	Tese	2025	-	Em andamento

Os trabalhos concluídos mostram a consolidação do projeto ao longo dos últimos anos, os quais tiveram como *locus* da pesquisa espaços urbanos, serviços públicos e privados, patrimônios históricos, feiras livres, entre outros, sob o enfoque da Toponímia. Essas pesquisas contribuíram e vêm contribuindo significativamente para a catalogação e análise bilíngue dos nomes em línguas orais e, principalmente, em Libras, fortalecendo o diálogo entre as línguas e compreendendo aspectos fundamentais das línguas envolvidas.

As pesquisas em andamento ampliam ainda mais os horizontes do projeto, com enfoque nos terreiros do Recôncavo Baiano, municípios baianos e serviços de atendimento ao cidadão. Por sua vez, os estudos recém-iniciados apontam para novas possibilidades, como a análise da toponímia das igrejas católicas e das praias baianas, indicando o contínuo crescimento e renovação das abordagens investigativas. Esses trabalhos reforçam o papel da UEFS como referência na pesquisa toponímica em Libras.

4 AS PESQUISAS TOPONÍMICAS DOS MUNICÍPIOS BAIANOS REALIZADAS EM LÍNGUAS ORAIS

Até o momento, dois trabalhos foram desenvolvidos tendo como *corpus* de pesquisa os municípios baianos. A tese intitulada *Toponímia dos Municípios Baianos: Descrição, História e Mudanças*, de autoria de Ricardo Tupiniquim Ramos e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA, sob orientação da Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, representa uma pesquisa de grande relevância no campo da linguística e da história regional.

O estudo se propõe a investigar as denominações dos municípios baianos, utilizando como base a divisão do estado vigente em 2000 para tentar reconstruir a cadeia anterior de nomes para cada município em períodos determinados. Os objetivos principais da pesquisa incluem identificar a origem das denominações, analisar a natureza, estrutura morfológica e origem dos nomes fixados, compreender as motivações e tendências na definição e escolha dos nomes, investigar a possível relação entre os nomes e o ocupação das áreas, além de examinar os padrões de mudança toponímica ao longo do tempo.

Além dos objetivos principais, a pesquisa também visa determinar áreas de influência portuguesa, africana e indígena na toponímia baiana, com foco especial no estudo da toponímia de procedência Tupi. Isso é, realizado por meio da elaboração de cartas linguísticas que oferecem uma visão detalhada da situação da toponímia em diferentes momentos históricos.

A tese baseia-se em um suporte teórico da Onomasiologia e da Toponímia, explorando os aspectos históricos, geográficos e linguísticos relacionados aos nomes próprios dos municípios baianos. No desenvolvimento da pesquisa, são adotadas duas perspectivas complementares: uma histórico-linguística, que estuda a sucessão dos nomes atribuídos a cada município ao longo do tempo, e uma linguístico-sincrônica, que analisa a toponímia municipal baiana nos momentos históricos definidos. Os marcos temporais escolhidos são significativos para a história do país e da Bahia, representando momentos de redefinição administrativa e política.

A pesquisa se apoia em estudos gerais sobre o léxico português, dados oficiais sobre os municípios baianos em diferentes épocas, e estudos históricos sobre a evolução do conceito de municipalidade no Brasil e na Bahia. A tese oferece uma contribuição relevante para a compreensão da formação territorial da Bahia, ao integrar dados toponímicos, históricos e geográficos em uma perspectiva interdisciplinar.

No que diz respeito aos métodos utilizados, a pesquisa se apoia em um referencial básico da Onomasiologia, com ênfase na Toponímia, e em um referencial auxiliar que inclui estudos sobre o léxico português, dados oficiais sobre os municípios baianos em diferentes períodos e estudos históricos relevantes.

A abordagem metodológica adotada envolve a análise de uma vasta gama de fontes, incluindo documentos históricos, mapas antigos, registros oficiais e outras fontes primárias e secundárias. Além disso, a pesquisa se vale de técnicas específicas da Linguística, como a elaboração de cartas linguísticas para representar a distribuição e evolução da Toponímia ao longo do tempo.

A tese constitui uma contribuição relevante para os estudos linguísticos e regionais, ao examinar a Toponímia dos municípios baianos em Língua Portuguesa e evidenciar como os nomes refletem aspectos históricos, geográficos e culturais da formação territorial da Bahia.

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa revelam uma compreensão mais profunda da toponímia dos municípios baianos, destacando diversos aspectos importantes sobre a origem, evolução e significado dos nomes atribuídos a essas localidades. Uma das principais conclusões é a identificação da presença marcante da toponímia de procedência Tupi em duas grandes áreas da Bahia: a Serra Geral e o Planalto da Conquista, bem como a Faixa Litorânea. Essa influência Tupi é evidenciada pelos lexemas e gramemas recorrentes encontrados nos nomes dos municípios nessas regiões, refletindo a integração dessas áreas ao restante do estado em diferentes momentos históricos.

Além disso, a pesquisa revelou uma ampla área descontínua que concentra os topônimos de procedência africana, principalmente no Litoral Sul, Serra Geral e Sudoeste da Bahia. Embora a influência africana não seja tão evidente quanto a Tupi, a análise dos dados mostra que essa origem é uma parte significativa da toponímia baiana, especialmente em vilas, distritos e povoados.

No entanto, não foi possível identificar uma área de maior influência portuguesa na toponímia dos municípios baianos, uma vez que topônimos dessa origem estão presentes em todo o estado. Isso sugere uma distribuição mais uniforme e difusa desses nomes ao longo do território baiano.

Quanto aos processos gerais de mudança toponímica, observou-se uma substituição comum de formas portuguesas por topônimos de origem Tupi, especialmente do período posterior à Independência até meados do século XX. Porém, o padrão descontínuo de mudança toponímica encontrado em outros estudos não foi completamente confirmado no *corpus* baiano, indicando uma complexidade maior nesse fenômeno.

A dissertação *Bahia de Todos os Cantos e Recantos: Marcas Identitárias e Culturais na Toponímia da Bahia*, elaborada por Clese Mary Prudente Correia em 2017, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), propõe uma investigação aprofundada sobre a relação entre os nomes geográficos dos municípios baianos e as características identitárias e culturais da região. A orientação foi conduzida pela Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade.

A fundamentação teórica da dissertação foi alicerçada na compreensão da língua como um reflexo da cultura de um povo, enraizando-se em seus aspectos históricos e identitários. A organização dos topônimos dos municípios baianos foi feita conforme registrados nos volumes XX e XXI da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (EMB), publicados em 1958, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), seguindo a divisão territorial em Territórios de Identidade (TI).

A classificação dos topônimos foi realizada de acordo com a taxionomia proposta por Dick (1990) para trabalhos toponímicos, buscando estabelecer categorias claras e sistemáticas para a análise. No que tange à sistematização das informações levantadas em fichas lexicográfico-toponímicas, foram contemplados dados históricos, morfológicos, etimológicos e motivacionais relativos a cada topônimo.

O *corpus* da pesquisa é composto pelos 169 topônimos dos municípios baianos existentes em 1958, conforme registrado na EMB da época. Embora esse mesmo *corpus* tenha sido utilizado no estudo anterior realizado por Ramos (2008), a dissertação de Clese Mary Prudente Correia difere do estudo anterior ao adotar uma perspectiva lexicológica e focar especificamente as marcas identitárias e culturais presentes nos topônimos dos municípios baianos. Essa abordagem busca relacionar os nomes geográficos aos Territórios de Identidade, evidenciando como eles refletem e preservam traços importantes da identidade cultural e histórica da Bahia.

A metodologia empregada consistiu em traçar um roteiro que guiasse a investigação pelos caminhos da Bahia, a partir dos designativos dos seus municípios. Inicialmente, foram estabelecidos os pressupostos teóricos que orientariam o estudo, baseados na teoria taxionômica proposta por Dick (1990) e no reconhecimento do léxico de uma língua como um repositório da memória de uma comunidade. A tese foi dividida em seções, que abordaram desde os aspectos históricos e geográficos responsáveis pela formação dos topônimos até a análise e discussão dos resultados obtidos.

Entre os principais resultados encontrados, destaca-se a constatação de que os topônimos funcionam como elementos identitários poderosos, capazes de recuperar fatos da memória coletiva e preservar aspectos culturais e históricos da comunidade.

A pesquisa constatou a permanência inalterada de topônimos desde os primeiros tempos da ocupação dos portugueses no Brasil. Essa continuidade evidencia a força da memória toponímica, preservando aspectos da fé cristã dos imigrantes portugueses e características dos povos nativos da região. Foi observado, também, um predomínio de topônimos relacionados à natureza, como flora, fauna, geomorfologia e hidrografia. Isso reflete a importância dos elementos naturais na formação da identidade baiana, destacando a diversidade biológica do estado.

Percebeu-se com a pesquisa que, ao longo do tempo, os topônimos foram sujeitos a um processo de simplificação, evidenciado pela redução dos sintagmas toponímicos. Essa simplificação foi intensificada por influências políticas e sociais, como as leis do Estado Novo.

Por fim, foram identificados processos de "luzitanização" e "tupinização" da toponímia baiana, demonstrando que os nomes dos lugares são escolhas simbólicas e ideologicamente planejadas, refletindo a história e os valores culturais da região.

4.1 MARCAS IDENTITÁRIAS DOS TERRITÓRIOS DA BAHIA

A Bahia, localizada na Região Nordeste do Brasil, é um dos 27 estados que compõem o país. Essa unidade federativa é notável por sua extensa costa, banhada pelo Oceano Atlântico, abrigando o maior número de municípios do Brasil, e uma vasta área territorial. Salvador, a capital da Bahia, é a cidade mais populosa e de maior influência na região. Além da capital, vários outros municípios desempenham um papel significativo, incluindo as capitais regionais de Feira de Santana, Vitória da Conquista, Barreiras, Itabuna-Ilhéus e Juazeiro, que se conecta ao município pernambucano de Petrolina.

O estado é de significativa importância histórica, sendo considerado uma das regiões mais antigas do território brasileiro. A ocupação do Brasil pelos portugueses ocorreu na região de Porto Seguro, no litoral sul da Bahia, quando a frota comandada por Pedro Álvares Cabral aportou em 22 de abril de 1500. Nesse local, foi celebrada a primeira missa na praia da Coroa Vermelha, presidida pelo frei Henrique Soares de Coimbra. Em 1 de novembro de 1501, a Baía de Todos-os-Santos foi batizada em serviço da Coroa Portuguesa. Em março de 1549, a região foi escolhida para abrigar a sede do governo-geral com a chegada de Tomé de Sousa, a serviço

Sua estética característica do período colonial evidencia a centralidade da rede hidrográfica e das áreas costeiras como eixos de ocupação, além de revelar a importância das trilhas indígenas e dos rios como vias de circulação. Mais do que um simples registro cartográfico, o mapa reflete os interesses políticos e econômicos que orientavam a exploração do território. Ao ser incorporado ao corpus desta pesquisa, ele complementa os registros contemporâneos, permitindo um olhar comparativo sobre as transformações geográficas e culturais da Bahia e do Brasil ao longo do tempo.

Para além, os portugueses, desempenharam também um papel significativo na formação da identidade cultural da região. A presença indígena, que remonta aos povos nativos que habitavam muito antes da chegada dos europeus, também deixou uma marca significativa na sociedade baiana.

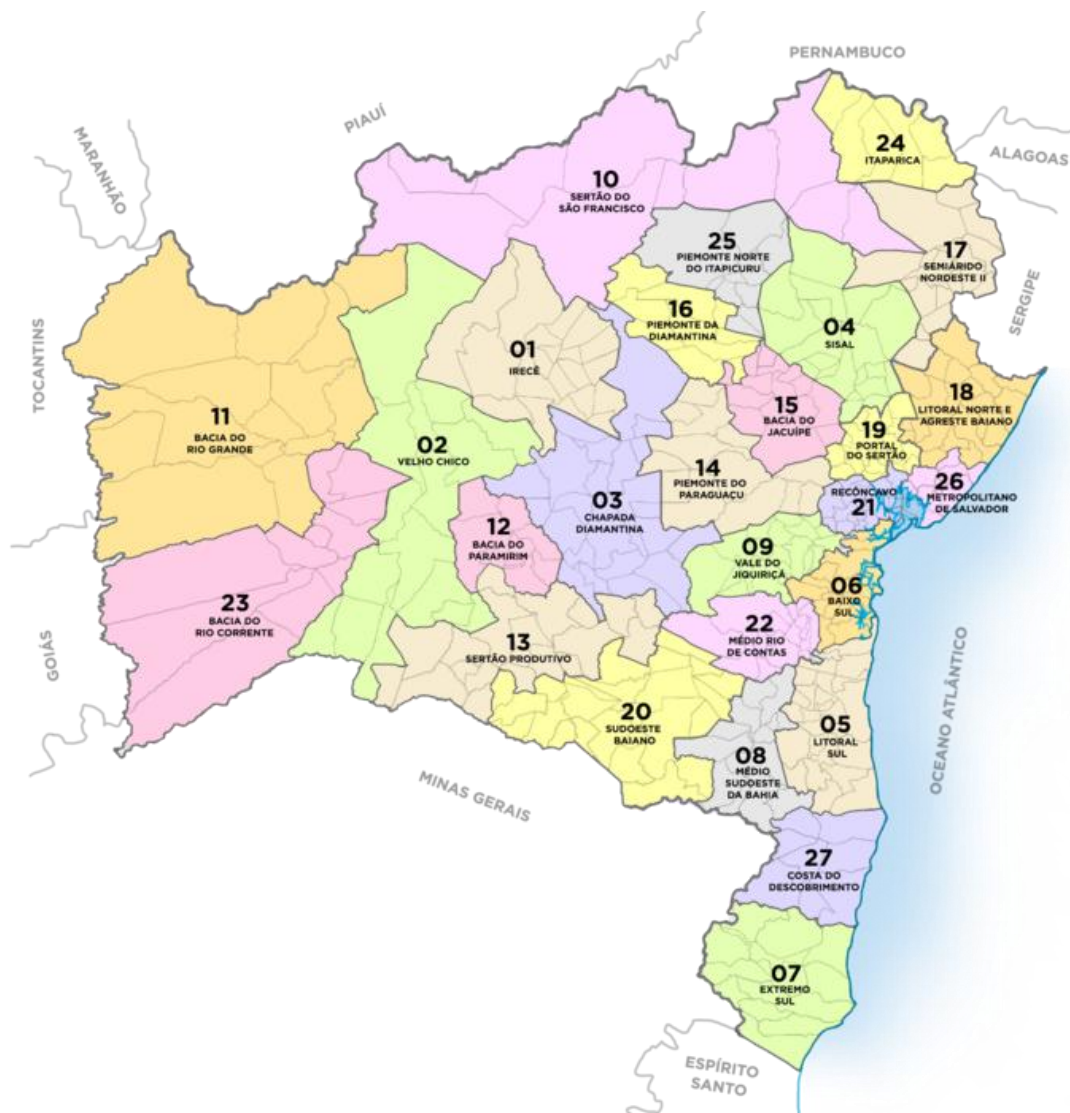
Na atualidade, a região detém um importante potencial turístico, amplamente explorado graças às suas belezas naturais, como o litoral, a Chapada Diamantina, o Recôncavo e inúmeros patrimônios históricos e culturais. Além disso, o estado possui a sétima maior economia do Brasil. No entanto, a desigualdade na distribuição de renda é uma realidade, refletida em seu índice de desenvolvimento humano. É fundamental destacar a necessidade de políticas públicas que busquem equilibrar essa disparidade e promover um desenvolvimento mais justo e igualitário.

A configuração territorial do estado da Bahia passou por uma significativa transformação a partir de 2007 com a introdução dos Territórios de Identidade (TI). Essa iniciativa, liderada pela SecultBA (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia), fundamentou-se no conceito desenvolvido pela SEI (Superintendência de Estudos Econômicos) do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário). Esse conceito, alinhado à lógica cultural, serviu como base para a delimitação e reconhecimento de 27 Territórios de Identidade. A SDR (Secretaria de Desenvolvimento Rural) afirma que:

Com o objetivo de identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região (SDR, 2017).

Assim, nota-se que estes territórios não são meras divisões geográficas, mas sim áreas demarcadas por critérios que abrangem aspectos ambientais, econômicos e culturais, entre outros.

Figura 26 – Mapa da Bahia com a divisão dos Territórios de Identidade



Fonte: SECULT – Secretaria da Cultura – Online, 2025.

Essa delimitação vai além de uma divisão administrativa, considerando as populações como grupos sociais distintos. Essa distinção não se limita apenas à geografia, abarcando também a presença de identidades culturais únicas, coesão social e territorial.

Ao abraçar a Política de Territorialização da Cultura, a SECULT-BA expandiu sua atuação para todas as esferas culturais, visando à valorização da diversidade de manifestações culturais nos Territórios de Identidade. Essa abordagem busca não apenas enaltecer a multiplicidade cultural, mas também fortalecer as identidades locais, contribuindo para uma compreensão mais abrangente, o que contribui com o desenvolvimento do estado em diversos âmbitos.

Através dessa divisão é possível extrair informações básicas sobre os 27 territórios usados como unidade de planejamento pelo governo estadual, podendo observar dados demográficos, de saúde e educação das populações dos municípios, oferecendo subsídios para políticas públicas mais eficazes, fornecendo conhecimento prévio sobre as realidades locais.

A partir desta iniciativa, é possível tentar contribuir para reduzir as desigualdades sociais e promover o desenvolvimento sustentável em todo o estado da Bahia. No contexto desta pesquisa, a divisão dos TI auxiliará na compreensão dos traços culturais distintos dentro do território baiano e das influências no processo de nomeação. Nesta vertente, serão apresentados mapas e características dos seus respectivos TI que não apenas servirão como ferramentas de visualização geográfica, mas também como instrumentos para compreender pluralidade e potencialidade de cada território.

Figura 27 - Território de Identidade 01– Irecê



SecultBA (c2023)

Inicia-se pelo TI 1 - Irecê, conhecido como "Terra do Feijão", que abrange 20 municípios. Suas culturais manifestações incluem músicas, danças e rezas inicialmente ligadas a motivos religiosos, evoluindo para expressões contemporâneas de fé, devoção e herança cultural familiar, evidenciadas em grupos de dança, produção musical, literatura e poesia.

Os patrimônios culturais, como a Capela Senhora Santana do Miradouro e a Imagem de Nossa Senhora do Patrocínio, são testemunhos da história rica e diversificada da região. O território abriga sete instituições culturais reconhecidas como Pontos de Cultura, incluindo

projetos como o I Festival da Canção do Território de Irecê, valorizando a preservação das expressões culturais locais (SecultBA, 2023).

A presença de mais de 131 comunidades quilombolas, formalmente reconhecidas, reflete o comprometimento com políticas afirmativas de reparação na região. Os 20 municípios resultam do desmembramento de Morro do Chapéu, Irecê, Central e Xique-Xique, integrando o Bioma Caatinga e abrigando áreas de proteção ambiental, como a Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho e a Lagoa de Itaparica, moldando assim a identidade única e diversificada do Território de Irecê.

Figura 28: Território de Identidade 2 (TI 2) Velho Chico



SecultBA (c2023)

Dando seguimento, o território de identidade da Bahia conhecido como Velho Chico, nome que evoca o Rio São Francisco, é uma região de significativa importância cultural e arqueológica. Compreendendo 16 municípios. Além disso, faz fronteira com outros territórios baianos e o estado de Minas Gerais, revelando sua posição estratégica na geografia regional.

A riqueza cultural do TI 2, denominado Velho Chico é evidenciada pelo seu patrimônio arquitetônico e pelas manifestações culturais locais. Segundo Brasil (2015), existem mais de 70 comunidades quilombolas ocupam a área, demonstrando assim a diversidade étnica e cultural presente no vale do São Francisco. Essas comunidades, juntamente com as manifestações

culturais tradicionais, como procissões, romarias e festas juninas, contribuem para a preservação e perpetuação da identidade cultural dessa região.

Figura 29 - Território de Identidade 3 (TI 3) Chapada Diamantina



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade da Chapada Diamantina, compreende 24, é reconhecido mundialmente por suas belezas naturais. A história desse território remonta à era da mineração de diamantes e ouro, bem como à criação de gado, atividades que envolviam a presença de negros escravizados. Com o declínio da mineração, as populações locais expandiram-se para outras áreas, estabelecendo municípios com foco predominantemente agrícola.

A economia da Chapada Diamantina está intrinsecamente ligada à exploração dos recursos naturais, destacando-se a cafeicultura e a produção de hortícolas irrigadas, como batata inglesa, cebola e alho. A influência histórica do garimpo é visível no patrimônio arquitetônico de municípios como Rio de Contas, Lençóis, Andaraí e Piatã, que possuem edifícios protegidos pelo IPAC e pelo IPHAN, refletindo assim a riqueza cultural e histórica da região.

O Turismo Ecológico emerge como uma das principais atividades deste TI, ressaltando-se pelas suas notáveis belezas naturais, que incluem rios, cachoeiras, montanhas e grutas, além de um clima frio característico. A região da Chapada Diamantina, inserida no bioma da caatinga, destaca-se pelo seu ecossistema único, com fauna e flora singulares. Apesar de todos os municípios estarem situados na Região Semiárida, essa localização não diminui a importância dos importantes recursos hídricos, como o rio Paraguaçu, que atravessa o território

de Ibicoara a Itaetê, contribuindo significativamente para a atratividade e o desenvolvimento do turismo na região.

Figura 30 - Território de Identidade 4 (TI 4) Sisal



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Sisal, situado no Nordeste Baiano e abrangendo uma área de 20.405 km², é notável por suas tradições culturais e atrativos turísticos. Destaca-se em Tucano a instância hidromineral em Caldas do Jorro, onde os visitantes podem desfrutar de banhos em águas termais com temperaturas acima dos 40 °C, além da culinária local elaborada com carne de bode e leite de cabra.

Os municípios que compõem a Sisalândia apresentam, pois, limitações quanto à produtividade agropecuária, seja pelas condições naturais, seja por falta de acesso às tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido. Conforme Evangelista (2011, p. 6), tais limitações estruturais evidenciam a necessidade de políticas e ações que considerem as especificidades territoriais do semiárido baiano, sobretudo no que diz respeito ao manejo dos recursos naturais. Assim, a problemática do desmatamento da caatinga deve ser analisada por diferentes perspectivas (governamentais, ações da sociedade civil, questões ambientais), como um problema grave a ser gerido no bojo do planejamento territorial.

Figura 31 - Território de Identidade 5 (TI 5) Litoral Sul



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Litoral Sul, conhecido como Costa do Cacau, destaca-se no cenário estadual pela sua rica herança cultural e perfil turístico associado ao seu extenso litoral, abrangendo áreas de Mata Atlântica, reservas da lavoura cacaueira e praias de água morna que se estendem desde Maraú até Canavieiras. Composto por 26 municípios. Historicamente habitada pelos índios tupis, a região abriga atualmente três povos indígenas: Pataxó, Pataxó Hã-Hã e Tupinambá, reunidos em 30 comunidades indígenas, concentradas especialmente na área entre Ilhéus e Pau-Brasil. Além disso, as comunidades quilombolas, totalizando 34 entre certificadas e identificadas, distribuem-se principalmente nos municípios litorâneos, como Itacaré e Maraú.

O Litoral Sul da Bahia conta com diversos projetos culturais apoiados pelo Fundo de Cultura da Bahia (FCBA), destacando-se o tradicional Teatro Popular de Ilhéus e a Casa de Cultura Jonas e Pilar em Buerarema. Além disso, possui cinco bens tombados como patrimônio cultural, incluindo a Capela do Engenho Sant'Ana, monumento mais antigo de Ilhéus, e outros três tombados em âmbito estadual.

Figura 32 - Território de Identidade 6 (TI 6) Baixo Sul



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Baixo Sul, conhecido nacionalmente como Costa do Dendê, é composto por 15 municípios. Durante o século XVI, a região foi escolhida pelos colonos como uma das áreas pioneiras no processo de ocupação do estado, com Cairú e Valença servindo como pontos de partida para as principais vias de acesso para o interior do estado.

O Baixo Sul apresenta um rico patrimônio imaterial, evidenciado pela presença de indígenas, pescadores, marisqueiras e mais de 80 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares e identificadas, sendo 24 delas nos limites do município de Camamu. As filarmônicas, festas juninas e a paisagem litorânea da Costa do Dendê são manifestações culturais e atrativos turísticos que impulsionam a economia regional, especialmente na Península de Maraú. Diversas manifestações tradicionais, como a Barquinha, Boi Bumbá, Capoeira, artesanato cerâmico, Ternos de Reis, Chegança de Mouros, entre outras, enriquecem a identidade cultural da região.

Figura 33 - Território de Identidade 7 (TI 7) Extremo Sul



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Extremo Sul, conhecido pela sua Costa das Baleias, destaca-se pelo turismo e é composto por 13 municípios. A ocupação inicial do Território de Identidade Extremo Sul foi realizada por índios tupis no litoral e aimorés no interior. A expansão populacional decorreu do processo de ocupação inicial, com a intensificação de atividades como o extrativismo do pau-brasil, a agroindústria açucareira e a perseguição aos povos indígenas para utilização como mão de obra. Os Pataxós estão presentes com 14 aldeias indígenas, principalmente no município de Prado, abrigando uma população de mais de 75 mil habitantes. Além disso, existem 11 comunidades quilombolas na região, sendo a maioria em Nova Viçosa, com oito delas certificadas pela Fundação Cultural Palmares.

Nesse contexto, De Serqueira Neto (2012, p. 313) afirma que, ao se compreender cultura apenas como resultado de uma longa trajetória histórica, o Extremo Sul poderia ser visto como uma região carente de símbolos culturais próprios ou herdados do restante da Bahia. Segundo o autor, essa interpretação seria equivocada, pois, embora não apresente marcas culturais tradicionalmente associadas ao estado, o território constitui um espaço multicultural, resultante da convivência entre distintos grupos humanos. Essa observação do autor reforça a pluralidade identitária da região e evidencia que sua riqueza cultural deriva precisamente dessa diversidade.

Figura 34 - Território de Identidade 8 (TI 8) Médio Sudoeste da Bahia



O Território de Identidade Médio Sudoeste da Bahia, atualmente composto por 13 municípios passou a se desenvolver por volta do final do século XIX, quando aventureiros em busca de terras férteis para agricultura e pecuária começaram a colonizar a região. O território faz limites com o Estado de Minas Gerais e os territórios Litoral Sul, Vitória da Conquista e Médio Rio de Contas.

Na esfera cultural, o Território de Identidade Médio Sudoeste se destaca por suas festas de vaqueiro, enraizadas na influência sertaneja, que se tornaram expressões difusoras do modo de vida e costumes regionais. Quatro instituições da região foram reconhecidas como Pontos de Cultura pela SecultBA, com projetos que visam a formação teatral para jovens em Itapetinga e a utilização da capoeira e do audiovisual como ferramentas de transformação social em Caatiba.

Em termos geográficos, a região integra a área de abrangência do Semiárido e está inserida no bioma Caatinga, caracterizado pelo clima semiárido e solos rasos e pedregosos. Apesar das condições climáticas desfavoráveis, três bacias hidrográficas beneficiam o território: Rio Pardo, Rio Colônia/Cachoeira e Jequitinhonha, além da presença de uma unidade de conservação, a Serra do Ouro.

Figura 35 - Território de Identidade 9 (TI 9) Vale do Jiquiriçá



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Vale do Jiquiriçá conta com cerca de 22,2 mil estabelecimentos de Agricultura Familiar (IBGE, 2006), concentrados principalmente em Mutuípe, Jiquiriçá e Amargosa, enquanto Santa Inês e Lafaite Coutinho apresentam os menores números. A maioria dos agricultores é proprietária da terra, mas há também registros de parceria, arrendamento e ocupação, estas últimas representando 6,8% do total. As atividades agropecuárias centrais envolvem avicultura integrada, manicultura e cultivo do maracujá. Não foram identificadas comunidades quilombolas, havendo apenas uma comunidade pesqueira em Maracás. Já o rebanho bovino, em 2010, somava 279,7 mil cabeças, com destaque para Amargosa, Maracás e Jaguaquara, que concentram 38% do total.

Figura 36 - Território de Identidade 1 (TI 10) Sertão do São Francisco



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Sertão do São Francisco, majoritariamente localizado no Vale do Rio São Francisco, abrange 10 municípios e ocupa uma área considerável de 61.610 km², correspondendo a 10,91% do território total do estado da Bahia. A ocupação histórica do Vale do São Francisco remonta ao século XVI, com a adoção do sistema de Sesmarias pela coroa portuguesa. Os frades Franciscanos desempenharam um papel fundamental no processo de catequização dos índios Cariris e Tapuias que habitavam a região, estabelecendo as bases para a fundação de cidades como Juazeiro, Casa Nova, Remanso e Sento Sé.

A região também foi palco da Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro, um episódio marcante na história do território que refletiu a luta dos civis contra o governo e a igreja na última década do século XIX (IBGE).

Figura 37 - Território de Identidade 1 (TI 11) Bacia do Rio Grande



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Bacia do Rio Grande, situado no Extremo Oeste Baiano, é composto por 14 municípios. A história da formação deste território remonta à presença dos índios Guerém e à ocupação inicial da região, que fazia parte do denominado "Sertão de Pernambuco". A implantação de estruturas como igrejas e fazendas de gado, além da exploração de mão de obra escrava nas atividades pecuárias e no transporte de diamantes da Chapada Diamantina, contribuiu para o desenvolvimento inicial da área. O primeiro município criado foi Cotegipe, em 1820, antes denominado Campo Largo.

Culturalmente, o Território de Identidade Bacia do Rio Grande se destaca pelas congadas e festas relacionadas à cultura sertaneja, além da roda de São Gonçalo, realizada em

Santa Rita de Cássia. A região também apresenta atrativos naturais, como grutas, cavernas e cachoeiras, promovendo atividades turísticas.

O território está inserido na área de abrangência do Semiárido, com predominância da vegetação do bioma Cerrado. Sete unidades de conservação, como a Estação Ecológica Rio Preto e o Parque Nacional das Nascentes do Parnaíba, contribuem para a preservação ambiental da região.

O Território de Identidade Bacia do Rio Grande, situado no Extremo Oeste Baiano, é composto por 14 municípios. A história da formação deste território remonta à presença dos índios Guerém e à posterior ocupação por meio da implantação de estruturas como igrejas e fazendas de gado, bem como a utilização da mão de obra escrava nas atividades pecuárias e no transporte de diamantes provenientes da Chapada Diamantina. O município pioneiro, Cotegipe, foi estabelecido em 1820 em torno da igreja de Nossa Senhora do Campo, anteriormente denominado Campo Largo (IBGE).

Culturalmente, o Território de Identidade Bacia do Rio Grande é marcado pelas manifestações das congadas e pelas festas relacionadas à cultura sertaneja, incluindo a roda de São Gonçalo no município de Santa Rita de Cássia. Além disso, a região possui atrativos naturais como grutas, cavernas e cachoeiras, promovendo atividades turísticas.

Figura 38 - Território de Identidade 12 (TI 12) Bacia do Paramirim



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Bacia do Paramirim, situado no Centro Sul baiano, abrange nove municípios, nomeadamente Boquira, Botuporã, Caturama, Érico Cardoso,

Ibipitanga, Macaúbas, Paramirim, Rio do Pires e Tanque Novo. A história da região remonta ao século XVII, com a fundação do município de Macaúbas em 1832, inicialmente atraído pela presença de bandeirantes em busca de ouro e pedras preciosas. A preservação do patrimônio cultural é uma característica marcante, como evidenciado pelo Povoado Morro do Fogo, um conjunto arquitetônico tombado como patrimônio histórico do Estado, que preserva ruínas de extração de minérios, inscrições rupestres, casarões e igrejas históricas.

Figura 39 - Mapa do Território de Identidade 13 (TI 13) Sertão Produtivo



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Sertão Produtivo (TI 13) é caracterizado por uma rica herança cultural, destacando-se a cultura sertaneja que permeia as áreas rurais da região. Compreendendo 19 municípios. O processo de ocupação do Território de Identidade Sertão Produtivo remonta aos séculos XVII e XVIII, com a descoberta de um entreposto de ouro em Caetité, ligado à rota de escoamento do minério da Estrada Real (Parati – Rio de Janeiro). Caetité, o primeiro município criado em 1810, foi essencialmente influenciado pela mineração e pela criação de gado, impulsionando a formação dos primeiros povoados e posteriormente incentivando a ocupação de áreas mais propícias à agricultura.

Figura 40 - Território de Identidade 14 Piemonte do Paraguaçu



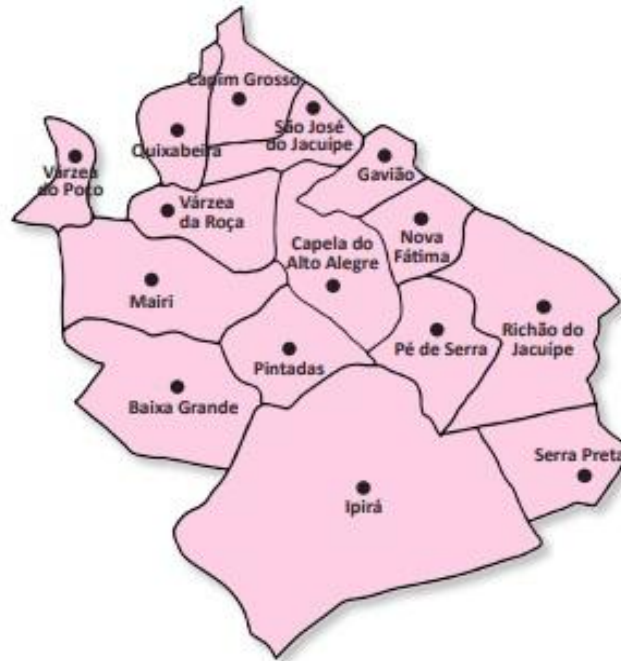
Fonte: SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Piemonte do Paraguaçu (TI 14), situado no Centro Norte Baiano, abrange 13 municípios. A formação histórica do Território de Identidade Piemonte do Paraguaçu remonta ao final do século XIX, quando os municípios que o compõem foram gradualmente estabelecidos em terras anteriormente ocupadas pelos índios Maracás, Cariris e Sabujas. O Rio Paraguaçu desempenhou um papel fundamental na ocupação das margens e do entorno, facilitando a fundação de povoados e vilas pelos portugueses, que eventualmente se tornaram os municípios mais antigos, como Itaberaba e Mundo Novo. Além disso, índios Cariris e Sabujás foram divididos em dois aldeamentos: Caranguejo e Pedra Branca, com o último dando origem à Vila de Nossa Senhora de Nazaré da Pedra Branca, que posteriormente se tornou o município de Santa Teresinha.

Além das festas juninas, os atrativos naturais desempenham um papel significativo no cenário turístico da região, com destaque para a Serra da Jiboia e as cachoeiras em Santa Teresinha, que atraem visitantes interessados em turismo de aventura.

O território também possui diversos bens culturais tombados pelo IPAC, incluindo a Capela de Santo Antônio da Vila João Amaro, a Casa da Fazenda Paratigí do Barão, o Cruzeiro de Itaberaba e o Conjunto Arquitetônico Ruy Barbosa, além de 13 sítios arqueológicos com vestígios de arte rupestre e cerâmica.

Figura 41 - Território de Identidade 1 (TI 15) Bacia do Jacuípe



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Bacia do Jacuípe, localizado no semiárido baiano, abrange uma área de 11 mil quilômetros quadrados e inclui 15 municípios com características predominantemente rurais. Com quase metade de sua população residindo no campo, a região tem na agropecuária e nos setores informais os principais impulsionadores da economia local. Um dos destaques culturais do território é o artesanato com couro, especialmente produzido nos povoados de Rio do Peixe, Umburana e Distrito do Malhador, em Ipirá. Essa atividade contribui significativamente para o desenvolvimento econômico da região, conferindo-lhe destaque na produção de artigos em couro.

Nesse contexto, de Bom Fim e Abade (2020, p. 709) afirmam que os principais cursos d'água da região incluem o Rio Jacuípe e os rios Congonhas, Paulista e Tocó, elementos fundamentais para a configuração territorial e para o abastecimento das populações locais. Segundo os autores, uma pequena porção da Bacia do Itapicuru também integra o trecho norte do território, abrangendo áreas entre Várzea do Poço e São José do Jacuípe, além de destacar que o espelho d'água de maior relevância é o Lago dos Açudes de Pedras Altas, distribuído entre Capim Grosso, São José do Jacuípe, Quixabeira e Várzea da Roça. Essa observação reforça a importância dos recursos hídricos na dinâmica socioeconômica e ambiental da Bacia do Jacuípe.

Figura 42 - Território de Identidade 16 (TI 16) Piemonte da Diamantina



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Piemonte da Chapada Diamantina, situado no Centro Norte Baiano, abrange 9 municípios. A história do território remonta à criação de gado e culturas agrícolas às margens do Rio Itapicuru Mirim, o que atraiu uma população densa e heterogênea, culminando na formação de municípios como Jacobina, Saúde e Miguel Calmon. Antes da chegada dos bandeirantes e jesuítas, a região era habitada pelos índios Paiaíás (Cariris), conhecidos por sua confecção de cerâmica.

A presença da herança dos povos negros escravizados é evidente nas 29 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, com destaque para Caém e Mirangaba. Entre os atrativos culturais estão a marujada, as romarias e as festas juninas, além de pontos turísticos como o Parque das Cachoeiras e a Estância Ecológica Bandeirantes em Jacobina, e as cachoeiras do Paiaíá e Paulista em Saúde.

Além disso, o patrimônio arqueológico da região é significativo, com a presença de diversas cavernas, grutas e ressurgências, especialmente nos municípios de Jacobina e Ourolândia.

Figura 43 - Território de Identidade 1 (TI 17) Semiárido Nordeste II



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Semiárido Nordeste II, localizado na mesorregião do Nordeste Baiano, é composto por dezoito municípios. É relevante notar que 44,9% dos habitantes residem em áreas urbanas, enquanto 55,1% vivem em áreas rurais, evidenciando um grau de urbanização inferior à média estadual.

A história do território remonta aos séculos XVIII e XIX, quando freis capuchinos e jesuítas transformaram antigos povoados indígenas em vilas ou freguesias, como Bom Conselho (Cícero Dantas), Natuba (Nova Soure), Vila de Pombal (Ribeira do Pombal), Cumbe e Massacará (Euclides da Cunha), São João Batista (Jeremoabo) e Patrocínio do Coité (Paripiranga). Antes disso, os índios Kiriris ou Quiriris, povos indígenas brasileiros, ocupavam a região do Itapicuru de Cima, sobrevivendo da caça e da coleta de frutos.

Figura 44 - Território de Identidade 8 (TI 18) Litoral Norte e Agreste Baiano



O Território de Identidade Litoral Norte e Agreste Baiano é composto por vinte municípios. A paisagem natural é caracterizada por uma variedade de ecossistemas, incluindo áreas de cerrado, remanescentes de floresta ombrófila, vegetação arbórea e manguezais.

A história do território remonta ao século XVIII, quando os municípios de Itapicuru e Jandaíra foram criados, inicialmente habitados por nativos, principalmente índios Tupinambás. Com a chegada dos portugueses, as sesmarias e a presença dos jesuítas deram origem aos primeiros povoados na região. Manifestações culturais importantes, como as festas juninas e o culto ao Caboclo Boiadeiro, fazem parte da identidade cultural local, refletindo a diversidade e riqueza das tradições.

De acordo com a SecultBa, o território também se destaca por suas iniciativas culturais, como o Festival de Sanfoneiros e a Semana de Arte e Cultura do Litoral Norte e Agreste Baiano. Além disso, o Centro de Cultura de Alagoinhas desempenha um papel fundamental na promoção da vida cultural local, sediando diversos eventos ao longo do ano e atraindo um público expressivo.

Figura 45 - Território de Identidade 19 (TI 19) Portal do Sertão



SecultBA (c2023)

A ocupação histórica do Território de Identidade Portal do Sertão remonta ao século XVII, quando a política de doação de sesmarias atraiu colonos portugueses para a região, antes habitada por diferentes grupos indígenas, como os Tupi, Tapuia e Paiaia. A fundação da Vila de São José das Itapororocas, em 1645, marca o início desse processo. No século XVIII, a construção de uma capela dedicada a São Domingos e Nossa Senhora Santana, na Fazenda Santana dos Olhos D'Água, deu origem ao primeiro município do território, Feira de Santana, em 1833, impulsionando o desenvolvimento da área como centro de comércio e intercâmbio entre o sertão e o porto de Cachoeira.

Atualmente, o Território de Identidade Portal do Sertão é composto por 17 municípios. A região é caracterizada pela presença de três bacias hidrográficas: Paraguaçu, Recôncavo Norte e Inhambupe, influenciando diretamente na distribuição populacional e atividades econômicas. Feira de Santana se destaca como o município mais desenvolvido do território, com predominância de atividades econômicas nos setores de serviços, comércio, agropecuária e indústria.

As manifestações culturais, fortemente influenciadas pelo modo de vida sertanejo, desempenham um papel significativo na identidade local, destacando-se eventos como vaquejadas, Semana Santa e festas juninas, que também impulsionam a economia da região. Iniciativas culturais, como os Pontos de Cultura e projetos apoiados pelo Programa Cultura Viva e pelo Fundo de Cultura da Bahia, promovem a preservação e o fortalecimento das tradições locais.

O patrimônio histórico e cultural é valorizado, com diversos imóveis tombados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), especialmente em Feira de Santana. O Centro de Cultura Amélio Amorim, localizado na cidade, desempenha um papel central na promoção da cultura na região, recebendo diversos eventos e contribuindo para a vida cultural do território.

Figura 46 - Território de Identidade 20 (TI 20) Sudoeste Baiano



SecultBA (c2023)

A região do Território de Identidade do Sudoeste Baiano possui uma formação cultural intrinsecamente ligada ao seu contexto histórico e ao processo de ocupação. Desde os primórdios de sua formação, o território foi influenciado pela região norte de Minas Gerais, estabelecendo intensas relações comerciais com cidades como Montes Claros e Belo Horizonte. Essa interação deu origem a atividades comuns, especialmente na pecuária e mineração, que desempenharam um papel crucial na configuração social, econômica e espacial da região. A pecuária bovina, em particular, tornou-se um elemento significativo na identidade sociocultural, promovendo a integração regional. Destaca-se que o município de Vitória da Conquista, situado na região, é o terceiro mais populoso do estado da Bahia.

Figura 47 - Território de Identidade 21 (TI 21) Recôncavo



SecultBA (c2023)

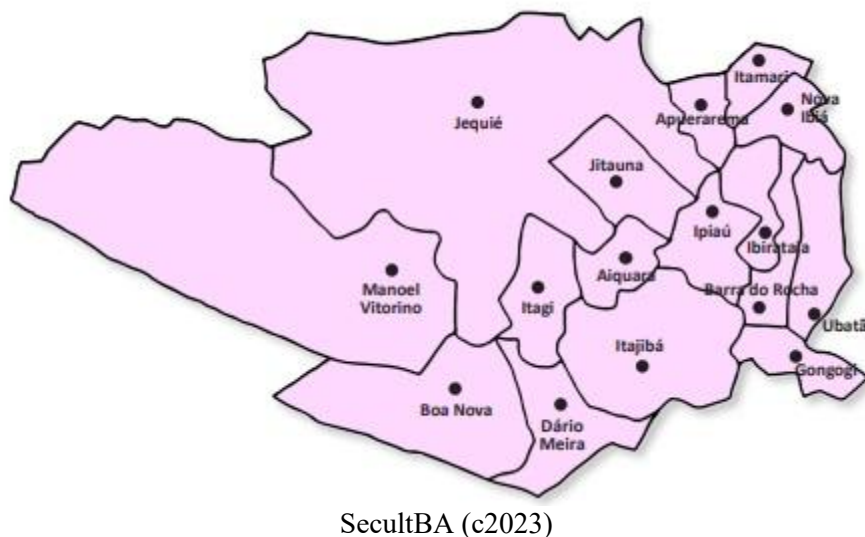
O Território de Identidade Recôncavo abrange vinte municípios. Caracteriza-se por uma forte representação histórico-cultural, com pequenas extensões territoriais e médio índice de urbanização, destacando-se na história pela intensa participação de seus habitantes nas lutas pela independência da Bahia contra o domínio português em 1823. O Recôncavo é reconhecido anualmente em 25 de junho, quando a sede do governo estadual é transferida temporariamente para o município de Cachoeira.

O patrimônio cultural da região é amplamente reconhecido como importante para a história do Estado e do Brasil, com diversos bens tombados pela União e pelo Estado. As cidades de Cachoeira e São Félix têm parte de seus perímetros urbanos reconhecidos como patrimônio, e há uma variedade de manifestações culturais imateriais registradas, especialmente relacionadas às tradições das matrizes africanas, como o Bembé do Mercado e o Carnaval de Maragogipe. O legado cultural dos negros escravizados fugidos é evidente nas mais de 45 comunidades quilombolas do território, a maioria delas certificada pela Fundação Cultural Palmares, com destaque para as comunidades em Cachoeira e Maragogipe.

Nesse contexto, de Oliva (2009) afirma que a forte presença étnica e cultural do Recôncavo se deve à chegada de milhares de homens e mulheres africanos, escravizados e trazidos de diversas regiões da África, cuja presença influenciou profundamente as crenças, valores e práticas culturais do território, especialmente a partir da implantação da economia açucareira e do funcionamento dos engenhos. Essa observação do autor reforça que o Recôncavo constitui um dos mais expressivos espaços de herança africana no Brasil, cujas tradições se mantêm vivas e atuantes na identidade da população regional.

O Recôncavo também conta com o Teatro Dona Canô, um importante equipamento cultural localizado em Santo Amaro, que oferece uma programação diversificada de eventos culturais e atrai um público significativo para a região. Situado nas proximidades da Baía de Todos os Santos e cortado pelo Rio Paraguaçu, o Recôncavo destaca-se por sua riqueza cultural e econômica. O turismo é uma atividade relevante na região devido ao seu patrimônio histórico significativo, às atividades religiosas de influência africana e às belas paisagens naturais. Essas características únicas contribuem para a identidade distintiva do Recôncavo e consolidam seu potencial como um destino turístico proeminente no estado da Bahia.

Figura 48 - Território de Identidade 1 (TI 22) Médio Rio de Contas



O Território de Identidade Médio Rio de Contas, formado no final do século XIX, compreende 16 municípios localizados entre o Centro Sul e o Sul Baiano. O primeiro município a ser criado foi Jequié, em 1897, cuja origem remonta ao período colonial, quando a Fazenda Borda da Mata foi dividida em lotes, um dos quais denominado Jequié e Barra de Jequié.

Jequié é o município proeminente do território, exercendo influência na dinâmica econômica e social dos demais, que compartilham características semelhantes, como a predominância do setor terciário na economia e níveis médios de urbanização. A cidade tornou-se o principal polo de desenvolvimento regional e centro de serviços e comércio.

Figura 49 - Território de Identidade 3 (TI 23) Bacia do Rio Corrente



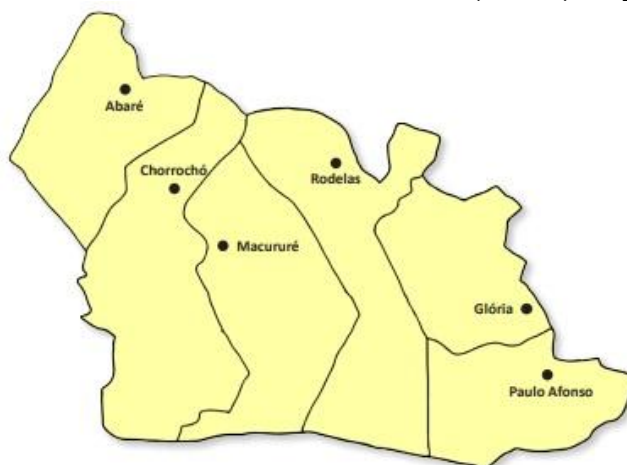
SecultBA (c2023)

O Território de Identidade da Bacia do Rio Corrente é composto por 11 municípios, sendo Correntina o de maior área, enquanto Canápolis apresenta a menor extensão territorial. Essa região encontra-se inserida no bioma do cerrado, caracterizado pela grande diversidade de vegetação, solo, clima e topografia heterogêneos. Os primeiros povoados surgiram nas áreas que hoje correspondem aos municípios de Correntina, Santa Maria da Vitória e Santana, locais que ainda preservam importante patrimônio histórico.

O crescente desenvolvimento econômico desses municípios vem evidenciando conflitos relacionados à demanda de água para irrigação e geração de energia elétrica. Somam-se a essas questões os processos de degradação ambiental que vêm se expandindo e exigindo ações públicas e privadas imediatas que permitam o controle e a mitigação desses impactos (Lage; Peixoto; Vieira, 2008).

Manifestações culturais como a Festa do Divino, reisados, festas juninas e chula são expressões marcantes da identidade cultural do território. Além disso, o território integra a rota turística Caminhos do Oeste, destacando-se pela beleza natural do vale do Rio Corrente, grutas, cachoeiras, gastronomia e artesanato que refletem a riqueza sociocultural do cerrado.

Figura 50 - Território de Identidade 1 (TI 24) Itaparica



SecultBA (c2023)

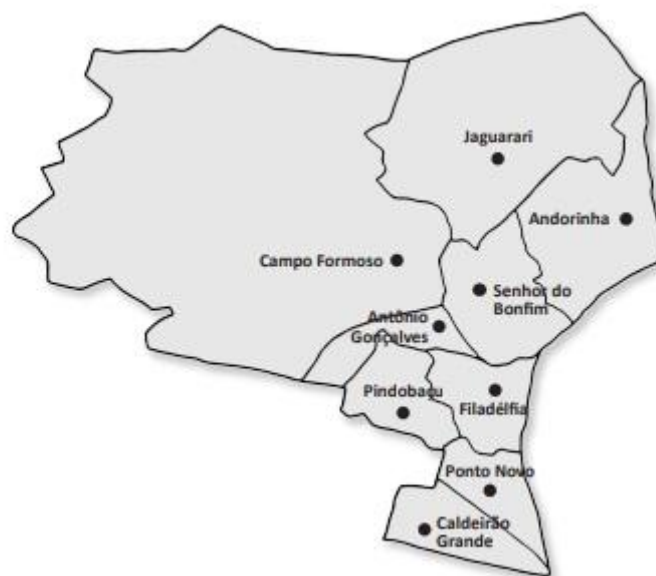
O Território de Identidade Itaparica, situado no Vale do Rio São Francisco da Bahia, abrange seis municípios. Faz fronteira com os territórios do Semiárido Nordeste II e Sertão do São Francisco, além dos estados de Pernambuco e Alagoas.

Sua origem remonta ao final do século XIX, sendo o primeiro município criado Glória, em 1886. A região é caracterizada pela presença do bioma caatinga, destacando-se pelo Rio São Francisco, lagos naturais e artificiais, e pela formação de canyons e cachoeiras, que contribuem para a geração de energia elétrica e o fornecimento de água para várias cidades do Nordeste brasileiro. Além do São Francisco, outros rios importantes incluem o Rio do Sal e o Macururé.

Os primeiros povoados surgiram em decorrência da pecuária às margens do Rio São Francisco, originando os primeiros municípios, como Glória e Chorrochó. A presença indígena na região é significativa, com sete diferentes povos distribuídos entre os municípios de Abaré, Glória, Rodelas e Paulo Afonso, incluindo os povos Tumbalalá, Xukuru-Kariri, Kantaruré, Pankararé, Truká, Tuxá e Atikúm.

Paulo Afonso destaca-se como o município mais populoso e um importante destino de ecoturismo na região, com atrativos como a Casa de Maria Bonita, o complexo hidrelétrico, os cânions do São Francisco e a reserva ecológica do Raso da Catarina. As demais municipalidades foram criadas entre as décadas de 1950 e 1960.

Figura 51 - Território de Identidade 25 (TI 25) Piemonte Norte do Itapicuru



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, situado no Centro Norte Baiano, abrange nove municípios. Todos os municípios do território estão localizados na Região Semiárida e são atravessados por duas importantes bacias hidrográficas: a do São Francisco, a oeste, e a do Itapicuru, a leste, destacando-se o rio Vereda da Tábua ou rio Salitre, além dos rios do Aipim, Itapicuru e Itapicuru-Açu.

A expansão na ocupação da região está intimamente ligado à busca por ouro e pedras preciosas nas proximidades do atual município de Jacobina, bem como à introdução da atividade de criação de gado no sertão baiano. O primeiro município do território a ser criado foi Senhor do Bonfim, em 1º de julho de 1797, anteriormente denominado Senhor do Bonfim de Tapera. Campo Formoso foi o segundo município criado, em 28 de julho de 1880, durante o período imperial, enquanto os demais foram estabelecidos ao longo do século XX.

A SecultBa apregoa que, no aspecto cultural, destacam-se manifestações tradicionais como a corrida de argolinha, as festas de reis e as bandas de pífano, além das festas juninas e elementos típicos da cultura sertaneja, como a culinária em torno do bode, as vaquejadas e o artesanato de fuxico. A região também se destaca pelo turismo espeleológico, com cavernas e grutas como a Toca da Boa Vista em Campo Formoso, além de possuir patrimônio arqueológico e 66 comunidades quilombolas, incluindo a cidade de Filadélfia.

Figura 52 - Território de Identidade 26 (TI 26) Metropolitano de Salvador



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Metropolitano de Salvador, historicamente constituído desde a chegada dos europeus às terras recém-descobertas ao sul do continente americano, destaca-se como uma área de passagem entre o litoral e o rio São Francisco. A formação inicial desse território remonta às dinâmicas das criações de gado, à presença dos jesuítas e aos conflitos com os holandeses, resultando na criação de vilas que deram origem aos municípios mais antigos, como São Francisco do Conde e Camaçari. Salvador, capital do Brasil até a década de 60 do século XVIII, constitui um centro cultural e histórico de referência.

Compreendendo uma área de 4.354 km², o Território Metropolitano de Salvador é composto por 10 municípios e corresponde a aproximadamente 0,8% do território estadual. Limita-se com os Territórios Litoral Norte e Agreste Baiano, Recôncavo e Baixo Sul.

Dotado de um vasto patrimônio artístico e cultural, o Território de Identidade Metropolitano de Salvador é reconhecido mundialmente por seu acervo arquitetônico e pelas manifestações culturais que ecoam em toda a região. Mais de 60 instituições compõem a rede de Pontos de Cultura, destacando-se a cidade de Salvador, que concentra mais de 70% desse número. A região também se destaca pela liderança em financiamento de projetos culturais.

Em termos de recursos naturais, o território apresenta uma diversidade única, incluindo o litoral de Mata de São João a São Francisco do Conde, ilhas como Maré, Frades e Bom Jesus dos Pobres, além das cidades Alta e Baixa de Salvador e os polos industriais de Camaçari, Simões Filho e Candeias.

No aspecto socioeconômico, observam-se disparidades entre os 13 municípios que compõem o Território Metropolitano de Salvador. Enquanto a metrópole formada por Salvador

e Lauro de Freitas apresenta melhores indicadores relacionados ao mercado de trabalho e à renda média, refletindo em um elevado índice de desenvolvimento humano, outros municípios apresentam realidades socioeconômicas diversas.

Figura 53 - Território de Identidade 27 (TI 27) Costa do Descobrimento



SecultBA (c2023)

O Território de Identidade Costa do Descobrimento, situado no litoral sul do estado da Bahia, foi criado em 2012, resultante do desmembramento do Território Extremo Sul. Abrangendo oito municípios e limita-se com os territórios Litoral Sul, Médio Sudoeste da Bahia e Extremo Sul, além de fazer fronteira com o estado de Minas Gerais.

A história da região remonta ao marco de chegada da Coroa Portuguesa em 22 de abril de 1500, oficialmente considerado o primeiro contato dos portugueses com o território brasileiro. A enseada larga e de águas profundas, posteriormente denominada Baía de Cabrália, no município de Santa Cruz Cabrália, foi o local escolhido para atracar a frota lusitana. Inicialmente, a capitania de Porto Seguro permaneceu pouco desenvolvida até meados do século XVIII, subsistindo principalmente da pesca, construção naval, exploração madeireira e agricultura. Contudo, atualmente, Porto Seguro destaca-se como um dos principais destinos turísticos do Brasil.

O território abriga doze aldeias indígenas distribuídas em diferentes municípios, incluindo Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Belmonte e Itapebi, representando uma história marcada por conflitos e resistências.

Entre as manifestações culturais presentes no Território da Costa do Descobrimento, destacam-se a corrida de mastro, de origem indígena e posteriormente

incorporada pelos jesuítas, e o Carnaval. O artesanato indígena, o reisado, os bailes pastoris, a puxada do mastro e os mandus são elementos culturais enraizados na região.

O Território de Identidade Costa do Descobrimento abriga um valioso conjunto histórico-arquitetônico, além de ecossistemas naturais deslumbrantes, como praias, falésias, manguezais, rios e remanescentes de mata atlântica. A região também conta com três parques nacionais - Descobrimento, Monte Pascoal e Pau-Brasil - e áreas de proteção ambiental e reservas indígenas, contribuindo para a preservação do patrimônio natural e cultural da área.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este trabalho caracterizou-se como um estudo de abordagem qualitativa e descritiva, voltado à análise dos sinais toponímicos dos municípios baianos em Libras, com ênfase na compreensão dos processos motivacionais envolvidos em sua criação. Conforme aponta Godoy (1995, p. 58), a abordagem qualitativa permite a obtenção de “dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos”, favorecendo uma leitura mais aprofundada dos fenômenos observados.

Por integrar a comunidade surda e circular por espaços diversos de uso da Libras, já possuía conhecimento prévio de vários sinais relacionados aos municípios baianos. Tais sinais circulam amplamente em contextos de domínio público, como instituições de ensino, associações de surdos, eventos e encontros regionais, compondo um repertório visual-linguístico partilhado por usuários da Libras em diferentes regiões do estado.

Durante o período da pandemia de COVID-19 (2020–2022), com restrições de deslocamento e atividades presenciais, as atividades de sistematização concentraram-se na observação e organização de sinais previamente conhecidos ou amplamente divulgados. Como parte do processo, foram considerados materiais disponíveis em canais de divulgação pública, como vídeos publicados em plataformas como o *YouTube*², além de publicações acadêmicas e dicionários especializados em Libras, como Honora e Frizanco (2020).

No campo da Língua Portuguesa, foram revisitadas e utilizadas como referência duas pesquisas fundamentais para a toponímia baiana, Ramos (2008) e Correia (2017). Essas obras forneceram a base inicial para identificação dos topônimos em português, assim como elementos de natureza etimológica, histórica e taxonômica.

Complementarmente, também foram consultadas fontes de referência como o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Cunha, 2013), a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (IBGE, 1958) e materiais cartográficos e históricos. Essas fontes subsidiaram a análise das motivações e origens dos nomes dos municípios baianos.

A metodologia, portanto, fundamentou-se em materiais bibliográficos e documentais, sem a realização de entrevistas, aplicação de questionários ou outras formas de interação com participantes humanos. Todos os dados analisados são públicos e acessíveis.

² São exemplos de canais e vídeos utilizados o *Sinalário de Libras da Chapada Diamantina* (IFBA – Campus Seabra) (disponível em: www.youtube.com/playlist?list=PLzXAtB7UT0PAq6GelMhrBUmGy6HDdst90. Acesso em 8 jul. 2025), um vídeo com sinais do Extremo Sul da Bahia (Alcobaça, Prado e Itanhém) (disponível em: www.youtube.com/watch?v=mx6K2L0BF0k. Acesso em 8 ago. 2025) e os registros de sinais da região da Bacia do Jacuípe (disponível em: www.youtube.com/watch?v=iSgKQobv_pI. Acesso em 8 jul. 2025).

5.1 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

Delimitou-se como *corpus* desta tese os nomes dos 417 municípios do estado da Bahia, identificados, inicialmente, a partir da observação de dois mapas físicos, que continham apenas a divisão político-administrativa vigente. Esses mapas serviram como base para o mapeamento preliminar das cidades, permitindo estabelecer o recorte territorial que orientou o estudo.

Para organizar os dados de forma alinhada à realidade sociocultural da Bahia, adotou-se a divisão em Territórios de Identidade, proposta pelo governo estadual no Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável (SEPLAN, 2007). Essa classificação permitiu agrupar os municípios em dois grupos: com sinal registrado em Libras e sem sinal. o processo de levantamento e registro dos dados, etapa em que foram documentados os sinais correspondentes aos nomes das localidades, verificou-se a ocorrência de sinais para 149 municípios distintos. Esses registros compuseram o *corpus* efetivo de análise desta pesquisa, sobre o qual se desenvolveram as classificações e análises toponímicas em Libras.

A seguir, apresenta-se um quadro que dispõe esses municípios por Território de Identidade, evidenciando a distribuição geográfica dos sinais e as regiões com maior ou menor presença de registros toponímicos em Libras:

Quadro 3 – Municípios baianos com e sem sinal registrado de sinais em Libras, organizados por Territórios de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	MUNICÍPIOS SEM SINAL	MUNICÍPIOS COM SINAL
01 – IRECÊ	América Dourada	Irecê
	Barrado Mendes	Xique-Xique
	Barro Alto	
	Cafarnaum	
	Canarana	
	Central	
	Gentio do Ouro	
	Ibipeba	
	Ibititá	
	Ipupiara	
	Itaguaçu da Bahia	
	João Dourado	
	Jussara	
	Lapão	
	Mulungu do Morro	
	Presidente Dutra	
	Uibaí	
	São Gabriel	
02-VELHO CHICO	Barra	Bom Jesus da Lapa

	Brotas de Macaúbas	
	Caririnha	
	Feira da Mata	
	Ibotirama	
	Igaporã	
	Malhada	
	Matina	
	Morpará	
	Muquém do São Francisco	
	Oliveira dos Brejinhos	
	Paratinga	
	Riacho de Santana	
	Serra do Ramalho	
	Sítio do Mato	
03- CHAPADA DIAMANTINA	Abaíra	Boninal
	Andaraí	Bonito
	Barra da Estiva	Lençóis
	Ibicoara	Morro do Chapéu
	Ibitiara	Palmeiras
	Iramaia	Piatã
	Iraquara	Seabra
	Itaetê	
	Jussiapé	
	Marcionílio Souza	
	Mucugê	
	Nova Redenção	
	Novo Horizonte	
	Rio de Contas	
	Souto Soares	
	Utinga	
	Wagner	
04-SISAL	Itiúba	Araci
	Lamarão	Barrocas
	Monte Santo	Biringa
	Nordestina	Candeal
	Quijingue	Cansanção
	Retirolândia	Conceição do Coité
	São Domingos	Ichu
		Queimadas
		Santa Luz
		Serrinha
		Teofilândia
		Tucano
		Valente
05-LITORAL SUL	Arataca	Almadina
	Buerarema	Aurelino Leal
	Coaraci	Barro Preto
	Itajuípe	Camacan
	Itapé	Canavieiras
	Itapitanga	Floresta Azul

	Jussari	Ibicaraí
	Maraú	Ilhéus
	Mascote	Itabuna
	Santa Luzia	Itacaré
	Una	Itaju do Colônia
		Pau-Brasil
		São José da Vitória
		Ubaitaba
		Uruçuca
06-BAIXO SUL	Aratuípe	Valença
	Cairu	
	Camamu	
	Gandu	
	Ibirapitanga	
	Igrapiúna	
	Ituberá	
	Jaguaripe	
	Nilo Peçanha	
	Piraído Norte	
	Presidente Tancre do Neves	
	Taperoá	
	Teolândia	
	Wenceslau Guimarães	
07- EXTREMO SUL	Ibirapoã	Alcobaça
	Jucuruçu	Caravelas
	Lajedão	Itamaraju
	Vereda	Itanhém
		Medeiros Neto
		Mucuri
		Nova Viçosa
		Prado
		Teixeira de Freitas
08-MÉDIO SUDOESTE DA BAHIA	Caatiba	Itapetinga
	Firmino Alves	
	Ibicuí	
	Iguaí	
	Itambé	
	Itarantim	
	Itororó	
	Macarani	
	Maiquinique	
	Nova Canaã	
	Potiraguá	
	Santa Cruzda Vitória	
09- VALE DO JUQUIRICA	Brejões	Amargosa
	Cravolândia	Jaguaquara
	Elísio Medrado	Jiquiriçá
	Irajuba	Laje

	Itaquara	Milagres
	Itiruçu	Mutuípe
	Lafayette Coutinho	Ubaíra
	Lajedo do Tabocal	
	Maracás	
	Nova Itarana	
	Planaltino	
	Santa Inês	
	São Miguel das Matas	
10-SERTÃO DO SÃO FRANCISCO	Campo Alegre de Lourdes	Juazeiro
	Pilão Arcado	Canudos
	Remanso	Curaçá
	Sento Sé	Uauá
		Sobradinho
		Casa Nova
11-BACIA DO RIO GRANDE	Baianópolis	Angical
	Buritirama	Barreiras
	Mansidão	Catolândia
		Cotegipe
		Cristópolis
		Formosa do Rio Preto
		Luís Eduardo Magalhães
		Riachão Das Neves
		Santa Rita De Cássia
		São Desiderio
		Wanderley
12-BACIA DO PARAMIRIM	Botuporã	Boquira
	Caturama	
	Érico Cardoso	
	Ibipitanga	
	Macaúbas	
	Paramirim	
	Rio do Pires	
13-SERTÃO PRODUTIVO	Caculé	Brumado
	Candiba	Caetité
	Conten das do Sincorá	
	Dom Basílio	
	Guanambi	
	Ibiassucê	
	Ituaçu	
	Iuiu	
	Lagoa Real	
	Livramento de Nossa Senhora	
	Malhada de Pedras	

	Palmas de Monte Alto	
	Pindaí	
	Rio do Antônio	
	Sebastião Laranjeiras	
	Tanhaçu	
	Tanque Novo	
	Urandi	
14-PIEMONTE DO PARAGUAÇU	Boa Vista do Tupim	Iaçu
	Ibiquera	Itaberaba
	Lajedinho	Itatim
	Macajuba	Rafael Jambeiro
	Mundo Novo	
	Piritiba	
	Ruy Barbosa	
	Santa Terezinha	
	Tapiramutá	
15-BACIA DO JACUÍPE	Baixa Grande	Capim Grosso
	Capelado Alto Alegre	Gavião
	Mairi	Ipirá
	Nova Fátima	Riachão do Jacuípe
	Pé de Serra	Serra Preta
	Pintadas	
	Quixabeira	
	São José do Jacuípe	
	Várzea da Roça	
	Várzea do Poço	
16-PIEMONTE DA DIAMANTINA	Caém	Jacobina
	Miguel Calmon	Serrolândia
	Mirangaba	
	Ourolândia	
	Saúde	
	Umburanas	
	Várzea Nova	
17-SEMIÁRIDO NORDESTE II	Adustina	Ribeira do Pombal
	Antas	
	Banzaê	
	Cícero Dantas	
	Cipó	
	Coronel João Sá	
	Euclides da Cunha	
	Fátima	
	Heliópolis	
	Jeremoabo	
	Nova Soure	
	Novo Triunfo	
	Paripiranga	
	Pedro Alexandre	
	Ribeira do Amparo	
	Santa Brígida	

	Sítio do Quinto	
18-LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO	Acajutiba	Alagoinhas
	Aporá	Araçás
	Conde	Aramari
	Crisópolis	Cardeal da Silva
	Itanagra	Catú
	Itapicuru	Entre Rios
	Jandaíra	Esplanada
	Ouriçangas	Inhambupe
	Pedraão	Olindina
	Sátiro Dias	Rio Real
19-PORTAL DO SERTÃO	Água Fria	Amélia Rodrigues
	Santanópolis	Anguera
	Teodoro Sampaio	Antônio Cardoso
		Ipecaetá
		Conceição da Feira
		Conceição do Jacuípe
		Coração de Maria
		Feira de Santana
		Irará
		Santa Bárbara
		Santo Estêvão
		São Gonçalo dos Campos
		Tanquinho
		Terra Nova
20-SUDOESTE BAIANO	Aracatu	Anagé
	Bom Jesus da Serra	Barra do Choça
	Caetanos	Belo Campo
	Cândido Sales	Poções
	Caraíbas	Vitoria da Conquista
	Condeúba	
	Cordeiros	
	Encruzilhada	
	Guajeru	
	Jacaraci	
	Licínio de Almeida	
	Maetinga	
	Mirante	
	Mortugaba	
	Planalto	
	Presidente Jânio Quadros	
	Piripá	
	Tremedal	
	Ribeirão do Largo	
21-RECÔNCAVO	Conceição do Almeida	Cabaceiras do Paraguaçu
	Dom Macedo Costa	Cachoeira
	Muniz Ferreira	Castro Alves

	Salinas da Margarida	Cruz das Almas
	Sapeaçu	Santo Amaro
	Saubara	Santo Antônio de Jesus
	Varzedo	São Félix
		Governador Mangabeira
		Muritiba
		Maragogipe
		Nazaré
22-MÉDIO RIO DE CONTAS	Aiquara	Ipiaú
	Apuarema	Jequié
	Barrado Rocha	
	Boa Nova	
	Dário Meira	
	Gongogi	
	Ibirataia	
	Itagi	
	Itagibá	
	Itamari	
	Jitaúna	
	Manoel Vitorino	
	Nova Ibiá	
	Ubatã	
23-BACIA DO RIO CORRENTE	Brejolandia	Cocos
	Canápolis	
	Coribe	
	Correntina	
	Jaborandi	
	Santa Maria da Vitória	
	Santana	
	São Felix Do Coribe	
	Serra Dourada	
	Tabocas do Brejo Velho	
24-ITAPARICA	Abaré	Paulo Afonso
	Chorrochó	
	Glória	
	Macururé	
	Rodelas	
25-PIEMONTE NORTE DO ITAPICURU	Caldeirão Grande	Andorinha
		Antônio Gonçalves
		Campo Formoso
		Filadélfia
		Jaguarari
		Pindobaçu
		Ponto Novo
		Senhor do Bonfim
	Candeias	Camaçari
	Dias D'Ávila	Itaparica

26-METROPOLITANO DE SALVADOR	São Sebastião do Passé	Lauro de Freitas
	Simões Filho	Madre de Deus
	Vera Cruz	Mata de São João
	Pojuca	Salvador
		São Francisco do Conde
27-COSTA DO DESCOBRIMENTO	Belmonte	Eunápolis
	Guaratinga	Porto Seguro
	Itabela	
	Itagimirim	
	Itapebi	
	Santa Cruz Cabralia	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para assegurar a atualização das informações, os dados foram confrontados com fontes oficiais disponíveis nos *sites* da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT-BA) e da Secretaria de Desenvolvimento Rural, além da validação complementar realizada por meio da ferramenta *Google Maps*.

Para sistematizar os dados levantados e possibilitar uma análise organizada dos sinais toponímicos em Libras, adotou-se o uso de fichas lexicográfico-toponímicas bilíngues, adaptadas para registrar informações tanto em língua portuguesa quanto em Libras. Essas fichas permitiram reunir dados relacionados à origem, à intencionalidade, à motivação e aos aspectos histórico-sociais e culturais que, frequentemente, fundamentam o surgimento dos topônimos em ambas as línguas. A elaboração desse instrumento baseou-se no modelo proposto por Dick (1992), amplamente reconhecido nos estudos toponímicos e, posteriormente, adaptado no âmbito do projeto *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras*, desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana sob coordenação de Barreiros (UEFS/CONSEPE, 2018).

Ao longo da análise, o uso das fichas demonstrou-se fundamental tanto como ferramenta de registro quanto como recurso metodológico, permitindo identificar padrões, variações e motivações presentes nas nomeações dos municípios baianos em Libras. A natureza bilíngue do material exigiu, em alguns casos, ajustes na estrutura da ficha original, de modo a contemplar as especificidades da língua de sinais, especialmente no que diz respeito à visualidade, à iconicidade e às estratégias de criação toponímica. A seguir, apresenta-se o modelo da ficha lexicográfico-toponímica adotado nesta tese:

Quadro 4– Modelo de ficha lexicográfica – toponímica

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO:
TERMO GENÉRICO:	TOPÔNIMO EM LP:	
TIPO DE ACIDENTE:	LOCALIZAÇÃO:	
IMAGENS:		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	CONTEXTO DO SINAL:	
FONTES:		

Fonte: Projeto de pesquisa *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (UEFS-CONSEPE 044/2018).

Os elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica adotada nesta tese são descritos a seguir, acompanhados das adaptações e critérios utilizados para o preenchimento no contexto deste estudo:

TERMO GENÉRICO – indica o que é nomeado. Exemplos comuns incluem Igreja, Praça, Rua, Avenida, Rio, Bairro, entre outros. Neste trabalho, contudo, o termo genérico adotado em todas as fichas refere-se especificamente aos municípios baianos.

TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA – corresponde ao nome próprio que designa o município analisado nas línguas orais.

TIPO DE ACIDENTE – indica se o topônimo se refere a um acidente humano (como cidades e bairros) ou acidente físico (como rios ou serras).

LOCALIZAÇÃO – refere-se ao posicionamento do município dentro do estado. Para esta pesquisa, foi indicada a localização com base no Território de Identidade ao qual o município pertence, conforme a divisão oficial proposta pelo governo do estado da Bahia. TI 01 – Irecê; TI 02 – Velho Chico; TI 03 – Chapada Diamantina; TI 04 – Sisal; TI 05 – Litoral Sul; TI 06 – Baixo Sul; TI 07 – Extremo Sul; TI 08 – Médio Sudoeste; TI 09 – Vale do Jiquiriçá; TI 10 – Sertão do São Francisco; TI 11 – Bacia do Rio Grande; TI 12 – Bacia do Paramirim; TI 13 – Sertão Produtivo; TI 14 – Piemonte do Paraguaçu; TI 15 – Bacia do Jacuípe; TI 16 – Piemonte

da Diamantina; TI 17 – Semiárido Nordeste II; TI 18 – Litoral Norte e Agreste Baiano; TI 19 – Portal do Sertão; TI 20 – Vitória da Conquista; TI 21 – Recôncavo; TI 22 – Médio Rio de Contas; TI 23 – Bacia do Rio Corrente; TI 24 – Itaparica; TI 25 – Piemonte Norte do Itapicuru; TI 26 – Metropolitano de Salvador; TI 27 – Costa do Descobrimento. Além de indicar o Território de Identidade ao qual cada município pertence, foi inserido também o link de acesso ao *Google Earth* que permite ter um panorama geográfico da localidade.

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA – refere-se à classificação motivacional do nome, conforme as categorias apresentadas nos estudos toponímicos. Para esta tese, foram considerados e verificadas as classificações utilizadas por Ramos (2008) e Correia (2017).

ORIGEM – indica a procedência linguística do topônimo, podendo ser classificado como de origem portuguesa, africana, indígena, híbrida, estrangeira, ou identificado como n/e (não encontrado), quando não for possível determinar a origem com base nas fontes consultadas.

HISTÓRICO – apresentam-se as mudanças do topônimo em línguas orais, quando ocorrem, utilizando sinais gráficos. ~ toponímia paralela < evolução do nome.

IMAGEM – Para a composição do material ilustrativo desta pesquisa, foram utilizadas fotografias antigas dos municípios, obtidas no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como imagens atuais via *Google*, devidamente identificadas com autor e data. Além disso, incluiu-se um mapa de cada município.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS – Esse campo foi adaptado, em consenso com o grupo de pesquisa, deixando de se chamar “informações enciclopédicas”, passando a ser denominado “informações adicionais”, uma vez que o termo “enciclopédico” remete a práticas hoje ultrapassadas. Essa seção reúne dados históricos, culturais e identitários relacionados ao município e ao topônimo, oriundos de fontes diversas, como *sites* oficiais, registros digitais, bases públicas e materiais institucionais. Nesta pesquisa, respeitou-se, principalmente, os estudos realizados por Ramos (2008) e Correia (2017). Para maiores informações, encontra-se o *link* do IBGE com histórico e mais imagens dos municípios estudados.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Este item da ficha marca a divisão da análise bilíngue, indicando que, inicialmente, o topônimo é examinado em língua portuguesa e, em seguida, é realizada a análise correspondente em língua de sinais. Essa organização orienta a leitura da ficha e evidencia a transição entre as duas modalidades linguísticas.

SINAL EM LIBRAS – corresponde ao QR Code que direciona para o vídeo contendo a realização do sinal toponímico em Libras. Os vídeos estão disponibilizados na plataforma YouTube, por meio do canal *Libras Bahia*, criado exclusivamente para o armazenamento e a organização dos registros visuais utilizados nesta tese.

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS – refere-se à classificação motivacional do sinal em Libras, baseada nas causas que influenciam sua nomeação. Adota-se como referência a taxonomia proposta por Dick (1992) e seus precursores. Quando o sinal apresenta mais de um constituinte semântico, é descrita a estrutura semântica do topônimo, utilizando-se a fórmula $T1 < T2...Tn >$, conforme proposto por Santiago (2021). Nos casos em que há dupla motivação, essa descrição da estrutura semântica é incluída junto à classificação. Quando o sinal é encontrado, mas sua motivação não pôde ser determinada, utiliza-se a marcação n/c (não classificado).

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO – descreve a composição do sinal em Libras, podendo ser classificado como simples, composto, híbrido, ou ainda como simples-híbrido ou composto-híbrido, conforme a proposta teórica de Sousa (2019).

Quadro 5 – Estrutura morfológica do sinal em Libras

CATEGORIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
Simple	Formado por um único sinal, sem influência da língua oral
Simple-híbrido	Formado por um sinal que possui elemento da língua oral EX: (alfabeto manual)
Composto	Sinal formado pela junção de dois ou mais sinais em Libras.
Composto-híbrido	Combina sinais com elementos da língua oral.

Fonte: elaborado pela autora

CONTEXTO DO SINAL - descreve os aspectos motivacionais que deram origem ao sinal. Neste trabalho, para a descrição das Configurações de Mão (CM) de topônimos híbridos, adotou-se a tabela de CM apresentado pelo INES, conforme citada no Quadro 1 (p. 39) desta

tese. As CMs são registradas em maiúsculo quando se referem diretamente ao sinal, o que permite evidenciar visualmente a forma da mão utilizada. O uso desse parâmetro visa reforçar que, embora haja sinais motivados por empréstimos da Língua Portuguesa, tais configurações fazem parte de um sistema quirológico mais amplo, integrante da estrutura fonológica da Libras, e não se reduzem a simples representações do português escrito. Quando o sinal é encontrado, mas sua motivação não pôde ser encontrada, utiliza-se a marcação n/e (não encontrada).

FONTES – especifica as referências utilizadas para o preenchimento da ficha, incluindo trabalhos acadêmicos, *sites* institucionais, bancos de dados públicos (como *Google* e IBGE) e materiais anteriormente organizados em fichas já existentes.

Para a classificação dos topônimos dos municípios da Bahia, neste estudo, a abordagem teórico-metodológica adotada fundamenta-se nos modelos taxionômicos inicialmente delineados por Dick (1990, 1992) e posteriormente enriquecidos e expandidos por Isquerdo (1996), Lima (1997), Francisquini (1998) e Carvalho (2014). Essa base teórica servirá como alicerce para registro dos topônimos em línguas e análise das informações em Libras, respeitando-se as peculiaridades das línguas envolvidas.

Dick (1990, 1992) propõe um sistema taxionômico que agrupa os topônimos segundo a motivação semântica que lhes deu origem, abrangendo duas grandes naturezas: física e antropocultural.

1. Natureza Física – Abrange topônimos relacionados a elementos do espaço natural e suas características:

- Astrotopônimos – Relativos a corpos celestes: *Cruzeiro do Sul* (BA).
- Cardinotopônimos – Referentes a posições geográficas: *Divisa* (BA).
- Cromotopônimos – Ligados a cores: *Ribeira Azul* (BA).
- Dimensiotopônimos – Associados a medidas, dimensões ou proporções: *Riacho Fundo* (BA).
- Fitotopônimos – Referentes à vegetação: *Buritirama*, *Xique-Xique*, *Juazeiro* (BA).
- Geomorfotopônimos – Relacionados a formas do relevo: *Morro do Chapéu*, *Monte Gordo*, *Serra Preta* (BA).
- Hidrotopônimos – Ligados a elementos aquáticos: *Paraguaçu*, *Cachoeira*, *Riachão do Jacuípe* (BA).
- Litotopônimos – Referentes a formações minerais ou rochosas: *Itaberaba*, *Itabuna*, *Lajedinho* (BA).

- Meteorotopônimos – Evocam fenômenos atmosféricos: *Sereno* (BA).
- Morfotopônimos – Relativos a formas geométricas: *Lagoa Redonda* (BA).
- Zootopônimos – Contêm nomes de animais: *Jaguaquara, Boipeba, Onça* (BA).

2. Natureza Antropocultural – Engloba topônimos vinculados a aspectos sociais, históricos, culturais e simbólicos:

- Animotopônimos ou Nootopônimos – Relativos a estados ou sentimentos humanos: *Paixão* (BA).
- Antropotopônimos – Nomes próprios de pessoas: *Cabrália* (BA), *João Branco* (BA).
- Axiotopônimos – Relativos a títulos ou dignidades: *Barão de Cotegipe, Duque de Caxias* (BA).
- Corotopônimos – Referentes a outros lugares: *Nova Brasília* (BA).
- Cronotopônimos – Marcam tempos ou eras: *Nova Redenção* (BA).
- Dirrematopônimos – Expressões populares cristalizadas: *Molha Pelego* (BA).
- Ecotopônimos – Relativos a habitações: *Ranchinho* (BA).
- Ergotopônimos – Elementos da cultura material: *Balsas* (BA), *Gancho* (BA).
- Etnotopônimos – Referentes a grupos étnicos: *Aldeia Velha* (BA).
- Hierotopônimos – Nomes de cunho religioso: *Conceição do Coité, Bom Jesus da Lapa, São Miguel das Matas* (BA).
- Historiotopônimos – Evocam fatos e personagens históricos: *Sete de Setembro* (BA).
- Hodotopônimos – Relacionados a caminhos: *Ponte Queimada* (BA).
- Numerotopônimos – Referentes a números: *Dois Irmãos* (BA).
- Poliotopônimos – Designam aglomerados populacionais: *Aldeia* (BA).
- Sociotopônimos – Referem-se a atividades sociais ou locais de reunião: *Praça da Matriz* (BA).
- Somatotopônimos – Partes do corpo humano ou animal, em sentido metafórico: *Fazenda Olhos Água* (BA).

3. Ampliações Pós-Dick – Com o avanço das pesquisas, novos modelos taxionômicos foram propostos:

- Isquierdo (1996) – Dividiu os animotopônimos em *eufóricos* (sensações positivas) e *disfóricos* (sensações negativas).
- Lima (1997) – Subdividiu os hagiopônimos em *autênticos* (inspiração religiosa) e *aparentes* (motivação política).

- Francisquini (1998) – Acrescentou:
 - Acronimotopônimos: nomes formados por siglas (Bairro CASEB – BA).
 - Estamatotopônimos: alusivos aos sentidos (Água Fria – BA).
 - Grafematopônimos: uso de letras do alfabeto (– BA).
 - Higietopônimos: ligados à saúde ou higiene (Saúde – BA).
 - Necrotopônimos: associados à morte (Rio Caveira – SC).
- Carvalho (2010, p. 149) apresenta a taxonomia dos Igneotopônimos, definida por unidades lexicais relacionadas ao fogo e aos elementos gerados por sua ação direta.
- Carvalho (2014) – Criou a categoria Mariotopônimos, para topônimos dedicados à Virgem Maria. (Conceição da Feira-BA)

Essa estrutura taxionômica, aliada à ampliação proposta por outros pesquisadores, permite uma análise mais refinada dos topônimos, respeitando a diversidade cultural e linguística da Bahia e possibilitando a descrição detalhada de suas motivações, tanto no português quanto na Libras.

No campo dos estudos toponímicos aplicados à Língua de Sinais, alguns autores têm sugerido categorias específicas para contemplar motivações que não se manifestam nas línguas orais ou que nelas ocorrem de modo distinto. Entre essas propostas, destaca-se a de Souza Júnior (2012), que introduziu a *taxe grafotopônimo* com o propósito de classificar sinais toponímicos formados a partir de configurações de mão que correspondem às letras do nome em Língua Portuguesa. Embora Francisquini (1998) tenha proposto categorias com finalidades semelhantes, a exemplo de *grafematopônimo* e *acronimotopônimo*, nesta pesquisa adota-se a classificação de Souza Júnior (2012), por ter sido elaborada especificamente para a Libras e, portanto, mais adequada à análise dos sinais toponímicos. Dessa forma, valoriza-se a abordagem voltada à Língua de Sinais, reconhecendo sua autonomia e especificidade no campo dos estudos toponímicos.

Já Marins (2024) propôs a criação da *taxe mimetopônimo*, destinada a classificar sinais cuja motivação decorre da representação icônica de elementos visuais associados ao lugar nomeado e reproduzidos no espaço de sinalização. Nessa perspectiva, a autora destaca como casos mais recorrentes a utilização de logomarcas especialmente de times esportivos, eventos e empresas como base para a criação do sinal toponímico, dada sua forte associação identitária e reconhecimento imediato na comunidade surda. Essa categoria revela-se particularmente pertinente para este trabalho, pois abrange um conjunto expressivo de sinais em Libras cuja motivação não se relaciona à Língua Portuguesa nem a aspectos linguísticos, mas à mimese visual de símbolos amplamente reconhecidos.

6. AS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS DOS MUNICÍPIOS BAIANOS EM LÍNGUAS ORAIS E EM LIBRAS

Quadro 6 – Ficha lexicográfica – toponímica do município de Irecê

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 1
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Irecê
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 01 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Êtimo: y ‘água, rio’ + resé ‘sob’; donde: ‘água ou rio subterrâneo’.	
HISTÓRICO: Irecê < Caraíba	

IMAGENS:



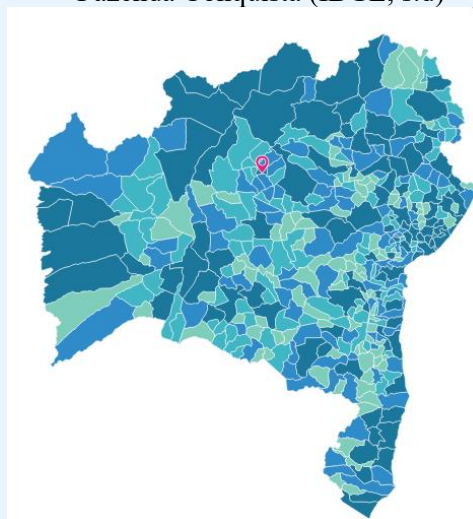
Rua Aristides Rodrigues Moitinho (IBGE, s.d)



Fazenda Conquista (IBGE, s.d)



Google Maps (Alves, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Irecê, de origem tupi, foi atribuído por Teodoro Sampaio em substituição ao nome anterior Caraíbas. O termo significa “pela água”, “à tona d’água” ou “à mercê da corrente”, e sua escolha está relacionada à descoberta de água subterrânea na região, elemento fundamental para a fixação da população e o desenvolvimento do povoado. A denominação evidencia a importância da água para a comunidade local (Correia, 2017).

Para informações adicionais, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Irecê](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Fitotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal tem como aspecto motivacional o feijão, uma vez que Irecê, localizada na região da Chapada Diamantina, historicamente se destacou como a maior produtora dessa leguminosa no estado. Essa fama consolidada influenciou a comunidade surda na escolha do sinal para o município. Contudo, dados do IBGE apontam que a área cultivada de feijão na região diminuiu significativamente nos últimos anos, embora o vínculo simbólico com essa produção ainda permaneça.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 jul. 2025

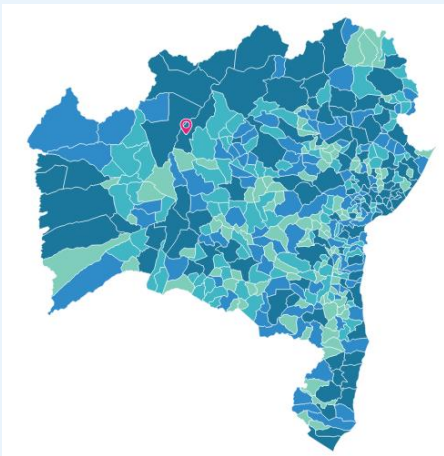
IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

IRECÊ (BA). Prefeitura. 2015. Disponível em: <http://irece.ba.gov.br/principal/historia>. Acesso em: ago. 2015.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 7 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Xique-Xique

FICHA LEXICOGRAFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO: 2
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Xique-Xique	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: T01 Google Earth	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo		
ORIGEM: Indígena. De acordo com Theodoro Sampaio e Antenor Nascentes, é de origem onomatopaica tapuia, ‘chocalho’, o mesmo que ganzá (HOUAISS, 2001).		
HISTÓRICO: Senhor do Bonfim de Xique-Xique (1700) > Xique-xique (1928) > Xiquexique (2002).		
IMAGENS:		
		
Igreja Matriz do Senhor do Bonfim e Prefeitura Municipal		Praça Dom Máximo1949 (IBGE, 2024)
		
Google Maps (2021)		(IBGE, 2022)
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Xique-Xique tem origem na grande quantidade de cactos da espécie <i>Pilosocereus gounellei</i> , popularmente conhecidos como xiquexique, encontrados na região da ilha do Miradouro, às margens do rio São Francisco. Essa característica marcante da paisagem local motivou a denominação do povoado que se formou na segunda metade do século XVI. O nome, portanto, faz referência direta a um elemento natural típico do semiárido baiano, cuja presença abundante marcou a identidade do local (Correia, 2017). É importante destacar que, segundo Ramos (2008), em 2002 a Câmara Municipal aprovou a alteração da grafia para Xiquexique, sem o uso do hífen. No entanto, essa forma ainda não foi adotada oficialmente nos registros do IBGE nem nas páginas institucionais da Prefeitura. Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Xique-Xique História & Fotos		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS		
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo		



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL:

O aspecto motivacional do sinal está relacionado à letra “X”, presente no léxico composto Xique-Xique em Língua Portuguesa. No entanto, sua representação em Libras ocorre por meio de uma motivação visual, baseada na grafia do nome da localidade na língua oral

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 jul. 2025

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

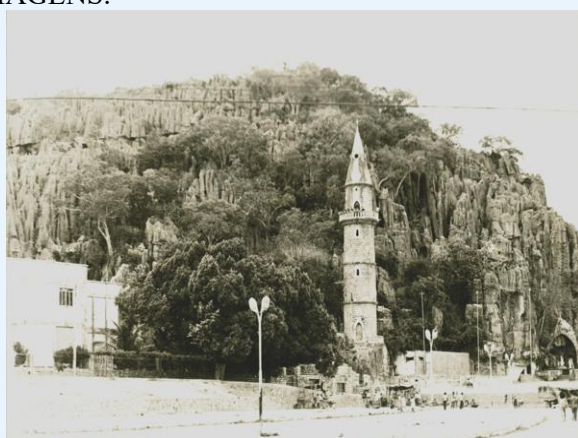
RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 8 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Bom Jesus da Lapa

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 3
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Bom Jesus da Lapa
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 02 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hierotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. BOM, do lat. <i>bōnus</i> -a, ‘benévolo, benigno’ (CUNHA, 2013, p. 96); JESUS, do hebr. <i>Ieshu</i> , forma contraída de <i>Ieshua</i> ‘Javé é salvação’ (GUÉRIOS, 1981); LAPA, do lat. lus. <i>lapa</i> , der. do pré-céltico <i>lappa</i> ‘pedra’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Bom Jesus da Lapa < Lapa < Bom Jesus da Lapa < Bom Jesus	

IMAGENS:



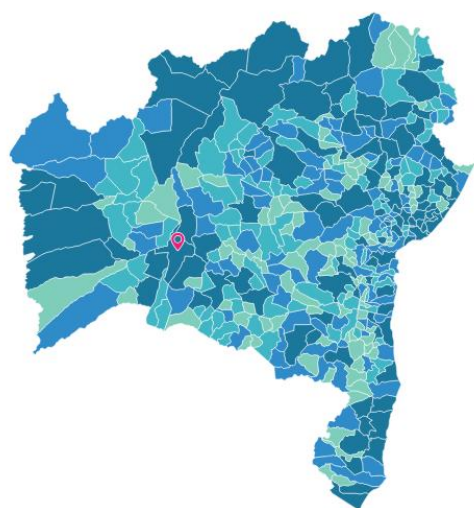
Santuário do Bom Jesus da Lapa:
Bom Jesus da Lapa, [19--]



Mercado municipal:
Bom Jesus da Lapa, [19--] (IBGE, 2024)



Google Maps (Costa, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Bom Jesus da Lapa tem origem na devoção religiosa cristã, motivada pela presença de uma imagem do Senhor Bom Jesus levada ao local pelo português Francisco Mendonça Mar. Por volta de 1681, ele atravessou o sertão baiano conduzindo a imagem até encontrar uma gruta próxima ao rio São Francisco, onde se estabeleceu em reclusão. O local passou a atrair visitantes e fiéis, que associaram a gruta ao eremita e à figura sagrada do Bom Jesus, consolidando-se como importante centro de peregrinação religiosa. Assim, a denominação do município reflete a forte

influência da fé cristã na formação do povoado e na identidade regional (Correia, 2017). Para informações adicionais, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Bom Jesus da Lapa | História & Fotos](https://cidades.ibge.gov.br/Bahia/Bom-Jesus-da-Lapa)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Litotopônimo <<Grafo+Lito>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples- Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal que representa Bom Jesus da Lapa apresenta dupla motivação. A primeira está relacionada à configuração de mão com a letra “L” (CM 24) em referência à inicial do topônimo em língua portuguesa, seguindo o processo de empréstimo linguístico por inicialização. A segunda motivação é de natureza cultural, associada ao sinal de “pedra” em Libras, utilizando o mesmo ponto de articulação e movimento.

Essa escolha está diretamente ligada à identidade da cidade, conhecida por seu santuário religioso construído em morros de pedra, com grutas e capelas que atraem romeiros e visitantes. O sinal articula, assim, tanto um elemento gráfico quanto um aspecto geográfico e cultural marcante, cuja motivação se sustenta na visualidade característica da paisagem e da prática religiosa local.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 jul. 2025

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 9 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Boninal

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 4
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Boninal
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo

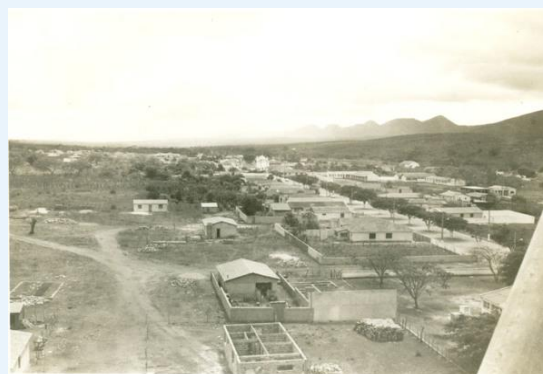
ORIGEM: (origem da palavra boninal). Bonina + al. Portuguesa

HISTÓRICO: Freve> Sumidouro (1911) > Guarani (1915) > Palmares> (1823) Boninal (1940)

IMAGENS:



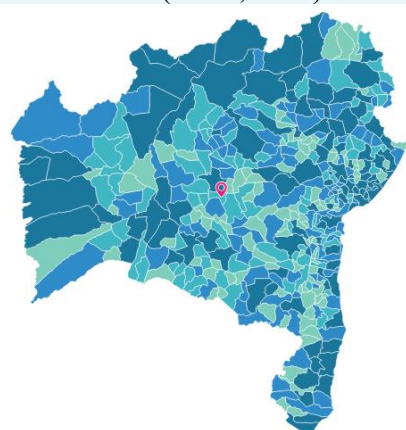
Boninal-BA 1983 (IBGE,2024)



Boninal-BA 1983(IBGE, 2024)



Google Maps (Cadore, 2024)..... (IBGE, 2022)



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Boninal tem origem na presença abundante de boninas, espécie de flor silvestre característica da região, conforme registros de Ramos (2008). Essa marca da paisagem natural motivou a adoção do nome atual do município, consolidado na década de 1940. A denominação reflete a valorização dos elementos da flora local, integrando aspectos naturais à identidade toponímica da comunidade (Correia, 2017). Para informações adicionais, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Boninal | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade por meio de um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra B (CM 03) como aspecto motivacional, em referência à primeira letra do topônimo em língua portuguesa. A construção do sinal se baseia na estrutura do sinal de “município” em Libras, o que contribui para sua compreensão dentro de um padrão já reconhecido pela comunidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímiada Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

DICIO: Disponível em: <https://www.dicio.com.br/boninal/> Acesso em 08 de jul. 2024.

IBGE: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/boninal/panorama> Acesso em 08 de jul. 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 10 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Bonito

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 5
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Bonito
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: Étimo: bonito < esp. bonito [< bueno, ‘bom’ + -ito, ‘suf. dim.’; donde: ‘bonzinho’].	
HISTÓRICO: Larga Bonita (f. s. XX) > Bonito (1940).	

IMAGENS:



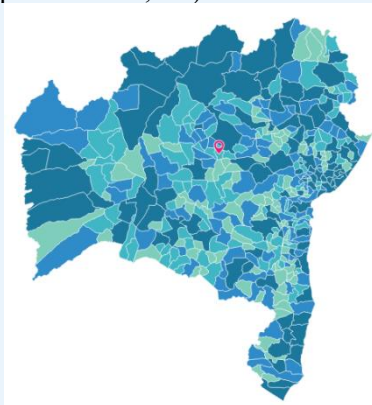
(Carvalho, 2023)



(Cidade Empreendedora, s.d)



Hora do Saber (2025)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Bonito tem origem na paisagem natural da região, especialmente na beleza das águas do rio que a atravessa. Segundo Ramos (2008), por volta de 1890, tropeiros que percorriam a rota entre Jacobina e Lençóis faziam pouso às margens de um rio de aparência agradável, que passou a ser chamado de Rio Bonito. A localidade ficou inicialmente conhecida como Larga Bonita, em alusão à extensão da área e à beleza da paisagem. Posteriormente, o povoado formado nas proximidades adotou o nome do rio, consolidando-se como Bonito. A denominação, portanto, reflete a valorização dos elementos naturais e a percepção estética da paisagem local (Ramos, 2008). Para informações adicionais, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Bonito | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples



CONTEXTO DO SINAL: Em Libras, o sinal utilizado para representar o município é o mesmo sinal da palavra “BONITO” em Língua Portuguesa, refletindo uma motivação semântica compartilhada entre as línguas, em que o significado lexical foi mantido pela comunidade surda na construção do topônimo sinalizado.

FONTES:

CARVALHO, Eric. Cidade de Bonito é a única na Bahia onde mais da metade da população é formada por quilombolas. G1 Bahia, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/07/27/cidade-de-bonito-e-a-unica-na-bahia-onde-mais-da-metade-da-populacao-e-formada-por-quilombolas.ghtml>. Acesso em: 6 ago. 2025.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024

PREFEITURA MUNICIPAL DE BONITO/BA. Prefeitura de Bonito/BA abre processo seletivo na área da saúde. Hora do Saber, 20 fev. 2025. Disponível em: horadosaber.com.br/prefeitura-de-bonito-ba-abre-processo-seletivo-na-area-da-saude. Acesso em: 6 ago. 2025

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

REDE DE ATORES DE DESENVOLVIMENTO. Município: Bonito/BA. Cidade Empreendedora – Rede de Atores, s.d. Disponível em: <https://rededeatores.com.br/cidadesempreendedoras/municipio/ba-bonito>. Acesso em: 6 ago. 2025.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 11 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Lençóis

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 6
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Lençóis
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ergotopônimo	

ORIGEM: Portuguesa. Pl. de Lençol, do lat. lenteolum, 'linho, tecido de linho' (CUNHA, 2013).

HISTÓRICO: Lençóis <Comercial Vila dos Lençóis < Lençóis

IMAGENS:



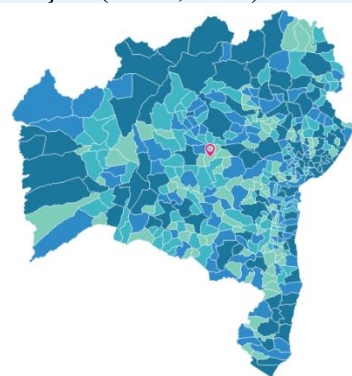
Foto Antiga (IBGE, 2024)



Rio Utinga: Lençóis (IBGE, 2024)



Google Maps (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Lençóis tem origem em um fato histórico e visual associado à formação do povoado. Por volta de 1845, com a descoberta de diamantes na região, houve intensa migração de garimpeiros vindos de diferentes localidades. Diante da escassez de materiais de construção, muitas moradias foram improvisadas com pano branco de algodão grosso, que, à distância, davam a impressão de grandes lençóis estendidos. Essa imagem marcante inspirou o nome do local, posteriormente consolidado como denominação oficial do município (Correia, 2017). Para informações adicionais, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Lençóis | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hidrotopônimo << Hidro + Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal é realizado com as duas em que a mão dominante faz o sinal de L (CM 24) como inicial do nome em Língua Portuguesa, seguido do movimento da mão aberta indicando o movimento das águas de um rio.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 jul. 2025

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 12 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Morro do Chapéu

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 7
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Morro do Chapéu
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. MORRO, de origem incerta, ‘monte pouco elevado’; CHAPÉU, do lat. cappellus, ‘peça destinada a cobrir a cabeça’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Morro do Chapéu < Gameleira Geomorfotopônimo	

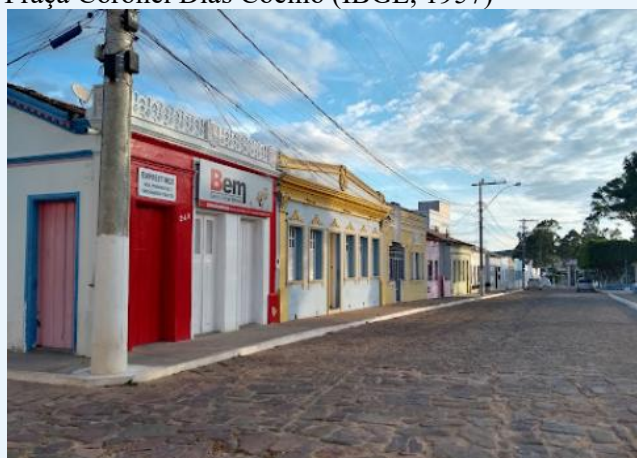
IMAGENS:



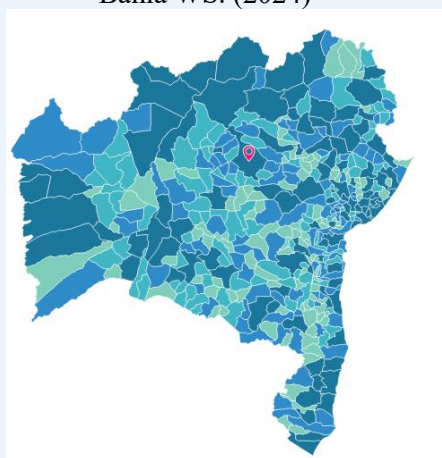
Praça Coronel Dias Coelho (IBGE, 1957)



Bahia WS. (2024)



Google Maps(Lima, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Morro do Chapéu tem origem em um acidente geográfico da região: um monte de topo plano, sobre o qual se destaca uma pedra cuja forma se assemelha a um chapéu. Essa característica visual marcante inspirou o nome do município, estabelecido próximo a essa formação rochosa. A denominação reflete, portanto, a relação direta entre o relevo local e a nomeação do lugar (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Morro do Chapéu | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Ergotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal está relacionado ao elemento lexical “chapéu”, um calque do topônimo em Língua Portuguesa. A comunidade surda utiliza o sinal correspondente ao objeto chapéu como representação direta do município, evidenciando uma motivação visual e semântica compartilhada entre as línguas.

FONTES:

BAHIA.WS. Morro do Chapéu: ecoturismo e formação rochosa na Chapada Diamantina. Bahia.ws – Guia turístico do Nordeste e Brasil, s.d. Disponível em: <https://bahia.ws/morro-do-chapeu-chapada-diamantina/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

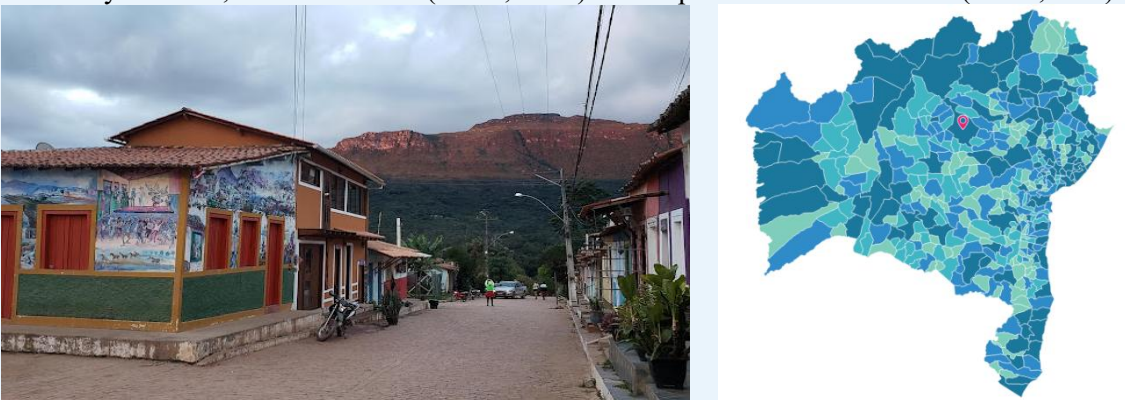
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/lencois/historico>. Acesso em 08 de jul. 2024.

GOOGLE MAPS. Disponível em: Google Maps. Acesso em 08 de jul. 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 13 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Palmeiras

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 8
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Palmeiras
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Pl. de Palmeira, forma der., do lat. palma -ae, ‘nome comum a todas as palmáceas’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Palmeiras < Vila Bela das Palmeiras < Palmeiras	
IMAGENS:	
	
Rua Ruy Barbosa, 1957 Palmeiras (IBGE, 2024) Vista panorâmica –Palmeiras (IBGE,2024)	
	
Vale do Capão – <i>Google Maps</i> (Reis, 2018) (IBGE, 2022)	
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Palmeiras tem origem na antiga fazenda de mesmo nome, fundada entre 1815 e 1819 por Joaquim Pereira dos Santos, que se estabeleceu na região denominada Olhos D’Água. A denominação está relacionada à presença de palmeiras nativas na área, elemento marcante da paisagem local que inspirou o nome do local e, posteriormente, do município. Assim, o topônimo reflete a valorização da vegetação característica e a relação entre o meio natural e a identidade territorial (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Morro do Chapéu História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: – Fitotopônimo <<Fito + Grafo>>	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido	



CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade por meio de um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra P (CM 55), que corresponde à primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa. O sinal é realizado na testa, o que remete à altura da árvore palmeira, funcionando como um aspecto motivacional visual associado ao nome do município.

FONTES:

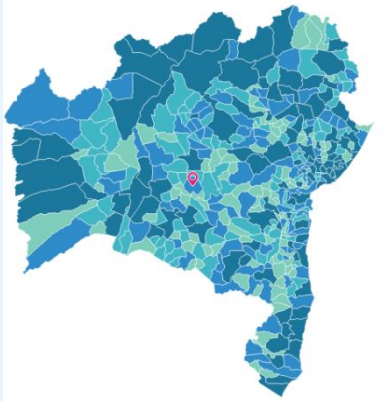
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 14 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Piatã

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 9
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Piatã
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo	
ORIGEM: Indígena. PYATÃ, em tup. ant., ‘coragem’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Piatã < Anchieta < Bom Jesus do Rio de Contas < Bom Jesus dos Limões	
IMAGENS:	
 Fotos antigas da rua Getúlio Vargas (IBGE,2024)	
 Google Maps (Marques, 2021)  (IBGE, 2022)	
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Piatã tem origem na língua tupi e significa “homem forte” ou “mão levantada”. A denominação atual foi adotada em substituição ao nome anterior, Bom Jesus do Rio de Contas, em referência à presença de grupos indígenas que habitavam a região e à força simbólica atribuída ao novo termo. O nome representa, portanto, uma valorização da herança indígena e dos elementos culturais originários da área (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Piatã História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Fitotopônimo <<Fito+grafo>> ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido	



CONTEXTO DO SINAL: O sinal tem como base a letra P (CM 55), seguida da configuração de mão correspondente ao sinal de CAFÉ, representando a combinação entre inicialização e referência semântica. O aspecto motivacional do sinal está ligado à expressiva produção de café no município, reconhecido como um importante polo agrícola desse cultivo.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

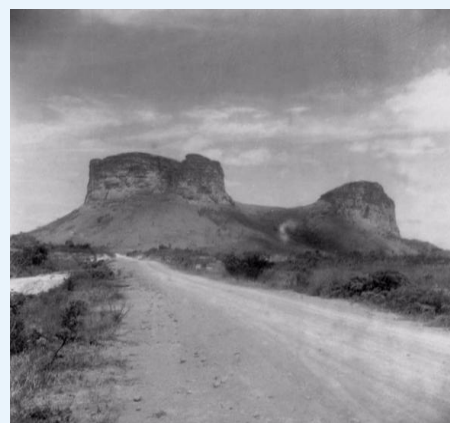
Fonte: Elaborado pela m pesquisadora

Quadro 15 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Seabra

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 10
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Seabra
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 03 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Historiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Sobrenome port. de origem esp. (GUÉRIOS, 1981).	
HISTÓRICO: Seabra < Dr. Seabra < Campestre < Vila Agrícola de Campestre < Campestre < Passagem de Jacobina	
IMAGENS:	



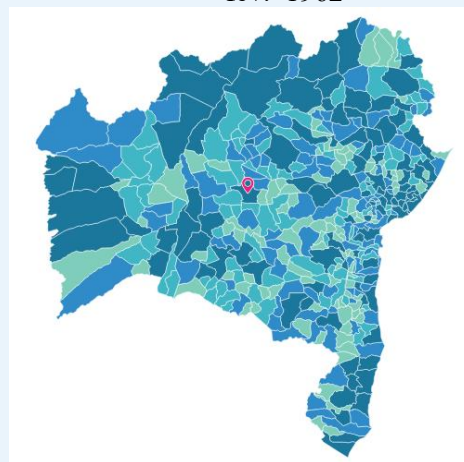
Praça Benjamin Constant : Seabra, BA - [19--]



Relevo na cidade de Seabra (BA) - fev. 1962



Google Maps (Sales, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Seabra foi adotado em homenagem ao então governador da Bahia, José Joaquim Seabra, substituindo a denominação anterior Campestre. A mudança reflete uma prática comum no período, de nomear localidades em reconhecimento a figuras políticas de destaque. O município, situado em área historicamente marcada pelo garimpo e pelo trânsito de viajantes entre as antigas rotas do ouro, consolidou-se sob o novo nome no início do século XX (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Seabra](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Cardinotopônimo



Variação de sinal I



Variação de Sinal II

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: Levando em consideração o aspecto visual e espacial, a motivação para o sinal deste município está relacionada à sua posição geográfica no mapa do estado da Bahia. O sinal é realizado com o dedo indicador tocando o centro da palma da mão, gesto que simboliza o ponto central do mapa baiano. Essa configuração é motivada pelo fato de Seabra estar localizada aproximadamente no centro do território estadual. Assim, ao representar o município, a comunidade surda associa o centro da palma da mão ao centro geográfico da Bahia, reproduzindo visualmente essa relação de localização.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 16 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Araci

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 11
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Araci
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Astrotopônimo	
ORIGEM: : Tupi-antigo. Étimo: ará, “ar, dia” + sy, “mãe”; donde: “mãe do dia, o sol”.	
HISTÓRICO: Raso > Araci.	

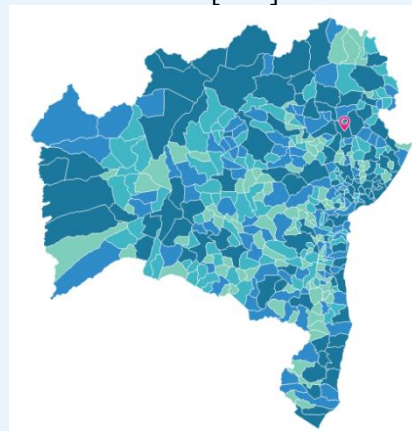
IMAGENS:



Praça da Conceição : Araci – 1983

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição:
Araci - [19--]

Google Maps (Sanches, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Araci tem origem na língua tupi e significa “mãe do dia” ou “aurora”, termo que remete ao nascer do sol e à luminosidade. A denominação substituiu o antigo nome Raso em 1904, marcando a valorização de um vocábulo de origem indígena associado a elementos da natureza e à simbologia da luz. O nome expressa, portanto, a influência das línguas e culturas indígenas na toponímia baiana (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@Bahia | Araci | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ergotopônimo
<< Grafo+Ergo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade por meio de um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra A (CM 67), correspondente à inicial do nome do topônimo em Língua Portuguesa. O sinal é complementado com uma alusão à coroa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, funcionando como aspecto motivacional visual e cultural para a escolha do sinal.

FONTES:

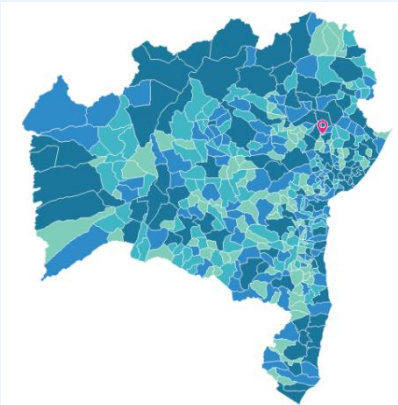
GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 17 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barrocas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 12
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Barrocas
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Português. Étimo: barroca [< barro (< lt. vg. *barrum < gaul. barrum ‘barro, lodo’) + -oca, ‘suf. deriv.’] + -s, ‘suf. fl. pl.’	
HISTÓRICO: Agenor de Freitas (in. s. XX) > Barrocas (1953). 1827, 1890 (inexistente). 1940 – Nome: Agenor de Freitas	
IMAGENS:	
	
Google Maps (Oliveira, 2020)	(IBGE, 2022)
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Barrocas tem origem na configuração do relevo local, caracterizado por elevações e depressões que marcam a paisagem da região. O nome faz referência ao formato do terreno onde o núcleo urbano se desenvolveu, próximo a um riacho intermitente. A denominação substituiu a antiga referência à Estação Agenor de Freitas, construída no início do século XX, e reflete a relação direta entre a topografia e a nomeação do município (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Barrocas História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Fidetopônimo <<Fide+Grafo>>
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido
	CONTEXTO DO SINAL: A identificação desta localidade é feita através do desenho da cruz na palma da mão com a configuração em A (CM 67), fazendo alusão a uma grande cruz existente na praça principal da cidade.
FONTES:	
GOOGLE MAPS. Disponível em: https://www.google.com/maps . Acesso em 22 fev. 2024.	
RAMOS, Ricardo Tupiniquim. <i>Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança</i> . 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 18 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Biritinga

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 13
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Biritinga
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	

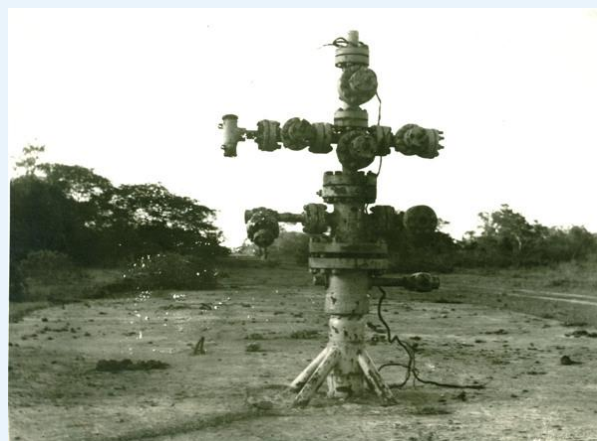
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: piri, ‘junco’ + tinga, ‘branco’; donde ‘junco esbranquiçado’.

HISTÓRICO: Manga (1860) > Beritinga (1920) Biritinga (1962). 1827 (inexistente). 1890 – Nome: Manga.

IMAGENS:



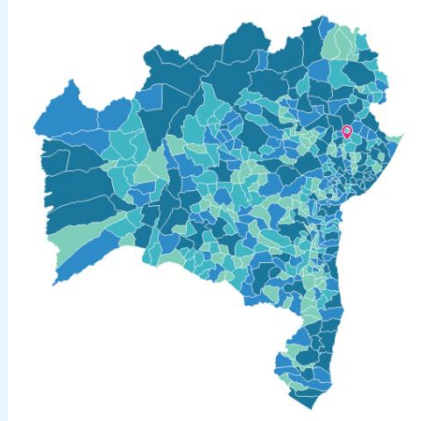
Vista parcial da cidade (IBGE, 2024)



Poço de gás inativo da Petrobras (IBGE, 2024)



Google Maps (Murillo, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Biritinga tem origem no tupi antigo, formado pelos elementos piri (“junco”) e tinga (“branco”), significando “junco esbranquiçado”. A denominação faz referência à vegetação característica da região, marcada pela presença abundante desse tipo de planta. O nome substituiu a antiga designação Manga, adotada quando o município foi emancipado, reforçando a relação entre os elementos naturais e a identidade local (IBGE, 2014). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Biritinga | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:



Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração da língua oral, com a letras B (CM 03), I (CM 65).

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 19 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Candeal

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 14
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Candeal
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: candeia [< lt. candela, ae, ‘candeia’] + -al, ‘suf. deriv.’	
HISTÓRICO: Capoeira > Candeal (1881)	

IMAGENS:



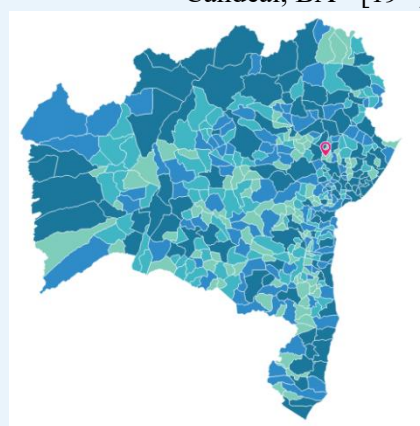
Praça Senhor do Bonfim:
Candeal, BA - [19--]



Posto de Saúde Professor Roberto Santos:
Candeal, BA - [19--]



Google Maps (Silva, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Candeal tem origem na vegetação característica da região, especialmente na presença abundante da planta arbustiva conhecida como candeia (*Lynchnophora rosmarinifolia*). A denominação do povoado foi inspirada nessa espécie, comum nas terras onde se iniciou a ocupação do território no final do século XIX. O nome reflete, assim, a relação entre a flora local e o processo de formação do município (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Candeal | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica este município por meio de um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra C (CM 20) como base para a formação do sinal, em referência à primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 20 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cansanção

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 15
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cansanção
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: O nome tem origem indígena e significa "árvore de casca rija", em referência à árvore de mesmo nome que é encontrada na região.	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, conserva o mesmo nome.	

IMAGENS:



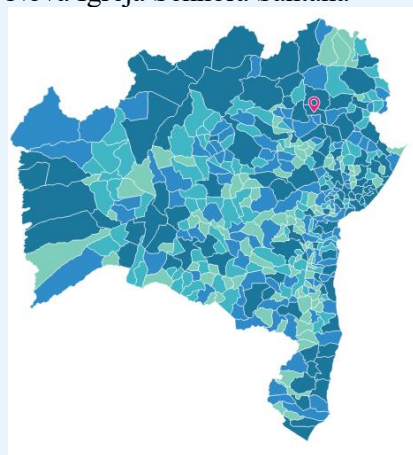
Praça Domingos Manuel de Jesus



Nova Igreja Senhora Santana



Google Maps (Silva, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Cansanção tem origem na vegetação local, em referência ao arbusto conhecido popularmente pelo mesmo nome (*Cnidoscolus urens*), característico da região e facilmente reconhecido por causar irritação na pele ao contato. A escolha do nome reflete a presença marcante dessa planta no território e a influência da paisagem natural na designação do município (IBGE, 2004). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Cansanção](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Fitotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: A motivação para o sinal deste município está relacionada à planta cansação, espécie característica da região e elemento que também originou o topônimo em Língua Portuguesa. O sinal em Libras reproduz o sinal da própria planta, que é conhecida por causar coceira e irritação na pele ao ser tocada. Dessa forma, o sinal toponímico é motivado pela associação direta com as propriedades dessa planta, reforçando a relação entre o nome do município, o elemento natural da região e a experiência sensorial representada visualmente na língua de sinais.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 21 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Conceição do Coité

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 16
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Conceição do Coité
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo	
ORIGEM: Hibridismo. CONCEIÇÃO, do lat. conceptiō -ōnis, ‘ato de conceber’ (CUNHA, 2013); KUÏETÉ, em tup. ant., ‘árvore bignoniácea que dá cuias, cabaças ou cuités’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Conceição do Coité < Coité	

IMAGENS:



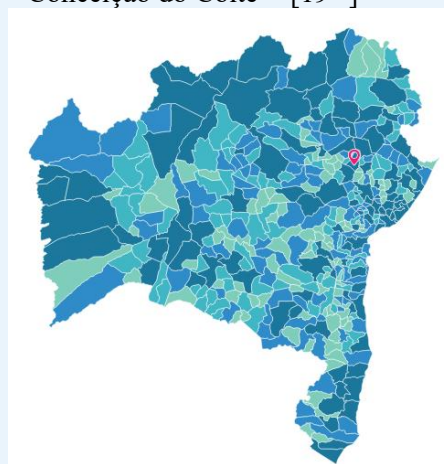
Rua M. A. Teixeira de Freitas :
Conceição do Coité – 1957



Coreto da Praça da Bandeira :
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição :
Conceição do Coité - [19--]



Google Maps (Bento, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS O topônimo Conceição do Coité articula dois referenciais presentes na tradição local: a devoção a Nossa Senhora da Conceição, evidenciada pela capela primitiva dedicada à santa, e a presença de árvores chamadas Coité ou Cuité, também conhecidas como árvore-de-cuia ou cabaceira, que nomeavam a povoação original. A denominação, portanto, resulta da combinação entre o elemento religioso e a referência à vegetação local (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o [site do IBGE: IBGE | Cidades@ | Bahia | Conceição do Coité | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra C (CM12), tendo como aspecto motivacional a primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

Variação de sinal I



Variação de sinal II

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 22 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ichu

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 17
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ichu
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	

ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: variante da forma padrão enxu, designativa de um inseto da família dos vespídeos (Nectarina Lecheguana, Latr.), popularmente conhecida por vespa social.

HISTÓRICO: Enchu (1926) > Ichu (1935). 1827, 1890 (inexistente). 1940 (Status político: povoado), 1970 – Nome: Ichu.

IMAGENS:



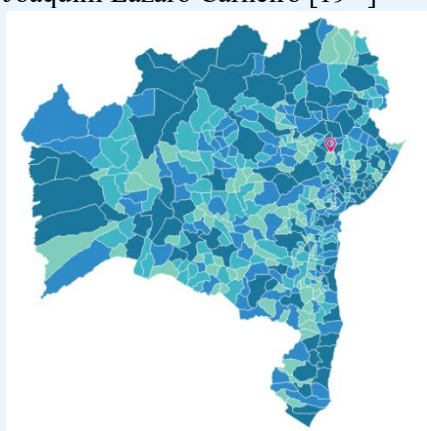
Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus 1967



Rua Joaquim Lázar Carneiro [19--]



Google Maps (Silva, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Foram os índios Biritinga os primitivos habitantes do território desse município. Até 1926, existia apenas uma fazenda denominada Enxu, se tornaram frequentes celebrações de batizados, missas, casamentos e outros atos religiosos, por falta de outro lugar mais apropriado. Só no ano seguinte, com o surgimento das primeiras casas em torno da sede da fazenda, teve início a construção de uma capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Com o tempo, o povoado se desenvolveu, já que os proprietários da referida fazenda se incumbiram de construir casas que vendiam ou emprestavam e fazendeiros vizinhos também aí investiram com outras construções. Em 1935, a denominação Enxu teve a grafia alterada para Ichú (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ichu | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: Este sinal tem como motivação o marimbondo, inseto característico da região, denominado ichu.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 23 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Queimadas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 18
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Queimadas
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Igneotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Forma pl., do lat. cremāre, ‘incendiar’, através de uma forma caimare, influenciada pelo gr. káima ‘queimadura, calor’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Queimadas < Vila Bela de Santo Antonio das Queimadas < Queimadas	

IMAGENS:



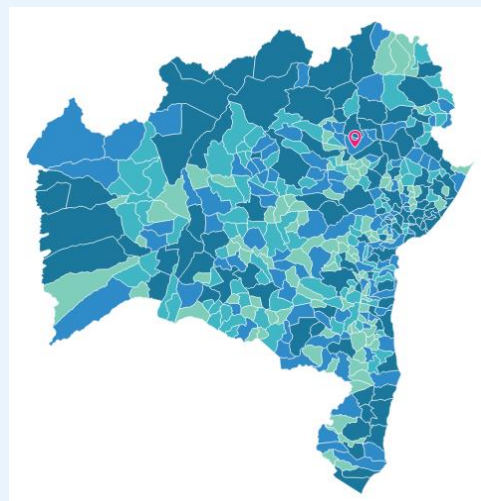
Igreja Matriz, Rua Coronel Benevides de Andrade [19--]



Ponte sobre o rio Itapicuru [19--]



Google Maps (Brasileiro, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS O território que hoje corresponde ao município de Queimadas era habitado por comunidades indígenas, cuja etnia não é identificada. A partir de 1700, expedições em direção às minas de Jacobina passaram pela região. Nas terras chamadas Fazendas Queimadas, nome associado às queimadas de caatinga realizadas para o preparo das roças, formou-se um povoado às margens do rio Itapicuru-Açu. Ali foi erguida a capela de Santo Antônio, concluída em 1815. A localidade tornou-se freguesia sob o nome Santo Antônio das Queimadas em 1842, foi elevada a vila em 1884 como Vila Bela de Santo Antônio das Queimadas e, em 1915, teve o topônimo simplificado para Queimadas (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Queimadas | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Igneotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal deste topônimo faz alusão ao nome em Língua Portuguesa, calque que corresponde ao fogo das queimadas.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 24 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santa Luz

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 19
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Santa Luz
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hierotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Forma comp. por aglutinação de Santa, do lat. sanctus - a -um, ‘tornado sagrado’; e luz, do lat. lux lucis, ‘tudo que produz claridade; brilho, fulgor’ (CUNHA, 2013)	
HISTÓRICO: Santaluz < Santa Luzia	

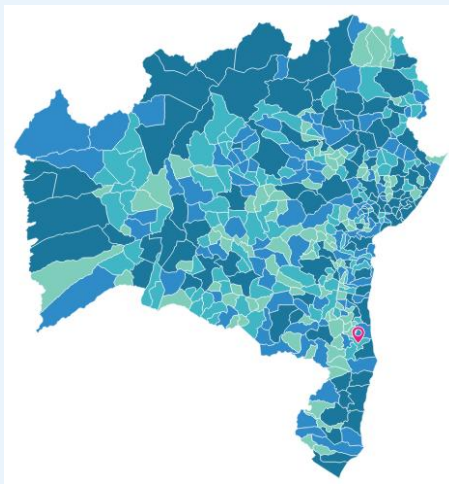
IMAGENS:

Praça Ezequiel Cardoso Costa :
Santaluz, BA – 1983

Praça Coronel José Leitão : Santaluz, BA – 1957



Google Maps (Oliveira, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O atual município de Santaluz teve início em 1880, na Fazenda Santa Luzia, posteriormente desapropriada pelo Governo Federal para a construção da Estrada de Ferro de Salvador ao Rio São Francisco, mais tarde denominada Viação Férrea Federal Leste Brasileiro. Em 1884 foi inaugurada a estação ferroviária no arraial de Santa Luzia, o que impulsionou o desenvolvimento local. Em 1918, o povoado foi elevado à categoria de distrito de paz e, em 1935, à condição de vila e município. Devido à existência de outras localidades com o mesmo nome, o Decreto-Lei Estadual nº 141, de 31 de dezembro de 1943, alterou a denominação para Santaluz (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Santa Luzia | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Meteorotopônimo <<Mete+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal é motivado pela letra S (CM 69), que representa a inicial do primeiro nome do topônimo em Língua Portuguesa. Em seguida, incorpora um elemento visual que remete ao fenômeno natural da luz, estabelecendo uma relação direta com o segundo nome do topônimo.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 25 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Serrinha

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 20
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Serrinha
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Forma der. de Serra, do lat. <i>sērra</i> -ae, ‘montanha’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Serrinha	

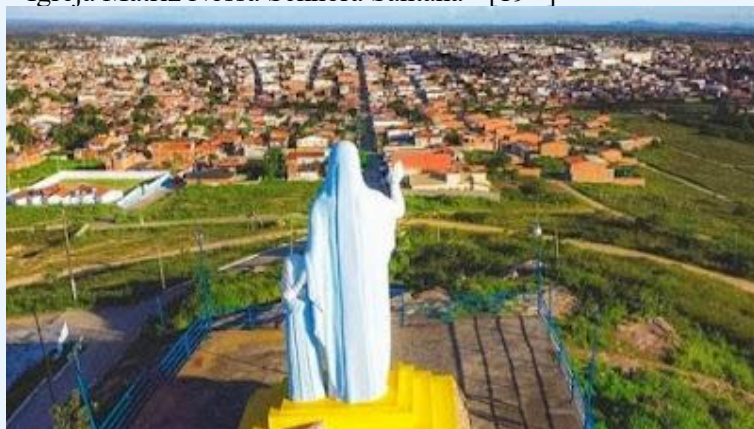
IMAGENS:



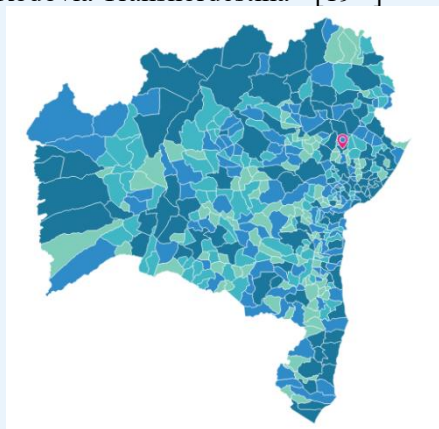
Igreja Matriz Nossa Senhora Santana - [19--]



Rodovia Transnordestina - [19--]



Serrinha notícias (2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território onde hoje se localiza o município de Serrinha era habitado por comunidades indígenas da região quando chegaram os primeiros catequistas. Em 1716, a área correspondia à Fazenda Tamboatá, que mais tarde foi transferida para as proximidades de uma pequena serra. A partir desse marco geográfico, o local passou a ser chamado de Serrinha por comerciantes e tropeiros que seguiam em direção ao Rio São Francisco. Em 1876, o arraial foi elevado à categoria de vila e, em 1891, recebeu foro de cidade (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Serrinha | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Ergotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: Embora, na Língua Portuguesa, o nome do município esteja associado a uma serra com o monumento de Nossa Senhora Sant'Ana no alto da colina, para a comunidade surda o sinal é motivado pelo significado visual de “serra” como ferramenta de serrar, adotando uma referência semântico-visual distinta da concepção original.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

SERRINHA NOTÍCIAS. [Fotografia aérea do monumento em Serrinha–BA]. Serrinha Notícias, 28 jun. 2023. Disponível em: https://www.serrinhanoticias.com.br/cms/wp-content/uploads/2023/06/IMG_20230628_210447.jpg. Acesso em: 10 ago. 2025.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 26 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Teofilândia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 21
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Teofilândia
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Poliotopônimo	

ORIGEM: luso-europeu. Étimo: Teófilo [] + lândia [< ingl. land, ‘terra’ + pt. -ia, suf. deriv.'].]

HISTÓRICO: Pedras (1830) > Itapiru (1953) > Teofilândia (1962). 1827 (inexistente). 1890, 1940 – Nome: Pedras.

IMAGENS:



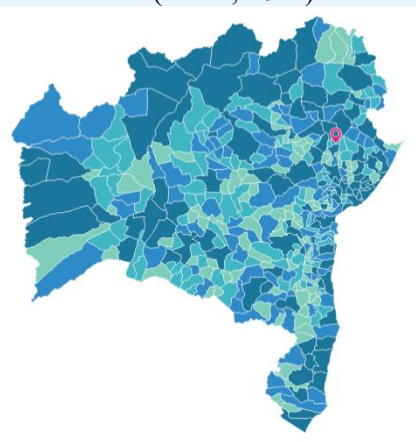
Igreja Matriz Santo Antônio (IBGE, 2024)



Praça Deodonio de Albuquerque:
Banco Baneb (IBGE, 2024)



(Autor desconhecido, s.d.)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Teofilândia está relacionado à história de formação da região, inicialmente habitada por comunidades indígenas Biritinga. A fertilidade do solo e a disponibilidade de recursos hídricos favoreceram a fixação de moradores, entre eles João Manuel da Silva, que, em 1830, estabeleceu a Fazenda Pedras, origem do povoado homônimo. Em 1953, a localidade foi elevada à categoria de distrito com o nome Itapiru e, em 1962, passou a chamar-se Teofilândia, consolidando-se como município (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Teofilândia | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Ergotopônimos



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simple

CONTEXTO DO SINAL O sinal dessa localidade faz referência à máquina de tear, historicamente utilizada na região para a confecção artesanal de produtos feitos com sisal. Essa máquina, considerada uma antiguidade, é um elemento marcante da identidade cultural local.

FONTES:

AUTOR DESCONHECIDO (caso não informada). Detalhe da máquina de costura de tecelagem antiga de tear antigo [imagem]. Freepik Premium, s.d. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/detalhe-da-maquina-de-costura-de-tecelagem-antiga-de-tear-antigo_42211154.html. Acesso em: 01 ago. 2025

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 27 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Tucano

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 22
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Tucano
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ecotopônimo	
ORIGEM: Indígena. TUKANA, em tup. ant., ‘ave de bico grande’ (NAVARRO, 2013). Nome de tribo indígena do noroeste do Amazonas (GREGÓRIO, 1980). Outro provável étimo: variação da forma tocano, ‘aquele que habita em tocas’ (cf. nota abaixo).	
HISTÓRICO: Tucano < Imperial Vila do Tucano	

IMAGENS:



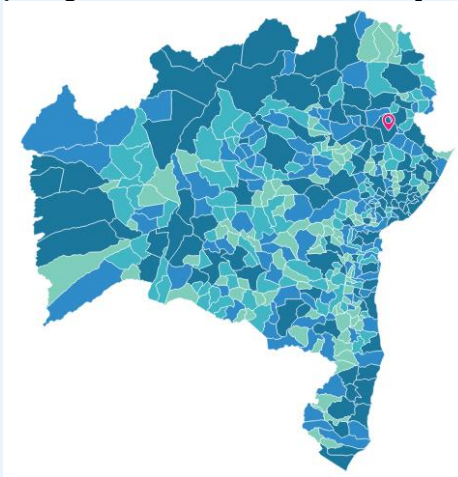
Prefeitura Municipal : Tucano, BA – 1957



Praça Vigário Martins : Tucano, BA - [19--]



Google Maps (Passos, 2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No século XVI, o território onde atualmente se localiza o município de Tucano era habitado por comunidades indígenas da etnia Tukano. Em 1754, durante o período de ocupação colonial, foi construída a capela de Santana e Santo Antônio do Tucano, considerada o marco de formação do núcleo urbano. O desenvolvimento econômico e a chegada de novos migrantes favoreceram o crescimento da localidade, que foi emancipada em 21 de março de 1837 com o nome Imperial Vila do Tucano. Em 1931, o município foi extinto e incorporado a Cipó, sendo restaurado em 1933, com a manutenção do topônimo original (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o [site do IBGE](#): [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Tucano](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Zootopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal deste topônimo é o mesmo sinal da ave tucano, por influência de um nome em Língua Portuguesa.**FONTES:**

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 28 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Valente

FCHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 23
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Valente
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 04 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: valente [< lt. valens, ntis, ‘corajoso’].	
HISTÓRICO: Caldeirão do Boi Valente (1800) > Valente (1958)	

IMAGENS:



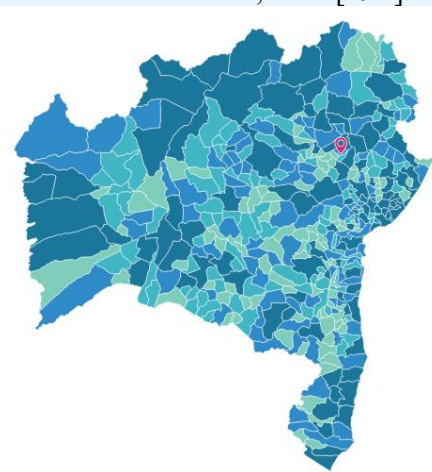
Praça Getúlio Vargas : Valente, BA - [19--]



Rua Roberval Ramos : Valente, BA - [19--]



Oliveira (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Por volta de 1800, tropeiros e boiadeiros que percorriam a região costumavam parar para dar água aos animais em uma fonte de leito rochoso, cujo formato lembrava um caldeirão. No local, formou-se um pequeno arraial denominado Caldeirão do Boi Valente, nome inspirado no episódio em que um touro de difícil manejo acabou preso e morto dentro da fonte. Com o tempo, a localidade foi elevada à categoria de distrito e, em 1958, tornou-se município, adotando o nome atual de Valente (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Valente | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:



Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal para identificar este município, segundo a comunidade surda, baseia-se no empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando a letra V (CM 59). Essa escolha está diretamente vinculada à primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

OLIVEIRA, A. Atividades marcam 63 anos de emancipação de Valente. *Leia Mais BA*, 15 ago. 2021. Disponível em: <https://leiamaisba.com.br/2021/08/15/atividades-marcam-63-anos-de-emancipacao-de-valente>. Acesso em: 15 mar. 2025.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 29 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Almadina

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 24
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Almadina
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: almadia “tipo de pequena embarcação africana ou asiática” (< ar. al-madyia) + pt. -ina ‘suf. deriv.’

HISTÓRICO: Pouso Alegre (in. s. XX) > Almadina (1953).

IMAGENS:



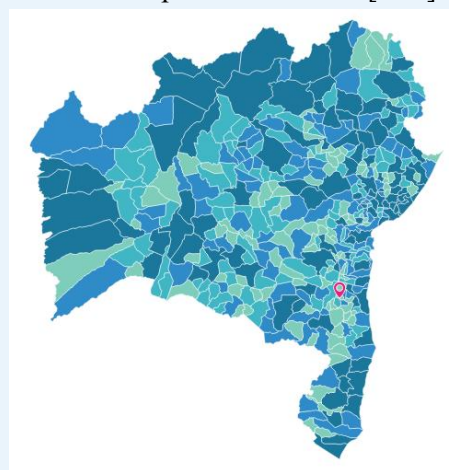
Praça Coronel Basílio Oliveira 1967



Vista parcial da cidade [19--]



Google Maps(Moreira, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Almadina teve origem nas primeiras décadas do século XX, em uma área utilizada como ponto de passagem na escarpa do Planalto da Conquista, em direção ao litoral. A localidade era inicialmente chamada Pouso Alegre, por servir como parada para viajantes. Após a emancipação política, em 1953, passou a denominar-se Almadina (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Almadina | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Geomorfotopônimo <<Geo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Almadina é formado por um empréstimo linguístico por transliteração, iniciando e finalizando com a letra A (CM 67). O A inicial é realizado de forma a representar uma montanha, remetendo aos morros que compõem a paisagem marcante da cidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 30 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Aurelino Leal

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 25
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Aurelino Leal
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: Aurelino [< Aurélio (< lt. Aurelius < aurum, i, ‘ouro’ + -elius, ‘suf. deriv.’; donde: ‘filho do ouro’) + -ino, ‘suf. deriv. dim.’] + Leal [< lei (< lt. lex, gis, ‘lei’) + -al, ‘suf. deriv.’].

HISTÓRICO: São Miguel (1934) > Itaipava > Poiri (1943) > Aurelino Leal (1961).

IMAGENS:



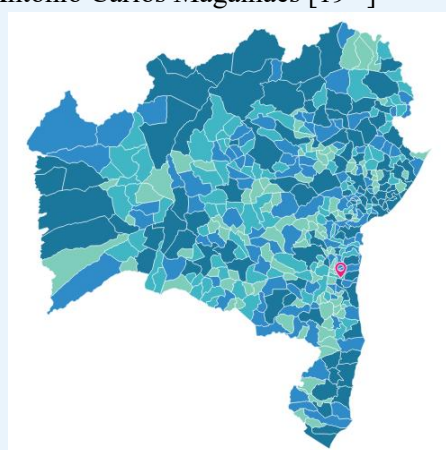
Vista panorâmica da cidade [19--]



Praça Antônio Carlos Magalhães [19--]



Google Maps (Pereira. 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região onde hoje se localiza o município de Aurelino Leal foi originalmente habitada pelo povo indígena Pataxó, que vivia às margens do rio Gongogí, em território pertencente ao antigo município de Barra do Rio de Contas, atualmente Itacaré. Com a construção da estrada de ferro Ilhéus–Ubaitaba, formou-se o povoado de São Miguel, cujo nome foi alterado para Itaipava em 1938 e, posteriormente, para Poiri em 1943. Em 15 de dezembro de 1961, a localidade foi elevada à categoria de município, adotando o nome Aurelino Leal em homenagem a um político da região (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Aurelino Leal | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hodotopônimo <<Hodo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:



Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município é formado pelas letras A (CM 67) e L (CM 24) como empréstimo linguístico por inicialização, acompanhadas de um movimento que faz alusão à ponte que conecta Aurelino Leal à cidade de Ubaitaba, elemento marcante na paisagem local.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 31 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barro Preto

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 26
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Barro Preto
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: barro [< lt. vg. *barrum < gaul. barrum ‘barro, lodo’] + preto [< lt. vg. *prettus, i, < lt. cl. pressus, i, ‘negro’].

HISTÓRICO: Limoeiro (1933) > Barro Preto (1938) > Governador Lomanto Júnior (1967) > Barro Preto.

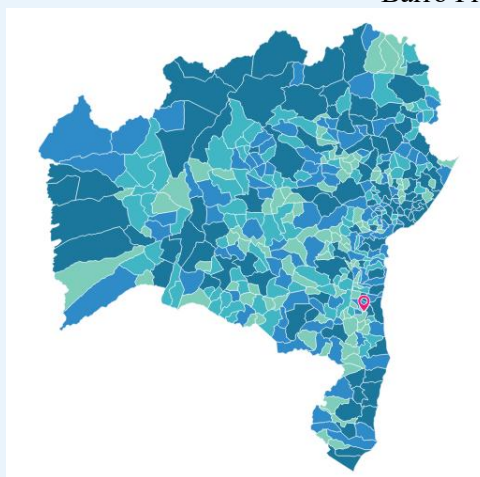
IMAGENS:



Vista parcial da cidade : Barro Preto, BA - [19--]



Praça Getúlio Vargas : mercado municipal :
Barro Preto, BA - [19--]



.....

(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS O atual município de Barro Preto foi criado como distrito de Limoeiro, em 1933, por meio do Decreto nº 8.678, integrando o município de Ilhéus. Em 1938, o distrito foi dissolvido e passou à condição de povoado de Morro Redondo, ocasião em que adotou o nome Barro Preto. Com a emancipação de Itajuípe, em 1955, foi incorporado a esse novo município. Em 17 de abril de 1962, conquistou sua emancipação política, sendo instalado oficialmente no ano seguinte. Em 1967, recebeu temporariamente o nome Governador Lomanto Júnior, em homenagem ao então governador da Bahia, mas posteriormente retornou à denominação original Barro Preto (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Barro Preto | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Barro Preto é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando as letras B (CM 03) e P (CM 55), que correspondem às iniciais do nome em Língua Portuguesa.

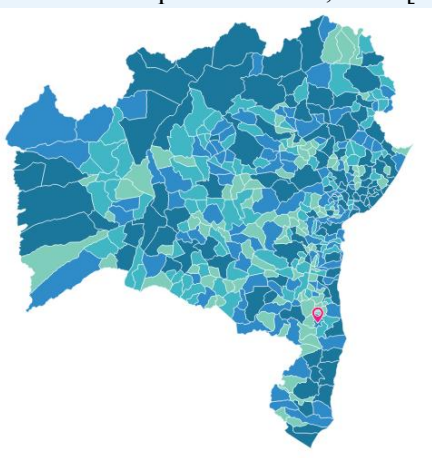
FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 32 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Camacan

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 27
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Camacan
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Somatotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: kama ‘seio’ + kuã ‘bico’; donde: ‘bico do peito, teta’.	
HISTÓRICO: Santa Clara (1892) > Serra da Onça (1928) > Vargito (1938) > Camacã (1953).	
IMAGENS:	
	
Hospital Santo Antonio : Camacan, BA - [19--]	Prefeitura Municipal : Camacan, BA - [19--]
	
Google Maps (Peneluc, 2019)	(IBGE, 2022)
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: município de Camacan teve origem em 1892, quando um grupo de agricultores provenientes das margens do rio Pardo se estabeleceu nas nascentes do rio Panelão, então pertencente ao município de Canavieiras. Nesse local surgiu o povoado de Santa Clara, que ao longo do tempo recebeu diferentes denominações: Serra da Onça em 1928, Vargito em 1938 e, finalmente, Camacan, nome adotado por ocasião de sua emancipação política em 1961 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o site do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Camacan História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	



Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Camacan é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra C (CM 12), correspondente à primeira letra do nome em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 33 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Canavieiras

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 28
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Canavieiras
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: cana [< lt. cl. canna, ae, ‘cana’] + dos [= de + o] + Vieiras [Vieira (< vieira < lt. cl. veneria, ae, ‘vieira, molusco bivalve da família dos pectinídeos’) + -s, ‘suf. fl. pl.’].

HISTÓRICO: Canavieiras (in. s. XVIII) > São Boaventura do Poxim de Canavieiras (1718) > Canavieiras (1833).

IMAGENS:



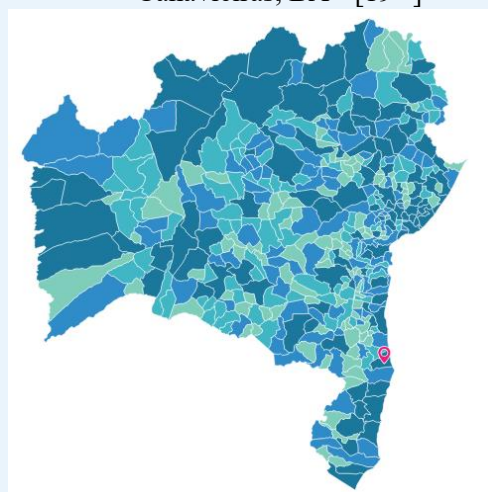
Igreja Matriz de São Boaventura : Canavieiras, BA - [19--]



Avenida Coronel Augusto Luiz de Carvalho : Canavieiras, BA - [19--]



Google Maps (Arara, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Camacan teve origem em 1892, quando um grupo de agricultores provenientes das margens do rio Pardo se estabeleceu nas nascentes do rio Panelão, então pertencente ao município de Canavieiras. Nesse local surgiu o povoado de Santa Clara, que, ao longo do tempo, recebeu diferentes denominações: Serra da Onça em 1928, Vargito em 1938 e, finalmente, Camacan, nome adotado por ocasião de sua emancipação política em 1961 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Canavieiras | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Zootopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal que representa este município é o sinal de CARANGUEJO, motivado pela forte presença desse crustáceo na cultura local. A cidade possui esculturas que o representam e mantém a tradição do consumo de caranguejo como elemento marcante de sua identidade cultural.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 34 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Floresta Azul

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 29
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Floresta Azul
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo

ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: yby ‘terra’ + karay + ‘sagrado’; donde: ‘terra sagrada’.

HISTÓRICO: Palestra (1917) > Palestina (1920) > Ibicarai (1952).

IMAGENS:



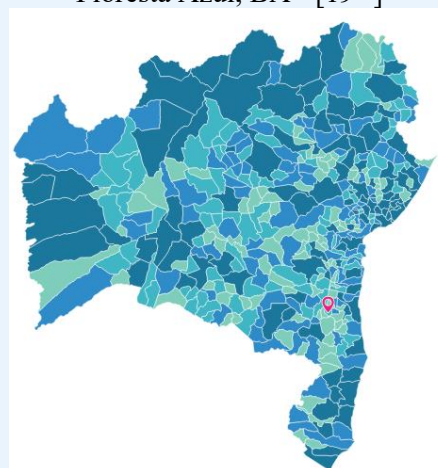
Avenida Raimundo Silva Cardoso:
Floresta Azul, BA - [19--]



Praça Manoel Saturnino :
Floresta Azul, BA - [19--]



Google Maps (Cardoso, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Com a abertura da estrada que ligava Itambé a Palestina, atual Ibicarai, formou-se, na localidade conhecida como Ribeirão das Águas Sumidas, o povoado de Floresta Azul, posteriormente elevado à categoria de distrito de Itabuna em 1953 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Floresta Azul | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Fitotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Floresta Azul combina dois elementos visuais que traduzem diretamente o significado do nome em Língua Portuguesa. Primeiro, realiza-se o sinal de ÁRVORA, representando a “floresta” e remetendo à vegetação característica da região. Em seguida, com a mesma mão, executa-se o sinal de AZUL, simbolizando a cor que completa o topônimo. Essa construção sinalizada une, de forma clara e descritiva, os dois componentes do nome da cidade, criando uma representação fiel à denominação em língua oral.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 35 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ibicaraí

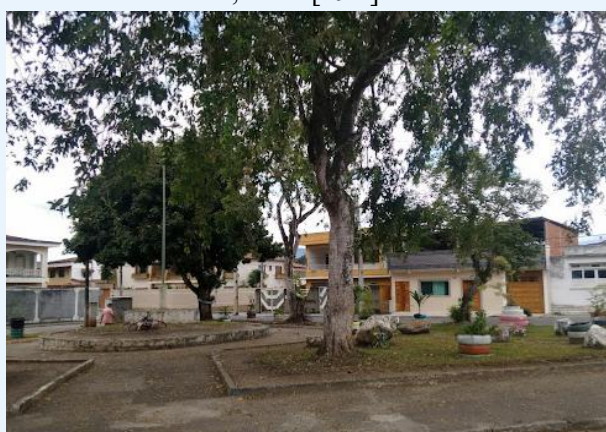
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 30
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ibicaraí
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: yby ‘terra’ + karay + ‘sagrado’; donde: ‘terra sagrada’.	
HISTÓRICO: Palestra (1917) > Palestina (1920) > Ibicaraí (1952).	
IMAGENS:	



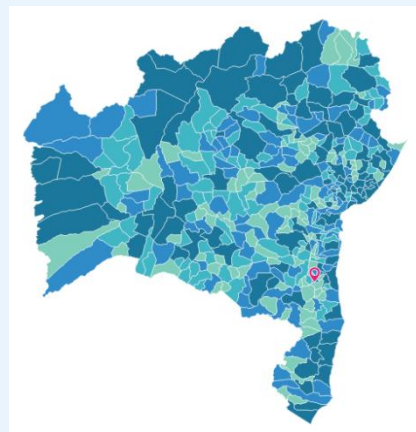
Vista panorâmica da cidade :
Ibicaraí, BA - [19--]



Rua Siqueira Campos : Ibicaraí, BA – 1957



Google Maps (Santos, 2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Ibicaraí teve início por volta de 1916, às margens do rio Salgado, em uma pequena área de cultivo de café posteriormente substituído por cacau. Após o período de pacificação das comunidades indígenas Botocudo e Pataxó, entre 1917 e 1919, outras famílias se estabeleceram na região, favorecendo a formação do povoado. Inicialmente chamado Palestra, nome que fazia referência às reuniões realizadas no barracão central, o local passou a ser denominado Palestina em 1920. Com seu crescimento, foi elevado à categoria de vila em 1937. Em 1943, o topônimo foi alterado para Ibicaraí, preservando o sentido simbólico de “terra sagrada” associado à antiga denominação Palestina. Em 1952, foi desmembrado de Itabuna e elevado à condição de município (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ibicaraí | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Mimetopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:



Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal de Ibicaraí é inspirado no Portal Monumental localizado na entrada da cidade, uma estrutura imponente que se tornou um dos principais símbolos do município. Esse portal, além de marcar o acesso à cidade, representa um elemento identitário para a população local, sendo reconhecido por moradores e visitantes como um marco de boas-vindas e valorização da história e cultura de Ibicaraí.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 36 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ilhéus

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 31
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ilhéus
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Do lat. insŭla, ‘pequena ilha’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Ilhéus < São Jorge dos Ilhéus	

IMAGENS:



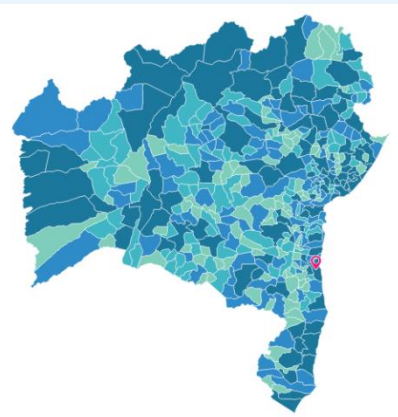
Porto de Ilhéus



Ginásio Municipal Eusínio Lavigne



Google Maps (Araújo, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Ilhéus teve sua origem na Capitania de São Jorge dos Ilhéus, criada em 1534 e concedida ao fidalgo português Jorge de Figueiredo Correia. A administração do território foi confiada ao capitão-mor Francisco Romero, responsável pela organização da vila que viria a se tornar uma das primeiras do Brasil. A fundação ocorreu no Outeiro de São Sebastião, em frente à Baía do Pontal, local onde se encontra o marco histórico da cidade. A vila recebeu o nome São Jorge dos Ilhéus em homenagem ao donatário, devoto de São Jorge, e às pequenas ilhas próximas ao litoral. Em 1556 foi criada a freguesia de São Jorge dos Ilhéus e, em 1881, a localidade foi elevada à categoria de cidade, passando a denominar-se Ilhéus (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o site do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ilhéus | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Geomorfotopônimo <<Geo + Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal do município de Ilhéus está associado à semelhança com o sinal de ILHA em Libras. A comunidade surda utiliza o mesmo movimento e configuração de mão empregados para representar “ilha”, estabelecendo uma relação direta com o significado do topônimo em Língua Portuguesa, já que Ilhéus remete geograficamente a áreas insulares e ao contexto litorâneo. Essa escolha reforça a identidade geográfica e cultural da cidade, marcada pela sua localização costeira e pela forte ligação com o mar.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 37 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itabuna

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 32
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itabuna
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Indígena. ITÁ-ABUNA, em tup. ant., pedra em forma de padre, ‘padre de pedra’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Itabuna < Tabocas	

IMAGENS:



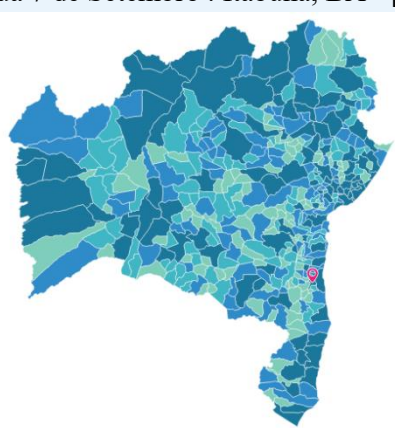
Avenida Cinquentenário : Itabuna, BA - [19--]



Rua 7 de Setembro : Itabuna, BA - [19--]



Google Maps (Didier, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS A formação do município de Itabuna tem origem no Arraial de Tabocas, fundado por famílias sertanejas e sergipanas às margens do rio Cachoeira, em uma área anteriormente conhecida como Burundanga, que integrava o distrito de Cachoeira de Itabuna, sob jurisdição de Ilhéus. O local foi elevado à categoria de distrito em 1906 e, dois anos depois, o curato de São José de Itabuna foi desmembrado da freguesia de Santa Cruz de Ilhéus. O desenvolvimento urbano e econômico da localidade impulsionou o movimento de emancipação liderado por Firmino Alves, Manuel Crescêncio e Silva e Manuel Fogueira, resultando na criação do município de Itabuna. O topônimo tem origem indígena, provavelmente do tupi antigo, e está associado a aspectos geográficos da região: ita significa “pedra”, enquanto a segunda parte do termo (buna) permanece de interpretação discutida. A denominação, portanto, reflete a relação entre a língua indígena e a paisagem local (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Itabuna | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Fitotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal deste topônimo faz alusão a fruta cacau, historicamente responsável pela movimentação econômica do município.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 38 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itacaré

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 33
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itacaré
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo

ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: itá ‘pedra’ + karé ‘torto, envergado, arcado’; donde: ‘pedra arcada’.

HISTÓRICO: São Miguel da Barra Rio de Contas (1718) > Itapira (1931) > Itacaré (1931).

IMAGENS:



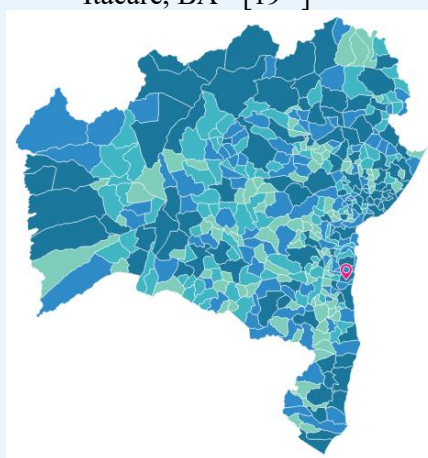
Praça São Miguel : Itacaré, BA - [19--]



Vista panorâmica da cidade : Rio de Contas : Itacaré, BA - [19--]



Google Maps (Almeida, 2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Itacaré teve origem em uma antiga aldeia indígena onde missionários jesuítas construíram uma capela dedicada a São Miguel, dando à localidade o nome de São Miguel da Barra do Rio das Contas. Em 1718, o povoado foi elevado à categoria de freguesia e, em 1732, à condição de vila, passando a se chamar Barra do Rio de Contas, denominação relacionada ao ponto em que o rio deságua no Oceano Atlântico. Em 1931, a sede municipal chegou a ser transferida para Itapira, mas, posteriormente, retornou à vila de origem, que recebeu o nome atual de Itacaré (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Itacaré](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hidrotopônimo <<Hidro+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal que representa o município é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, usando a letra I (CM 66) para remeter à primeira letra do topônimo em Língua Portuguesa. Essa configuração é combinada com o sinal de PRAIA, em alusão direta à principal característica que tornou o município famoso: seu reconhecimento como um dos destinos turísticos mais procurados da Bahia, devido à exuberância e beleza de suas praias.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 39 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itajú da Colônia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 34
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itajú da Colônia
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo

ORIGEM: luso-Tupi. Étimo: Itaju [< Tp.-ant. ita ‘pedra’ + îuba ‘amarela’; donde: ‘pedra amarela, ouro’.] + do [= de + o] + Colônia [

HISTÓRICO: Santa Rita (in. s. XX) > Itaju > Itaguira (1953) > Itaju do Colônia (1962).

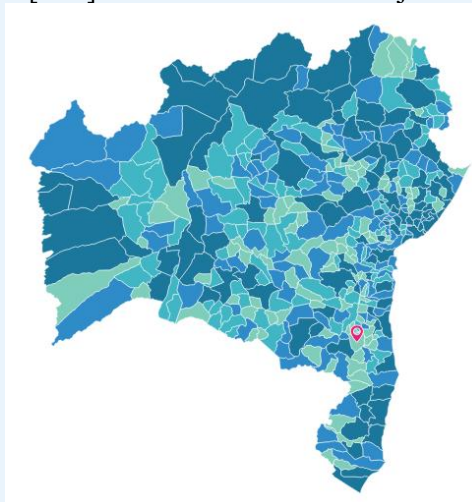
IMAGENS:



Praça Santo Antônio : Delegacia de Polícia
Itaju da Colônia, BA - [19--]



Avenida Lomanto Júnior : Ceplac :
Itaju Colônia, BA - [19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território do atual município de Itaju do Colônia foi inicialmente habitado pelo povo indígena Aimoré. No século XX, formou-se uma povoação às margens do rio Colônia, nas proximidades da Fazenda Santa Rita. A localidade recebeu o nome de Itajú e foi elevada à categoria de distrito em 1953, quando passou a chamar-se Itaguira, termo de origem tupi que combina itá (“pedra”) e guir (“sob”), significando “sob a pedra”. Posteriormente, o distrito foi desmembrado de Itabuna e elevado à categoria de município com o nome Itaju do Colônia, em referência ao antigo topônimo e ao rio que atravessa seu território (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Itaju do Colônia](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: n/e

CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 40 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Pau Brasil

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 35
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Pau Brasil
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: pau [< palus, i, ‘pau’] + brasil [< it. *brasile*, ‘brasil’ < ?].

HISTÓRICO: Santa Rosa (1936) > Pau Brasil (1962).

IMAGENS:



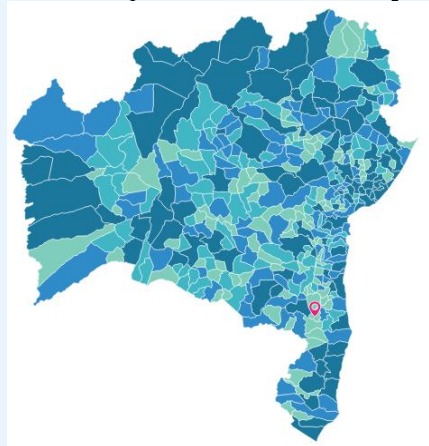
Vista parcial da cidade : Pau Brasil, BA - [19--]



Mercado municipal : Pau Brasil, BA - [19--]



Google Maps (2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: área onde hoje se localiza o município de Santa Cruz da Vitória era originalmente habitada pelo povo indígena Pataxó. Por volta de 1936, foi fundado o povoado de Santa Rosa, que se tornou distrito em 1951. Pela Lei Estadual nº 628, de 30 de dezembro de 1953, o local recebeu a denominação atual, mantida após sua emancipação (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Pau Brasil | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Fitotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Pau Brasil é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando as letras P (CM 55) e B (CM 03). O movimento do sinal faz referência ao sinal de ÁRVORE em Libras, relacionando-se ao nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 41 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São José Da Vitória

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 36
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: São José Da Vitória
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotoponímico

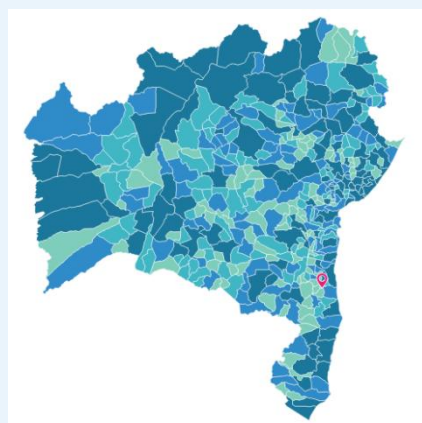
ORIGEM: português. Étimo: São José [< são (< lt. sanctus, i, ‘santo’) + José (< lt. Iosephus, i < hb. Yosef, ‘aquele que acrescenta’)] + da + [= de + a] + Vitória [

HISTÓRICO: São José (d. 1930) > São José da Vitória (1989).

IMAGENS:



Google Maps (Oliveira, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de São José da Vitória teve origem em meados da década de 1930, com a formação do povoado denominado São José. Posteriormente, ao ser emancipado, o local passou a adotar o nome atual São José da Vitória (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | São José da Vitória | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hodotopónimo <<Hodo + Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de São José da Vitória é formado por empréstimo linguístico por inicialização das três palavras do topônimo em Língua Portuguesa S (CM 69), J (CM 65) e V (CM 54). A execução é feita no antebraço, que simboliza a Rodovia Prestes Maia (BR 101), importante via de acesso que atravessa o território municipal em linha reta. Essa característica geográfica e urbana é a base motivacional do sinal, já que a rodovia funciona como eixo central de deslocamento e referência territorial para o município.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 42 – Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ubaitaba

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 37
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ubaitaba
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Poliotopônimo

ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: ybá ‘madeira, p/ ext., canoa ou flecha’ + y ‘rio’ + taba ‘aldeia’; donde: ‘aldeia do rio das canoas (ou das flechas)’.

HISTÓRICO: Funis (m. s. XIX) > Faisqueira (1873) > Tabocas (1915) > Itapira (1915) > Ubaitaba (1943).

IMAGENS:



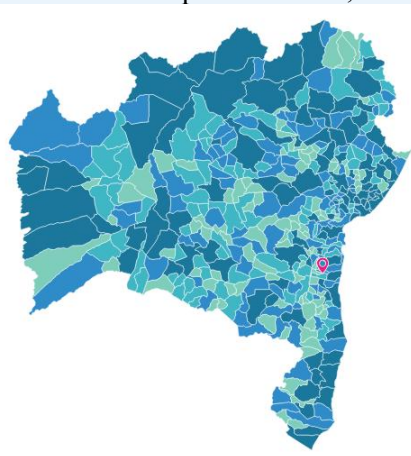
Praça João Pessoa : Ubaitaba, BA – 1957



Prefeitura Municipal : Ubaitaba, BA – 1957



Google Maps (Farias, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Maraú teve origem em uma antiga aldeia indígena chamada Mayrahú, identificada em 1705 por frades capuchinhos italianos na parte mais estreita da baía de Maraú. Em 1718, foi criado o distrito com o nome São Sebastião de Mayrahú, e a capela construída pelos frades foi elevada à condição de freguesia no mesmo ano. A localidade tornou-se vila em 1761, passando a denominar-se Maraú, e foi elevada à categoria de cidade em 1938. O município está situado em uma península que leva o mesmo nome, a Península de Maraú (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ubaitaba | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Ergotopônimo <<Ergo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Ubaitaba é formado por empréstimo linguístico por inicialização com a letra U (CM 21), seguido de um movimento que representa o ato de remar uma canoa, em referência à forte tradição da canoagem na cidade. Localizada às margens do Rio de Contas, Ubaitaba é conhecida como a “capital da canoagem” e berço de atletas olímpicos como Isaquias Queiroz. O nome, de origem indígena, significa “canoa pequena”, “rio” e “aldeia”, reforçando o vínculo histórico e cultural com essa prática.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 43 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Uruçuca

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 38
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Uruçuca
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 05 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ecotopônimo

ORIGEM: Indígena. EIRUSU-OKA, em tup. ant., ‘toca de uruçus’. Uruçu, abelhas meliponídeas (NAVARRO, 2013).

HISTÓRICO: Uruçuca < Água Preta

IMAGENS:



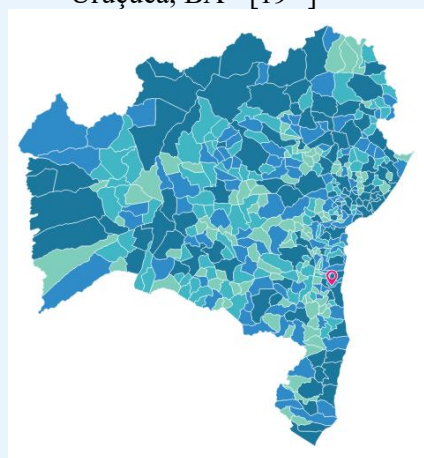
Vista panorâmica da cidade:
Uruçuca, BA – 1957



Rua Vital Soares:
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição:
Uruçuca, BA - [19--]



Google Maps (Marinho, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Uruçuca teve origem em uma povoação formada em 1906 com o nome de Água Preta, denominação que fazia referência à coloração escura das águas do rio Mucambo, que banha a localidade. Inicialmente pertencente ao distrito de Castelo Novo, em Ilhéus, o povoado foi elevado à sede distrital em 1922 e à categoria de vila em 1929, quando se tornou município autônomo. Extinto em 1930 e reincorporado a Ilhéus, o município foi restaurado em 1952, já com o nome Uruçuca, adotado oficialmente em 1943 (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Uruçuca | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Urucuá é formado por um empréstimo linguístico por transliteração usando a letra U (CM 21) seguida da letra R (CM 22).

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 44 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Valença

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 39
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Valença
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 06 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	

ORIGEM: Portuguesa. Topônimo de vila portuguesa. Sobrenome port. do lat. Valentia (GUÉRIOS, 1981)

HISTÓRICO: Valença < Santíssimo Coração de Jesus de Valença < Nova Valença do Santíssimo Coração de Jesus < uma

IMAGENS:



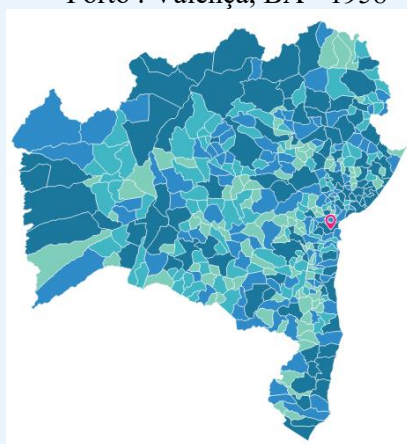
Praça da República : Casarões : Valença, BA – 1958



Porto : Valença, BA - 1958



Google Maps (Guimarães, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: As terras que hoje formam o município de Valença integravam a Capitania de São Jorge dos Ilhéus e estavam subordinadas à vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairu. A região era habitada pelo povo indígena Tupiniquim, reconhecido por seu convívio pacífico. Entre 1557 e 1571, chegaram os primeiros colonos, que fundaram a povoação de Una, nome relacionado à proximidade da foz do rio de mesmo nome. Em 1799, a localidade foi transformada em vila por meio da Carta Régia que criou Nova Valença do Santíssimo Coração de Jesus, com território desmembrado de Cairu. Em 1801, o distrito passou a denominar-se Santíssimo Coração de Jesus de Valença, sendo elevado à categoria de cidade em 1849, com o nome simplificado para Valença (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Valença | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:



Geomorfotopônimo <<Geo + Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra V como referência à primeira letra do topônimo. A base do sinal é a mesma utilizada para representar ILHA, porém substituindo a letra I (CM 66) pela letra V (CM 54), criando assim a forma sinalizada específica para o município. Localizada no baixo sul da Bahia, Valença é um importante centro urbano e econômico da região, conhecido como porta de entrada para destinos turísticos como Morro de São Paulo. A cidade combina atividades portuárias, pesca, comércio e um rico patrimônio histórico, preservando casarões coloniais e tradições culturais ligadas à vida litorânea.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 45 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Alcobaça

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 40
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Alcobaça
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo

ORIGEM: Portuguesa. Topônimo de vila portuguesa de origem muito discutida. Segundo Manuel Vieira Natividade, no livro "Mosteiro de Alcobaça" (1885), a etimologia mais provável é do lat. *Helcobatiae* (MOSTEIRO...)

HISTÓRICO: Alcobaça < São Bernardo de Alcobaça < Arraial de Itanhém

IMAGENS:



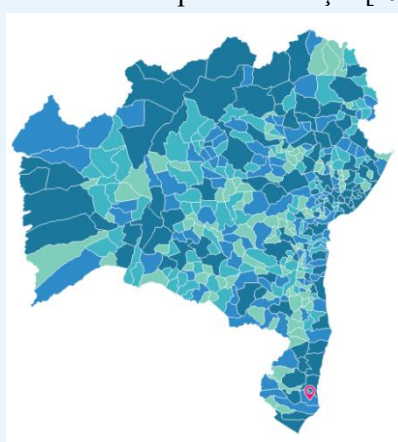
Igreja Matriz de São Bernardo : Alcobaça - [19--]



Prefeitura Municipal : Alcobaça- [19--]



Google Maps (Marinho, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Por volta de 1740, famílias portuguesas se estabeleceram às margens do rio Itanhém, dando origem ao povoado Arraial de Itanhém. As primeiras moradias, feitas de taipa e cobertas com palha de ouricuri, foram cercadas por estruturas de pau-a-pique, utilizadas como proteção contra animais e grupos que habitavam o litoral. Em 1755, por Carta Régia assinada pelo rei D. José I, foi criada a vila denominada São Bernardo de Alcobaça, em referência à cidade portuguesa natal dos primeiros colonizadores. A instalação oficial ocorreu em 1772, e, em 1896, a localidade foi elevada à categoria de cidade, com o nome Alcobaça (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Alcobaça | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:



Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra A (CM 67), correspondente à primeira letra do nome em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

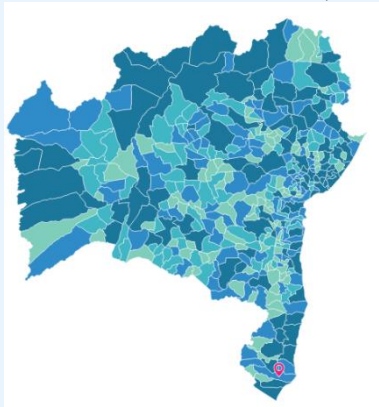
GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

MOSTEIRO de Alcobaça. Patrimônio Cultural da República Portuguesa. Disponível em: <http://www.mosteiroalcobaca.pt/pt/index.php?s=white&pid=188>>. Acesso em 20 jul. 2015.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 46 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Caravelas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 41
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Caravelas Va. social
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ergotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Pl. do lat. carābus, ‘embarcação’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Caravelas < Santo Antônio do Rio das Caravelas	
IMAGENS:	
 	
Catedral de Santo Antonio : Caravelas, BA - [19--] Rua da Liberdade : Caravelas, BA - [19--]	
 	
Google Maps (Brasileiro, 2021) (IBGE, 2022)	
INFORMAÇÕES ADICIONAIS O território do atual município de Caravelas começou a ser ocupado em 1549, durante o governo de Tomé de Sousa, quando se iniciou a colonização do litoral e o avanço em direção ao interior. Em 1574, a expedição de Antônio Dias Adorno chegou à região em busca de ouro e da chamada Serra das Esmeraldas. Na ocasião, o rio local foi denominado Santo Antônio, em referência ao santo celebrado em 13 de junho, mas passou a ser conhecido como rio das Caravelas após o fundeio das embarcações da expedição. Em 1581, registros apontam a fundação de uma aldeia missionária com uma igreja dedicada a Santo Antônio do Campo dos Coqueiros. Em 1700, a localidade foi elevada à categoria de vila sob o nome Santo Antônio do Rio das Caravelas. Posteriormente, o distrito e o município consolidaram o topônimo Caravelas, sendo a cidade oficialmente criada em 1855 (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Caravelas História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Hidrotopônimo <<Hidro+Grafo>>	



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra C (CM 12), tendo como aspecto motivacional a primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa, seguido do sinal de praia, uma vez que o município possui praias no seu espaço geográfico.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 47 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itamaraju

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 42
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itamaraju
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litrotopônimo	
ORIGEM: : Tupi-médio. Étimo: ita ‘pedra’ + mará ‘rio’ + îu ‘retirada’; donde: ‘pedra retirada do rio’.	
HISTÓRICO: Escondido (m. s. XIX) > Itamaraju (1961). 1827 (inexistente). 1890, 1940 – Nome: Escondido.	

IMAGENS:



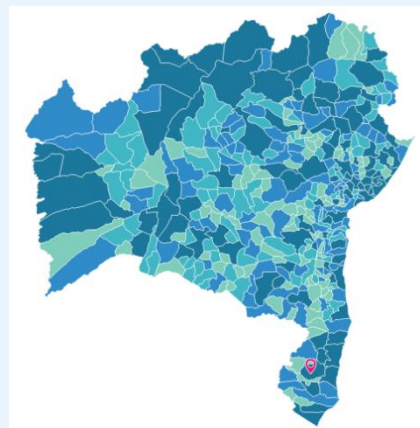
Praça da Independência



Centro de abastecimento



Google Maps (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região onde hoje se localiza o município de Eunápolis foi inicialmente habitada pelo povo indígena Pataxó. A ocupação não indígena ocorreu apenas por volta de 1860, com o início da exploração madeireira e a formação de um pequeno povoado. Durante a Guerra do Paraguai, alguns desertores se refugiaram no local, que passou a ser conhecido como Escondido. Já no século XX, com a construção da rodovia Rio-Bahia, a localidade se desenvolveu rapidamente, conquistando sua emancipação e o nome atual Eunápolis (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Itamaraju](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração da língua oral, com a letras J (CM 65) e U (CM 21), presentes no final do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 48 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itanhém

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 43
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itanhém
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: itá ‘pedra’ + nhaẽ ‘vaso’; donde: ‘vaso de pedra’.	
HISTÓRICO: Itanhém (1753) > Água Fria (1918) > Itanhém (1938). 1827, 1890 (inexistente).	

IMAGENS:



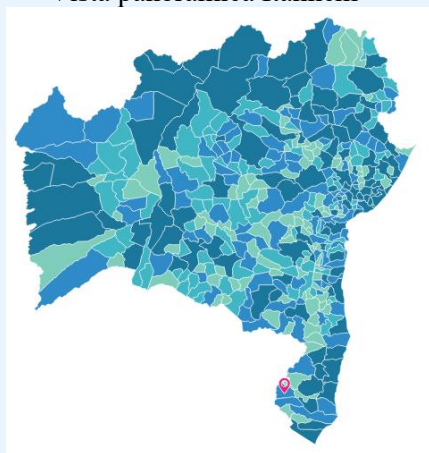
Praça da Matriz : Paróquia Nossa Senhora d'Ajuda



Vista panorâmica Itanhém



Google Maps (Daniel, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Itanhém teve origem em 1753, quando Antônio Gomes Pereira e Antônio Mendes, vindos da cidade portuguesa de Alcobaça, se estabeleceram às margens do rio Itanhém, formando uma pequena povoação que recebeu o nome do curso d'água. Após uma enchente, o local foi abandonado e voltou a ser ocupado apenas em 1918, quando pecuaristas vindos de Minas Gerais fundaram o povoado de Água Fria, posteriormente renomeado Itanhém em 1938 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Itanhém](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



Variação de sinais I



Variação de Sinais II

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração da língua oral, com a letras I (CM 65) e T (CM 20), presentes no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 49 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Medeiros Neto

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 44
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Medeiros Neto
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Historiotopônimo	

ORIGEM: Medeiros [< pt.: Medeiro (< meda (lt. meta, ae, ‘meda’) + -eir, ‘suf. deriv.’ + - o, ‘vt’) + -s, ‘suf. fl. pl.’] + Neto [< lt. nepos, otis, ‘neto’].

HISTÓRICO: Água Fria (1918) > Medeiros Neto (1958). 1827, 1890 (inexistente). 1940 – Nome: Água Fria.

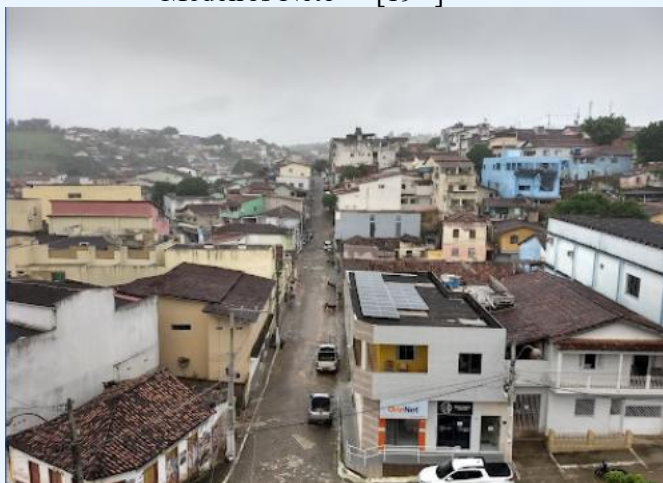
IMAGENS:



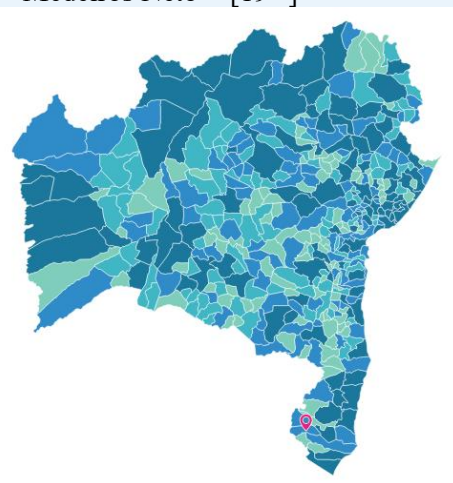
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição:
Medeiros Neto - [19--]



Ponte sobre o Rio Itanhém:
Medeiros Neto - [19--]



Google Maps (Franco, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território do atual município de Medeiros Neto foi inicialmente habitado pelo povo indígena Pataxó. A ocupação não indígena ocorreu com a chegada de grupos vindos de Minas Gerais, que, ao descenderem o rio Itanhém, se fixaram próximos à foz do ribeirão Água Fria, nome dado à localidade em referência ao curso d'água. Em 1958, a localidade recebeu a denominação Medeiros Neto, em homenagem ao advogado e senador alcobacense Antônio Garcia de Medeiros Neto (1887–1948) (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Medeiros Neto | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hodotopônimo <<Hodo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra M (CM 77) e N (CM 21), tendo como aspecto motivacional a primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa, seguido do movimento que faz alusão a uma ponte sobre o rio que divide a cidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 50 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Mucuri

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 45
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Mucuri
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Indígena. MUCURY, em tup. ant., ‘mucuris’ (NAVARRO, 2013). Plantas da família das anacardiáceas. Árvores de até 40 metros (HOUAISS, 2001).	
HISTÓRICO:	

IMAGENS:



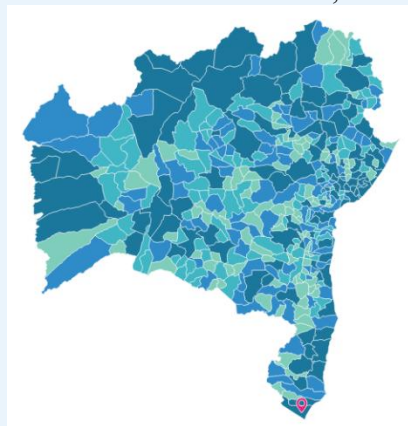
Rua Jovita Fontes : Mucuri, BA - 1957



Vista panorâmica da cidade : Mucuri, BA - [19--]



Google Maps (Murillo, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: As primeiras explorações da região onde hoje se localiza o município de Mucuri datam do século XVI. Entre 1720 e 1730, colonizadores europeus se estabeleceram nas terras que chamaram de Porto Alegre, enquanto as comunidades indígenas da área as denominavam Mucuri, em referência a uma madeira abundante próxima ao rio. A partir da aldeia de Mucuri formou-se o núcleo urbano de São José de Porto Alegre, cuja capela foi elevada à condição de freguesia em 1795. Posteriormente, a localidade foi elevada à categoria de vila e, mais tarde, reconhecida como município com o nome Porto Alegre. Em 1931, o topônimo foi alterado para Mucuri, denominação mantida até hoje (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Mucuri | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hidrotopônimo

<<Hidro+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração da língua oral, com as letras M (CM 77) e C (CM 12), presentes no nome do topônimo em Língua Portuguesa, fazendo um movimento no M que faz alusão a formação das ondas, visto que o município é banhado por praias.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 51 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Nova Viçosa

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 46
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Nova Viçosa
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Cronotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: pt.: nova [< lt. nova, ae, ‘nova’] + viçosa [< lt. vitiosa, ae, ‘feliz, viçosa’].

HISTÓRICO: Nossa Senhora da Conceição de Campinhos (1748) > Viçosa (1755) > Marobá (1943) > Nova Viçosa (1953)

IMAGENS:



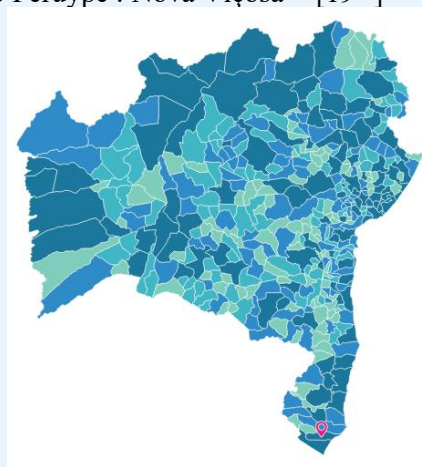
Rua Mucuri : Nova Viçosa - [19--]



Rio Peruype : Nova Viçosa - [19--]



Google Maps (Lecchi, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A formação do município de Nova Viçosa teve início com a aldeia indígena de Campinhos, situada na foz do rio Peruípe. Em 1748, João Domingos Monteiro construiu uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, em torno da qual se desenvolveu o povoado de Nossa Senhora da Conceição de Campinhos. O município foi criado em 1755 com o nome de Vila Viçosa, sendo extinto em 1931 e transformado em distrito de Mucuri, com o nome Viçosa. Posteriormente, a denominação foi alterada para Marobá em 1943 e, em 1953, passou a chamar-se Nova Viçosa (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Nova Viçosa | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por da língua oral, com a letras N (CM 21) e V (CM 54), presentes no início dos nomes do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 52 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Prado

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 47
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Prado
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Topônimo de vila portuguesa. Do lat. prātum -ī, ‘campo coberto de plantas herbáceas que servem para a pastagem’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Prado < Jucuruçu	

IMAGENS:



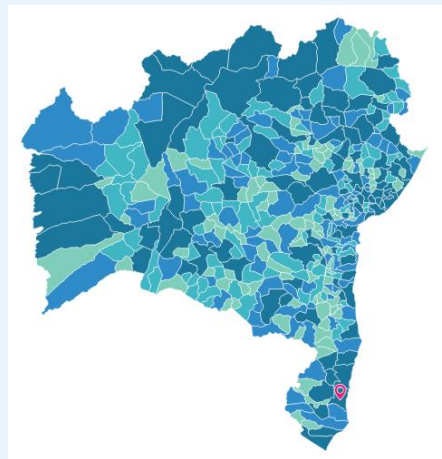
Prefeitura Municipal : Cadeia Pública:
Prado— 1957



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação:
Prado - 1957



Google Maps (Tiossi, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: município de Prado teve origem em uma aldeia habitada por descendentes do povo indígena Aimoré, estabelecida antes de 1755 na margem esquerda do rio Jucuruçu, próxima ao litoral. A povoação, formada na aldeia de Jucuruçu, termo que faz referência às grandes aves conhecidas como jucurus, foi elevada à categoria de vila com o nome Prado por Carta Régia de 3 de março de 1755, sendo oficialmente instalada em 1764. Em 1795, a localidade foi elevada à condição de freguesia sob a denominação Nossa Senhora da Purificação do Prado. O progresso intensificou-se a partir de 1884 com a chegada de novas famílias, e, em 1886, a vila foi elevada à categoria de cidade com o nome Prado (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Prado | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra P (CM 55), tendo como aspecto motivacional a primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 53 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Teixeira de Freitas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 48
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Teixeira de Freitas
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 07 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo	

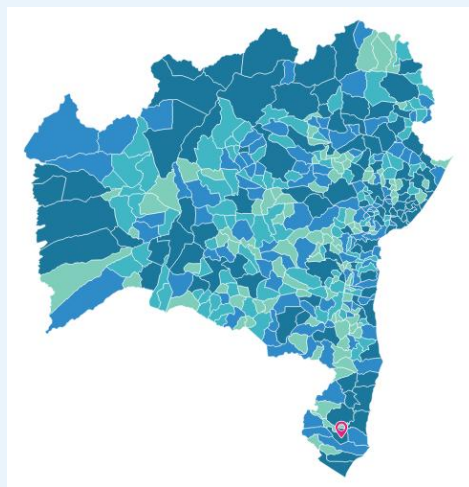
ORIGEM: português. Étimo: Teixeira [< teixeira (< teixo (< lt. taxus, i, ‘teixo’) + -eir, ‘suf. deriv.’ + -a, ‘vt’) + de + Freitas [< lt. fractas, tatis, ‘quebrada, brecha, abertura desfiladeiro’].

HISTÓRICO: : Perna Aberta (in. s. XX) > São José do Itanhém > Teixeira de Freitas (1957). 1827, 1890 (inexistente). 1940 – Nome: São José do Itanhém.

IMAGENS:



Google Maps (Lima, 2013)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Teixeira de Freitas surgiu no início do século XX, quando lenhadores se fixaram em uma área conhecida como Perna Aberta, nome originado do bifurcamento das estradas que ligavam Alcobaça a Água Fria (atual Medeiros Neto) e ao porto de Santa Luzia (atual Nova Viçosa). O povoado, chamado São José do Itanhém, desenvolveu-se com o comércio de madeira, atraindo moradores de outras regiões. Em 1957, recebeu o nome Teixeira de Freitas em homenagem póstuma ao estatístico baiano Mário Augusto Teixeira de Freitas (1890–1956), idealizador do Instituto Nacional de Estatística, atual IBGE (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o [site do IBGE](#): [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Teixeira de Freitas](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal está relacionado à letra “T” (CM 20), presente no início do topônimo em língua portuguesa. No entanto, sua representação em Libras ocorre por meio de uma motivação visual, baseada na forma escrita da grafia do nome da localidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 54 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itapetinga

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 49
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itapetinga
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 08 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo

ORIGEM: Indígena. ITÁ-PEBA-TINGA, em tup. ant., ‘laje de pedra branca’ (GREGÓRIO, 1980).

HISTÓRICO: Itapetinga < Itatinga

IMAGENS:



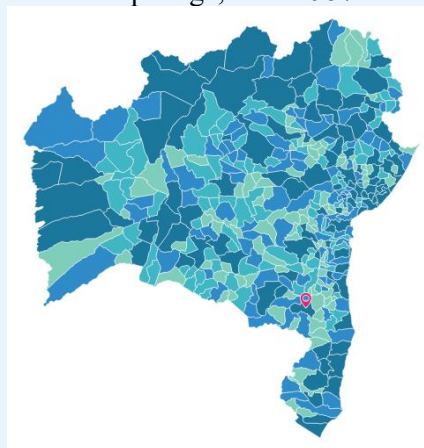
Vista panorâmica da cidade:
Itapetinga, BA – 1957



Praça Augusto Carvalho:
Itapetinga, BA - 1957



Google Maps (Lima, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: As origens do município de Itapetinga estão ligadas à história de Vitória da Conquista. Em 1923, formou-se um núcleo de povoamento chamado Itatinga, nome atribuído em razão da presença de pedras brancas na região. O distrito de Itatinga foi criado em 1933, com sede no arraial homônimo e vinculado ao município de Vitória da Conquista. Posteriormente, em 1938, foi elevado à categoria de vila e, no mesmo ano, transferido para o município de Itambé. Em 1943, o topônimo foi alterado para Itapetinga, denominação mantida quando a localidade foi elevada à categoria de cidade em 1952, com a criação do município autônomo (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Itapetinga | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo <<Zoo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Itapetinga é formado por empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra I (CM 65), que além de representar a primeira letra do topônimo em Língua Portuguesa, simboliza também o chifre dos bois, elemento marcante da identidade local. Essa referência visual se conecta diretamente ao patrimônio cultural da cidade, representado pela Praça Dairy Valley, inaugurada em 1963, que abriga esculturas de bois, vaca e bezerro criadas pelo artista Manoel Bonfim. Essas obras simbolizam a importância da pecuária na economia de Itapetinga e se tornaram ícones históricos e culturais do município.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 55 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Amargosa

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 50
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Amargosa
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Do lat. amāricōsu, de amarīcus ‘que tem sabor adstringente’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Amargosa < Nossa Senhora do Bom Conselho das Amargosas	

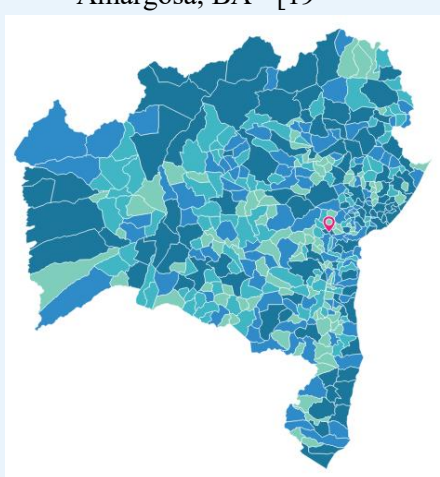
IMAGENS:



Rua Doutor José Gonçalves : Amargosa, BA - [19--]

Catedral de Nossa Senhora
do Bom Conselho:
Amargosa, BA - [19--]

Google Maps (Maria Silva, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Amargosa teve origem em uma antiga aldeia indígena chamada Baetinga, habitada por grupos do povo Cariri que ocupavam a região. A fertilidade do solo atraiu moradores de Santo Antônio de Jesus e Nazaré, que se estabeleceram às margens do rio Ribeirão. Por volta de 1840, formou-se um povoado em torno de uma pequena capela. Em 1855, foi erguida a Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho das Amargosas, nome inspirado na pomba-amargosa, ave comum na região cuja carne de sabor amargo originou a expressão popular “Vamos às Amargosas!”. O crescimento do povoado, impulsionado pelo cultivo de fumo e café, levou à criação da vila em 1878 e, posteriormente, à sua elevação à categoria de cidade em 1891, com o nome Amargosa (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Amargosa | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra A (CM 67) presentes no início dos nomes do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 56 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jaguaquara

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 51
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Jaguaquara
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ecotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: <i>îagûara</i> , ‘onça, jaguar’ + <i>kûara</i> , ‘buraco, toca’; donde: ‘toca da onça’.	
HISTÓRICO: Toca da Onça > Jaguaquara (1915). 1827 (inexistente). 1890 – Nome: Toca da Onça	

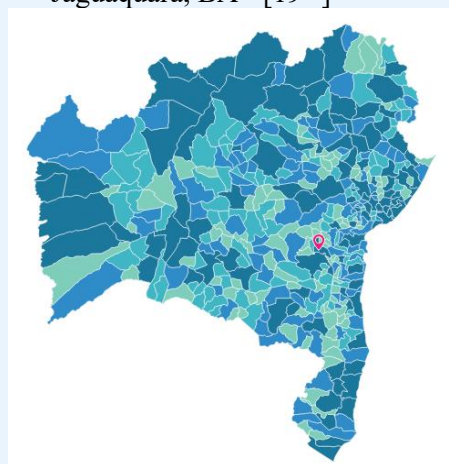
IMAGENS:



Colégio Taylor-Egídio : Jaguaquara, BA - [19--]

Ladeira Dom Pedro II:
Igreja Matriz de Nossa Senhora Auxiliadora:
Jaguaquara, BA - [19--]

Google maps (Ferreira, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A ocupação do território do atual município de Itiruçu teve início em 1823, quando exploradores se estabeleceram na localidade chamada Tiririca, nome derivado de uma planta daninha comum na região, pertencente à Fazenda Morro Grande. No local, foi construída a capela de Santo Antônio, em torno da qual se formou o povoado. Em 1922, o distrito foi criado com o nome Itirussu, vinculado ao município de Jaguaquara, sendo elevado à categoria de município em 1935. Extinto em 1943 e reincorporado a Jaguaquara, foi restaurado no ano seguinte e passou a ter a grafia Itiruçu em 1953 (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Jaguaquara | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal deste topônimo é o mesmo sinal ONÇA, uma vez que este é um animal característico do município.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 57 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jiquiriçá

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 52
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Jiquiriçá
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Indígena. ÎUKYRA-ESÁ, em tup. ant., ‘olhos de sal, i.e. sal-gema’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Jiquiriçá ~ Jequiriçá < Capela Nova do Jequiriçá < Velhas	
IMAGENS:	
	
Estação ferroviária : Jiquiriçá, BA – 1957 Rua Sete de Setembro : Jiquiriçá, BA - 1957	
	
Google Maps (Mota, 2021) (IBGE, 2022)	
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Jiquiriçá teve origem em 1860, com a formação do povoado de Velhas, às margens do rio Jiquiriçá. O local era ponto de descanso para tropeiros que transportavam mercadorias entre os sertões de Vitória da Conquista e as regiões de Nazaré e Aratuípe. Em 1878, o povoado foi elevado à categoria de freguesia e, em 1891, transformado em vila com o nome Capela Nova do Jequiriçá, desmembrando-se de Areia. Em 1904, o nome foi simplificado para Jequiriçá. O município foi extinto em 1943 e anexado a Mutuípe, sendo restaurado no ano seguinte com a grafia atual Jiquiriçá (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Jiquiriçá História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo	



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração da língua oral, com as letras J (CM 65) e C (CM 12), presentes no nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 58 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Laje

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 53
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Laje
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. De etimologia controversa, geralmente atribuída ao lat. <i>lagēna</i> ‘pedra plana e lisa’ (HOUAISS, 2001).	
HISTÓRICO: Laje ~ Lage < Nova Laje	

IMAGENS:



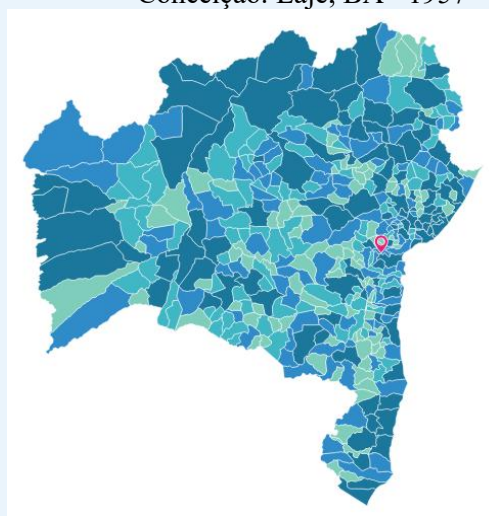
Ponte sobre o Rio Jiquiriçá: Laje, BA – 1949



Praça Matriz: obelisco: Igreja Nossa Senhora da Conceição: Laje, BA - 1957



Google Maps (Pimentel, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS De acordo com relatos de antigos moradores, por volta de 1850, uma enchente que desviou o curso do rio Jiquiriçá destruiu completamente um pequeno povoado situado em sua margem direita. Os sobreviventes reuniram-se e ergueram uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, originando um novo povoado na margem esquerda do rio, denominado Nova Laje. O distrito foi criado em 1864, vinculado ao município de Aratuípe, e, no mesmo ano, instituiu-se a freguesia de Nossa Senhora das Dores de Nova Laje. Após transferências administrativas, a sede retornou à localidade em 1884, com o nome Nossa Senhora da Conceição do Cariri de Nova Laje. Em 1905, o povoado foi elevado à categoria de município com a denominação Lage, desmembrando-se de Aratuípe. Em 1943, a grafia do topônimo foi oficializada como Laje (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Laje | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra L (CM 24) presentes no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 59 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Milagres

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 54
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Milagres Google Earth
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hierotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: milagre [< lt. miraculum, i, ‘coisa admirável’] + -s, ‘suf. fl. pl’.	
HISTÓRICO: Milagres (1944) > Nossa Senhora dos Milagres (1958) > Milagres (1961). 1827, 1890, 1940 (inexistente). 1970 – Nome: Milagres.	

IMAGENS:



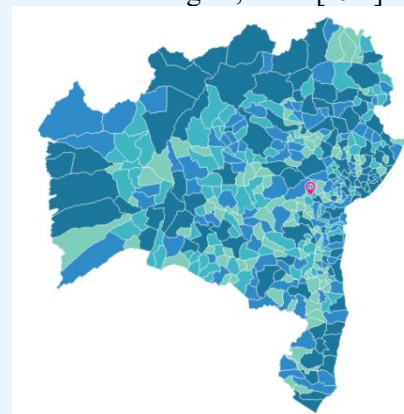
Casas comerciais em Milagres (BA) – 1957



Vista parcial da cidade : Milagres, BA - [19--]



Google Maps (Fernandes, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Segundo a tradição oral, uma figura feminina que aparecia nas elevações ao redor da povoação era identificada pelos moradores como a Virgem Maria. A presença de romeiros e os relatos de milagres atribuídos à aparição favoreceram a formação de um núcleo urbano denominado Nossa Senhora dos Milagres. A localidade figurava como distrito do município de Amargosa em 1958 e, em 22 de dezembro de 1961, foi emancipada, passando a constituir o município de Milagres, formado pelos distritos de Nossa Senhora dos Milagres e Tartaruga (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Milagres | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Litotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simple-Híbrido



Variação de sinal I



Variação de sinal II

CONTEXTO DO SINAL O sinal utilizado para representar o município é o mesmo sinal de PEDRA, tendo como aspecto motivacional a paisagem local marcada por morros e formações rochosas. A cidade é conhecida por suas áreas de turismo de aventura, incluindo a prática de rapel em seus paredões naturais.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 60 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Mutuípe

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 55
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Mutuípe
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Indígena. MUTÛ-‘Y-PE, em tup. ant., ‘no rio do mutum’ (NAVARRO, 2013). Mutum, ave da família dos Cracídeos (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Mutuípe < Mutum	

IMAGENS:



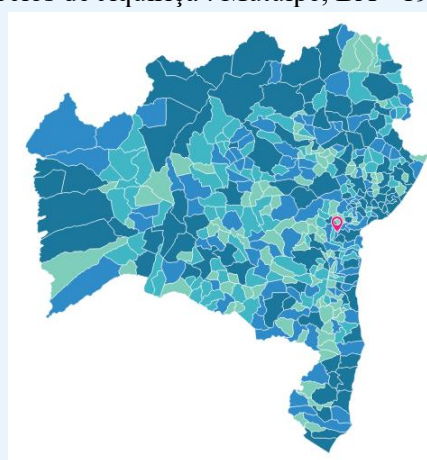
Avenida Rio Branco : Mutuípe, BA - [19--]



Caboclos de Jiquiriçá : Mutuípe, BA - 1958



Google Maps (Souza Filho, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Até meados do século XIX, as margens do rio Jiquiriçá eram habitadas por comunidades indígenas que gradualmente deixaram a região com o avanço da ocupação não indígena. Entre as propriedades fundadas pelos primeiros colonizadores destacava-se a Fazenda Mutum, nome inspirado na abundância da ave homônima. Localizada no antigo município de Jiquiriçá, a fazenda situava-se às margens de uma estrada que ligava o sudoeste baiano a Minas Gerais, servindo como ponto de descanso e reabastecimento para tropeiros. A fertilidade do solo favoreceu o surgimento de um pequeno núcleo populacional por volta de 1900, formado por agricultores e comerciantes. Em 1926, o povoado foi elevado à categoria de município com o nome Mutuípe (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Mutuípe | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Sociotopônimo <<Socio+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra M (CM 77), tendo como aspecto motivacional a primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa, junto com o formato da outra mão que faz alusão a uma fábrica de biscoito que movimenta a economia da cidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

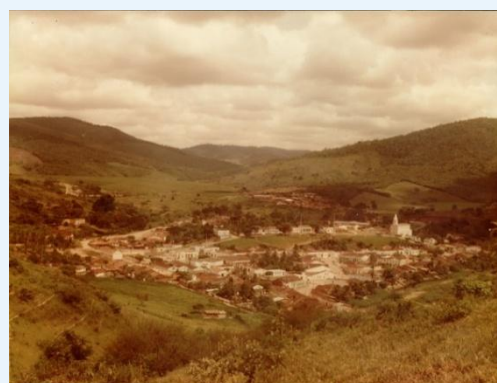
Quadro 61 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ubaíra

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 56
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ubaíra
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 09 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Indígena. YBYRÁ-EÍRA, em tup. ant., ‘mel-de-pau, abelha que dá no pau’ (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Ubaíra < Areia < São Vicente Ferrer de Areia < Vila de Jiquiriçá < Areia	

IMAGENS:



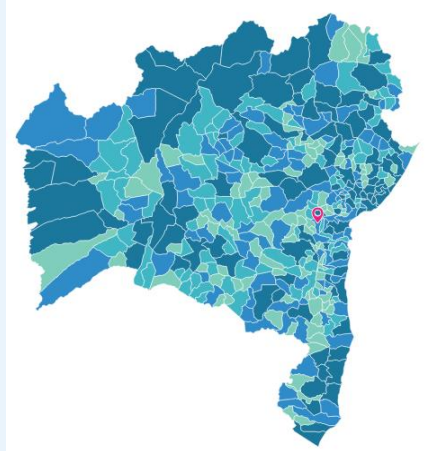
Grupo escolar : Ubaíra, BA – 1957



Vista panorâmica da cidade : Ubaíra, BA - [19--]



Google Maps (Alves, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região onde hoje se localiza o município de Ubaíra era originalmente habitada pelo povo indígena Mongoió. O processo de ocupação iniciou-se no final do século XVII e intensificou-se em 1824, quando famílias, fugindo da seca, se estabeleceram no local denominado Areia, onde fundaram as fazendas Areia de Cima e Areia de Baixo. Em 1841, foram erguidas as capelas de São Vicente Ferrer e Santo Antônio, respectivamente nessas localidades. Com a decadência da vila de Jiquiriçá, sua sede foi transferida para o povoado de Areia em 1868. Desde então, a localidade passou por diversas mudanças de nome: São Vicente Ferrer de Areia em 1876, e Areia em 1891, quando obteve foro de cidade. Em 1943, o município recebeu a denominação atual Ubaíra (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ubaíra | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Ergotopônimo <<Ergo+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra U (CM 21), tendo como aspecto motivacional a primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa, acompanhado do movimento utilizado para o doce/açúcar, uma vez que a cidade é reconhecida como grande produtora de mel.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 62 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Juazeiro

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 57
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Juazeiro
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 10 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Híbrida. Forma der. de yú-á, do tup. ant., ‘juá, fruto espinhoso’ (GREGÓRIO, 1980), acrescido do suf. port. eiro, ‘pé de juá’ (HOUAISS, 2001)	
HISTÓRICO: Juazeiro < Nossa Senhora das Grotas do Juazeiro < Juazeiro Velho < Passagem do Juazeiro	

IMAGENS:



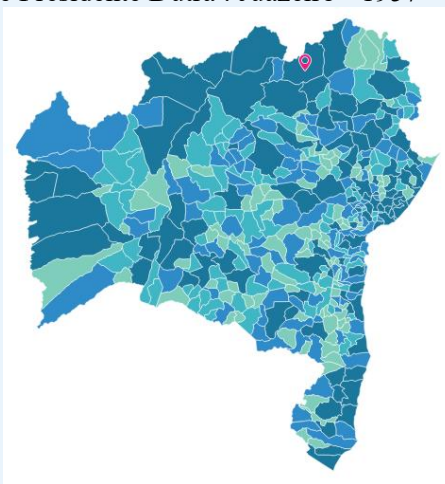
Estação Ferroviária de Juazeiro – 1957



Ponte Presidente Dutra : Juazeiro - 1957



Google Maps (2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A ocupação do território do atual município de Curaçá teve início em 1562, com a chegada de padres jesuítas que desenvolveram atividades missionárias junto aos povos indígenas da aldeia Pambu. Em 1809, foi construída a igreja do Bom Jesus da Boa Morte, marco da formação do povoado homônimo. Em 1832, o local foi elevado à categoria de vila com o nome Pambu, desmembrando-se de Joazeiro (atual Juazeiro). Em 1853, a vila passou a denominar-se Capim Grosso e, em 1890, foi elevada à categoria de cidade com o nome Curaçá (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Juazeiro](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:



Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Juazeiro é formado por empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra J (CM 66), em referência à primeira letra do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 63 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Canudos

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 58
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Canudos
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 10 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: canudo [< moç. gannût < lt. vg. * cannutus ‘semelhante à cana’ < lt. cl. cannae, ae, ‘cana’] + -s, ‘suf. fl. pl.’	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, o município conserva o mesmo nome. 1827	

IMAGENS:



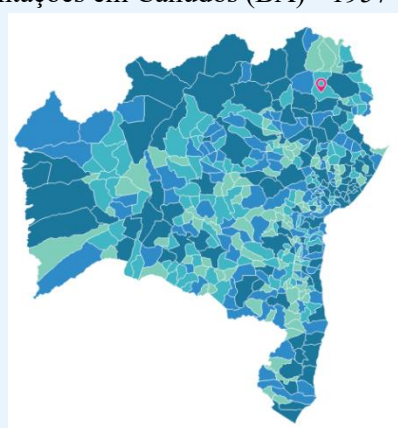
Morro da Favela em Canudos (BA) - 1957



Plantações em Canudos (BA) - 1957



Google Maps (Estrela, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Canudos tem origem na presença abundante da planta conhecida como canudo-de-pito, encontrada nas margens do rio Vaza-Barris, onde se formou a comunidade. O nome está diretamente ligado à região onde ocorreu a Guerra de Canudos (1896–1897), conflito histórico que opôs o arraial liderado por Antônio Conselheiro às forças do Exército brasileiro. Segundo Ferraz, Pinheiro e Santos Neto (1991), a denominação surgiu a partir dos longos cachimbos confeccionados com um vegetal típico da região, utilizados como “canudos”, elemento cultural que se integrou à identidade local. Após a destruição do arraial de Belo Monte em 1898, uma nova povoação foi erguida. Décadas mais tarde, a construção do açude de Cocorobó alagou o local, resultando na transferência dos moradores e, posteriormente, na emancipação municipal, ocorrida em 1985 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Canudos](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: A motivação do sinal de Canudos está diretamente vinculada ao contexto histórico da Guerra de Canudos. Após o conflito, a região foi tomada por diversos animais carniceiros, especialmente urubus, atraídos pelos corpos deixados no campo de batalha. Esse cenário tornou-se uma imagem marcante na memória coletiva local, sendo incorporado ao sinal em Libras como uma referência visual e simbólica desse episódio histórico.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 64 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Curaçá

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 59
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Curaçá
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 10 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: kurasá ‘cruz’, p/ adaptação fonética ¹³⁶ .	
HISTÓRICO: Pambu (1853) > Pambu /Capim Grosso (1854) > Curaçá (1890).	

IMAGENS:



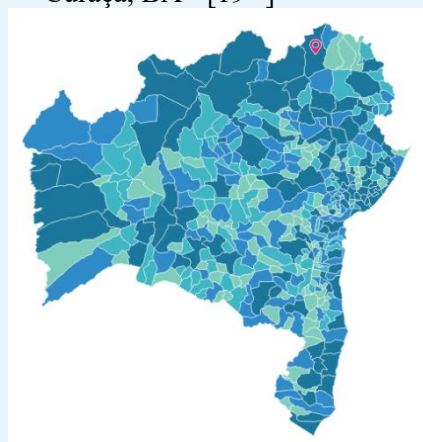
Praça Raul Coelho: Curaçá, BA - [19--]



Colégio Municipal Professor Ivo Braga:
Curaçá, BA - [19--]



Goole Maps (Lins, 2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A ocupação do território do atual município de Curaçá teve início em 1562, com a chegada de padres jesuítas que realizaram atividades missionárias junto às comunidades indígenas da aldeia Pambu. Em 1809, foi construída a igreja do Bom Jesus da Boa Morte, marco da formação do povoado. Em 1832, o local foi elevado à categoria de vila com o nome Pambu, desmembrando-se de Joazeiro (atual Juazeiro). Em 1853, a vila passou a denominar-se Capim Grosso e, em 1890, foi elevada à condição de cidade com o nome Curaçá (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Curaçá | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Ergotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples



CONTEXTO DO SINAL: A motivação do sinal do município em Libras está fortemente ligada à cultura sertaneja, especialmente aos acessórios característicos do vaqueiro, como o chapéu, que inspirou a criação do sinal. Essa tradição não apenas marca a identidade cultural do município, mas também se reflete no turismo local, estando representada no portal de entrada da cidade e em diversos espaços públicos. Em Curaçá, a figura do vaqueiro é símbolo de fé, coragem e resistência, encarnando a célebre frase de Euclides da Cunha: “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte*”.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 65 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Uauá

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 60
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Uauá
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 10 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: uauá, ‘vagalume’.	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, a localidade tem o mesmo nome.	

IMAGENS:



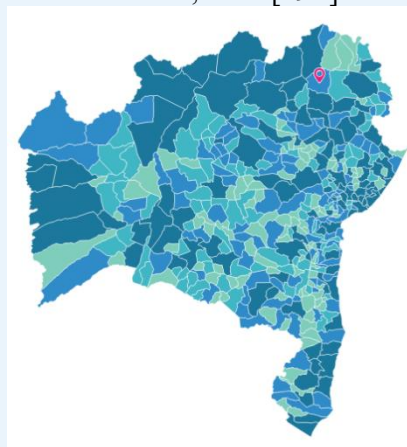
Praça São João Batista :
Paróquia São João Batista : Uauá, BA - [19--]



Grupo Escolar João Borges de Sá:
Uauá, BA - [19--]



Google Maps (Santana, 2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No século XVIII, as terras onde hoje se localiza o município de Uauá pertenciam à Casa da Torre. Às margens do rio Vaza-Barris foi instalada a Fazenda Uauá, nome atribuído em razão da grande quantidade de pirilampos encontrados na região. Em 1896, o povoado de Uauá, então em pleno desenvolvimento, serviu de acampamento para uma companhia do 9º Batalhão de Infantaria do Exército Nacional, que se dirigia a Canudos. Após os danos decorrentes da campanha, a localidade foi reconstruída e elevada à categoria de arraial em 1905, subordinado ao município de Monte Santo. Em 1926, Uauá foi elevado à condição de município, mas, em 1931, teve sua autonomia suspensa, sendo reincorporado a Monte Santo. Em 1933, o município foi restabelecido, mantendo o nome Uauá (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Uauá | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Zootopônimo <<Zoo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Uauá é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra U (CM 21), associada ao sinal em Libras que representa o animal CAVALO, em referência às tradicionais cavalgadas e à forte presença de eventos equestres que marcam a cultura local.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

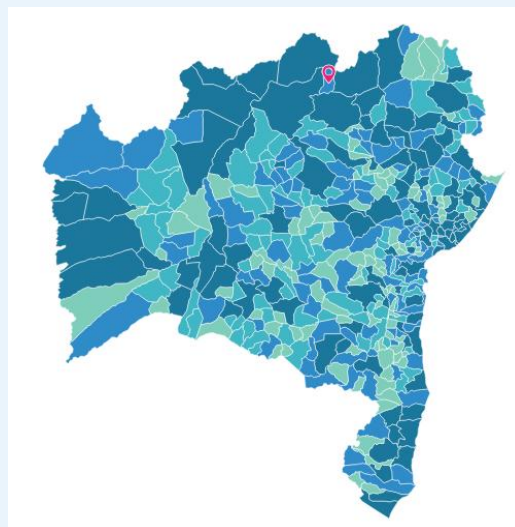
Quadro 66 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Sobradinho

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 61
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Sobradinho
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 10 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: Sobradinho [= pt. sobrado (< lt. superatus, i, ‘sobrado, andar de uma construção acima do térreo’) + pt. -inh, ‘suf. deriv. dim.’ + pt. -o, ‘vt’.	
HISTÓRICO: Tatuí (s. XVI) > Serrote da Aldeia (s. XVIII) > Sobradinho (f. s. XIX).	

IMAGENS:



Google Maps (Araújo, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Ribeira do Pombal teve origem no século XVI, com a formação da Fazenda Tatuí, termo de origem tupi que combina tatu (“tatu”) e y (“rio”), significando “rio dos tatus”. No século XVIII, a localidade passou a ser conhecida como Serrote da Aldeia e, no final do século XIX, recebeu o nome atual, em referência ao rio que atravessa seu território (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Sobradinho | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Ergotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Sobradinho valoriza o aspecto visual ao fazer referência direta à Barragem de Sobradinho, uma das maiores usinas hidrelétricas do Brasil e da América Latina. Localizada no Rio São Francisco, a barragem foi inaugurada em 1979 e é responsável por regular o fluxo do rio, garantindo abastecimento de água, produção de energia elétrica e controle de cheias. Seu lago artificial é o maior do país em volume d’água, abrangendo uma área de aproximadamente 4.200 km², e transformou a paisagem local, tornando-se também um importante atrativo turístico e marco econômico da região.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 67 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Casa Nova

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 62
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Casa Nova
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 10 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: corotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: casa [< lt. casa, ae, ‘casa’] + nova [< lt. nova, ae, ‘nova’].	
HISTÓRICO: São José do Riacho da Casa Nova (1879) > Casa Nova (1931) > Nova Casa Nova (1974) < Casa Nova.	

IMAGENS:



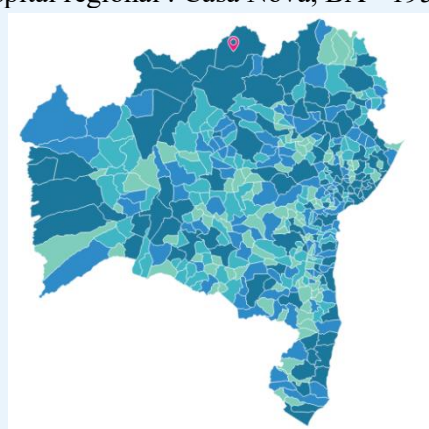
Rua Hermógenes Viana : Casa Nova, BA – 1957



Hospital regional : Casa Nova, BA - 1957



Google Maps (Lehninger, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: As terras banhadas pelo riacho da Casa Nova, afluente do rio São Francisco, destacavam-se pela presença de minas de cloreto de sódio, cuja descoberta, no início do século XIX, favoreceu o surgimento de um núcleo populacional nas proximidades da Fazenda Riacho da Casa Nova, situada na margem esquerda do rio. O crescimento do comércio local impulsionou o desenvolvimento do povoado, que contava com uma capela dedicada a São José. O arraial de São José do Riacho de Casa Nova foi elevado à categoria de freguesia e, em 1879, à condição de vila, com o nome São José da Casa Nova. Em 1931, o nome foi simplificado para Casa Nova, e em 1938, a localidade recebeu foros de cidade (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Casa Nova | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Casa Nova é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando as letras C (CM 12) e N (CM 21), referenciando a inicial do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 68 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Angical

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 63
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Angical
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: angico [< ?] + -al 'suf. deriv.'.

HISTÓRICO: Missão do Aricobé (1707) > Santana do Sacramento do Angical (1821) > Angical (1890).

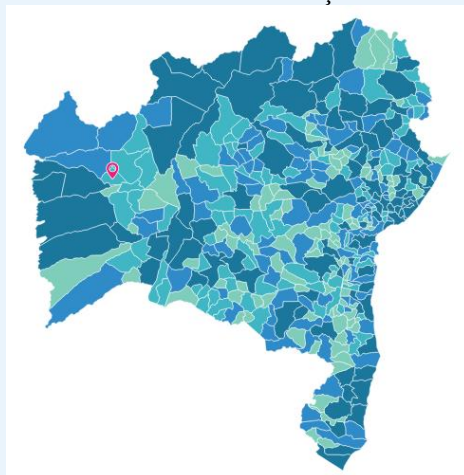
IMAGENS:



Rua Guilherme Rebelo 1957



Praça Santana : Correios e telégrafos 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território do atual município de Angical, situado à margem esquerda do rio São Francisco, integrou a Província de Pernambuco até 1828, quando passou a pertencer à Bahia. No início do século XIX, as terras conhecidas como Brejo do Angical, nome derivado da presença de matas de angico e áreas alagadiças, foram ocupadas por descendentes de portugueses dedicados à criação de gado, à agricultura e à extração de diamantes, o que levou à formação de um povoado. A primeira igreja foi construída em 1810 e, em 1821, foi criada a freguesia de Sant'Ana do Sacramento do Angical, vinculada ao bispado de Pernambuco. Em 1890, o povoado foi elevado à categoria de vila com o nome Sant'Ana do Angical, desmembrando-se de Campo Largo, e, em 1911, passou a denominar-se Angical (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o [site do IBGE: IBGE | Cidades@ | Bahia | Angical | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ergotopônimo
<<Ergo+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Angical utiliza as letras A (CM 67) e G (CM 50), associadas a um movimento que remete ao formato peculiar do teto das igrejas católicas da localidade. Essa configuração representa a característica arquitetônica diferenciada dessas construções, nas quais o telhado se molda de maneira específica, tornando-se um elemento distintivo das paróquias da região.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 69 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barreiras

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 64
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Barreiras
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Forma pl. der. do radical lat. de origem pré-romana barr-, ‘barranco, lugar escarpado e sem mato na margem de rio ou de estrada’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Barreiras	

IMAGENS:



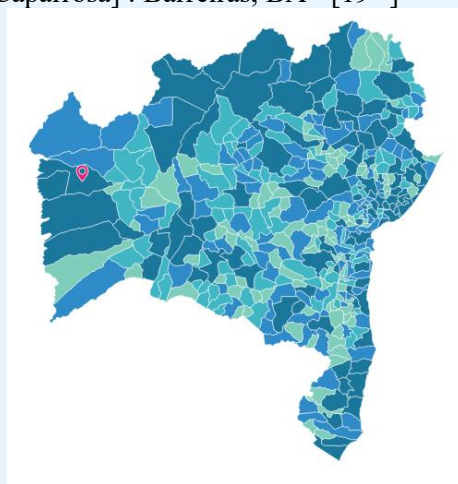
[vista panorâmica da cidade] : Barreiras, BA – 1957



[Rua Presidente Vargas : Mercado Municipal [Caparrosa] : Barreiras, BA - [19--]



Google Maps (Wesley, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território do atual município de Barreiras integrava a Sesmaria da Casa da Ponte. Seu processo de ocupação teve início na segunda metade do século XIX, com a chegada de aventureiros provenientes das margens do rio São Francisco e do norte de Goiás. A grande quantidade de mangabeiras nas matas da região, cuja seiva era utilizada na produção de borracha, impulsionou o crescimento local e o desenvolvimento de uma nova atividade econômica, contribuindo para o progresso do arraial de Barreiras. Em 1881, foi criada a freguesia, e, posteriormente, pela Lei Estadual nº 237, de 6 de abril de 1891, foi elevada à categoria de vila, recebendo o nome Barreiras, em referência aos altos barrancos situados na margem direita do rio Grande. A elevação à categoria de cidade ocorreu pela Lei Estadual nº 449, de 19 de maio de 1902 (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Barreiras | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Variação do sinal I



Variação do sinal II

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização a partir da língua oral, utilizando a letra B (CM 03), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 70 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Catolândia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 65
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Catolândia
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Poliotopônimo

ORIGEM: Étimo: Catão [< lt. Cato, onis, ‘Catão’] + ingl. -land, ‘terra’; donde: ‘terra de Catão’.

HISTÓRICO: Santana do Catão (m. s. XIX) > Catão (dec. 1940) > Catolândia (1962).

IMAGENS:



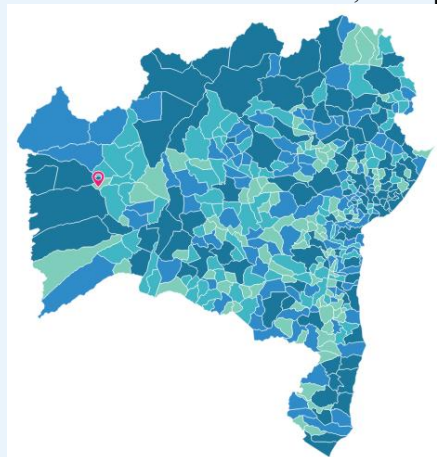
Mercado municipal : Catolândia, BA - [19--]



Rua Castro Alves : Catolândia, BA - [19--]



Google Maps (Jaap, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: De acordo com Almeida (1999, *apud* Ramos, 2008), o pioneiro conhecido como Lão fundou a fazenda Santana, onde atualmente se localiza a sede do município. Posteriormente, Agostinho José de Lima, apelidado de Catão, casou-se com a filha de Lão e passou a residir no local, onde se formou o povoado denominado Santana do Catão. O distrito foi criado por Ato Estadual em 10 de abril de 1895. Na década de 1940, o nome foi reduzido para Catão e, com a emancipação política, adotou-se o topônimo atual. Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Catolândia | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 71 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cotegipe

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 66
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cotegipe
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo

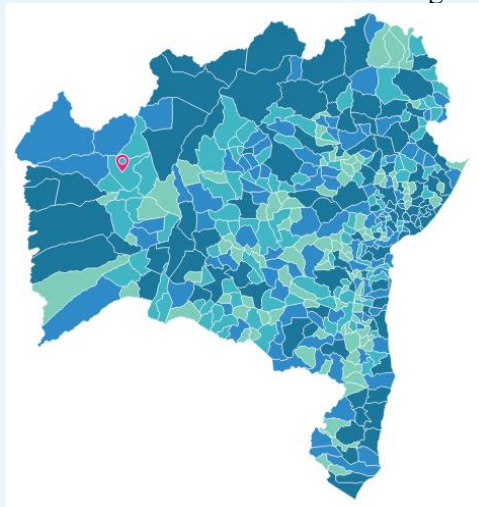
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: kutia, ‘cotia’ + y, ‘rio’, + pe ‘em’; donde: ‘no rio das cutias’.

HISTÓRICO: Sussuarana > Velho (s. XVII) > Campo Largo (1698) > Nossa Senhora de Santana do Campo Largo > Campo Largo (1820) > Barão de Cotegipe (1925) > Cotegipe (1933).

IMAGENS:



Praça da Bandeira : Igreja Santa Cruz Rua Doutor Mário Augusto: Cotegipe, BA – 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território do atual município de Cotegipe era originalmente habitado pelos povos indígenas acroás. A reocupação da região teve início na primeira metade do século XVIII, quando aventureiros provenientes da Província de Pernambuco se estabeleceram às margens do rio Grande, na antiga Fazenda Sussuarana, pertencente a João Maurício Mariani Vanderlei, o Barão de Cotegipe. Após uma grande cheia do rio, esses grupos se deslocaram para o Alto do Umbuzeiro, onde construíram a igreja de Nossa Senhora Santana do Campo e formaram um povoado. Esse núcleo foi elevado à categoria de vila com o nome Campo Largo, por alvará de 3 de março de 1820, desmembrado da então vila de Barra do Rio Grande (atual Barra). Pela Lei Estadual nº 1.772, de 1925, a sede municipal foi transferida para o povoado de Avaí, passando a chamar-se Barão de Cotegipe. O município foi extinto em 1931 e anexado a Angical, sendo restaurado em 1933 com o topônimo simplificado para Cotegipe (Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Cotegipe](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 72 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cristópolis

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 67
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cristópolis
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Poliotopônimo	

ORIGEM: luso-grego. Étimo: pt. Cristo (< gr. kristós ‘ungido’) + gr. -pólis ‘cidade’; donde: ‘cidade de Cristo’.

HISTÓRICO: Buritizinho (in. s. XX) > Cristópolis (1962).

IMAGENS:



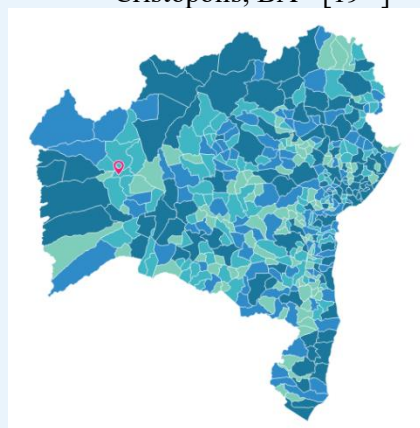
Praça Menino Jesus : Cristópolis, BA - [19--]



Avenida Major Claro : Prefeitura Municipal : Cristópolis, BA - [19--]



Google Maps (Sousa, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A área onde atualmente se localiza o município de Cristópolis correspondia à antiga fazenda de Antônio José Antunes Aurora, caracterizada pela presença abundante de buritizais, o que originou o nome inicial da povoação, Buritizinho. Em 1920, o proprietário construiu uma capela dedicada ao Menino Deus, em torno da qual se consolidou o povoado. Nas proximidades, desenvolveu-se também o povoado de Cantinho, e, posteriormente, a localidade de Mata do Cedro. O crescimento dessas comunidades impulsionou o movimento de emancipação, apoiado por lideranças regionais, culminando na criação do município em 19 de julho de 1962. O nome Cristópolis foi sugerido pelo padre Francisco Valdemar Antunes, em referência à devoção local ao Menino Deus (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@Bahia | Cristópolis | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples



CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 73 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Formosa do Rio Preto

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 68
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Formosa do Rio Preto
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: formosa [< lt. formosa, ae, ‘cheia de forma’] + do [= de + o] + rio [< lt. riuus, i, ‘curso d’água’] + preto [lt. vg. *prettus, i < lt. cl. pressus, i, ‘negro’].

HISTÓRICO: Capela do Sagrado Coração de Jesus (1706) > Freguesia de Nossa Senhora de Santana do Campo Largo > Várzea Formosa (s. XVIII) > Formosa (1840) > Formosa do Rio Preto (1943).

IMAGENS:



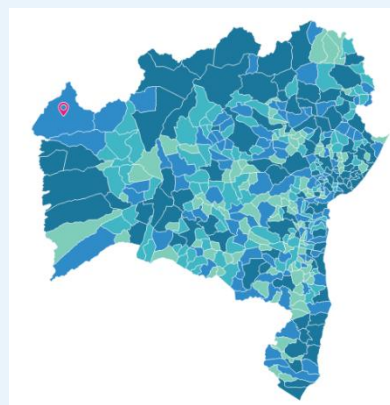
Centro Educacional Cenecista
Professora Rosita Teixeira:
Formosa do Rio Preto, BA - [19--]



Prefeitura Municipal:
Formosa do Rio Preto, BA - [19--]



Google Maps (Souto, 2025)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Entre 1706 e 1707, uma missão jesuíta chegou à localidade de Itajuí com o objetivo de evangelizar os povos indígenas da região, dando início à formação de povoados que, ao longo dos séculos seguintes, impulsionaram o desenvolvimento local. O município foi oficialmente emancipado em 1961, recebendo a denominação de Formosa do Rio Preto (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Formosa do Rio Preto | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Cromotopônimo <<cromo+grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Formosa do Rio Preto é formado pela letra F (CM 19) realizada na testa, seguida do sinal de “PRETO”, estabelecendo uma relação direta com o significado do nome em Língua Portuguesa, com ênfase na referência na cor.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

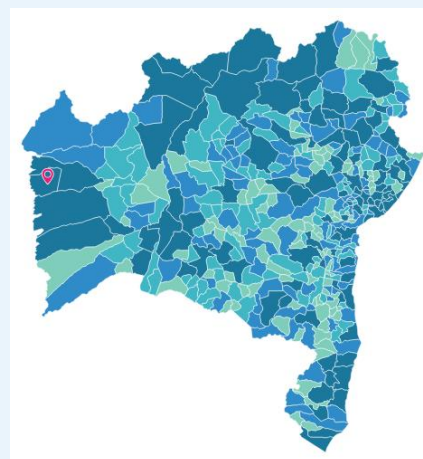
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro74 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Luis Eduardo Magalhães

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 69
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Luis Eduardo Magalhães
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: Luís [< lt. Ludovicus, i < germ. Hlodoviko < germ. hlot, hlut, ‘famoso, célebre’ + wig, ‘batalha’; donde: ‘famoso na batalha, guerreiro célebre’] + Eduardo [< lt. Eduardus, i < germ. Hadaward < germ. ead, ‘riqueza’ + ward, ‘guardião’; donde: ‘guardião das riquezas’] + Magalhães [< celt. magal, ‘grande’ + lt. -an, ‘suf. deriv.’ + -is, ‘suf. fl. gen’; donde: ‘dos grandes’]. HISTÓRICO: Buriti da Palha Mole (1957) > Entroncamento (1968) > Marabá (1974) > Mimoso (1977) > Rancho Grande > Mimoso do Oeste (1984) > Luis Eduardo Magalhães (1999). IMAGENS:	



Google Maps (Nuremberg, 2015)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS O município teve origem na década de 1950, com a formação de pequenos povoados ao longo da BR-020, construída durante o governo de Juscelino Kubitschek. A localidade passou por diversas denominações, como Buriti da Palha Mole, Entroncamento, Marabá, Rancho Grande e Mimoso do Oeste, até receber, em 1998, o nome Luís Eduardo Magalhães, em homenagem ao político baiano. A denominação, entretanto, é alvo de debates quanto à legitimidade dessa homenagem (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Luís Eduardo Magalhães | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Luís Eduardo Magalhães é formado por empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a primeira letra L (CM 24) e a última letra M (CM 77) do nome do município, realizadas de forma unida. A cidade recebeu este nome em homenagem a Luís Eduardo Maron Magalhães (1955–1998), político baiano e deputado federal, reconhecido por sua atuação no Congresso Nacional e por sua influência no desenvolvimento da região Oeste da Bahia.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 75 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Riachão das Neves

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 70
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Riachão das Neves
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: pt. riachão [< pt. riacho (< cast. rio (< lt. riuus, i, ‘curso d’água’) + -acho, ‘suf. dim.’) + pt. -ão, ‘suf. deriv.’] + pt. das [= de + a + -s] + pt. neves [= pt. neve (< lt. vg. *nevem < lt. cl. nix, nivis) + pt. s, ‘suf. pl.’].

HISTÓRICO: Larga da Conceição (s. XVII) > Riachão das Neves.

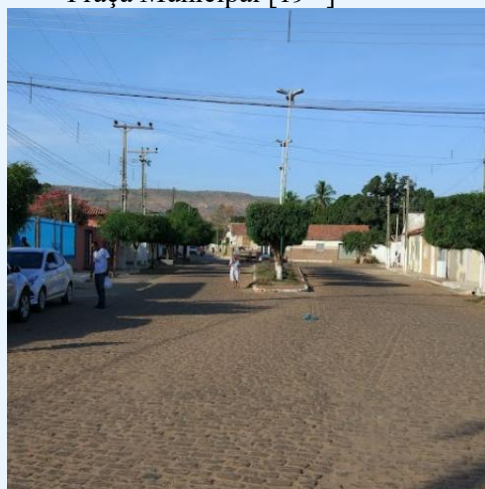
IMAGENS:



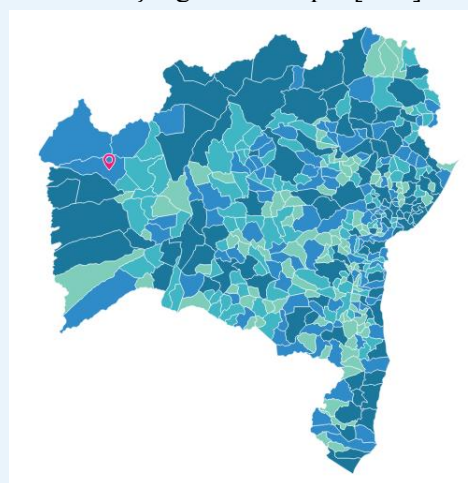
Praça Municipal [19--]



Açougue Municipal [19--]



Google Maps (2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A ocupação da região teve início com a concessão de sesmarias solicitadas à Capitania de Pernambuco por seus primeiros habitantes. Entre os beneficiados estava Ildefonso Carvalho da Cunha, fundador da Fazenda Larga da Conceição, em torno da qual se desenvolveu o povoado que recebeu o nome de Riachão das Neves, em alusão ao curso d’água que atravessa o território (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Riachão das Neves | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hodotopônimo <<Hodo + Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:



Simple-híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Riachão das Neves é formado pela letra R (CM 12), utilizada como empréstimo linguístico por inicialização, acompanhada de um movimento que remete à ponte de madeira atravessando o rio Branco, elemento marcante que liga a cidade de Barreiras a Riachão das Neves.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 76 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santa Rita de Cássia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 71
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Santa Rita de Cássia
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: pt. santa [< lt. sancta, ae, ‘santa’] + pt. Rita [< it. Rita ‘dim. de Margherita’ < lt. margarita, ae < gr. margarites, ‘pérola’] + pt. de + pt. Cássia [< it. Cassia ‘nome de cidade italiana’ < lt. cassia, ae, ‘pobre’].

HISTÓRICO: Ribeira do Rio Preto (s. XVII) > Santa Rita (1698) > Santa Rita do Rio Preto (1911) > Rio Preto (1931) > Ibipetuba (1943) > Santa Rita de Cássia (1954).

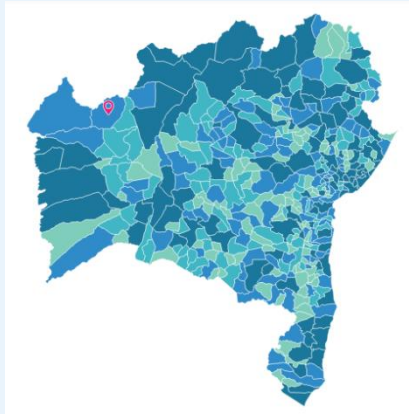
IMAGENS:



Rua Professor Elpidio Santana 1957



Rua Castro Alves : Igreja Matriz - 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A formação do município teve início em 1640, quando um casal português construiu uma pequena capela dedicada a Santa Rita de Cássia, no local onde hoje se encontra a sede municipal. Após o desaparecimento do casal, a imagem da santa foi preservada e redescoberta por José Pereira de Matos, fundador da fazenda Ribeira do Rio Preto, posteriormente denominada Santa Rita. Com o tempo, novos moradores se fixaram na região, impulsionando o desenvolvimento local. O povoado foi reconhecido oficialmente por Carta Régia de 1698 e elevado à categoria de vila em 1804, com o nome de Santa Rita. Ao longo do tempo, o topônimo passou por diversas alterações, como Santa Rita do Rio Preto, Rio Preto e Ibipetuba, até assumir a denominação atual, Santa Rita de Cássia, em 1954 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Santa Rita de Cássia | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hagiotopônimo <<Hagio+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Santa Rita de Cássia é realizado com a letra R (CM 12), que remete diretamente ao nome presente no topônimo em Língua Portuguesa, seguida do sinal de Espírito Santo, simbolizando a forte tradição religiosa e a devoção católica que caracterizam a cidade.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 77 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Desidério

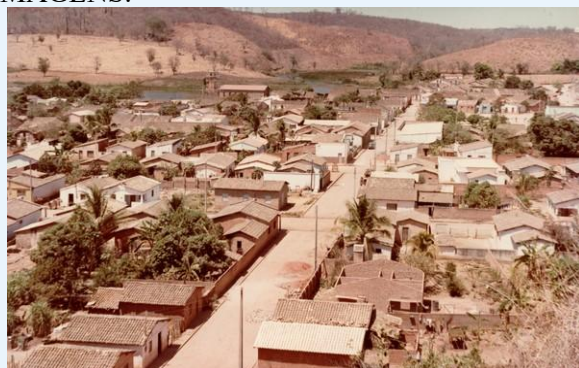
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 72
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: São Desidério
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo

ORIGEM: português. Étimo: pt. são [< lt. sanctus, i, ‘santo’] + pt. Desidério [< lt. desiderium, i, ‘desejo’].

HISTÓRICO: Cuia (in. s. XIX) > São Desidério (1858).

IMAGENS:



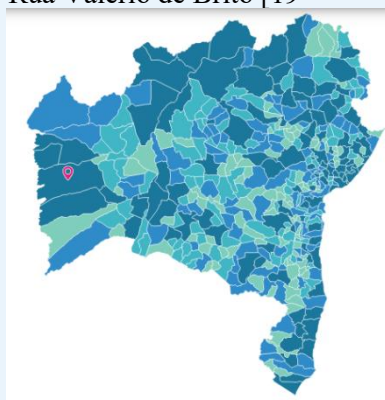
Vista panorâmica da cidade [19--]



Rua Valério de Brito [19--]



Google Maps (Gusmão, 2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo está relacionado ao rio que atravessa o município, cujo nome homenageia Desidério José de Souza, antigo proprietário da Fazenda Cuia, local que deu origem ao povoado de São Desidério, formado em 1858 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [São Desidério](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Varição de sinal I

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hagiotopônimo <<Hagio+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de São Desidério é formado pela letra D (CM 52), que remete diretamente ao nome presente no topônimo em Língua Portuguesa, escolhido em homenagem ao santo, seguida do sinal



Variação do Sinal II

de Espírito Santo, compondo a forma utilizada para representar o município em Libras.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 78 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Wanderley

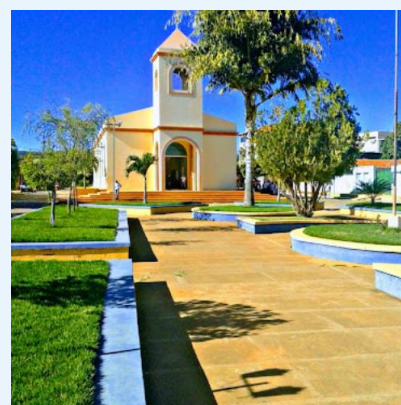
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 73
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Wanderley
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 11 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo

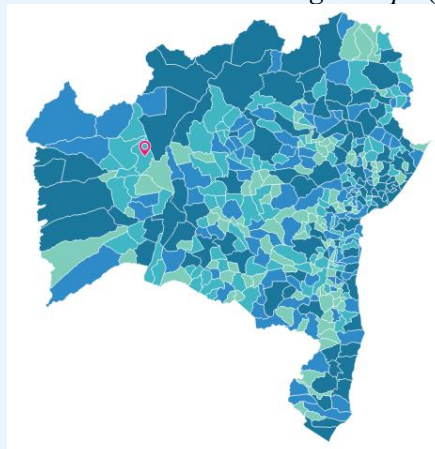
ORIGEM: holandês. Étimo: hol.: van, ‘el. indicativo de procedência’ der Ley, ‘a ardósia’, donde: ‘da terra da ardósia’¹⁶⁰.

HISTÓRICO: Canabrava (s. XVIII) > Vanderlei (f. s. XIX) > Wanderley.

IMAGENS:



G1 (2021)..... *Google Maps* (Amaral, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo tem origem no antigo nome Canabrava, atribuído ao povoado quando de seu surgimento no século XVIII. No final do século XIX, a denominação foi alterada para Vanderlei, atualmente grafada como Wanderley, em homenagem a João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe, importante latifundiário da região e figura de destaque no Império, que contribuiu para o desenvolvimento local (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Wanderley](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Wanderley é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra W (CM 78), que remete diretamente à inicial do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

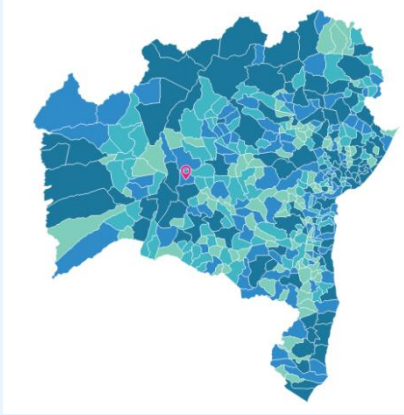
G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/07/01/wanderley-na-bahia-e-a-terceira-cidade-do-brasil-que-mais-desmatou-em-2020-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 15 mar.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 79 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Boquira

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 74
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Boquira
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 12 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Tupi-médio. Étimos prováveis: mbokira, ‘broto, nascente d’água’; ou mbo ‘fazer’ + kyra ‘chuva’; donde: ‘lugar onde se forma chuva’.	
HISTÓRICO: Macacos (1816) > Nossa Senhora da Abadia (1862) > Assunção de Nossa Senhora da Abadia > Assunção (1934) > Boquira (1938).	
IMAGENS:	
	
Delegacia de Polícia : Boquira, BA - [19--]	Prefeitura Municipal : Boquira, BA - [19--]
	
Google Maps (Tavares, 2024)	(IBGE, 2022)
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo tem origem no antigo nome Canabrava, atribuído ao povoado quando de seu surgimento no século XVIII. No final do século XIX, a denominação foi alterada para Vanderlei, atualmente grafada como Wanderley, em homenagem a João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe, importante latifundiário da região e figura de destaque no Império, que contribuiu para o desenvolvimento local (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o site do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Boquira História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido	



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Boquira é formado por empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra B (CM 03), correspondente à primeira letra do nome em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 80 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Brumado

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 75
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Brumado
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 13 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Meteorotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Der. de Bruma, do lat. bruma, ‘nevoeiro, neblina, cerração’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Brumado < Bom Jesus dos Meiras	

IMAGENS:



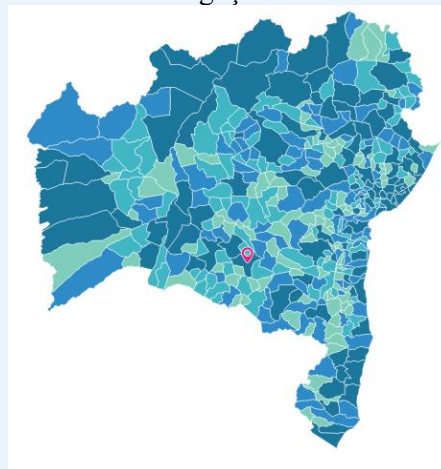
Vista parcial da cidade : Brumado - [19--]



Rua Exupério Pinheiro Canguçu : Brumado - 1957



Google Maps (2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região foi originalmente habitada por comunidades indígenas. Por volta de 1813, o capitão Francisco de Sousa Meira, acompanhado de outros migrantes vindos de Minas do Rio de Contas, estabeleceu a Fazenda Bom Jesus do Campo Seco, núcleo que deu origem ao povoado de Bom Jesus dos Meiras. O local foi elevado à condição de distrito em 1869 e, posteriormente, à categoria de vila em 1877. Em 1931, passou a denominar-se Brumado, nome que permanece até hoje (IBGE, 1958, v. XX, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Brumado | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Litotopônimo <<lito+grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra B (CM 03) seguido do sinal de PEDRA, cuja motivação está relacionada à extração mineral e aos formatos das rochas presentes nas áreas de mineração. Essa característica é visualmente marcante e fortemente associada à identidade do município, cuja economia é predominantemente baseada na mineração, representando, segundo o IBGE mais de 50% do PIB, com destaque para a produção de talco.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 81 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Caetité

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 76
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Caetité
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 13 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: kaá ‘mato’ + etê ‘verdadeiro’ + etê ‘verdadeiro’; donde: ‘matagal’ 130.	
HISTÓRICO: Caitaté (in. s. XVIII) > Caitité > Santa Ana do Caiteté (1740) > Príncipe e Santa Ana do Caiteté (1810) > Caetité (1867).	

IMAGENS:



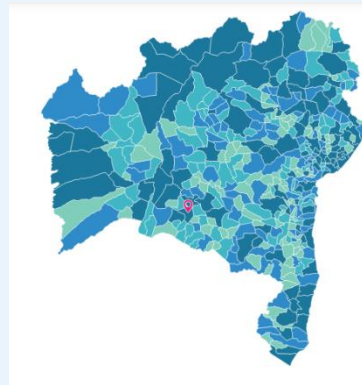
Vista aérea da cidade : Caetité, BA – 1957



Rua Barão de Caetité : Caetité, BA – 1957



Google Maps (Oliveira, 2016)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: De acordo com a tradição local, o município teve origem em uma antiga aldeia indígena, onde portugueses se estabeleceram posteriormente, formando o Sítio dos Caitatés. Durante o ciclo da mineração, a região tornou-se ponto de passagem e abastecimento das expedições que seguiam para as minas de Rio de Contas e Monte Alto, o que contribuiu para o surgimento da povoação de Caitaté, mais tarde denominada Caetité. Por Alvará Régio de 1759, as terras foram incorporadas à Coroa, e, em 1810, por decreto, foi criada a vila e o município, com território desmembrado de Jacobina. A elevação à categoria de cidade ocorreu em 1867, quando recebeu oficialmente o nome de Caetité (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Caetité | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O nome do município é representado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra C (CM 12), correspondente à inicial do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 82 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Iaçú

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 77
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Iaçú
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 14 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: y ‘rio’ + uaçu ‘grande’; donde: ‘rio grande’.	
HISTÓRICO: Sítio Novo (1922) > Paraguassu (1929) > Iaçú (1943).	

IMAGENS:



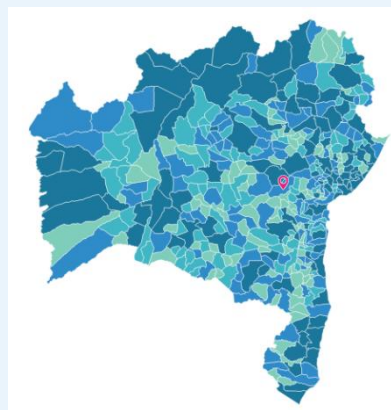
Praça 15 de Novembro : Iaçú, BA - [19--]



Vista panorâmica da cidade : Iaçú, BA - [19--]



Google Maps (Santos, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município teve origem com a criação do distrito de Santana, denominado Sítio Novo, instituído pela Resolução Municipal nº 3, de 19 de abril de 1922, e confirmada pela Lei Estadual nº 1.509, de 3 de agosto do mesmo ano. O nome foi alterado para Paraguassu em 1929 e, posteriormente, para Iaçú em 1943 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Iaçú | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hidrotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido



Variação I



Variação II

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Iaçú é formado por empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra I. (CM 66). O movimento realizado na parte inferior do braço faz alusão ao rio Paraguaçu, importante referência geográfica da localidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 83 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itaberaba

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 78
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itaberaba
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 14 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: itá ‘pedra’ + beraba ‘brilhante’; donde: ‘pedra brilhante, cristal, diamante’.	
HISTÓRICO: Nossa Senhora do Rosário do Orobó (1843) > Orobó (1877) > Itaberaba (1897).	

IMAGENS:



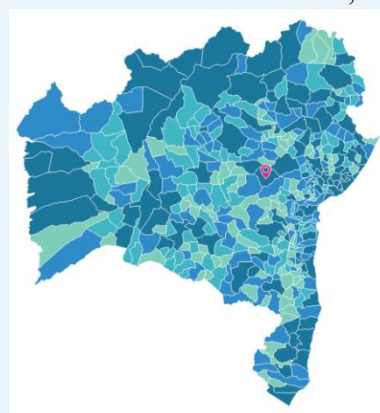
Praça J. J. Seabra : Itaberaba, BA – 1957



Vista panorâmica da cidade : Itaberaba, BA - 1957



Google Maps (Silva, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região onde se localiza o atual município de Itaberaba era habitada por grupos indígenas denominados maracás, que viviam na Serra do Orobó. Em 1806, foi construída, na Fazenda São Simão, uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, em torno da qual se formou a povoação de Orobó, então vinculada ao município de Cachoeira. Posteriormente, o local foi elevado à categoria de freguesia em 1843, vila em 1877 e cidade em 1897, quando passou a chamar-se Itaberaba, denominação inspirada em um grande bloco de granito existente nas proximidades, elemento marcante da paisagem local (IBGE, 1958, v. XX, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Itaberaba | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Mimetopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Itaberaba faz referência a um monumento localizado na entrada da cidade, elemento marcante e facilmente reconhecido por moradores e visitantes. Esse ponto de referência tornou-se a base motivacional para a construção do sinal, representando visualmente uma característica distintiva do município.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

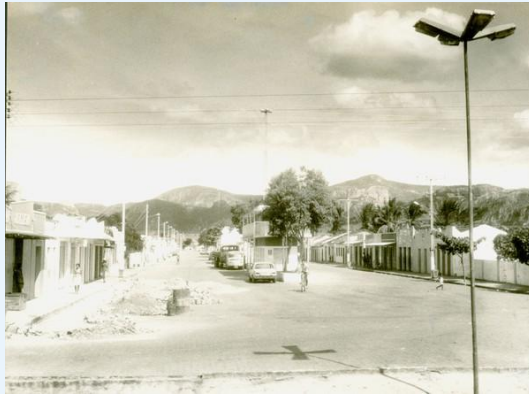
IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 84 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Itatim

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 79
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itatim
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 14 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: itá ‘pedra’ + tim ‘nariz, ponta’; donde: ‘pedra pontuda’.	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, o município conserva o mesmo nome.	

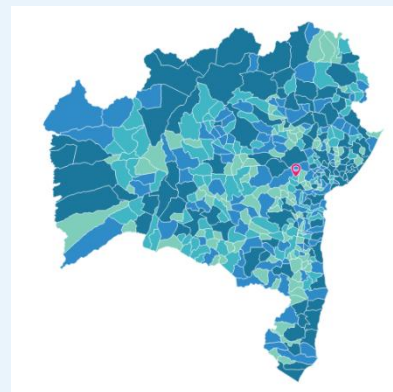
IMAGENS:



Praça da Matriz : Itatim, BA – 1983

Estação Ferroviária Itatim:
Itatim, BA - [19--]

Google Maps (Souza, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região foi originalmente habitada por comunidades indígenas Kariri e Sabujá, que, ao longo do tempo, foram impactadas pela expansão das frentes colonizadoras. Com a instalação de engenhos de cana-de-açúcar e fazendas de criação, formaram-se pequenos núcleos populacionais que deram origem ao atual município. Em 1953, já com o nome atual, figurava como um dos povoados de Santa Terezinha, do qual se emancipou em 1989 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Itatim | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Itatim é formado pelas configurações de mãos que compõem a datilologia do topônimo ITATIM.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

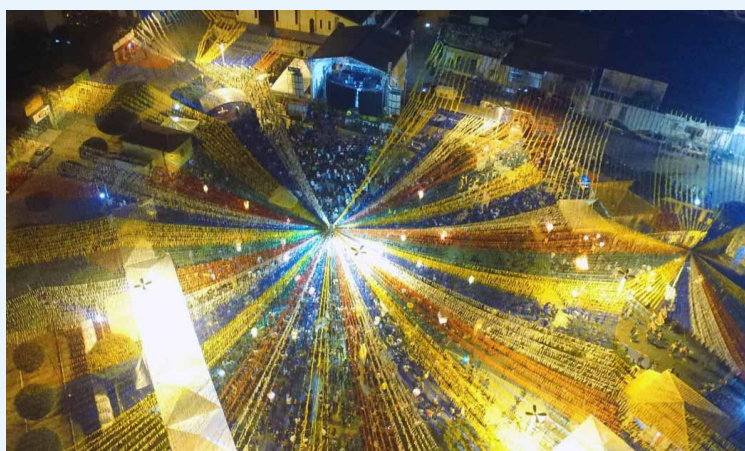
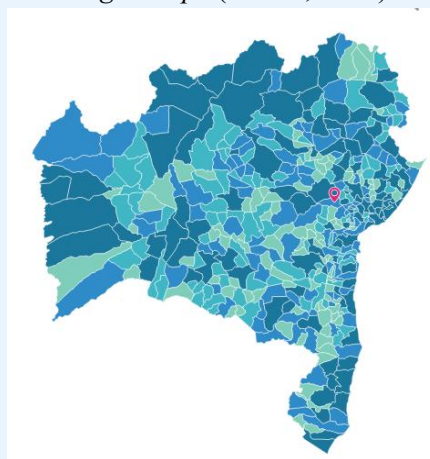
RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 85 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Rafael Jambeiro

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 80
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Rafael Jambeiro
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 14 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antrpotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: quixaba [< Tp.-ant. kixaba, ‘quixaba, árvore lactescente da família das sapotáceas (<i>Bumelia sartorum</i>)’] + -eir, ‘suf. deriv.’ + -a, ‘vt’.	
HISTÓRICO: Várzea d’Água (in. s. XX) > Quixabeira (1989).	

IMAGENS:

*Google Maps (Santos, 2021)**Google Maps (Santos, 2021)*

(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município foi criado na década de 1940 como distrito de Castro Alves, com o nome de Paratiji. Posteriormente, ao ser emancipado, recebeu a denominação atual em homenagem a um político homônimo, deputado constituinte em 1946 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Rafael Jambeiro | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Sociotopônimo <<Socio+grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Rafael Jambeiro é realizado com a configuração da letra R (CM 22) na palma da mão, fazendo alusão à sustentação das bandeiras utilizadas nas festividades juninas. A motivação está ligada à tradição do São João no município, cuja história tem origem em um antigo arraial.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

VR14, 2019. Disponível em: <https://www.vr14.com.br/2019/06/confira-as-fotos-da-terceira-noite-de.html>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 86 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Capim Grosso

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 81
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Capim Grosso
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 15 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Indígena. KURUATÁ, em tup. ant., ‘nome comum a plantas da família das bromeliáceas’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Curaçá < Capim Grosso < Pambu < Bom Jesus da Boa Morte	

IMAGENS:



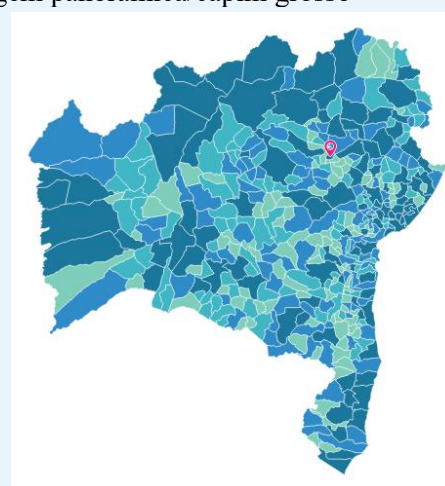
Vila bom jesus da boa morte/capim grosso



Imagem panorâmica/capim grosso



Google Maps (Elizeu, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No século XIX, os naturalistas alemães Spix e Martius registraram a existência da Vila do Rio do Peixe, primeiro núcleo populacional do atual município de Capim Grosso. O local se desenvolveu a partir de uma fazenda homônima, que mais tarde se tornou povoado e distrito de Jacobina, do qual se emancipou em 1985 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Capim Grosso | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Mimetopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do topônimo Capim Grosso em Libras faz alusão a um monumento construído na entrada da cidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 87 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Gavião

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 82
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Gavião
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 15 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: < germ. gavilane, ‘gavião, pequena ave de rapina da família dos falconídeos (Falco nesus)’.	
HISTÓRICO: Riachão (1855) > Nossa Senhora da Conceição do Gavião (1878) > Gavião (1933)	

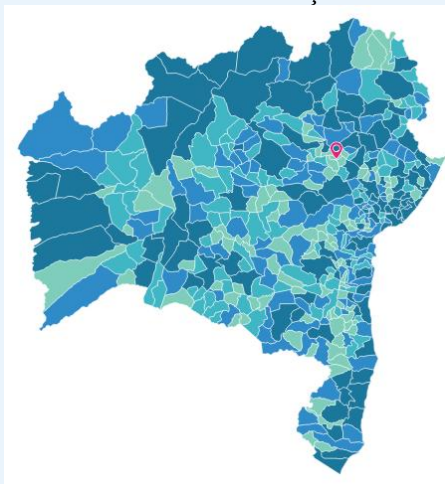
IMAGENS:



Gavião (IBGE, 2024)



Praça da Matriz Gavião (IBGE, 2024)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município teve origem em 1878, em terras da Fazenda Riachão, localizada à margem esquerda do rio Jacuípe, onde se formou o povoado de Nossa Senhora da Conceição do Gavião, pertencente ao então município de Santana do Camisão (atual Ipirá). Em 1933, o nome foi reduzido para Gavião, em referência ao rio que atravessa seu território (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Gavião | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal desta localidade incorpora o significado do topônimo em Língua Portuguesa, fazendo referência a pata da ave gavião.

FONTES:

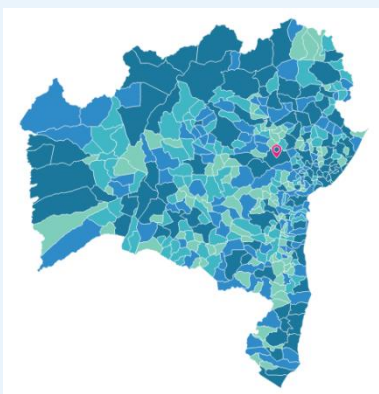
GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 88 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Ipirá

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 83
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ipirá
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 15 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Indígena. Y-PIRÁ, em tup. ant., ‘rio do peixe’ (SAMPAIO, 1914).	
HISTÓRICO: Ipirá < Camisão < Sant’Ana do Camisão < Camisão	
IMAGENS:	
	
Praça São José : Ipirá, – 1951	Igreja Matriz de Nossa Senhora Santana : Ipirá
	
Google Maps (Rossi, 2022)	(IBGE, 2022)
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município teve origem em uma antiga aldeia indígena habitada por grupos da etnia tupi. A região passou a ser mencionada a partir do início do século XVII, quando ocorreram os primeiros contatos entre indígenas e portugueses. No local foi fundada a Fazenda Camisão, associada à Serra de mesmo nome, onde viveu o português Valério Pereira de Azevedo, que recebeu as terras da Coroa portuguesa em meados do século XVII. O nome Camisão deriva das vestimentas usadas pelo proprietário, conhecidas como camisolões de algodão rústico. O povoado formou-se a partir da fazenda e foi elevado à freguesia em 1755, à vila em 1855 e à categoria de cidade em 1896. Em 1931, o município passou a denominar-se Ipirá, nome que faz referência ao rio piscoso que corta o território (IBGE, 1958, v. XX, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Ipirá História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ergotopônimos <<Ergo+Grafo>>	



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização do topônimo na língua oral, através da letra I (CM 65) e do gesto que faz alusão ao chocalho, objeto tradicionalmente utilizado pelos fazendeiros da região, pendurado no pescoço dos animais para facilitar sua localização quando fugiam.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 2. ed. São Paulo: O Pensamento, 1914.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 89 - Ficha lexicográfico-toponímica do município de Riachão Do Jacuípe

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 84
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Riachão do Jacuípe
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 15 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Hibridismo. RIACHÃO, forma aum. de riacho, ‘pequeno rio; ribeiro, regato’, do lat. rivulus - i (HOUAISS, 2001); ÎAKU-‘Y-PE, em tup. ant., ‘no rio dos jacus’ (NAVARRO, 2013). Jacu, ave da família dos Cracídeos (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Riachão do Jacuípe < Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe	

IMAGENS:



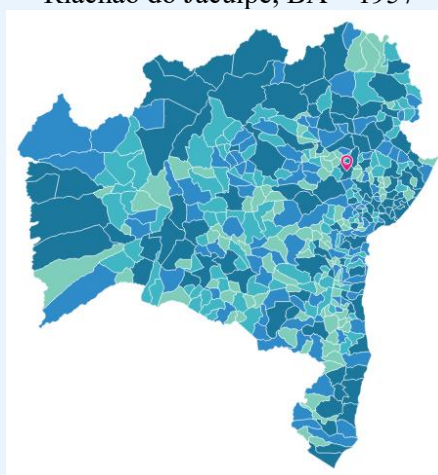
Vista panorâmica da cidade:
Riachão do Jacuípe – 1957



Rua Cônego Henrique Freitas:
Riachão do Jacuípe, BA – 1957



Google Maps (Carneiro, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O povoamento da região desenvolveu-se em razão de sua localização privilegiada às margens do rio Jacuípe. Na Fazenda Riachão foi construída uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, posteriormente elevada à categoria de freguesia pela Lei Provincial nº 276, de 25 de maio de 1847, com o orago de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe. O arraial foi elevado à vila em 1878 e à categoria de cidade em 1928, quando passou a denominar-se Riachão do Jacuípe (IBGE, 1958, v. XXI, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Riachão do Jacuípe | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hidrotopônimo <<Hidro+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples – Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade através de um empréstimo linguístico por inicialização ao utilizar a letra R (CM 22), tendo como aspecto motivacional a palavra “rio” e fazendo alusão ao Rio Jacuípe, que banha a cidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

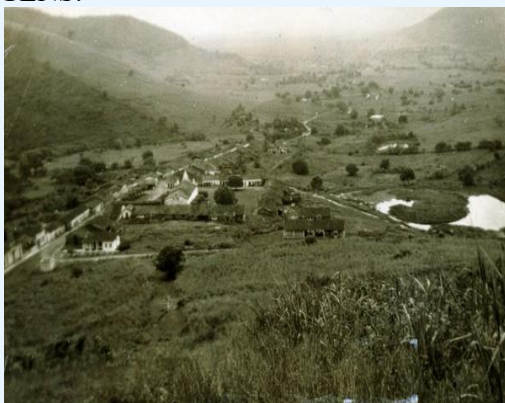
NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 90 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Serra Preta

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 85
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Serra Preta
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 15 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: serra [lt. serra, ae, ‘montanha’] + preta [	
HISTÓRICO: Queimada (f. s. XVII) > Boa Vista > Boa Vista do Bom Conselho > Serra Preta (1831).	

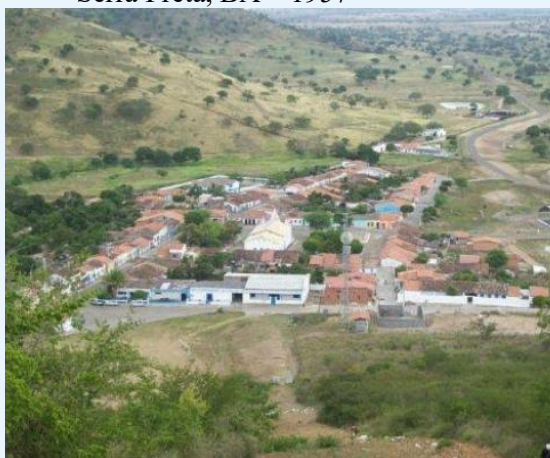
IMAGENS:



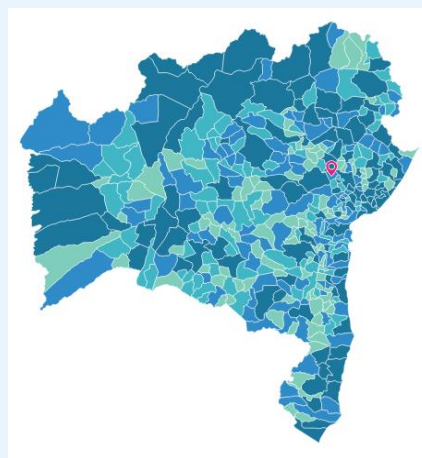
Vista panorâmica da cidade:
Serra Preta, BA – 1957



Prefeitura Municipal : Serra Preta, BA – 1983



Google Maps (2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A expansão territorial do atual município ocorreu após a expulsão de grupos indígenas de origem tupi que habitavam a região da antiga aldeia de Camisão. No final do século XVII, em torno do engenho da Fazenda Queimada, formou-se a povoação inicialmente chamada Boa Vista, por servir de pouso para tropas vindas da vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira em direção ao sertão. Com a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Bom Conselho, o povoado passou a chamar-se Boa Vista do Bom Conselho. Em 1831, já com o nome de Serra Preta, foi criado o cartório de paz, subordinado ao município de Santana do Camisão. Em 1938, o local foi elevado à categoria de vila, pertencendo ao município de Ipirá, e, em 1953, tornou-se cidade e sede do novo município de Serra Preta (IBGE, 1958, v. XXI, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o site do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Serra Preta | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Geomorfotopônimo <<Geo + Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Serra Preta é realizado com a configuração da letra S (CM 69), seguida de um movimento semicircular que termina na configuração da letra P (CM 55). Esse movimento faz referência à serra que originou o nome em Língua Portuguesa e que também marca de forma significativa a paisagem da região.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 91 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jacobina

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 86
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Jacobina
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 16 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Indígena. YA-CUÂ-APINA, em tup. ant., ‘espaço vasto, despido de vegetação, onde há cascalho limpo, isto é, jazidas de cascalho descoberto’ (SAMPAIO, 1914).	
HISTÓRICO: Jacobina < Santo Antônio de Jacobina	

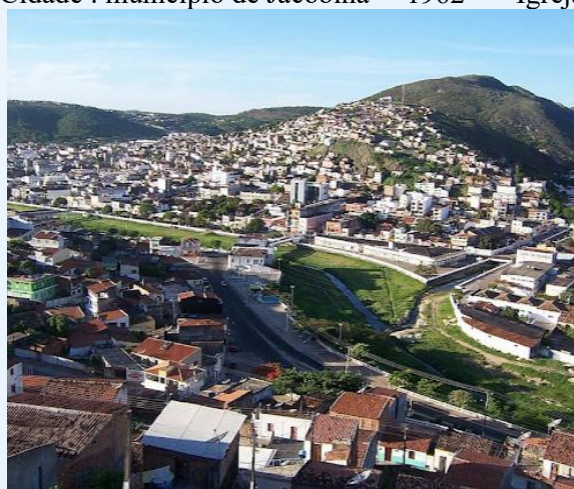
IMAGENS:



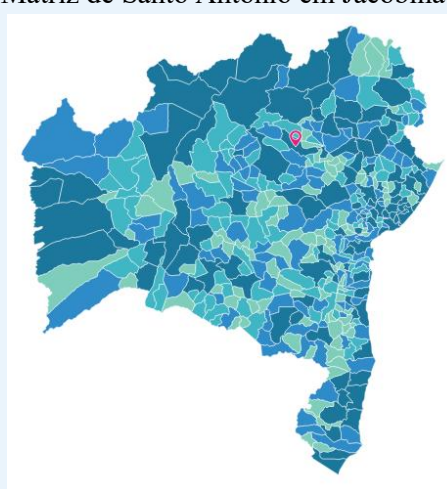
Cidade : município de Jacobina – 1962



Igreja Matriz de Santo Antônio em Jacobina 1962



Google Maps (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A exploração do território de Jacobina teve início no começo do século XVII, com a chegada de aventureiros atraídos pela busca de ouro. Os primeiros ocupantes, acompanhados de colonos e pessoas escravizadas, dedicaram-se à agricultura, à pecuária e à mineração. A prosperidade dessas atividades levou à formação de um arraial às margens do rio Itapicuru-Mirim, que cresceu rapidamente. Em 1722, diante da importância econômica da região, a Coroa Portuguesa elevou o povoado à categoria de vila, com o nome de Santo Antônio de Jacobina, tendo inicialmente como sede a Missão de Nossa Senhora das Neves do Saí, fundada por franciscanos em 1697, e, posteriormente, a Missão do Bom Jesus da Glória, também organizada por franciscanos em 1706. O município foi elevado à categoria de cidade pela Lei Provincial nº 2.049, de 28 de julho de 1880, e ficou conhecido como “Cidade do Ouro”, em alusão à sua história de intensa atividade mineradora (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Jacobina | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS3

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Zootoponimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica esta localidade por meio de um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra J (CM 65) como referência à inicial do topônimo em Língua Portuguesa, seguida do classificador que representa a mordida da jararaca, espécie de cobra típica da região.

Uma outra vertente diz que a estátua posicionada de pe na entrada da cidade é a motivação.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 2. ed. São Paulo: O Pensamento, 1914.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 92 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Serrolândia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 87
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Serrolândia
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 16 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Poliotopônimo	
ORIGEM: luso-europeu. Étimo: serra [lt. serra, ae, ‘montanha’] + lândia [< ingl. land, ‘terra’ + pt. -ia, ‘suf. deriv.’].	
HISTÓRICO: Serrote (1929) > Serrolândia (1953).	

IMAGENS:



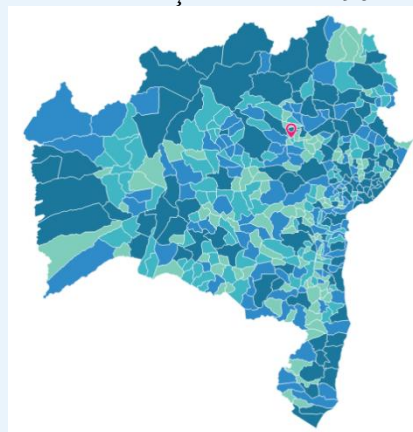
Cidade de Serrolândia 1962



Lavadeiras no Açude Serrote 1962



Google Maps (Lima, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No início do século XX, a Fazenda Várzea d'Água funcionava como ponto de pouso para tropeiros que transitavam pela região de Jacobina. A partir desse núcleo formou-se um povoado, que recebeu o nome atual por ocasião de sua emancipação (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Serrolândia | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Serrolândia é formado por um empréstimo linguístico por transliteração, utilizando a letra S (CM 69) como inicial e o RR (CM 22) como representação visual da palavra em Língua Portuguesa, destacando-se como elemento marcante do nome.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 93 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ribeira Do Pombal

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 88
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ribeira do Pombal
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 17 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. RIBEIRA, do lat. <i>rīpāriūs</i> , ‘o terreno banhado por um rio’; POMBAL, do lat. <i>palūmba -ae</i> , ‘casa ou lugar onde se criam pombos’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Ribeira do Pombal < Pombal < Canabrava de Santa Teresa de Jesus	

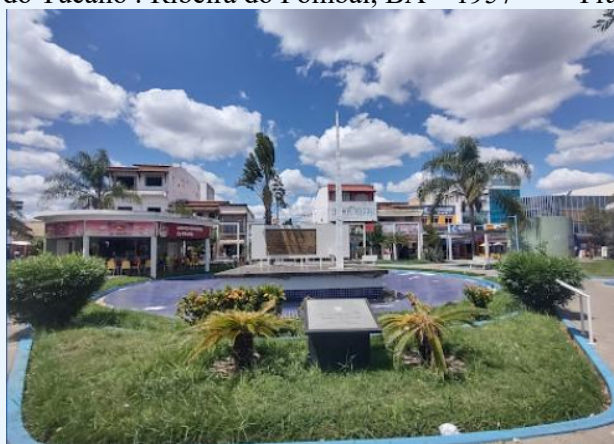
IMAGENS:



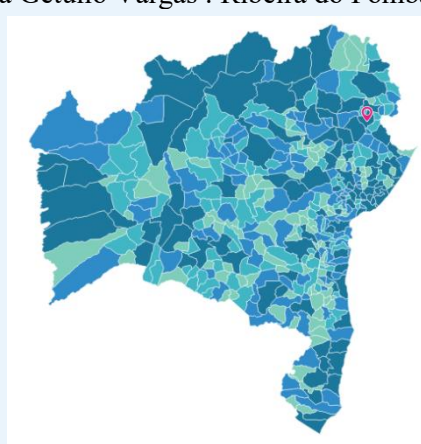
Rua do Tucano : Ribeira do Pombal, BA – 1957



Praça Getúlio Vargas : Ribeira do Pombal, BA



Google Maps (Carvalho, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No século XVI, o território do atual município abrigava uma aldeia indígena Kiriri conhecida como Canabrava. Em 1667, os jesuítas fundaram no local a missão de Santa Tereza de Jesus dos Kariris de Canabrava, que com o tempo se transformou em arraial e ponto de parada para viajantes que seguiam em direção ao rio São Francisco. Pela Carta Régia de 8 de maio de 1758, o local foi emancipado com o nome de Vila do Pombal, em homenagem ao Marquês de Pombal, então Primeiro-Ministro do rei D. José I. Posteriormente, a vila foi extinta em 1931 e anexada a Cipó, sendo restaurada em 19 de setembro de 1933, já em território baiano, com o nome atual (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ribeira do Pombal | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal da cidade de Pombal em Libras faz alusão direta ao animal pombo, estabelecendo uma relação com o topônimo em Língua Portuguesa. Isso porque 'Pombal' é um termo que designa um local onde se criam pombos, sendo o animal a principal referência visual e conceitual para a criação do sinal.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 94 - Ficha lexicográfica – toponímico do município de Alagoinhas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 89
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Alagoinhas
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 17 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Indígena. YBYTYRA-ÎUB-A, em tup. ant., ‘montanhas amarelas’ (, 2013).	
HISTÓRICO: Itiúba < São Gonçalo do Amarante da Serra de Itiúba	

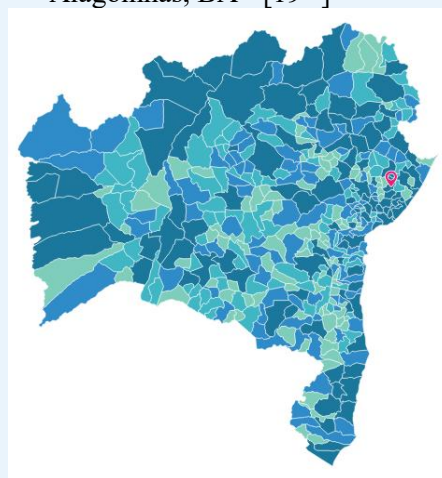
IMAGENS:



Rua Doutor João Dantas : Alagoinhas, BA - [19--]

Praça [José Joaquim] Seabra:
[coreto: Panificação Brasileira:
vista panorâmica da cidade]:
Alagoinhas, BA - [19--]

Google Maps (2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região era inicialmente habitada pelos índios cariacás. O repovoamento ocorreu no final do século XVII com a chegada de pioneiros vindos de Inhambuê, Alagoinhas e Cachoeira, que formaram a povoação de São Gonçalo do Amarante da Serra de Itiúba. Com o tempo, essa localidade foi anexada a Senhor do Bonfim da Tapera e passou por reorganizações administrativas até a consolidação do povoado formado na Fazenda Salgada, para onde foram transferidas as estruturas locais. O distrito de Itiúba foi criado pela Resolução Provincial nº 1.005, de 16 de março de 1868, e elevado à categoria de município em 1935 (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Alagoinhas | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



Variação de Sinal I



Variação de Sinal II

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município é formado por um empréstimo linguístico por transliteração, utilizando as letras A (CM 67) e L (CM 24), correspondente a inicial e a segunda letra do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 95 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Araçás

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 90
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Araçás
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: *araçá* ‘fruto de um arbusto da família das miráceas (*Psidium littorale*)’ + -s ‘suf. fl. pl.’.

HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, a localidade conserva este nome. 1827 (inexistente). 1890, 1940 (*Status* político: povoado), 1970 (*Status* político: distrito) – Nome: Araçás.

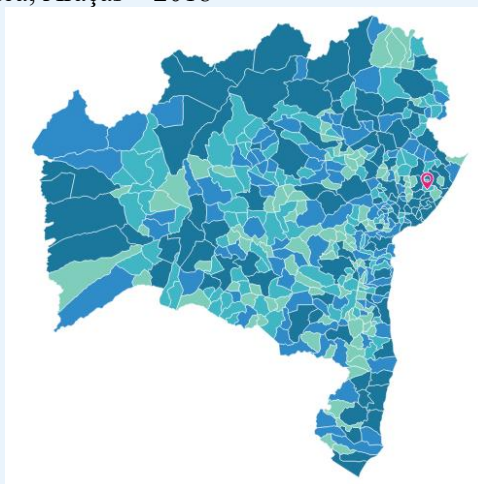
IMAGENS:



Imagem panorâmica, Araçás – 2018



Praça matriz



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Em fins do século XIX, figura como freguesia, já dispondo de escola, conforme se vê na seguinte notícia publicada no Diário de Notícias: “Foi nomeada para reger a cadeira municipal da freguesia dos Araçás, termo de Alagoinhas, a aluna mestra D. Ursulina Maria dos Santos” (Diário de Notícias, 24(258):1, 17/11/1898). Em 1953, aparece como distrito do município de Alagoinhas, do qual se emancipa em 1989 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Araçás | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Mimetopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é a arquitetura marcante do portal de entrada da cidade, que exerce forte presença simbólica e visual na paisagem urbana.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 96 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Aramari

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 91
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Aramari
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: variação de rambari, ‘lambari, peixe da família dos carcídeos, subfamília dos tetragonopteríneos’.	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, a conserva este nome.	

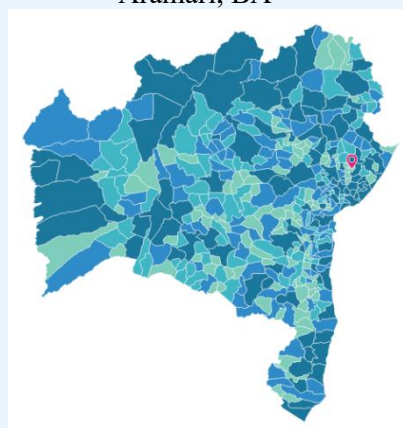
IMAGENS:



Mercado municipal : Aramari, BA

Grupo Escolar Governador Luiz Viana Filho:
Aramari, BA

Google Maps (Gomes, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O nome foi originalmente atribuído ao rio que banha a cidade. A linha férrea entre Alagoinhas e Juazeiro foi aberta entre 1880 e 1896 pelo governo brasileiro, que, segundo algumas fontes, concedeu a obra a Miguel Argolo. Antes mesmo disso, a localidade ou o rio às suas margens já era mencionada na imprensa da época: “Cada vez está se arrumando mais a ponte do Aramari” (Jornal da Bahia, A23, n. 121, 30/05/1875, p. 2, col. 1, Notícias Diversas). Em torno da estação ferroviária construída às margens do rio Aramari formou-se um povoado homônimo, que foi elevado a distrito em 1953 e emancipou-se em 1961 (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o site do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Aramari | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hidrotopônimo <<Hidro+Grafo>>



Variação de sinal I



Variação de sinal II

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: A comunidade surda identifica este município por meio de um empréstimo linguístico por transliteração, utilizando as letras A (CM 67) e R (CM 22), correspondentes ao nome do topônimo em Língua Portuguesa. A motivação visual está associada ao rio que atravessa a cidade, elemento geográfico marcante para a localidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 97 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cardeal da Silva

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 92
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cardeal da Silva
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Axiotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: cardeal [< lt. cardinalis, e, ‘cardeal, principal, fundamental’] + da [= de + a] + Silva [< lt. cl. silva, ae, ‘bosque, selva’].

HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, a localidade conserva este nome.

IMAGENS:



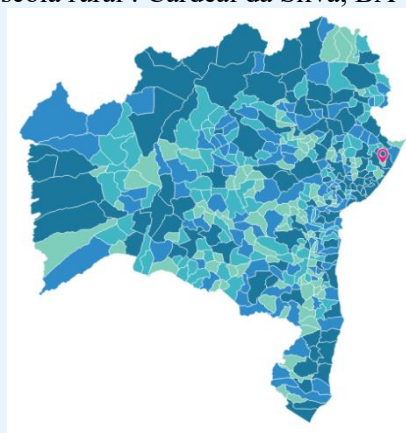
Praça Divina Pastora : Cardeal da Silva, BA



Escola rural : Cardeal da Silva, BA



Google Maps (Santos, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Em 1943, o local aparece como distrito de Entre Rios com o nome de Divina Pastora, denominação posteriormente reduzida para Pastora e, mais tarde, alterada para o nome atual, em homenagem a Dom Augusto Álvaro da Silva, Cardeal Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil entre as décadas de 1930 e 1960, cuja atuação teve grande influência política no Estado (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Cardeal da Silva | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é um empréstimo linguístico por inicialização da Língua Portuguesa, utilizando as letras C (CM 12) e S (CM 69), correspondentes às iniciais das palavras que compõem o topônimo em língua oral.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 98 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Catu

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 93
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Catu
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo	

ORIGEM: Indígena. KATU, em tup. ant., ‘bom, limpo’ (NAVARRO, 2013).

HISTÓRICO: Catu < Santana do Catu

IMAGENS:



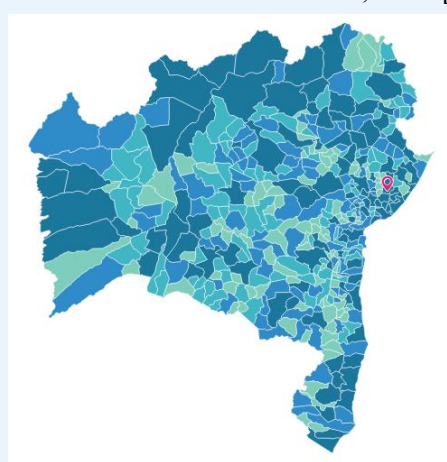
Avenida Padre Cupertino : Catu, BA - [19--]



Rua Dois de Julho : Catu, BA - [19--]



Google Maps (Jesus, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Na região onde hoje se localiza o município de Catu, viviam originalmente povos indígenas Pataxó e Tupiniquim, que mais tarde se deslocaram para o interior diante da chegada dos colonizadores portugueses. A Igreja Católica foi responsável pela fundação, em 1787, da freguesia de Nossa Senhora de Santana do Catu, instalada em terras férteis e favoráveis ao cultivo de cana-de-açúcar e fumo — produtos que alcançaram destaque inclusive nas exportações para a Europa. O distrito foi criado em 1796 com o nome de Santana do Catu e elevado à categoria de vila pela Lei Provincial n. 1.058, de 26 de junho de 1868, desmembrado da vila de São Francisco. Em 29 de julho de 1913, foi elevada à categoria de cidade, e, pelos decretos estaduais n. 7.455 e n. 7.479, de 1931, passou a adotar o nome simplificado de Catu (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Catu | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Ergotopônimos <<Ergo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: aspecto motivacional do sinal é um empréstimo linguístico por inicialização do topônimo em Língua Portuguesa, utilizando as letras C (CM 12) e D (CM 53), acompanhadas de um gesto que faz alusão ao sino da usina de petróleo, que toca na troca de turno de trabalho.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro99 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Entre Rios

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 94
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Entre Rios
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Cardinotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. ENTRE, do lat. ĩter, ‘espaço que vai de um lugar a outro’; RIOS, do lat. rīvus -ī, ‘curso de água natural’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Entre Rios < Nossa Senhora dos Prazeres do Inhambupe	

IMAGENS:



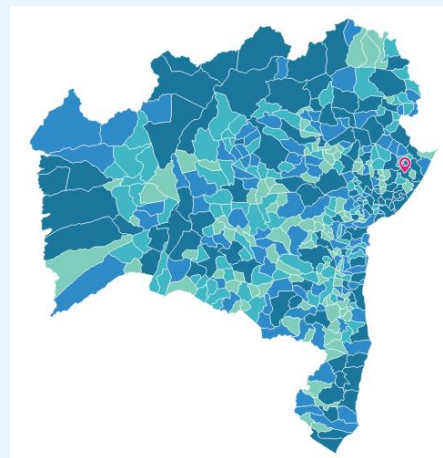
Rua Euclides Machado de Almeida:
Entre Rios, BA



Bairro Nova Brasília: Entre Rios, BA



Google Maps (Santos, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A ocupação das terras onde hoje se localiza o município de Entre Rios teve início no século XVI, quando bandeirantes que exploravam as margens dos rios Joanes, Inhambupe e Itapicuru encontraram uma elevação de terreno entre os rios Inhambupe e Subaúma, onde se fixaram. A fertilidade do solo atraiu novos colonos, que com suas famílias formaram uma comunidade. No local, foi erguida uma capela que deu origem à freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres do Inhambupe, criada pela Resolução Provincial n. 308, de 1º de julho de 1848, e ao distrito de mesmo nome, desmembrado da freguesia do Divino Espírito Santo do Inhambupe. Em 3 de abril de 1872, a localidade foi elevada à categoria de vila com o nome de Entre Rios, alcançando o status de cidade pelo Decreto-Lei Estadual n. 10.724, de 30 de março de 1938 (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Entre Rios | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização do topônimo em Língua Portuguesa, utilizando as letras E (CM 71) e R (CM 22), correspondentes às iniciais dos nomes que compõem o topônimo.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 100 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Esplanada

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 95
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Esplanada
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Proveniente do ita. spianata, ‘terreno plano e descoberto’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Esplanada	

IMAGENS:



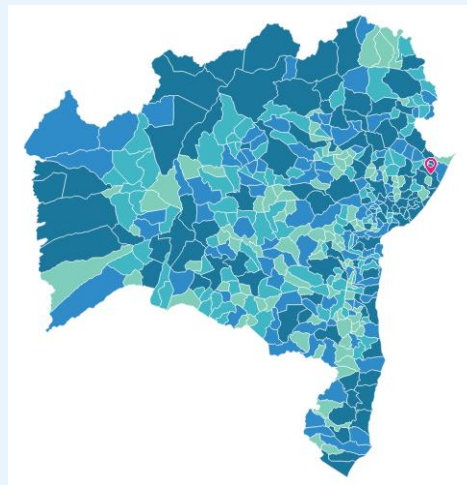
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade:
Esplanada – 1983



Rua João Pessoa : Esplanada, - 1957



Google Maps (Gomes, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Esplanada teve origem com a formação de um povoado em terreno plano e aberto, característica que inspirou o nome. O desenvolvimento local se intensificou com o aumento populacional e a construção de um convento pelos frades capuchinhos, entre 1904 e 1908. O distrito foi criado pela Lei Estadual n. 889, de 10 de junho de 1912, e elevado à categoria de cidade pela Lei Estadual n. 1.525, de 19 de agosto de 1921 (IBGE, 1958). Para mais informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Esplanada](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração do topônimo em Língua Portuguesa, utilizando as letras E (CM 71) e P (CM 55), presentes no início dos nomes que compõem o topônimo.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 101 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Inhambupe

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 96
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Inhambupe
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Indígena. ÎAMBU-Y-PE, em tup. ant., ‘no rio dos inhambus’ (NAVARRO, 2013). Inhambu, ave da família dos Tinamídeos (HOUAISS, 2001).	
HISTÓRICO: Inhambupe < Inhambupe de Cima	

IMAGENS:



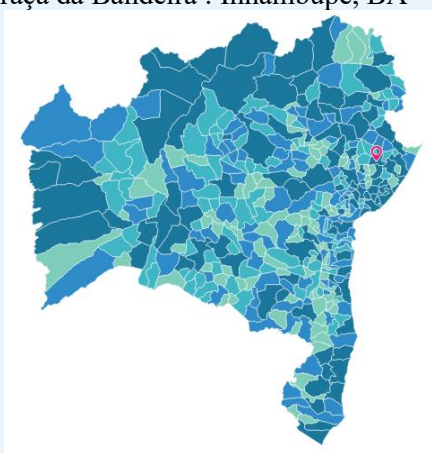
Praça Cônego Maximiano : Inhambupe, BA - [19--]



Praça da Bandeira : Inhambupe, BA - [19--]



Google Maps (Gouveia, 2016)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município de Esplanada formou-se em um terreno plano e aberto, característica que inspirou o seu nome. Com o crescimento populacional e o aumento de construções, o povoado se consolidou, destacando-se também pela construção de um convento pelos frades capuchinhos entre 1904 e 1908. O distrito foi criado pela Lei Estadual n. 889, de 10 de junho de 1912, e elevado à categoria de cidade pela Lei Estadual n. 1.525, de 19 de agosto de 1921 (IBGE, 1958). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Inhambupe](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: n/e



CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 102 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Olindina

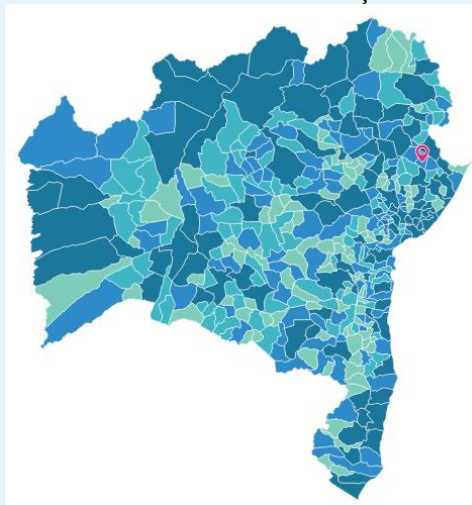
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 97
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Olindina
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: Olinda [< lt. olida, ae, ‘fragrante’] + -in, ‘suf. deriv. dim.’ + -a, ‘vt’.	
HISTÓRICO: Mocambo (s. XIX) > Nova Olinda (1890) > Olindina (1943). 1827 – Nome: Mocambo.	

IMAGENS:



Avenida Doutor Otávio Mangabeira : Olindina – 1967

Praça Antônio Borges : Olindina - 1967



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No século XIX, formou-se um pequeno povoado ao redor da fazenda Mocambo, cuja denominação sugere uma possível origem quilombola. Em 1890, a construção de uma capela dedicada a São João Batista por Antônio Conselheiro impulsionou o crescimento local, que passou a se chamar Nova Olinda, em referência à cidade pernambucana. Em 1938, foi elevada à categoria de distrito e, em 1943, recebeu o nome atual (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Olindina | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



Variação de sinal I



Variação de sinal II

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Olindina é formado por um empréstimo linguístico por transliteração, utilizando as letras O (CM 73) e L (CM 24) como base, representando visualmente a composição inicial do nome em Língua Portuguesa.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 103 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Rio Real

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 98
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Rio Real
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 18 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. RIO, do lat. <i>rīvrus</i> -ī, ‘curso de água natural’; REAL, do lat. <i>rēālis</i> , ‘que existe de fato, verdadeiro’(CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Rio Real < Barracão < Brejo Grande	

IMAGENS:



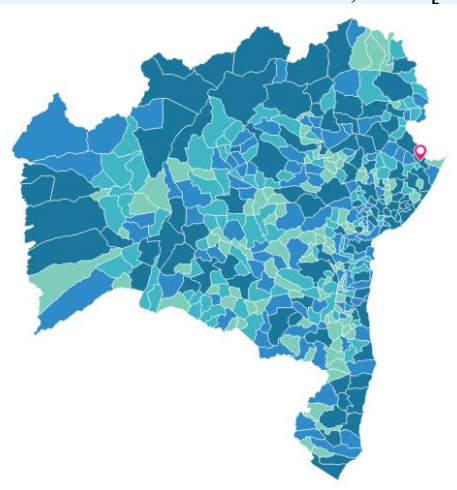
Praça Barão do Rio Branco : Rio Real, BA - [19--]



Rua Manoel Moreira : Rio Real, BA - [19--]



Google Maps (2017)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Antes do século XVIII, a localidade era conhecida como Brejo Grande, devido aos terrenos alagadiços da região. Em 1855, recebeu o nome de Nossa Senhora do Livramento do Brejo Grande e, em 1880, passou a chamar-se Barracão. Em 1931, o topônimo foi alterado para o atual, originado do rio que atravessa o município (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Rio Real | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: n/e

CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 104 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Amélia Rodrigues

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 99
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Amélia Rodrigues
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo	

ORIGEM: Português. Étimo: Amélia [< germ. amal ‘trabalho’] + Rodrigues [< Rudericus (< germ. Hrodric < hruot ‘famoso’ + rik ‘príncipe’; donde: ‘príncipe famoso’) + lt. -is ‘suf. fl. gen./sing.’].

HISTÓRICO: São Bento de Inhatá (1622) > Marucá > Lapa > (1702) > Traripe (1943) > Amélia Rodrigues (1961).

IMAGENS:



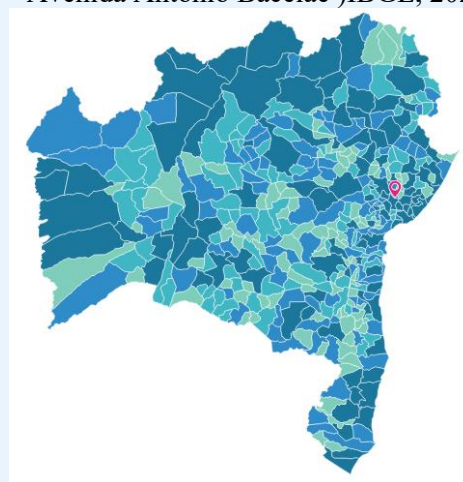
Praça da Matriz [19--]



Avenida Antonio Bacelae)IBGE, 2024)



Google Maps (Mendes, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAISAs terras que compõem o atual município de Amélia Rodrigues integravam uma antiga sesmária doada aos irmãos Luís Vaz e Manuel Pereira Paiva em 1609, posteriormente transferida à Ordem dos Beneditinos em 1622. Nessa área foi construído o engenho São Bento do Inhatá, que originou o núcleo de ocupação da região. Em 1702, ergueu-se uma capela dedicada a Nossa Senhora da Lapa, em torno da qual se formou a povoação de Lapa, elevada a distrito em 1936. Em 1943, o nome foi alterado para Traripe e, posteriormente, substituído por Amélia Rodrigues, em homenagem à educadora e escritora baiana nascida no engenho que deu origem ao município (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Amélia Rodrigues | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização do topônimo em Língua Portuguesa, utilizando as letras A (CM 67) e R (CM 22), presentes no início dos nomes que compõem o topônimo.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 105 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Anguera

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 100
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Anguera
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Necrotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: anã ‘alma’ + -güera ‘suf. de Pt2’; donde: ‘o que foi alma, assombração, fantasma’.	
HISTÓRICO: Almas (1855) > Anguera (1890)	

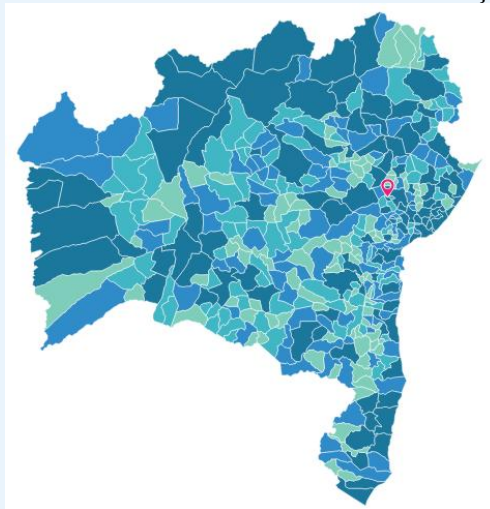
IMAGENS:



Rua Edvaldo Brandão TELEBAHIA :



Praça Arthur Vieira



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região onde hoje se localiza o município de Anguera era habitada originalmente por indígenas Paiaíá e integrava uma sesmaria concedida ao sertanista João Peixoto Viegas em 1655. Em 1855, o capitão José Marques de Oliveira Lima construiu uma escola e uma igreja em sua fazenda Almas, o que deu origem a um povoado que se tornou ponto de parada para tropeiros e se desenvolveu com a agricultura e a criação de gado. Em 1890, o local recebeu o nome de Anguera, que preserva parte do significado de seu topônimo original (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Anguera](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Geomorfotopônimo <<Geo+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização do topônimo em Língua Portuguesa, utilizando a letra A (CM 67), associado a um gesto que faz alusão aos morros situados nas proximidades da cidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro106 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Antônio Cardosos

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 101
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Antônio Cardoso
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo	

ORIGEM: : português. Étimo: Antônio [< cardo (< lt. carduus, i, ‘erva daninha’) + -oso ‘suf. deriv.’].
 HISTÓRICO: Nossa Senhora do Resgate (s. XVII) > Nossa Senhora do Resgate das Umburanas (1843) > Umburanas (1937) > Uberlândia (1938) > Teriguatiba (1953) > Antônio Cardoso (1962).

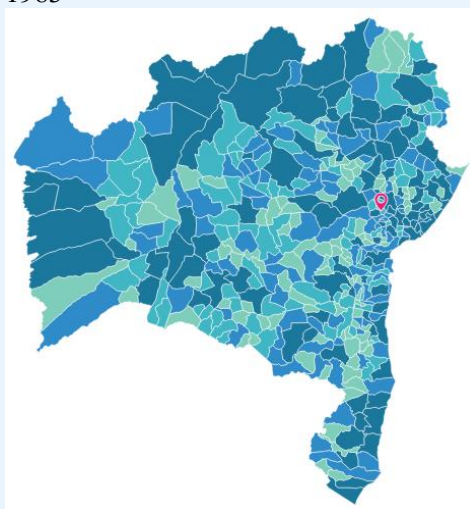
IMAGENS:



Igreja Matriz : Praça da Matriz :
Antônio Cardoso– 1983



Complexo escolar : Antônio Cardoso – 1983



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A ocupação do território onde hoje se localiza Antônio Cardoso teve início no final do século XVII, com a chegada de jesuítas vindos dos conventos de Cachoeira. No local, construíram a capela de Nossa Senhora do Resgate, que se tornou freguesia em 1843 sob o nome de Nossa Senhora do Resgate das Umburanas. Em 1884, a localidade foi incorporada ao município de São Gonçalo dos Campos. Posteriormente, recebeu diferentes denominações: Uberlândia em 1938 e Teriguatiba em 1953, até ser emancipada em 1962, quando passou a chamar-se Antônio Cardoso, em homenagem a um líder político local (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Antônio Cardoso | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização do topônimo em Língua Portuguesa, utilizando as letras A (CM 67) e C (CM 12), presentes no início dos nomes que compõem o topônimo.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 107 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ipecaetá

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 102
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ipecaetá
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Tupi-antigo. Étimos prováveis: yby ‘terra’ + kaá ‘mato’ + -etá ‘sufixo plural’; donde: ‘terra de muito mato, matagal’; ipê ‘ipê’ + kaetá ‘mata’; donde: ‘mata de ipê’.	
HISTÓRICO: : Barrageira (1910) > Patos (1933) > Ipecaetá (1943).	

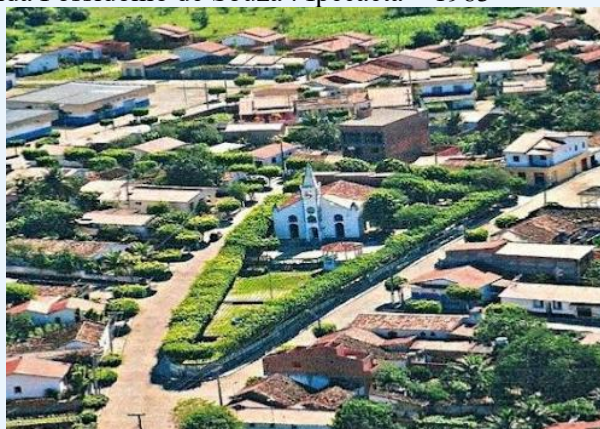
IMAGENS:



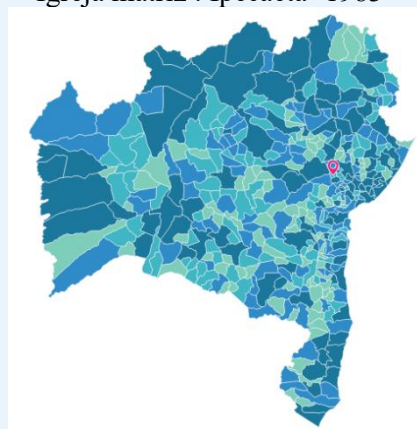
Avenida Possidônio de Souza : Ipecaetá – 1983



Igreja matriz : Ipecaetá- 1983



Google Maps (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O povoamento do atual município de Ipecaetá teve início por volta de 1910, quando um pioneiro estabeleceu a fazenda Barrageira e, diante da escassez de gêneros alimentícios, construiu um armazém que impulsionou o comércio local e atraiu novos moradores, dando origem ao povoado de Patos. Em 1914, foi edificada a igreja de Nossa Senhora de Lourdes, vinculada à Paróquia de Santo Estêvão. Em 1943, o povoado passou a chamar-se Ipecaetá, nome que foi mantido após sua emancipação (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ipecaetá | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo <<Zoo+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município é formado por empréstimo linguístico por inicialização, utilizando a letra I (CM 66), correspondente à primeira letra do topônimo em Língua Portuguesa. A motivação visual está associada aos patos típicos da região, elemento marcante da fauna local e presente na identidade cultural do município.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 108 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Conceição da Feira

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 103
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Conceição da Feira
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. CONCEIÇÃO, do lat. conceptiō -ōnis, ‘ato de conceber’; FEIRA, do lat. fēria, ‘dia de festa’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Conceição da Feira < Nossa Senhora da Conceição Nova da Feira	

IMAGENS:



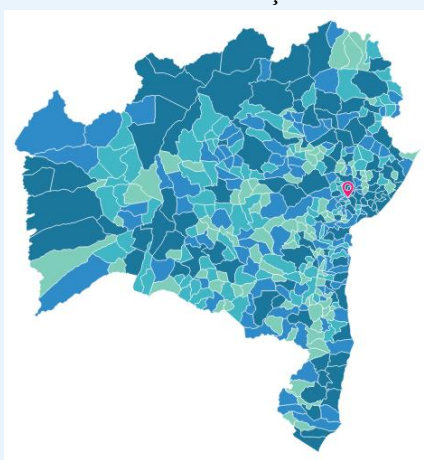
Rua Ruy Barbosa : Conceição da Feira – 1957



Praça Marechal Deodoro : Conceição da Feira - [19--]



Google Maps (Gilmar Costa, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Conceição da Feira tem origem religiosa, em referência à devoção a Nossa Senhora da Conceição, cuja capela foi edificada em 1675 e posteriormente transformada em matriz, e também ao fato de o local ter se desenvolvido em torno de uma feira livre instalada no entroncamento de duas antigas estradas reais, a do Sertão e a do Nordeste. A posição estratégica do local favoreceu o comércio e o surgimento do arraial de Nossa Senhora da Conceição Nova da Feira, que em 1847 tornou-se freguesia e distrito subordinado a Cachoeira. O município foi criado em 1926, mantendo o mesmo nome (IBGE, 1958, v. XX, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Conceição da Feira | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal faz alusão a uma galinha, em referência à expressiva presença de granjas e abatedouros de frango no município.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

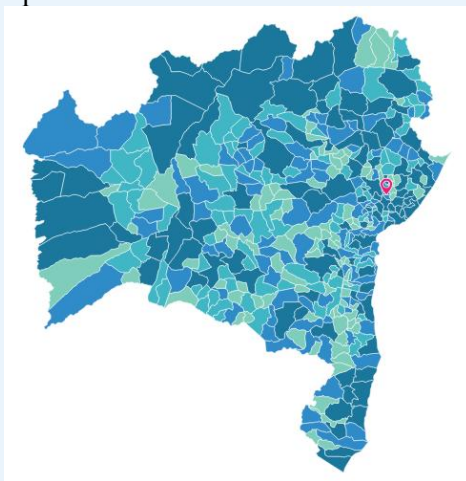
Quadro 109 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Conceição do Jacuípe

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 104
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Conceição do Jacuípe
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: conceição [< concepção (< lt. conceptio, onis, ‘concepção’) + do [= de + o] + Jacuípe [< Tp.-ant. îaku, ‘jacu’ + y, ‘rio’ + pe, ‘em’; donde: ‘no rio dos jacus’].	
HISTÓRICO: : Baixa do Jacuípe (1898) > Feira do Berimbau (1914) > Conceição do Jacuípe (1953).	

IMAGENS:

Praça Manoel Leôncio Ribeiro:
Conceição do Jacuípe

Prefeitura Municipal : Conceição do Jacuípe



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Conceição do Jacuípe combina dois elementos motivadores: a devoção religiosa a Nossa Senhora da Conceição, padroeira local, e a referência geográfica ao rio Jacuípe, que atravessa o território. A localidade surgiu inicialmente como Baixa do Jacuípe, por estar situada na baixada onde nasce o rio, e mais tarde passou a ser conhecida como Feira de Berimbau, em razão das feiras animadas por músicos e trovadores populares. Em 1953, o nome foi oficialmente alterado para Conceição do Jacuípe, denominação mantida após sua emancipação (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Conceição do Jacuípe | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Ergotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simple

CONTEXTO DO SINAL: O sinal desta localidade representa um BERIMBAU, em referência a uma toponímia paralela que ainda divide opiniões entre os moradores quanto ao seu uso. Fora do município, a designação “Berimbau” é amplamente reconhecida. A escolha do berimbau como elemento motivador está ligada à forte tradição das rodas de capoeira e às atividades festivas que marcam a vida cultural da cidade, nas quais o instrumento desempenha papel central como símbolo de identidade, resistência e celebração coletiva.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 110 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Coração de Maria

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 105
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Coração de Maria
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. CORAÇÃO, do lat. cor, ‘principal órgão do aparelho circulatório’ (CUNHA, 2013); MARIA, dentre os muitos étimos, do hebr. Miryám, ‘excelsa, sublime’ (GUÉRIOS, 1981).	
HISTÓRICO: Coração de Maria < Santíssimo Coração de Maria	

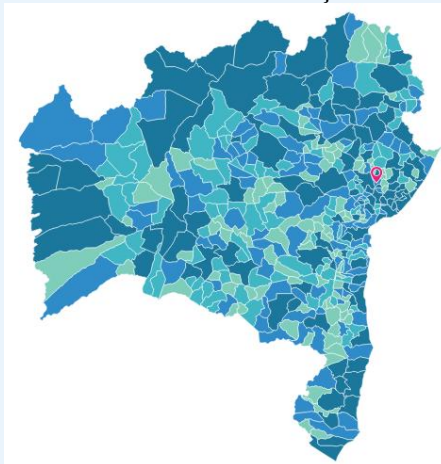
IMAGENS:



Vista panorâmica da cidade 1957



Praça Doutor Araújo Pinho: 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Coração de Maria tem motivação religiosa, originado da devoção ao Santíssimo Coração de Maria, a quem foi dedicada a capela construída na primeira metade do século XIX e, posteriormente, a igreja matriz erguida pelos jesuítas em 1848. A localidade cresceu em torno desse núcleo religioso, sendo elevada à freguesia em 1853 e à vila em 1891, com o nome Santíssimo Coração de Maria. No ano seguinte, o nome foi simplificado para Coração de Maria, denominação mantida após sua emancipação (IBGE, 1958, v. XX, apud Correia, 2017). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Coração de Maria | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Mariotopônimo

<<Maria+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Composto

CONTEXTO DO SINAL: O sinal desta localidade é formado pelo gesto de “coração”, feito de forma literal, seguido de um movimento que faz alusão a Maria, Mãe de Jesus Cristo. A composição remete diretamente a “Nossa Senhora”, constituindo, assim, a motivação principal para a criação do sinal.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 111 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Feira de Santana

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 106
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Feira de Santana
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Sociotopônimo	

ORIGEM: Portuguesa. FEIRA, do lat. fêria, ‘dia de festa’; SANTANA, agl. de Santa, do lat. sanctus -a -um, ‘tornado sagrado’ (CUNHA, 2013) e Ana, do hebr. Hannah, ‘graça, clemência, mercê’, sobrenome port. de origem religiosa (GUÉRIOS, 1981).

HISTÓRICO: Feira de Santana < Feira < Cidade Comercial de Feira de Santana < Santana da Feira

IMAGENS:



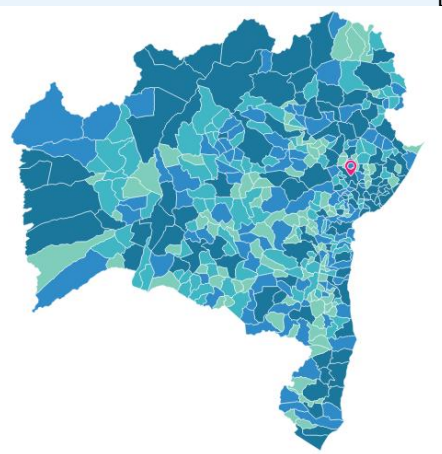
Feira semanal em Feira de Santana - [196-]



Avenida Senhor dos Passos : Feira de Santana - [19--]



Google Maps (Jesus, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O topônimo Feira de Santana tem motivação religiosa e comercial. A primeira parte do nome, Santana, homenageia Senhora Sant'Ana, santa de devoção do casal Domingos Barbosa de Araújo e Anna Brandoa, que, no século XVIII, ergueu uma capela em sua fazenda denominada Sant'Ana dos Olhos D'Água. Já o termo Feira faz referência à intensa atividade comercial e de tropeiros que se desenvolveu ao redor da capela, tornando o local um importante ponto de encontro e de troca de mercadorias. O povoado prosperou rapidamente, sendo criado como município em 1833 e elevado à categoria de cidade em 1873, com o nome Feira de Sant'Ana, mais tarde simplificado para Feira de Santana, denominação mantida até hoje (Ramos, 2008). Para mais informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Feira de Santana | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Variação de sinal I



Variação de sinal II

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando as letras F (CM 19) e S (CM 69), presentes no início dos nomes do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 112 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Irará

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 107
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Irará
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Indígena. EÍRA-ARA, em tup. ant., ‘papa-mel, jaguapé, animal carnívoro da família dos Mustelídeos’ (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Irará < Purificação dos Campos < Nossa Senhora da Purificação dos Campos < São João de Água Fria < Água Fria	

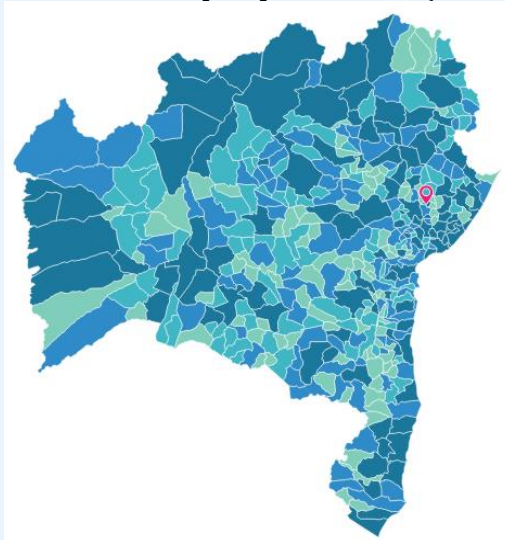
IMAGENS:



Rua Teodoro Pinheiro Cerqueira : Irará, BA - [19--]



Praça Pedro Nogueira : Irará, BA - 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município teve sua formação vinculada à presença de missionários jesuítas que, no século XVI, estiveram na região onde atualmente se localiza Água Fria. No território, já habitado por povos indígenas, foi construída uma igreja em homenagem a São João Batista, o que deu origem a um núcleo populacional. Posteriormente, uma nova capela foi erguida em devoção a Nossa Senhora da Purificação, em torno da qual se consolidou o povoado. Em 1718, o local foi elevado à condição de freguesia com o nome de São João Batista de Água Fria, passando, em 1727, à categoria de vila e município. Em 1832, a sede administrativa foi transferida para o arraial de Purificação dos Campos, cuja denominação foi posteriormente alterada para Irará, em 1895. A motivação do topônimo está relacionada à antiga denominação de uma das localidades que compuseram o processo histórico de formação do município (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o [site do IBGE: IBGE | Cidades@ | Bahia | Irará | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: Aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra I (CM 65), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 113 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santa Barbara

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 108
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Santa Barbara
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotoponímico	
ORIGEM: português. Étimo: santa (< lt. sancta, ae, ‘santa’) + Bárbara (< lt. bárbara, ae, ‘estrangeira’).	
HISTÓRICO: Santa Bárbara da Claricéia (in. s. XIX) > Pacatu (1943) > Santa Bárbara (1961).	

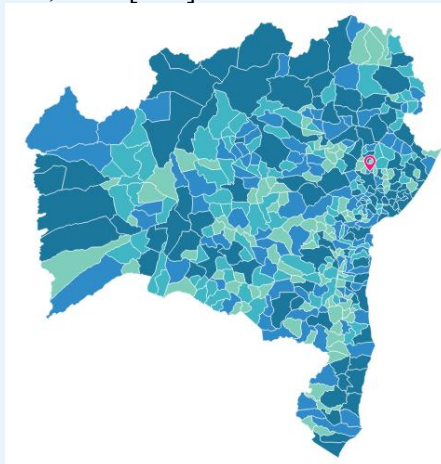
IMAGENS:



Prefeitura Municipal : Santa Bárbara, BA - [19--]



Rua Odório Machado : Santa Bárbara, BA - [19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No início do século XIX, o território passou a ser ocupado por famílias que se dedicavam à agropecuária, atraídas pela fertilidade do solo e pela disponibilidade de terras livres. A comunidade formada recebeu inicialmente o nome de Santa Bárbara da Claricéia, sendo posteriormente renomeada para Pacatú, em 1943, termo derivado do tupi antigo *paka* (“paca”) e do sufixo *-tyba* (“lugar onde há muitas”), significando “lugar onde há muitas pacas”. Com sua emancipação, o município adotou a denominação atual (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Santa Bárbara | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Zootopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Santa Bárbara é o mesmo sinal de BODE, fazendo alusão à criação desse animal, muito presente na região e associado à produção de alimentos e derivados típicos do município.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

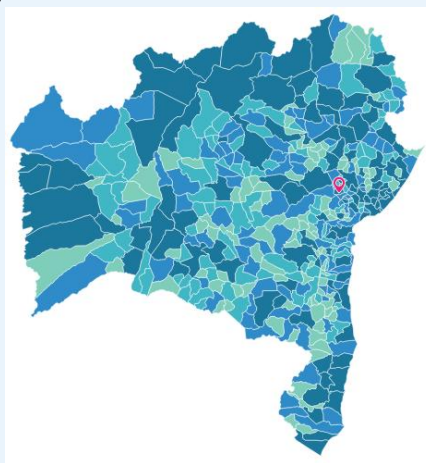
Quadro 114 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santo Estevão

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 109
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Santo Estêvão
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. SANTO, do lat. sanctus -a -um, ‘sagrado’(CUNHA, 2013); ESTEVÃO, do gr. Stéphanos, ‘coroa, diadema’ (GUÉRIOS, 1981).	
HISTÓRICO: Santo Estevão < Santo Estevão do Jacuípe < Santo Estevão Novo	

IMAGENS:

Rua Marechal Deodoro da Fonseca:
Santo Estêvão – 1957

Escola nuclear : Santo Estêvão – 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está associada à devoção religiosa a Santo Estevão, em homenagem ao santo que nomeia o município. A ocupação do território teve início em 1739, quando moradores de Santo Estevão Velho, afetados por um período de seca, deslocaram-se em busca de água e encontraram um manancial de água doce às margens do riacho Salgado. A presença desse recurso natural favoreceu a fixação das famílias, que construíram currais, moradias e uma capela dedicada ao santo, originando o povoado denominado Santo Estevão Novo. Em 1754, o local foi elevado à categoria de freguesia com o nome de Santo Estevão do Jacuípe, situado entre os rios Paraguaçu e Jacuípe. Em 1921, a povoação foi elevada à categoria de vila e município, com território desmembrado de Cachoeira, consolidando-se sob o nome de Santo Estevão (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Santo Estêvão](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hagiotopônimo <<Hagio+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal faz alusão à auréola santa, seguido de um empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra E (CM 71), presente no início do segundo nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 115 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Gonçalo dos Campos

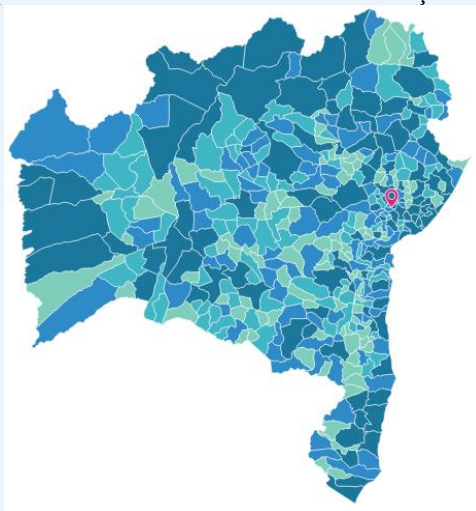
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 110
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: São Gonçalo dos Campos
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. SÃO, do lat. sanctus -a -um, ‘sagrado’ (CUNHA, 2013); GONÇALO, do germ. Gundisalvus, ‘salvo na guerra’ (GUÉRIOS, 1981); CAMPOS, do lat. campus -ī, ‘terreno plano’ (CUNHA, 2013)	
HISTÓRICO: São Gonçalo dos Campos < São Gonçalo < São Gonçalo dos Campos < Campos da Cachoeira	
IMAGENS:	



Rua Cel. João Pedreira:
São Gonçalo dos Campos – 1957



Praça J. J. Seabra: mercado municipal:
São Gonçalo dos Campos, BA - 1957



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada à devoção a São Gonçalo do Amarante, cuja imagem, segundo registros históricos, teria sido encontrada no local onde se instalaram os primeiros exploradores. Em homenagem ao santo, foi erguida uma capela, em torno da qual se formou o arraial de São Gonçalo dos Campos. A ocupação inicial da região ocorreu no século XVII, quando expedições que adentraram os sertões da Bahia demarcaram terras, realizaram plantações e criaram currais na área então denominada Campos da Cachoeira. O arraial, posteriormente, foi elevado à categoria de vila e, mais tarde, à condição de cidade, mantendo a mesma denominação. O município chegou a ter seu nome simplificado para São Gonçalo em 1931, mas o topônimo original foi restabelecido em 1943,

consolidando-se como São Gonçalo dos Campos (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | São Gonçalo dos Campos | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Variação de sinal I



Variação de Sinal II

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Fitotopônimo <<Fito+grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra S (CM 69), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa, seguido do sinal que faz referência visual ao caminho ornamentado com árvores na entrada da cidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 116 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Tanquinho

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 111
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Tanquinho
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ergotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: pt. tanque + pt. -inh, 'suf. deriv. dim.' + pt. -o, 'vt'	
HISTÓRICO: Tanque do Gonzaga (in. x. XX) > Tanquinho. 1827, 1890	

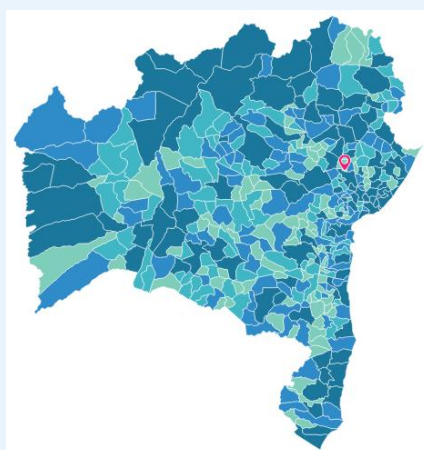
IMAGENS:



Praça Renato Bahia : Tanquinho, BA - [19--



Monte da Emancipação



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada à presença de pequenos tanques e aguadas existentes na região, que inspiraram a denominação Tanquinho. O povoado formou-se no início do século XX, no local conhecido como Tanque do Gonzaga, então pertencente ao município de Feira de Santana (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Tanquinho | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Geomorfotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto

CONTEXTO DO SINAL: (CM 55) O aspecto motivacional do sinal combina dois elementos: inicialmente, o sinal de PEDRA, que remete a formação rochosa, seguido pela silhueta do morro, representando o Monte da Emancipação, um marco natural e cultural de grande porte localizado na lateral da cidade e visível para todos que trafegam pela BR-116. Além de ponto de ecoturismo, antena de telefonia e mirante com vista panorâmica, o monte possui forte relevância religiosa, abrigando no topo uma imagem do Cristo Redentor instalada há mais de 40 anos como cumprimento de uma promessa atendida. Durante a Semana Santa, o local é palco de tradições centenárias, como a peregrinação de fiéis que sobem o monte, acendem velas e rezam em agradecimento ou pagamento de promessas, reforçando seu papel como símbolo de fé e identidade cultural da comunidade.

FONTES:

BLOG DA FEIRA. *Tanquinho, uma cidade guardada pelo monte de pedra*. Feira de Santana: Blog da Feira, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://blogdafeira.com.br/home/2020/03/19/tanquinho-uma-cidade-guardada-pelo-monte-de-pedra/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 117 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Terra Nova

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 112
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Terra Nova
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 19 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: lt. terra, ae, ‘terra’ + lt. nova, ae, ‘nova’; donde: ‘terra nova’.	
HISTÓRICO: Terra Nova (s. XIX) > Terra Boa (1954) > Terra Nova (1961).	

IMAGENS:



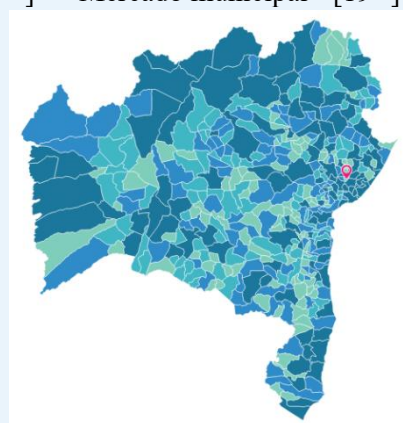
Colégio Municipal Oscar Pereira de Magalhães[19--]



Mercado municipal - [19--]



Google Maps (Valente, 2011)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está associada à antiga fazenda onde o povoado se formou, denominada Terra Nova. O local surgiu no século XIX, em área situada à margem direita do rio Pojuca. Em 1889, o Barão de Bom Jardim iniciou a instalação de uma usina de açúcar, inaugurada em 1902, o que impulsionou o desenvolvimento da comunidade. Em 1954, o povoado foi elevado à categoria de distrito do município de Santo Amaro, com o nome de Terra Boa, retomando sua denominação original em 1961 (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Terra Nova | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando a letra T (CM 20 e CM 21), presente no início do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 118 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Anagé

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 113
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Anagé
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 20 Google Earth

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo

ORIGEM: Tupi-antigo. Étimo: *najé* ‘gavião’.

HISTÓRICO: Joanópolis (1938) > Anagé (1944). 1827, 1890 (inexistente). 1940

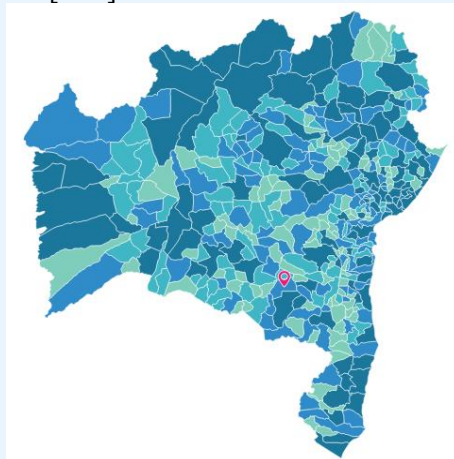
IMAGENS:



Praça : Anagé, BA - [19--]



Rua Fidelis Botelho : Anagé, BA - [19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada ao nome comum de uma ave de rapina nativa, o gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), bastante comum na região. O local figurava, em 1938, como distrito de Vitória da Conquista sob o nome de Joanópolis, que foi substituído, em 1944, pela atual denominação, inspirada nessa espécie (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Anagé](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: n/e



CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 119 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Barra do Choça

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 114
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Barra do Choça
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 20 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: barra [< lt. vg. *barra < gaul. barrum ‘barro, lodo’] + do [= de + o] + choça [< ?].

HISTÓRICO: Caetitê (1933) < Barra do Choça (1936).

IMAGENS:



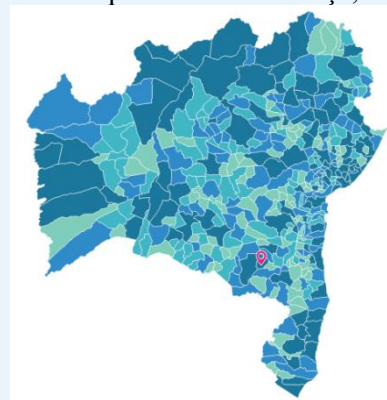
Igreja matriz : Barra do Choça, BA - [19--]



Prefeitura Municipal : Barra do Choça, BA - [19--]



Google Maps (2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS A motivação do topônimo está associada à localização do antigo arraial, formado no início do século XX nas proximidades da confluência do rio Choça, o que originou a denominação Barra do Choça. Em 1932, o local já figurava como distrito de Vitória da Conquista, do qual se emancipou cerca de quarenta anos depois (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Barra do Choça](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O nome do município é representado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando as letras B (CM03) e C (CM 12), correspondentes às iniciais do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 120 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Belo Campo

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 115
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Belo Campo
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 20 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: belo [< lt. bellus, i, ‘bonito, gracioso’] + campo [< lt. campus, i, ‘campo’].	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, a localidade conserva este nome.	

IMAGENS:



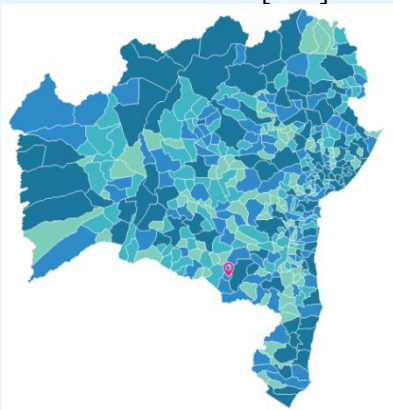
Praça Napoleão Ferraz [19--]



Rua 15 de Novembro [19--]



Google Maps (Freitas, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada ao nome da antiga fazenda Belo Campo, onde o povoado teve origem. O município formou-se a partir do crescimento dessa comunidade rural, que, em 1920, tornou-se distrito de Vitória da Conquista, conquistando sua emancipação 42 anos depois (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Belo Campo | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Belo Campo é formado por um empréstimo linguístico por inicialização, utilizando as letras B (CM 03) e C (CM 12), que remetem diretamente às iniciais do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 121 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Poções

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 116
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Poções
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 20 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ergotopônimo	

ORIGEM: português. Étimo: poço [< lt. puteus, i, ‘cavidade, poço’] + -ão, ‘suf. deriv. aum.’ + -s, ‘suf. fl. pl.’.

HISTÓRICO: Divino Espírito Santo > Poções (1833) > Boa Nova (1903) > Poções (1918) > Boa Nova (1921) > Poções (1922) > Djalma Dutra (1943) Poções (1947).

IMAGENS:



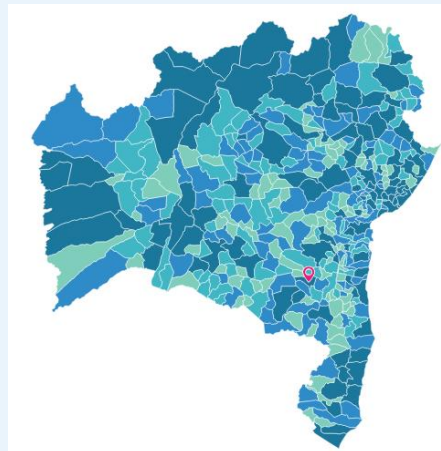
Igreja do Divino Espírito Santo : Poções, BA - [19--]



Rua Itália : Poções, BA - [19--]



Google Maps (Santos, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está associada à presença de grandes poços de água na parte baixa da localidade, característica que inspirou a denominação Poções. A ocupação do território teve início por volta de 1732, com a chegada de bandeirantes que exploravam a região em busca de minas auríferas. O povoado se consolidou ao longo do tempo, e entre 1830 e 1842 foi construída a capela do Divino Espírito Santo, que impulsionou a criação da freguesia em 1880. O distrito foi instituído em 1878, subordinado ao município de Vitória, e elevado à categoria de vila em 1880. Após diversas mudanças administrativas e de nomenclatura ao longo das décadas seguintes, o município readquiriu o nome Poções em 1947 (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Poções | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:



Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Poções é formado por um empréstimo linguístico por transliteração, utilizando as letras P (CM 55) e C (CM 12). Não foi identificada outra motivação associada ao sinal além da referência direta às letras presentes no topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 122 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Vitória Da Conquista

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 117
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Vitória da Conquista
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 20 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. VITÓRIA, do lat. victōria, ‘triunfo, bom êxito, sucesso’; CONQUISTA, substantivação da forma verbal do lat. conquerer ‘submeter pela força, vencer’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Vitória da Conquista < Conquista < Vitória	

IMAGENS:



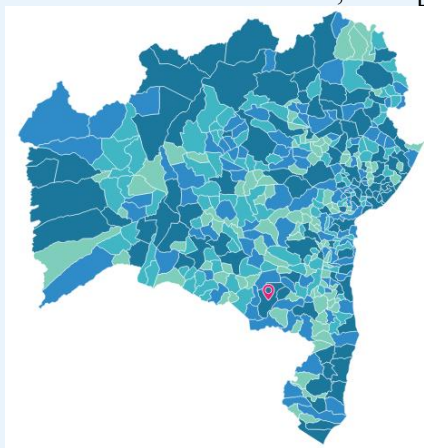
Vista panorâmica da cidade : [19--]



Avenida Presidente Dutra, BA - [19--]



Google Maps (Parente, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está associada, em primeiro plano, à narrativa histórica que celebra a vitória dos colonizadores nos conflitos com os povos indígenas mongoiós e imborés, que resistiram à ocupação da região. Também se relaciona à devoção a Nossa Senhora das Vitórias, uma vez que, em 1783, foi erguida uma capela em homenagem à santa no local do último confronto, o que marcou o início da formação do povoado. O território começou a ser explorado por volta de 1752, quando expedições buscaram estabelecer comunicações entre o litoral e o sertão. Posteriormente, o povoado foi elevado à categoria de vila em 1840 e à condição de cidade em 1891, com o nome de Conquista. Em 1943, o município passou a denominar-se Vitória da Conquista, nome que reflete a interpretação colonial desses acontecimentos (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Vitória da Conquista | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando as letras V (CM 54) e C (CM 12), presentes no início dos nomes do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 123 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cabaceiras Do Paraguaçu

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 118
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cabaceiras do Paraguaçu
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: cabaceiras [< cabaça (< ?) + -eir, ‘suf. deriv.’ + -a, ‘vt’ + -s, ‘suf. fl. pl.’] + do [= de + o] + Paraguaçu [< Tp.-ant. pará, ‘rio, caudal’ + gûasu, ‘grande’; donde: ‘rio grande, grande caldal’].	
HISTÓRICO: Cabaceiras (1559) > Cabaceiras do Paraguaçu (1989).	

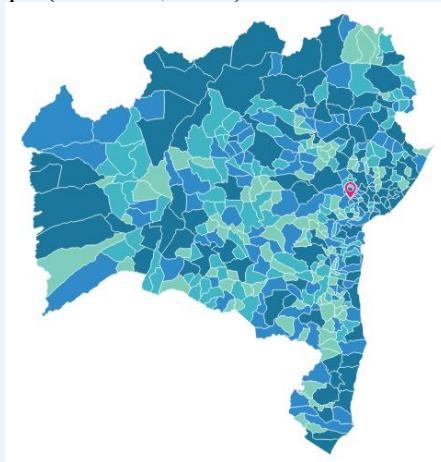
IMAGENS:



Google Maps (Pardinho, 2023)



IPAC BA (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada à combinação do nome da antiga fazenda Cabaceiras, onde o povoado se originou, e do rio Paraguaçu, que atravessa o território. O município teve início em 1559, com a formação da fazenda Cabaceiras às margens desse rio, posteriormente adquirida pela família do poeta Castro Alves. Em 1989, a localidade foi emancipada, adotando o atual nome que preserva a memória histórica do lugar e do curso d'água que o perpassa (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Cabaceiras do Paraguaçu | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Hidrotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando a letra C (CM 12), presente no início do primeiro nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

A TARDE. Cabaceiras do Paraguaçu celebra 50 anos do Parque Castro Alves. 3 mar. 2021. Disponível em: <https://atarde.com.br/cultura/cabaceiras-do-paraguacu-celebra-50-anos-do-parque-castro-alves-1148409>. Acesso em: maio 2025.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 124 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cachoeira

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 119
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cachoeira
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Do lat. <i>coctiō -ōnis</i> , ‘queda d’água’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Cachoeira < Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira	

IMAGENS:



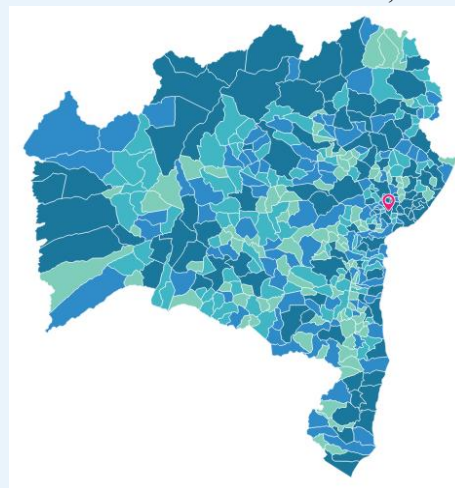
Vista parcial da cidade : Cachoeira, BA - [19--]



Rua 25 de Junho : Cachoeira, BA - 1949



Google Maps (Soares, 2023)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada às quedas d’água existentes na cabeceira do rio Paraguaçu, nas proximidades do local onde o povoado se desenvolveu, originando a denominação Cachoeira. A formação do município remonta ao final do século XVI, quando, entre 1595 e 1606, foi fundada a capela de Nossa Senhora da Ajuda, dando início ao povoado às margens do rio. Em razão de seu crescimento, foi criada a freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, posteriormente elevada à categoria de vila, com o nome de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, em 1693, e à condição de cidade em 1837. Destacou-se como importante centro comercial e industrial, com produção e exportação de fumo, e teve papel decisivo nas lutas pela Independência da Bahia, sendo reconhecida como “Heroica Cachoeira” por seus feitos históricos (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE](#) | [Cidades@](#) | [Bahia](#) | [Cachoeira](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Variação de sinal I



Variação de sinal II



Variação de sinal III



Variação de sinal IV

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hidrotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal da cidade de Cachoeira em Libras faz alusão à água corrente, representando o Rio Paraguaçu, que separa Cachoeira de São Félix por meio da histórica Ponte Dom Pedro II. Esse rio não apenas marca a divisão geográfica entre os dois municípios, mas também desempenha um papel central na formação histórica e econômica da região, tendo sido, ao longo do tempo, uma importante via de transporte, comércio e comunicação. O aspecto motivacional do sinal está centrado nessa presença visual e simbólica, em que a água corrente do rio se torna um elemento icônico que representa ligação, identidade e memória histórica para a comunidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 125 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Castro Alves

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 120
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Castro Alves
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Historiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. CASTRO, sobrenome port. do lat. castrum ‘castelo, fortaleza’; ALVES, sobrenome port. abrev. de Álvares (GUÉRIOS, 1981)	
HISTÓRICO: Castro Alves < Curralinho	

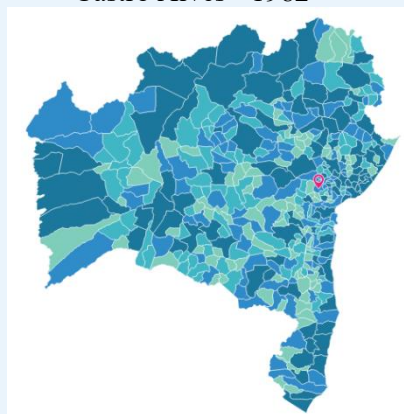
IMAGENS:



Vista parcial da cidade : Castro Alves – 1957

Monumento do Doutor Rafael Jambeiro:
Castro Alves - 1982

Google Maps (Santos, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada à homenagem prestada ao poeta baiano Antônio Frederico de Castro Alves, natural da região, cujo nome substituiu o antigo topônimo Curralinho. A formação do município teve início no século XVIII, em terras habitadas pelos povos indígenas sabujás e cariris, descendentes dos tupinambás. O donatário João Evangelista de Castro Tanajura, avô do poeta, incentivou a ocupação da área, distribuindo terras para cultivo e criação de gado. O povoamento começou com a instalação da Fazenda Curralinho, às margens do rio Jaguaripe, originando o nome inicial do local. O distrito foi criado em 1873 e elevado à categoria de vila em 1880, tornando-se cidade em 1895. Em 1900, a denominação foi alterada para Castro Alves, em referência ao renomado poeta (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Castro Alves | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Historiotopônimo <<Histo+Grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Composto

CONTEXTO DO SINAL: O sinal da cidade de Castro Alves em Libras faz alusão direta ao escritor Antônio Frederico de Castro Alves, conhecido como o “Poeta dos Escravos”, importante figura da literatura brasileira e símbolo da luta abolicionista no século XIX. A escolha desse aspecto motivacional está relacionada ao fato de o município ter recebido o nome em sua homenagem, preservando a memória e o legado do poeta. O sinal remete à sua identidade enquanto escritor, reforçando o vínculo histórico e cultural que a cidade mantém com sua obra e sua trajetória.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 126 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cruz Das Almas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 121
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cruz das Almas
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fidetopônimo	

ORIGEM: Portuguesa. CRUZ, do lat. *crux crūcis*, ‘antigo instrumento de suplício’; ALMA, do lat. *anīma*, ‘essência imaterial do ser humano, espírito’ (CUNHA, 2013).

HISTÓRICO: Cruz das Almas < Nossa Senhora do Bonsucesso da Cruz das Almas < Nossa Senhora do Bonsucesso

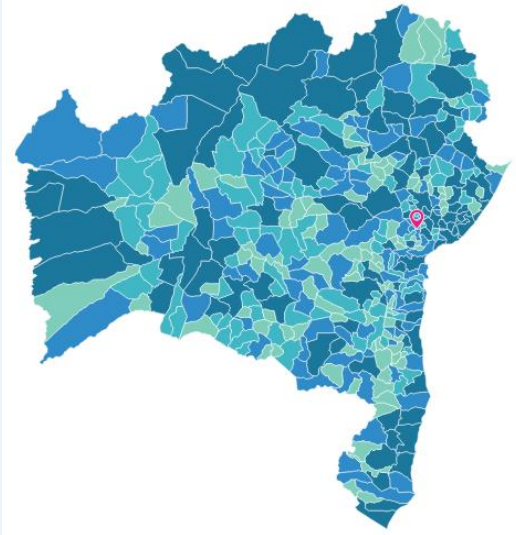
IMAGENS:



Rua Crisógno Fernandes : Cruz das Almas - [19--] Praça Senador Temístocles: Cruz das Almas-[19--]



Google Maps (2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está associada a um antigo cruzeiro erguido em uma encruzilhada na estrada que ligava a região a São Félix. Nesse local, viajantes costumavam fazer orações, muitas vezes à noite, referindo-se ao ponto como “na cruz das almas”, expressão que originou o nome do município. A formação da localidade ocorreu em 1897, quando colonos instalaram-se no planalto, à margem da estrada real, dedicando-se ao cultivo da cana-de-açúcar e à construção de engenhos, o que impulsionou o surgimento do arraial de Nossa Senhora do Bonsucesso. A capela erguida no local deu origem à freguesia de Nossa Senhora do Bonsucesso da Cruz das Almas, criada em 1815. O distrito

foi instituído no mesmo ano, subordinado a São Félix, e elevado à categoria de vila em 1897, passando à condição de cidade em 1921 (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Cruz das Almas | História & Fotos](https://cidades.ibge.gov.br/Bahia/Cruz-das-Almas/Historia-e-Fotos)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Fidetopônimo <<Fide+grafo>>



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto

CONTEXTO DO SINAL: O sinal é motivado pelo topônimo em Língua Portuguesa, fazendo a junção de Cruz + Alma, elementos que remetem fortemente à religiosidade presente na história e na identidade cultural do município. A cruz simboliza a fé cristã, enquanto a alma representa a espiritualidade e a devoção, compondo um significado que reflete tanto o nome quanto o imaginário simbólico associado à localidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 127 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santo Amaro

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 122
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Santo Amaro
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. SANTO, do lat. sanctus -a -um, ‘sagrado’(CUNHA, 2013); AMARO, o mesmo que Mauro, do lat. Maurus, ‘nativo da Mauritânia’ (GUÉRIOS, 198).	
HISTÓRICO: Santo Amaro < Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro < Santo Amaro	

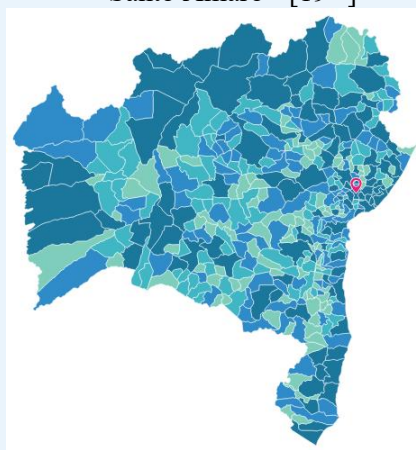
IMAGENS:



Vista parcial da cidade : Santo Amaro – 1957

Sobrado da luta da Independência do Brasil :
Santo Amaro - [19--]

Google Maps (Moniz, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está relacionada à devoção a Santo Amaro, orago da Ordem dos monges beneditinos, em cuja homenagem foi construída a primeira capela da localidade. A povoação surgiu em 1557, às margens do rio Taripe, próxima ao litoral, onde colonos e religiosos se estabeleceram, construindo moradias e obtendo do rio e do mar o sustento por meio da pesca. Antes da consolidação do povoado, houve enfrentamentos com os povos indígenas tupinambás que habitavam as margens dos rios Sergi-Mirim e Subaé. Em 1604, a freguesia foi transferida para o local onde se ergueu a igreja de Nossa Senhora da Purificação, a cerca de um quilômetro da antiga capela. O distrito foi instituído sob a denominação de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro e, posteriormente, elevado à categoria de vila em 1727 e à condição de cidade em 1837, consolidando-se

com o nome de Santo Amaro (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Santo Amaro | História & Fotos](https://cidades.ibge.gov.br/Bahia/SantoAmaro/historia-e-fotos)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Variação de sinal I



Variação de sinal II



Variação de sinal III

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hagiotopônimo <<Hagio+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra A (CM 67) de *Amaro*, seguido do sinal de “santo”, que faz alusão ao santo padroeiro da cidade.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 128 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Santo Antônio de Jesus

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 123
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Santo Antônio de Jesus
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. SANTO, do lat. sanctus -a -um, ‘sagrado’ (CUNHA, 2013); ANTÔNIO, do lat. Antonius, ‘valioso, inestimável’; JESUS, do hebr. Ieshu, ‘Javé salva’ (GUÉRIOS, 1981).	
HISTÓRICO: Santo Antônio de Jesus < Santo Antônio < Santo Antônio de Jesus	

IMAGENS:



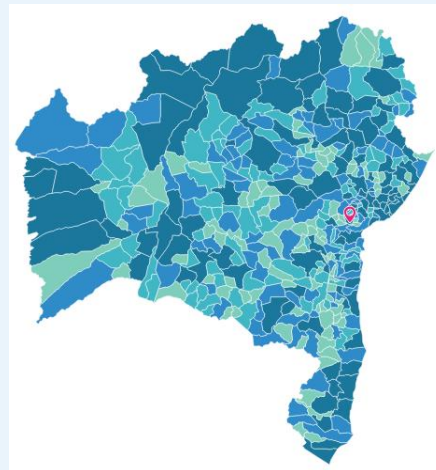
Rua Prudente de Moraes:
Santo Antônio de Jesus – 1957



Praça da feira: Santo Antônio de Jesus – 1957



Google Maps (Costa, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A motivação do topônimo está vinculada à devoção religiosa a Santo Antônio de Jesus, santo em cuja homenagem foi erguido o oratório que deu origem ao povoado. A formação da localidade ocorreu com a chegada dos primeiros colonos, atraídos pela fertilidade das terras e pela abundância das matas, o que favoreceu o estabelecimento da comunidade. O oratório dedicado ao santo foi transformado em capela por provisão de 23 de setembro de 1777, ligada à freguesia de Nossa Senhora de Nazaré. O distrito foi criado em 1852, subordinado ao município de Nazaré, e posteriormente elevado à categoria de vila e à condição de cidade, mantendo o mesmo nome. Em 1931, o município passou a denominar-se apenas Santo Antônio, retomando em 1938 a denominação original de Santo Antônio de Jesus (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@Bahia](#) | [Santo Antônio de Jesus](#) | [História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Mimetopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Santo Antônio de Jesus faz alusão a um chafariz, elemento marcante presente na cidade e associado à sua história e identidade local.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 129 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Félix

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 124
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: São Félix
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. SÃO, do lat. sanctus -a -um, ‘sagrado’ (CUNHA, 2013); FÉLIX, do lat. Felix, ‘feliz’ (GUÉRIOS, 1981)	
HISTÓRICO: São Félix < São Félix do Paraguaçu	

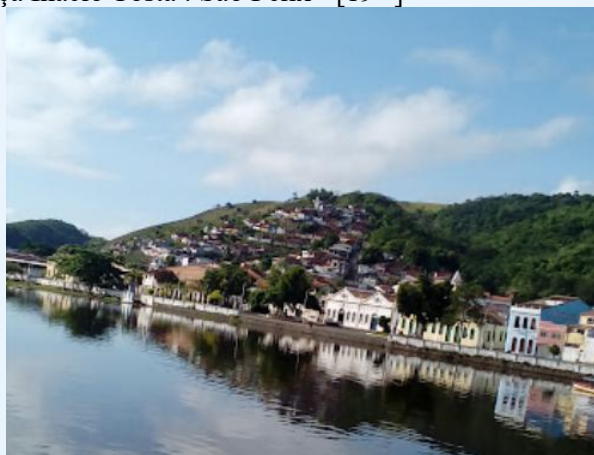
IMAGENS:



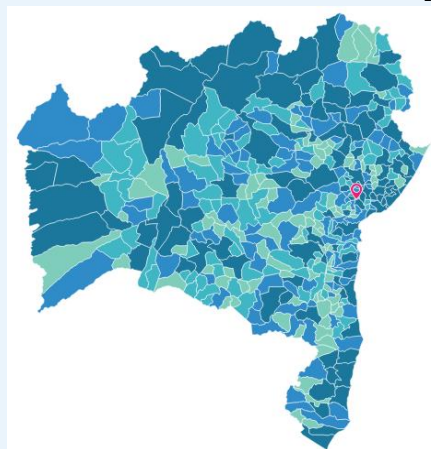
Praça Inácio Tosta : São Félix - [19--]



Avenida Salvador Pinto : São Félix - [19--]



Google Maps (Costa,2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O nome do município remete a São Félix Catalício, cuja celebração coincidiu com a chegada dos primeiros colonizadores à região, em 1534. À época, o território era habitado por indígenas tupinambás, que viviam em uma aldeia composta por cerca de vinte palhoças e pouco mais de duzentos habitantes. Nesse mesmo período, os colonizadores portugueses iniciaram o cultivo da cana-de-açúcar e a instalação de engenhos, utilizando a força de trabalho indígena. Em 1838, foi criada a freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Outeiro Redondo e, posteriormente, em 1857, a freguesia do Senhor Deus Menino de São Félix, juntamente com o distrito de São Félix do Paraguaçu, vinculado ao município de Cachoeira. Em 1889, a localidade foi elevada à categoria de vila e, no ano seguinte, à condição de cidade, com o nome de São Félix do Paraguaçu. Em 1931, o município passou a adotar a denominação de São Félix (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | São Félix | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hodotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal faz referência à Ponte Dom Pedro II, que interliga as cidades de São Félix e Cachoeira, sobre o Rio Paraguaçu. Essa ponte, construída no século XIX, é um importante marco histórico e arquitetônico da Bahia, simbolizando a ligação física e cultural entre os dois municípios. Além de sua função como via de acesso, a ponte integra o cenário urbano e turístico da região, sendo um elemento visualmente marcante.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 130 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Governador Mangabeira

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 125
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Governador Mangabeira
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Axiotopônimo	
ORIGEM: Kikongo. Étimo: gongodi ‘mergulhão, uma espécie de inseto’.	
HISTÓRICO: Cabeças (1881) > Governador Mangabeira (1962).	

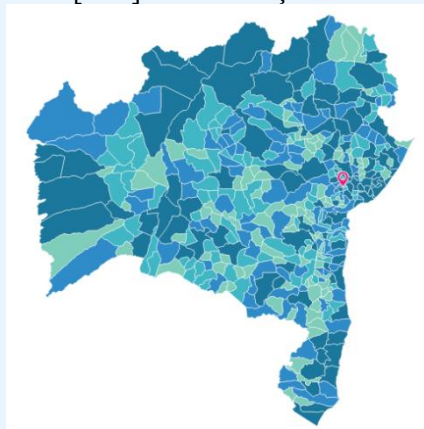
IMAGENS:



Ruas das Flores : [19--]



Praça Castro Alves : [19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Inicialmente habitada por grupos indígenas tupinambás, a região passou a atrair colonos em razão da fertilidade do solo e das condições favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar. Em 1881, formou-se o povoado de Cabeças, núcleo que deu origem à atual sede municipal. Em 1962, a localidade teve seu nome alterado para Mangabeira, em homenagem a Otávio Mangabeira, governador da Bahia entre 1947 e 1951 (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Governador Mangabeira | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Fitotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples



CONTEXTO DO SINAL O aspecto motivacional do sinal do município de Governador Mangabeira está relacionado à interpretação do topônimo pela comunidade surda. Considerando que o termo “Mangabeira” contém a palavra “manga”, os surdos estabelecem uma associação direta com a fruta, utilizando o sinal de MANGA para representar o município. Essa escolha baseia-se em uma relação lexical visual, na qual parte do nome em língua portuguesa é reinterpretada e incorporada ao sinal em Libras.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

QUEIROZ, Vicente A. *Igreja em Governador Mangabeira (BA)* [fotografia]. Junho 2024. Disponível em: <https://bahiaeconomica.com.br/wp/wp-content/uploads/2024/06/governador-mangabeira-ba-1.jpg>. Acesso em: 03 jul. 2025.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 131 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Muritiba

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 126
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Muritiba
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Indígena. MERITI-‘YBA, em tup. ant., variedade de palmeira (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Muritiba < Buritiba	

IMAGENS:



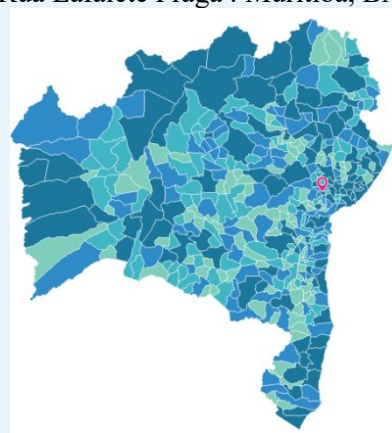
Avenida Ruy Barbosa : Muritiba, BA – 1957



Rua Lafaiete Fraga : Muritiba, BA - 1966



Google Maps (Santos, 2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O nome do município tem origem na palavra indígena buritiba, que designa uma espécie de palmeira encontrada em abundância na região. O território, situado às margens do rio Paraguaçu, era habitado por povos tupinambás antes da chegada de colonizadores portugueses e missionários jesuítas, que, em 1559, atingiram as áreas de Cachoeira e São Félix, subindo a serra à margem direita do rio até alcançar o planalto onde fundaram o povoado. A comunidade teve início com a construção de um templo e de um convento, destruídos durante a invasão holandesa em 1624. Em 1705, foi criada a freguesia de São Pedro do Monte de Muritiba, e, em 1706, o distrito com o mesmo nome. A vila foi instituída em 1919 e elevada à condição de cidade em 1922 (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Muritiba | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Mimetopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINALO aspecto motivacional do sinal do município de Muritiba está relacionado ao empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, por meio da letra M (CM 77), presente no início do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 132 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Maragogipe

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 127
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Maragogipe
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Etnotopônimo	
ORIGEM: Indígena. MARAG-GYP, em tup. ant., “braços invencíveis”; indígenas Marag-gyp (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Maragogipe < São Bartolomeu do Maragogipe	

IMAGENS:



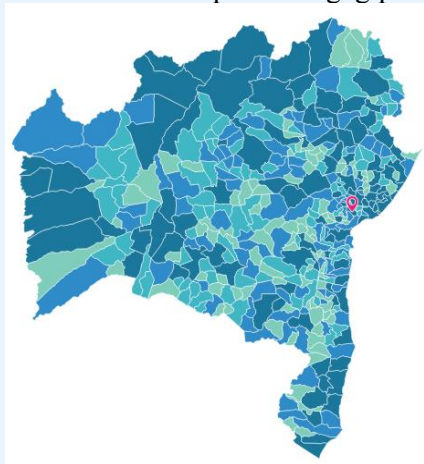
Praça Conselheiro Antônio Pereira Rebouças: Maragogipe



Mercado Municipal: Maragogipe



Google Maps (Gusmão, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O nome do município tem origem na denominação dos seus primeiros habitantes, os indígenas marag-gyp, grupo conhecido pela habilidade no uso do arco e da flecha e pela resistência frente às tentativas de dominação. O território começou a ser ocupado por colonos portugueses em meados do século XVI, atraídos pela fertilidade do solo, pelas matas e pela facilidade de acesso ao porto. Nessas terras, pertencentes à sesmaria de Paraguaçu, desenvolveram-se atividades como a extração de madeira, o cultivo de cana-de-açúcar e mandioca e a instalação de engenhos e fábricas de farinha. A capela dedicada a São Bartolomeu foi elevada à freguesia em 1640, sob o nome de São Bartolomeu do Maragogipe, e a vila foi instituída em 1725. Posteriormente, o nome foi simplificado para Maragogipe, em referência à denominação indígena original. Em 1850, a localidade foi elevada à condição de cidade e recebeu o título honorífico de “Patriota Cidade” (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Maragogipe | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Hidrotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Maragogipe utiliza a letra M (CM 77), realizada na palma da mão com um movimento que representa o curso do rio Paraguaçu, elemento geográfico marcante que banha grande parte do território municipal.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

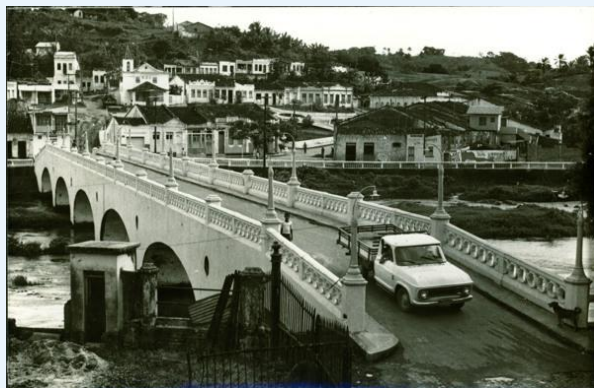
Quadro 133 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Nazaré

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 128
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Nazaré
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 21 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo	

ORIGEM: Portuguesa. Proveniente do hebr. Nazareth, ‘cidade da Galiléia’ (HOUAISS, 2001).

HISTÓRICO: Nazaré < Nossa Senhora de Nazaré < Nazaré das Farinhas < Nazaré

IMAGENS:



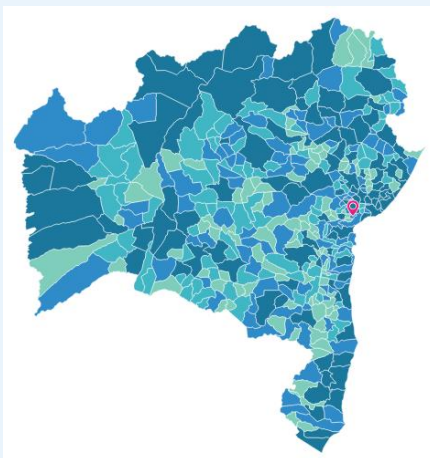
Ponte da Conceição : Rio Jaguaripe : Nazaré - [19--]



Avenida Dom Pedro II : Nazaré - 1967



Google Maps (Arruda, 2019)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O nome do município está ligado à devoção a Nossa Senhora de Nazaré, cuja aparição, segundo a tradição local, teria ocorrido a uma jovem camponesa. O episódio levou à construção de uma capela em homenagem à santa, em torno da qual se formou o povoado de Nazaré. A ocupação da região teve início em 1563, com a instalação de um engenho por colonizadores portugueses, que reuniram indígenas e pessoas escravizadas ao redor da igreja construída. O local passou a ser conhecido como Nazaré das Farinhas, em razão da intensa produção de farinha de mandioca que se tornou característica da economia local. A povoação foi elevada à categoria de vila em 1831, sob o nome de Nossa Senhora de Nazaré, e à condição de município em 1849, com a denominação de Nazaré (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Nazaré | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Hagiotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal do município de Nazaré está relacionado ao empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando a configuração de mão N (CM 21), presente no início do topônimo em Língua Portuguesa. A construção do sinal é complementada por um gesto que remete à figura de Jesus Cristo, em referência direta ao monumento Cristo de Nazaré, localizado no Morro do Silêncio.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 134 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ipiaú

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 129
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ipiaú
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 22 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hidrotopônimo	
ORIGEM: Indígena. Y-PYSASU, em tup. ant., ‘rio novo’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Ipiaú < Rio Novo < Alfredo Martins < Rapa-tição	

IMAGENS:



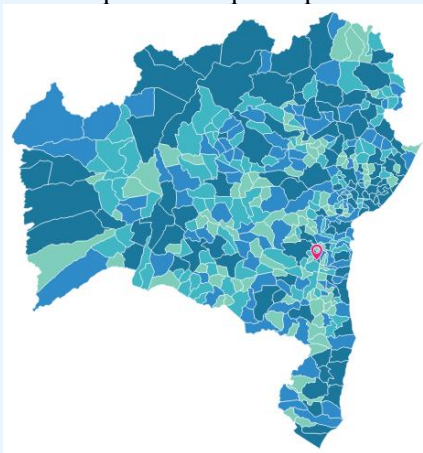
Parque José Thiara : Ipiaú - [19--]



Rua Siqueira Campos : Ipiaú - 1957



Google Maps (Souza, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O nome do município está relacionado ao antigo lote denominado Jequié ou Barra de Jequié, originado da divisão da fazenda Borda da Mata, localizada às margens do rio de Contas. O território começou a ser ocupado ainda no período colonial, em uma área habitada pelos povos indígenas cotoxós. Em 1789, após o falecimento do proprietário da fazenda, suas terras foram repartidas entre os herdeiros, dando origem a novos povoados, entre eles Jequié. O local tornou-se distrito de Maracás em 1880, sendo posteriormente desmembrado. Foi elevado à categoria de vila em 1897 e à condição de cidade em 1910, consolidando-se como um dos mais importantes municípios do interior baiano (Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ipiaú | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra **I** (CM 66), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 135 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jequié

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 130
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Jequié
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 22 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ergotopônimo	
ORIGEM: Indígena. ÎEKY-Ê, em tup. ant., ‘cesto ou covo para apanhar peixes, cisterna diferente’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Jequié	

IMAGENS:



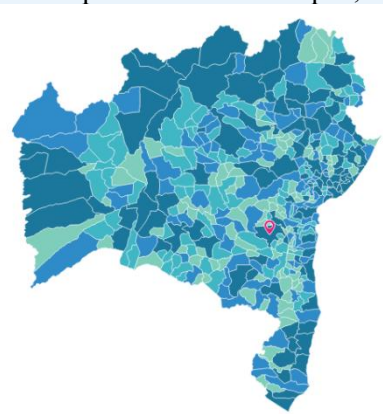
Vista panorâmica da cidade : Jequié, BA - [19--]



Mercado Municipal : feira livre : Jequié, BA - [19--]



Google Maps (2015)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O território ocupado pelo atual município originou-se da antiga Fazenda “Borda da Mata”, em cujos terrenos, infestados pelos índios cotoxós, foi construído um grande sobrado – ainda hoje existente – a três léguas da atual cidade. Em 1789, com a morte do proprietário, a fazenda foi dividida entre os herdeiros em vários lotes. Um deles foi chamado *Jequié* ou *Barra de Jequié*, à margem do Rio de Contas. Em pouco tempo, *Jequié* tornou-se distrito de Maracás, pela Lei Provincial ou Resolução Provincial n. 2.078, de 13-08-1880, e dele se desmembrou. Elevado à categoria de vila com a denominação de *Jequié*, pela Lei Estadual n. 180, de 10-07-1897, desmembrado do município de Maracás, e elevado à condição de cidade com a denominação de *Jequié*, pela Lei Estadual n. 779, de 13-06-1910, tornando-se um dos maiores e mais ricos municípios baianos (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Jequié | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Astrotopônimo <<Astro+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra **J** (CM 65), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa, seguido do sinal de **sol**, em referência ao clima predominante no município, caracterizado por temperaturas elevadas e baixa ocorrência de chuvas.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 136 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Cocos

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 131
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Cocos
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 23 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: coco [< lt. cucus, us ‘coco, papão’] + -s ‘suf. pl’.	
HISTÓRICO: Desde o seu surgimento, o município conserva o mesmo nome.	

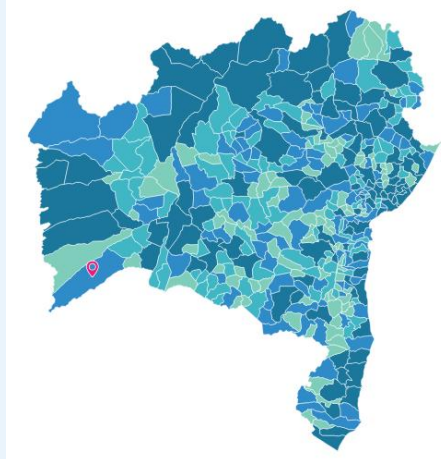
IMAGENS:



Praça da matriz : Banco Econômico S.A. [19--]



Rua Coronel Franklin[19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município surgiu devido a uma disputa política e territorial entre o Major Leônidas de Araújo Castro, de Santa Maria da Vitória, e o Coronel João Duque, de Carinhanha. Após um combate travado em Samambaia, os dois fizeram um acordo dividindo entre si a área em lide: Rio Alegre (atual Coribe) ficou com Santa Maria da Vitória e Cocos permaneceu em Caririnha. Nome devido às abundantes plantações de coco de buriti existentes na localidade (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Cocos | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Fitotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal do município de Cocos é o mesmo utilizado para representar “COCO”, fazendo referência direta ao fruto que dá nome à localidade. Essa escolha se justifica pela associação imediata entre o nome do município e o elemento natural, de forte presença simbólica e econômica na região.

FONTES:

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

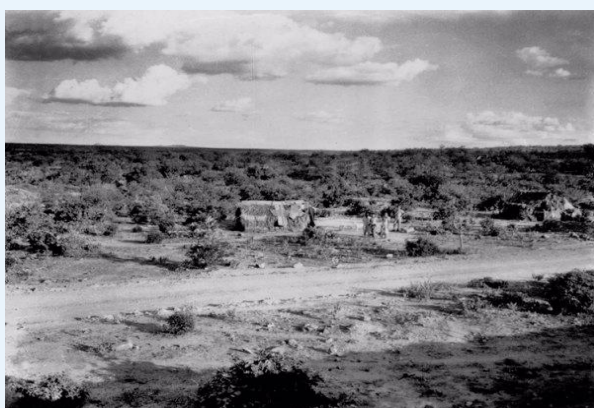
RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

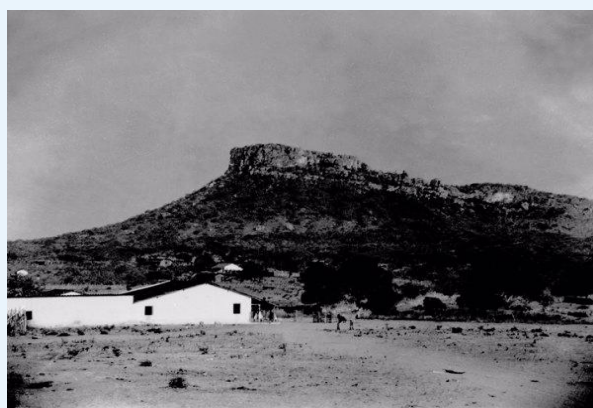
Quadro 137 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Paulo Afonso

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 132
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Paulo Afonso
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 24 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.	
ORIGEM: português. Étimo: pt.: Paulo [< lt. Paullus, i < paullus, i, ‘pouco, pequeno’] + Afonso [< germ. Adalfuns < athal, ‘nobre’ + funs(a), ‘inclinação’; donde: ‘inclinação, aptidão nobre’].	
HISTÓRICO: : Tapera de Paulo Afonso (1725) > Forquilha > Paulo Afonso (1954).	

IMAGENS:



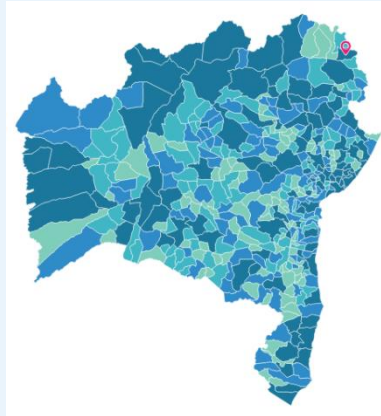
Habitações na margem da estrada BR -
110 Paulo Afonso - 1952



Serra do Umbuzeiro no Povoado Riachinho,
distrito do Riacho em Paulo Afonso - 1952



Google Maps (Silva, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Em 3/10/1725, o sertanista Paulo de Viveiros Afonso recebeu do donatário de Pernambuco uma sesmaria às margens do São Francisco, limitada pelas quedas d'água por ele mesmo descobertas alguns anos antes. Somente a partir daí se encontram registros com o nome de Cachoeira de Paulo Afonso às quedas d'água entre a Bahia e Alagoas. Estendendo a propriedade para além da cachoeira, o sertanista criou, já em terras baianas, o arraial de Tapera de Paulo Afonso que, com o tempo, tornou-se povoado de Forquilha e, em 1954, foi elevado a distrito do município de Glória, com o atual nome (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Paulo Afonso | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Hídrotopônimo <<Hidro+Grafo>>

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra P (CM 55), presente no início do primeiro nome do topônimo em Língua Portuguesa, seguido do classificador que representa água corrente, em referência ao fato de o município ser banhado pelo Rio São Francisco.

FONTES:

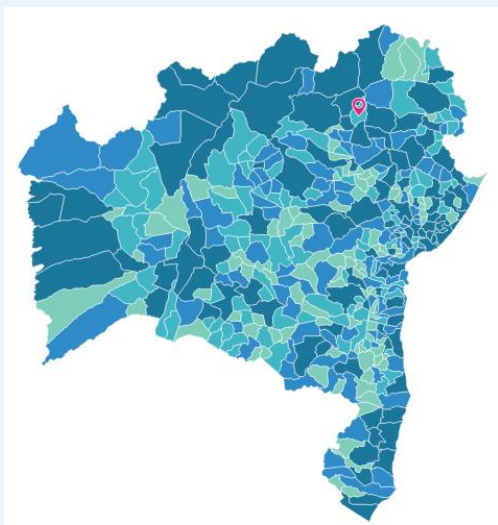
GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 138 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Andorinha

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 133
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Andorinha
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: português. 268 Étimo: lt. *harundina, ae, ‘andorinha’, nome de várias espécies de ave (no Brasil, 14) passeriformes insetívoras da família das hirundíneas.	
HISTÓRICO: Andorinha	
IMAGENS:	
	
<i>Google Maps (2019)</i>	<i>(IBGE, 2022)</i>
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Por volta de 1885, na região, havia uma fazenda Gato, de propriedade de João Alves de Araújo, em frente à fazenda havia um rochedo branco chamado de “morro das andorinhas”, porque o local, geralmente nos fins das tardes, servia de pouso para andorinhas. Nessa época, transformou-se em ponto de encontro de tropeiros e viajantes procedentes de localidades como Sítio do Açude, Santa Rosa de Lima e outros em direção a Senhor do Bonfim e Jaguarari. Em volta da fazenda, começou a formar-se um pequeno povoado que passou a se desenvolver com a construção da estrada de acesso a Senhor do Bonfim, do qual se emancipou em 1989 (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Andorinha História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Zootopônimo
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples
	CONTEXTO DO SINAL: O sinal faz alusão às aves andorinhas, seguindo o significado do topônimo em Língua Portuguesa e representando visualmente a relação do nome com essa espécie.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 139 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Antônio Gonçalves

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 134
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Antônio Gonçalves
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo	
ORIGEM: Étimo: Antônio [< lt. Gundisalvus, is < germ. gundi, ‘luta’, + lt. salvus, ‘salvo’; donde: ‘invulnerável na luta’].	
HISTÓRICO: Pau Ferro (f. s. XIX) > Frade (1916) > Itinga > Itinga da Serra > Antônio Gonçalves (1962).	

IMAGENS:



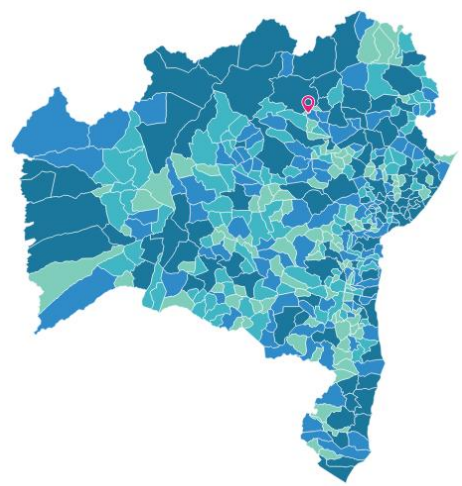
Escola Nossa Senhora Auxiliadora 1983



Igreja : Praça Ana Oliveira 1983



Google Maps (Farias, 2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No final do século XIX, em território anteriormente habitado por índios Paiaíá, famílias de colonos constituíram a fazenda Pau Ferro, formando mais tarde o povoado com o mesmo nome. Em 1916, a inauguração da estação ferroviária desloca os moradores para a propriedade denominada Frade, que muda o nome para Itinga. Elevado a distrito, recebeu o nome de Itinga da Serra, alterado quando de sua emancipação para o atual, uma homenagem a um natural da região que, não seguindo a tradição política da importante família de latifundiários, dedicou-se, durante décadas, à militância na medicina, pela qual salvou milhares de vidas (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Antônio Gonçalves | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Hodotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O sinal faz referência à ponte ferroviária antiga localizada na entrada do município de Antônio Gonçalves, elemento marcante na paisagem urbana e de relevância histórica para a cidade.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 140 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Campo Formoso

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 135
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Campo Formoso
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. CAMPO, do lat. campus -ī, ‘terreno plano, extensão de terra sem mata’; FORMOSO, do lat. formosus, ‘de bela aparência’ (CUNHA, 2013)	
HISTÓRICO: Campo Formoso < Freguesia Velha de Santo Antônio de Jacobina < Santo Antônio da Jacobina	
IMAGENS:	



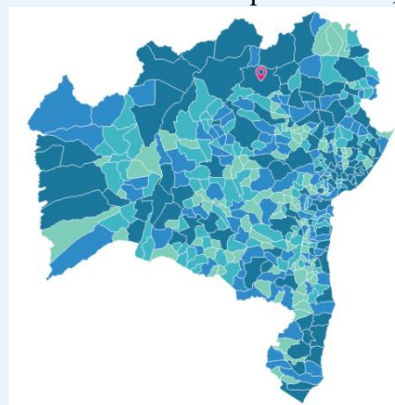
Praça 2 de Julho : Campo Formoso, BA - [19--]



Colégio Presbiteriano Augusto Galvão : Praça Castro Alves : Campo Formoso, BA - 1957



Google Maps (Alves, 2020)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região era primitivamente habitada pelos índios pataxós. No século XVII, chegaram os jesuítas ao aldeamento indígena. Formou-se o povoado *Santo Antônio da Jacobina* e, em 1682, criou-se a freguesia. Por volta de 1720, com a emancipação do município de Jacobina com o mesmo topônimo, a freguesia teve seu nome mudado para *Freguesia Velha de Santo Antônio de Jacobina*. Elevou-se a vila, em 1880, com o nome de *Campo Formoso*. Pelo Decreto Estadual n. 10.724, de 30-03-1938, a Sede Municipal elevou-se a cidade, com a denominação de *Campo Formoso* (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Campo Formoso | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**

Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através das letras C (CM 12) e F (CM 19), presentes no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

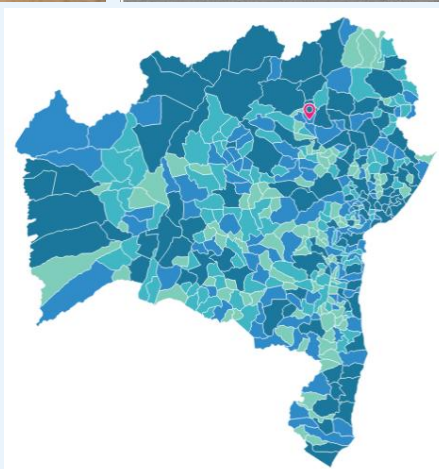
IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 141 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Filadélfia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 136
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Filadélfia
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Corotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: gr.: philos, ‘amor’ + delphos, ‘irmão’; donde: ‘amor fraterno, amizade’.	
HISTÓRICO: Várzea do Curral (datas) > Filadélfia	

IMAGENS:



Google Maps (Mendes, 2018)

(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Surge como um pouso de tropeiros em demanda de Jacobina, com o nome de Várzea do Curral. Quando de sua emancipação trocou o nome para o atual, em referência a uma cidade homônima norte-americana (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Filadélfia | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por transliteração da língua oral, através da letra F (CM 19), presente tanto no início quanto no meio do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

DIGA News, 29 dez. 2020. Disponível em: <https://diganews.com.br/veja-qual-e-o-salario-do-prefeito-vice-prefeito-veredores-e-secretarios-municipais-em-filadelfia-ba-a-partir-de-janeiro-de-2021/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 142 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Jaguarari

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 137
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Jaguarari
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Zootopônimo	
ORIGEM: Indígena. ÎAGÛARA-Y, em tup. ant., ‘rio das onças’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Jaguarari	

IMAGENS:



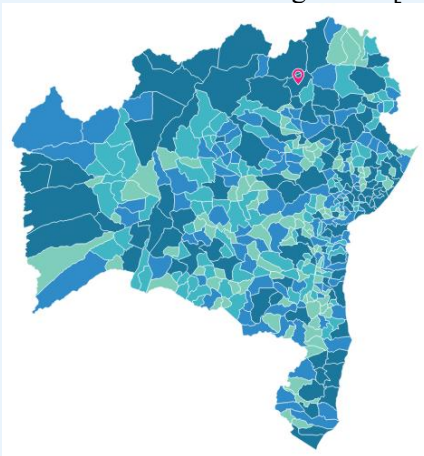
Praça Doutor José Gonçalves : igreja : Jaguarari – 1957



Rua Castro Alves : Jaguarari- [19--]



Google Maps (Guedes, 2016)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Foram os pataxós, dentre outros índios, os primitivos habitantes da região. A área da cidade integrava, no século XVII, as terras da Fazenda "Sítio Jaguarari". Colonos procedentes de localidades vizinhas, atraídos pela fertilidade das terras, formaram um povoado que em 1888, estava bastante desenvolvido. Em 1893, foi criado o Distrito com a denominação de *Jaguarari*, pela lei municipal n. 11, de 23-10-1893, subordinado ao município de Bonfim, atual Senhor do Bonfim. Elevado à categoria de vila com a denominação de *Jaguarari*, pela lei estadual n. 1.905, de 06-08-1926, desmembrado de Bonfim. Pelo decreto estadual n. 7.202, de 16-01-1931, o município foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Bonfim. Elevado novamente à categoria de município com a denominação de *Jaguarari*, pelo decreto estadual n. 8.545, de 15-07-1933, desmembrado de Bonfim (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Jaguarari | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Etinotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal do município de Jaguarari está relacionado à famosa escultura de um índio localizada na Praça do Forró, um dos marcos culturais e turísticos da cidade. A obra representa a identidade e a história local, tornando-se um símbolo reconhecido tanto pela população quanto pelos visitantes. Essa referência visual à figura indígena inspira a construção do sinal em Libras, remetendo diretamente à escultura e à sua relevância para a comunidade. O detalhe do arco e flecha, presente na representação do índio, reforça ainda mais a motivação visual e simbólica utilizada na composição do sinal.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 143 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Pindobaçu

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 138
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Pindobaçu
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Indígena. PINDOBA-AÇU, em guar., ‘palmeira grande’ (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Pindobaçu < Lamarão	

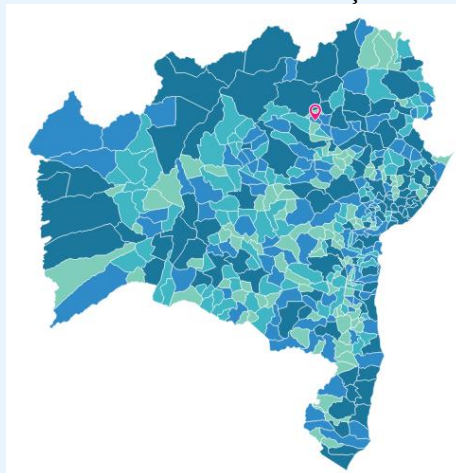
IMAGENS:



Rua Velha : Pindobaçu - 1957



Praça Pedro Luiz : Pindobaçu - [19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A atual cidade nasceu de um pouso de tropeiros, localizado na estrada que demandava a Jacobina. Transformado em povoado com o nome de *Lamarão*, posteriormente modificado para *Pindobaçu*, em razão da considerável quantidade de palmeiras de grande porte existentes na região, foi criado o distrito pela Lei estadual n.º 2 041, de 21-08-1927, e elevado à categoria de vila pelo Decreto-lei estadual n. 10.724, de 30-03-1938, como sede do distrito do mesmo nome, pertencente ao município de Campo Formoso. Pela Lei estadual n. 542, de 04-03-1953, foi criado o município de *Pindobaçu*, nome proposto em virtude da abundância de palmeiras de babaçu naquela região, sendo inaugurado a 07-04-1955. Ficou constituído de território desmembrado do município de Campo Formoso (IBGE, 1958, v. XXI, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Pindobaçu | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra P (CM 55), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 144 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Ponto Novo

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 139
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Ponto Novo
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hodotopônimo	
ORIGEM: Étimo: ponto [punctum, i, ‘ponto’] + novo [< lt. novus, i, ‘novo’].	
HISTÓRICO: Ponto Novo	

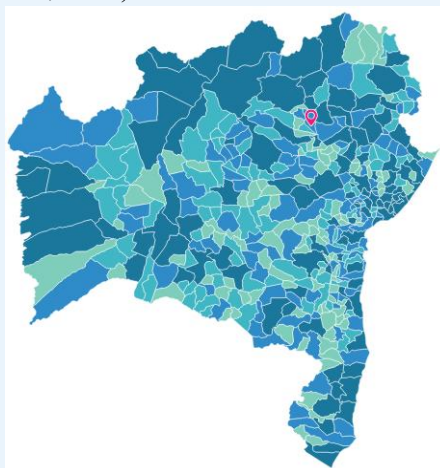
IMAGENS:



Google Maps (Almeida, 2017)



Almeida (2021)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Em 1953, figura como distrito do município de Saúde. Ao que parece, o nome é devido à novidade da localidade na região, à época de seu surgimento (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Ponto Novo | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido



CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra P (CM 55), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

ALMEIDA, A. Conheça Ponto Novo (Bahia): breve história. Guia Ponto Novo, fev. 2021. Disponível em: <https://www.guiapontonovo.com/2021/02/conheca-ponto-novo-bahia-breve-historia.html>. Acesso em: 15 mar. 2025.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*⁴⁴⁴⁴: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 145 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Senhor do Bonfim

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 140
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Senhor do Bonfim
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 25 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hierotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. SENHOR, do lat. seniore, ‘mais velho’. Na baixa latinidade, tornou-se um termo de respeito, equivalente a dominus (NASCENTES, 1955); BONFIM, agl. de Bom, do lat. bonus bona, ‘benévolo, benigno’ e Fim, do lat. finis -is, ‘acabamento, intenção’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Senhor do Bonfim < Bonfim < Vila Nova da Rainha < Senhor do Bonfim da Tapera	

IMAGENS:



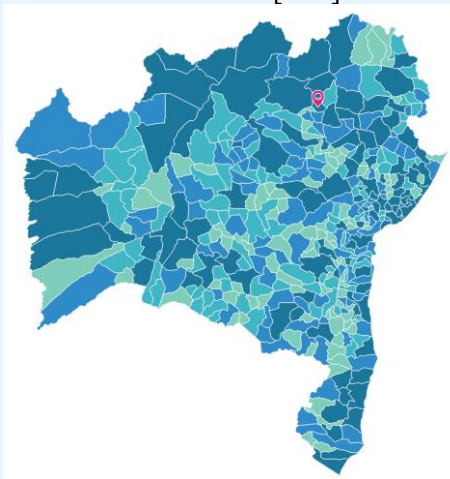
Praça Doutor José Gonçalves [19--]



Vista aérea da cidade - [19--]



Google Maps (2018)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O município teve origem no povoamento da região por portugueses, com elementos escravos e indígenas, ao seguirem a rota das bandeiras que se dirigiam às margens do Rio São Francisco, ou às minas de ouro de Jacobina, que atraíram inúmeros aventureiros. Ainda no século XVII, a área abrigava apenas rancharia de tropeiros. Em torno da primitiva rancharia foram construídas novas habitações à margem da "estrada das boiadas", depois Estrada Real Bonfim-Juazeiro, desenvolvendo-se uma povoação que, em 1750, recebeu oficialmente o nome de arraial do *Senhor do Bonfim da Tapera*. Em 1797, atendendo ao pedido da população local, o arraial foi elevado à categoria de vila pela Carta Régia de 1º de julho, com o topônimo de *Vila Nova da Rainha*. Pela Lei provincial n. 2.499, de 28-05-1885, a *Vila Nova da Rainha* foi elevada à categoria de cidade, com o topônimo de *Bonfim*. Em face do Decreto-lei n. 141, de 30-12-1943, que fixou o quadro territorial para o período 1944-1948, o município e a cidade tiveram o nome alterado para *Senhor do Bonfim* (IBGE, 1958, v. XXI, *apud*

Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Senhor do Bonfim | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



Varição de sinal I



Varição de sinal II

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Animotopônimo (disfórico)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simple

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal, segundo relatos da comunidade surda local, está associado a um sentimento de vingança. Essa motivação tem origem nas rivalidades históricas entre os habitantes do município e das cidades vizinhas, o que influenciou a escolha do sinal e sua carga simbólica.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NASCENTES, Antenor. A saudade portuguesa na toponímia brasileira. In: *Letras: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná*, n. 11. Curitiba: UFPR, 1960. p. 102-107.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 146 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Camaçari

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 141
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Camaçari
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	
ORIGEM: Indígena. KAMA-ESÁ-Y, em tup. ant., ‘árvore que chora; espécie de árvore que produz líquido branco resinoso’ (NAVARRO, 2013).	
HISTÓRICO: Camaçari ~ Camassari < Montenegro < Camassari < Espírito Santo da Nova Abrantes	

IMAGENS:



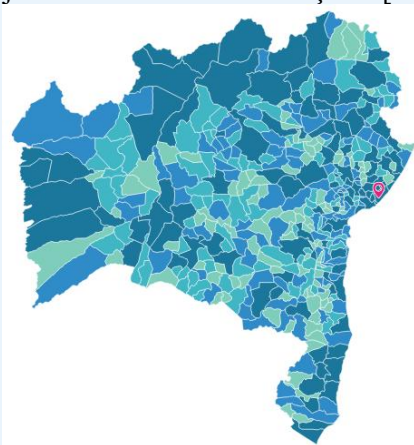
Praça Desembargador Montenegro : Camaçari – 1957



Conjunto Habitacional : Camaçari - [19--]



Google Maps (2014)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A história do município começa às margens do Rio Joanes, em 1558, com a formação da Aldeia do Divino Espírito Santo, atualmente chamada de Vila de Abrantes, pelos jesuítas, nascendo daí o povoado onde, entre os anos de 1700 a 1800, com a sua evolução, foram construídos um convento e uma igreja, obras das mais suntuosas dos tempos coloniais. Por Provisão do Conselho Ultramarino, de 27-09-1758, o povoado foi elevado à categoria de vila, com a denominação de vila do *Espírito Santo da Nova Abrantes*. Em 1846 a vila foi extinta pela Resolução provincial n. 241, de 16 de abril, sendo restabelecida pela Resolução n. 310, de 03-06-1848, com território desmembrado do município de Mata de São João. Pela lei municipal de 22-03-1920, aprovada pela lei estadual n. 1.422, de 04-08-1920, o distrito foi criado, subordinado ao município de Abrantes, com a denominação de *Camassari*, em virtude da presença comum na região da árvore “Camassary”, usada como medicamento natural, na cura de feridas. A Lei estadual n. 1.809, de 28-07-1925, modificou-lhe o topônimo para *Montenegro*, sobrenome do desembargador Tomaz Garcez Paranhos Montenegro, proprietário das terras, e transferiu-lhe a sede para o arraial de *Camassari*, elevando-o à categoria de vila. Em razão do Decreto-lei estadual n. 10724, de 30-03-1938, o município voltou a denominar-se *Camassari* e, pela Lei Estadual n. 628, de 03-12-1953, a grafia foi alterada para *Camaçari* (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia,

2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Camaçari | História & Fotos](https://cidades.ibge.gov.br/bahia/camaçari/historia-e-fotos)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Ígneotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal está associado à representação visual de fumaça, descrita por meio de um classificador em Libras. Essa escolha se deve ao fato de Camaçari ser reconhecida como um importante polo industrial, cujas fábricas e complexos produtivos marcam a paisagem urbana e contribuem para essa associação imagética.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 147 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de: Itaparica

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 142
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Itaparica
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Litotopônimo	
ORIGEM: Indígena. ITÁ-PARI-CA, em tup. ant., “cercado de pedras” (GREGÓRIO, 1980).	
HISTÓRICO: Itaparica < Ponta das Baleias	

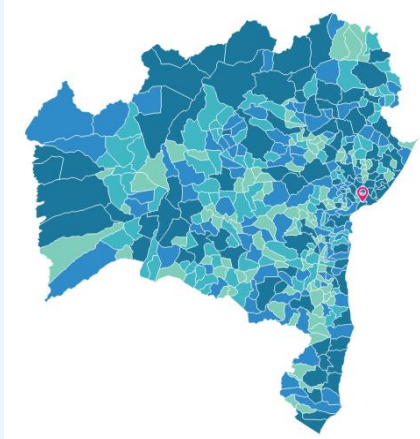
IMAGENS:



Avenida Rui Barbosa : Itaparica - [19--]



Casas de banho : Itaparica, BA - [19--]



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A região foi primitivamente habitada pelos índios tupinambás. O primeiro núcleo de povoamento foi fundado pelos jesuítas em 1560, erguendo-se, então, a igreja do Senhor de Vera Cruz. Pela Resolução régia de 02-12-1814 e por Alvará de 19-01-1815, foi criado o distrito, subordinado ao município de Salvador, com sede na primitiva povoação da *Ponta das Baleias*, nome referente à pesca da baleia, a maior atividade econômica da ilha, sobretudo durante os séculos XVII e XVIII. Pelo Decreto de 25 de outubro de 1831, o distrito foi elevado à categoria de vila, desmembrado de Salvador, com a denominação de *Itaparica*, em referência aos arrecifes que contornam toda a costa da ilha. A sua elevação à categoria de cidade deu-se por força do ato estadual de 31-10-1890. Procurada como estação de cura e repouso, a cidade de *Itaparica* foi oficializada Estância Hidromineral, em 1937. Os seus antigos e belíssimos sobrados, existentes até hoje, hospedaram imperadores brasileiros como D. Pedro I e D. Pedro II (IBGE, 1958, v. XX, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Itaparica | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Geomorfotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:
Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal do município de Itaparica está relacionado à sua característica geográfica insular. O sinal faz alusão direta ao sinal de “ilha” em Libras, destacando o fato de Itaparica estar localizada em uma ilha homônima, no litoral da Bahia.

FONTES:

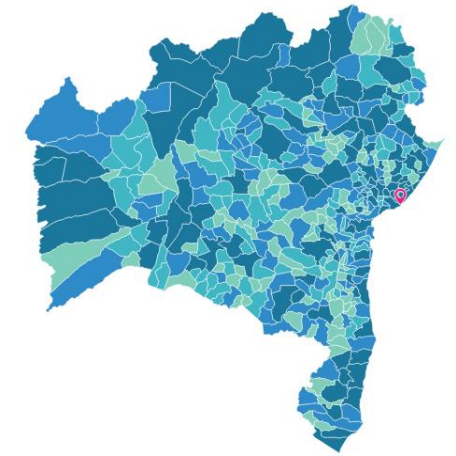
CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 148 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Lauro de Freitas

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 143
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Lauro de Freitas
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: Lauro [< lt. Laurus, i < laurus, i, ‘loureiro’] + de + Freitas [< lt. fractas, tatis, ‘quebrada, brecha, abertura desfiladeiro’]. HISTÓRICO: Nossa Senhora da Conceição de Itapuã (1861) > Santo Amaro de Ipitanga (f. s. XIX) > Ipitanga (1954) > Lauro de Freitas (1962). IMAGENS:	
	
Praça [João Thiago dos Santos] [19--]	Terminal [19--]
	
Google Maps (Silva, 2019)	(IBGE, 2022)
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Em 1578, em terras dos Garcia d’Ávila, surge o pequeno arraial de Santo Amaro de Ipitanga. Em 1861, a mudança de sua sede para o sítio de Itapuã ocasionou a alteração do topônimo para Nossa Senhora da Conceição de Itapuã (1861). Em 1954, já como distrito de Salvador, tem o nome de Ipitanga, alterado quando de sua emancipação para o atual, numa homenagem a Lauro Farani Pedreira de Freitas, engenheiro e político baiano, morto de desastre aéreo em 1950, quando liderava a campanha pelo governo do Estado (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o site do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Lauro de Freitas História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Composto-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal do município de Lauro de Freitas está relacionado ao empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando as letras L (CM 24) e F (CM 19), que correspondem às iniciais do topônimo em Língua Portuguesa. Essa configuração remete diretamente ao nome completo da cidade.

FONTES:

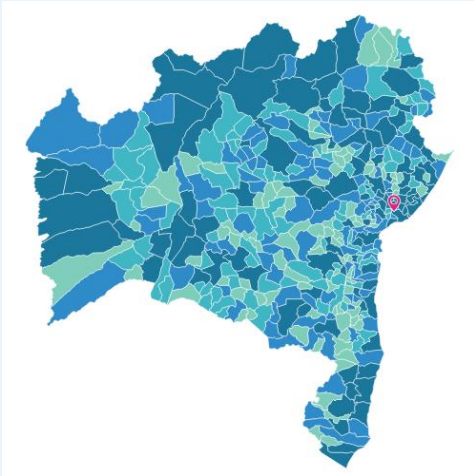
GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 149 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Madre de Deus

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 144
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Madre de Deus
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo	
ORIGEM: : português. Étimo: madre [< lt. mater, tris, ‘mãe’] + de + Deus [< lt. deus, i, ‘deus’].	
HISTÓRICO: Cururupeba (s. XVI) > Madre de Deus (1584).	
IMAGENS:	
 	
<i>Google Maps</i> (Coleman, 2023).....iBahia (2023)  (IBGE, 2022)	
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: No início do século XVI, chamava-se Cururupeba (< Tp.-ant. <i>kururu</i>, “sapo” + <i>peba</i>, “chato”; donde: “sapo achatado”), mas já em 1584 tinha o atual nome em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da localidade (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Madre de Deus História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:	
Grafotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
Composto-Híbrido	



CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal é o empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, através da letra M (CM 77) e D (CM 53), presentes no início dos nomes do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBAHIA, 2023. Disponível em: <https://www.ibahia.com/turismo/bahia417/madre-de-deus-como-chegar-o-que-fazer-quando-ir-e-onde-ficar-299071>. Acesso em: 15 mar. 2025.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 150 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Mata de São João

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 145
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Mata de São João
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fitotopônimo	

ORIGEM: Portuguesa. MATA, do lat. *matta*, ‘terreno onde nascem árvores silvestres, bosque, selva’; SÃO, do lat. *sanctus* -a -um, ‘sagrado’ (CUNHA, 2013); JOÃO, do hebr. *Iehohanan*, *Iohanan*, ‘Javé é cheio de graças’ (GUÉRIOS, 1981).

HISTÓRICO: Mata de São João < Mata < Mata de São João

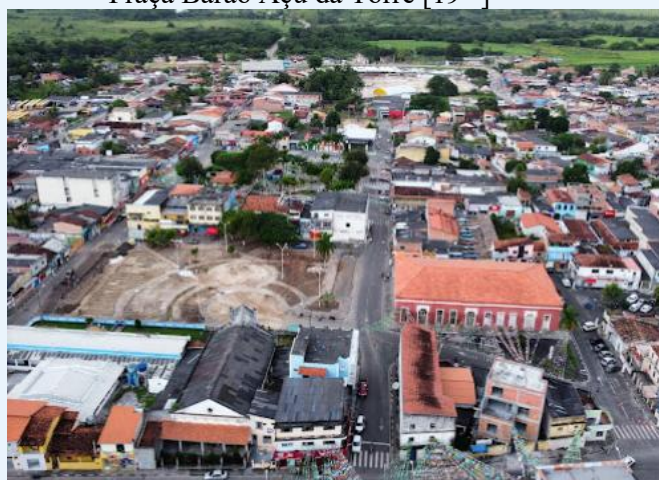
IMAGENS:



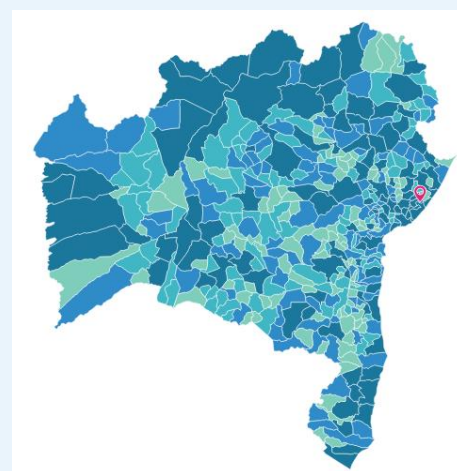
Praça Barão Açú da Torre [19--]



Igreja de Açú da Torre [19--]



Google Maps (2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: A sua formação histórica está ligada à do município de Camaçari, de cujo território fazia parte, como freguesia do Senhor do Bonfim da Mata de São João, criada em 1761. Em 1846, por efeito da Lei provincial n. 241, de 15 de abril foi o povoado elevado à categoria de vila e, por conseguinte, a município, com a denominação de *Mata de São João*, em alusão à capela, denominada "São João", em meio à grande extensão de terras ou matas despovoadas. Pelos Decretos n. 7.455, de 23 de junho de 1931 e 7.479, de 8 de julho do mesmo ano, foi seu nome simplificado para *Mata*, o que perdurou até que o Decreto 11.089, de 30-11-1938, reconstituiu o seu primitivo topônimo (IBGE, 1958, v. XXI, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Mata de São João | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Grafotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: O aspecto motivacional do sinal está relacionado ao empréstimo linguístico por inicialização da língua oral, utilizando a letra M (CM 77), presente no início do nome do topônimo em Língua Portuguesa.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 151 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Salvador

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 146
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Salvador
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hierotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. Do lat. salvātor -ōris, ‘que ou aquele que salva, ampara e protege’ (HOUAISS, 2001).	
HISTÓRICO: Salvador	

IMAGENS:



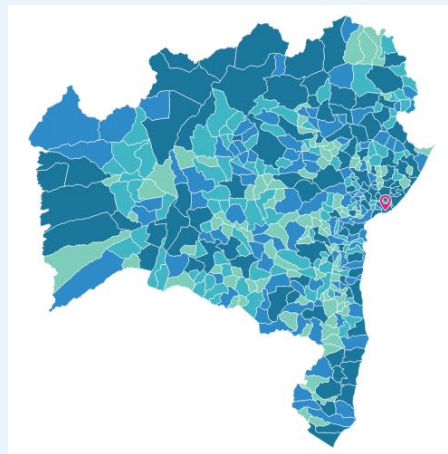
Ladeira na Cidade Alta de Salvador - mar. 1952



Porto de Salvador - 1952



Google Maps (Almeida, 2015)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O primeiro contato dos portugueses com a terra, aonde veio a ser fundada a cidade, ocorreu na viagem da nau pela qual Cabral mandara levar ao Reino a mensagem da boa nova do descobrimento. A expedição que viera de Portugal para reconhecer a nova conquista da coroa, a 01-11-1501, encontrou uma baía ampla, cheia de ilhas e muitos habitantes, à qual, sob inspiração da própria data, dera o nome de “Baía de Todos os Santos”. Embora tenha havido outro núcleo de povoação, a Vila do Pereira, coube a Tomé de Sousa a glória da fundação da cidade em 29-03-1549, data incontestada de sua chegada, como resultado da decisão da metrópole de situar a sede do governo em lugar apropriado. Assim, por Alvará de 07-01-1549, determinou o monarca português D. João III: “mandar fazer numa fortaleza e povoação grande e forte na Baya de Todos os Santos por ser yso o mais conveniente lugar que bem nas ditas terras do Brazil...” “ Nas décadas seguintes, *Salvador* tornou-se uma das principais cidades da América, recebeu várias ordens católicas que fundaram suas igrejas, o primeiro bispado e a

primeira catedral do Brasil. Em 1763, perdeu a sua condição de capital da Colônia, transferida esta para a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, mais próxima das minas e em melhor posição estratégica para vigilância do vice-rei sobre as coisas do sul (IBGE, 1958, v. XXI, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Salvador | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Cardinotopônimo



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

Simples

CONTEXTO DO SINAL: A motivação está associada à posição geográfica da cidade de Salvador no mapa do Brasil. O sinal é realizado do lado esquerdo do corpo, região correspondente ao coração, em uma referência simbólica tanto ao lugar que a cidade ocupa quanto ao afeto e à centralidade que inspira no imaginário baiano.

FONTES:

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos*: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 152 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de São Francisco do Conde

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 147
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: São Francisco do Conde
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 26 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo	
ORIGEM: português. Étimo: São Francisco [pt. são (lt. sanctus, i, ‘santo’) + Francisco (< it. Francesco < germ frank, ‘franco, livre’ + -iskus ‘suf. indic. gent.’; donde: ‘nascido na liberdade’)] + do [= de + o] + Conde [< lt. comes, etis, ‘conde’].	
HISTÓRICO: São Francisco da Barra do Sergipe do Conde (in. s. XVII) > São Francisco do Conde (1698).	

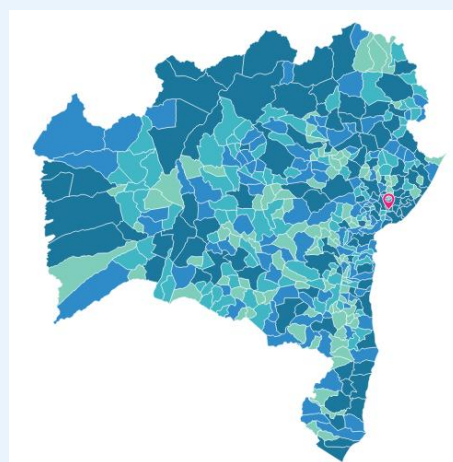
IMAGENS:

Praça Duque de Caxias : Vista parcial da cidade:
São Francisco do Conde, BA – 1983

Escola : São Francisco do Conde, BA – 1957



Google Maps (Oliveira, 2022)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Em 1618, por ordem do Conde de Linhares, foi construído, no alto de um monte, no Recôncavo Baiano, um convento e uma igreja, em terreno doado por ele aos religiosos franciscanos. Com a inauguração do convento e da igreja sob a invocação de São Francisco de Assis, o número de casas residenciais em suas adjacências aumentou, constituindo uma próspera povoação que passou a ser denominada *São Francisco do Sítio*. Pela Portaria de 27-11-1697 a povoação foi elevada à categoria de vila com o nome de *São Francisco da Barra do Sergi do Conde*, por estar situada na foz do Rio Sergi do Conde, assim chamado por passar pelas terras do Conde de Linhares. Pelos decretos estaduais n. 7.455, de 23-06-1931 e 7.479, de 08-07-1931, a vila tomou a denominação de *São Francisco*, e pelo decreto estadual n. 141, de 31-12-1943, retificado pelo decreto estadual n. 12.978, de 01-06-1944, o município de *São Francisco* passou a denominar-se *São Francisco do Conde* (IBGE,

1958, v. XXI, *apud* Correia, 2017). Para maiores informações, consultar o *site* do IBGE: [IBGE | Cidades@Bahia | São Francisco do Conde | História & Fotos](https://cidades.ibge.gov.br/bahia/sao-francisco-do-conde/historia-e-fotos)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Simples-Híbrido

CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

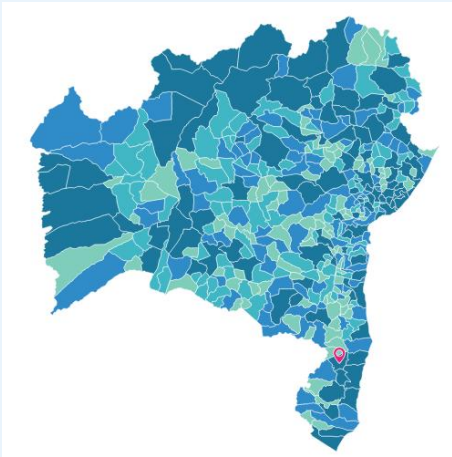
CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 153 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Eunápolis

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 148
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Eunápolis
TIPO DE ACIDENTE: Físico	LOCALIZAÇÃO: TI 27 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: poliotopônimo	
ORIGEM: grego. Étimo: eun, ‘bom’ + polis, ‘cidade’; donde: ‘boa cidade’.	
HISTÓRICO: Eunápolis	
IMAGENS:	
	
Bocão 64 (2022) Google Maps (Figueiroa, 2023)	
	
(IBGE, 2022)	
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Eunápolis nasceu com a construção da rodovia Rio-Bahia. Inicialmente, um agrupamento de casas para abrigar os trabalhadores deu origem a um vilarejo conhecido por Km 64, posteriormente alterado para Eunápolis. Antes de sua emancipação, chegou a entrar para o célebre Guinness, o livro dos records, por ser o maior povoado do mundo (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o <i>site</i> do IBGE: IBGE Cidades@ Bahia Eunápolis História & Fotos	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: n/e	



CONTEXTO DO SINAL: n/e

FONTES:

BOCÃO 64. Eunápolis: sua história, sua glória. Bocão 64. Disponível em: <https://www.bocao64.com/2022/05/eunapolis-sua-historia-sua-gloria.html>. Acesso em: 15 mar. 2025.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos*: descrição, história e mudança. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 154 - Ficha lexicográfica – toponímica do município de Porto Seguro

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	NÚMERO: 149
TERMO GENÉRICO: Município	TOPÔNIMO EM LP: Porto Seguro
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: TI 27 Google Earth
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo	
ORIGEM: Portuguesa. PORTO, do lat. pōrtus -ūs, ‘lugar que, por oferecer às embarcações certo abrigo, lhes permite fundear e estabelecer contatos com a terra’; SEGURO, do lat. sēcūrus, ‘livre de perigo, firme’ (CUNHA, 2013).	
HISTÓRICO: Porto Seguro	

IMAGENS:



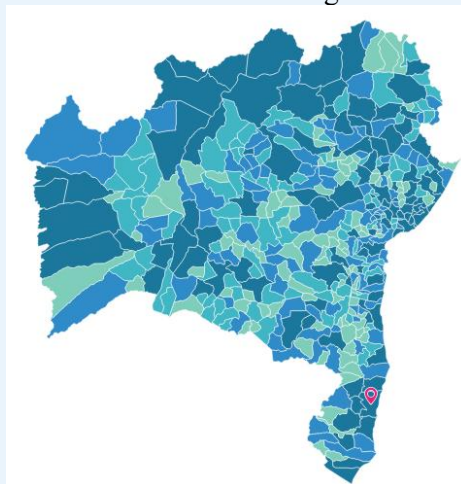
Farol : Porto Seguro – 1957



Marco do Descobrimento : Porto Seguro - 1957



Google maps (Cruz, 2024)



(IBGE, 2022)

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Integrante do município de Porto Seguro, o Monte Pascoal foi o primeiro ponto de terra avistado pela frota de Cabral, quando do “achamento” do Brasil. Na posse da nova terra, foi criada uma feitoria para servir de ponto de guarda da esquadra portuguesa. Em 1534, com a divisão administrativa do Brasil em capitanias hereditárias, Porto Seguro passou a ser sede da Capitania doada a Pero do Campo Tourinho por Carta Régia de 27/05/1534 e Carta Foral de 23/09/1534 (Ramos, 2008). Para maiores informações, consultar o [site](#) do IBGE: [IBGE | Cidades@ | Bahia | Porto Seguro | História & Fotos](#)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: n/c



ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: n/e

CONTEXTO DO SINAL: n/e

Variação de sinal I



Variação de sinal II



Variação de sinal III

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

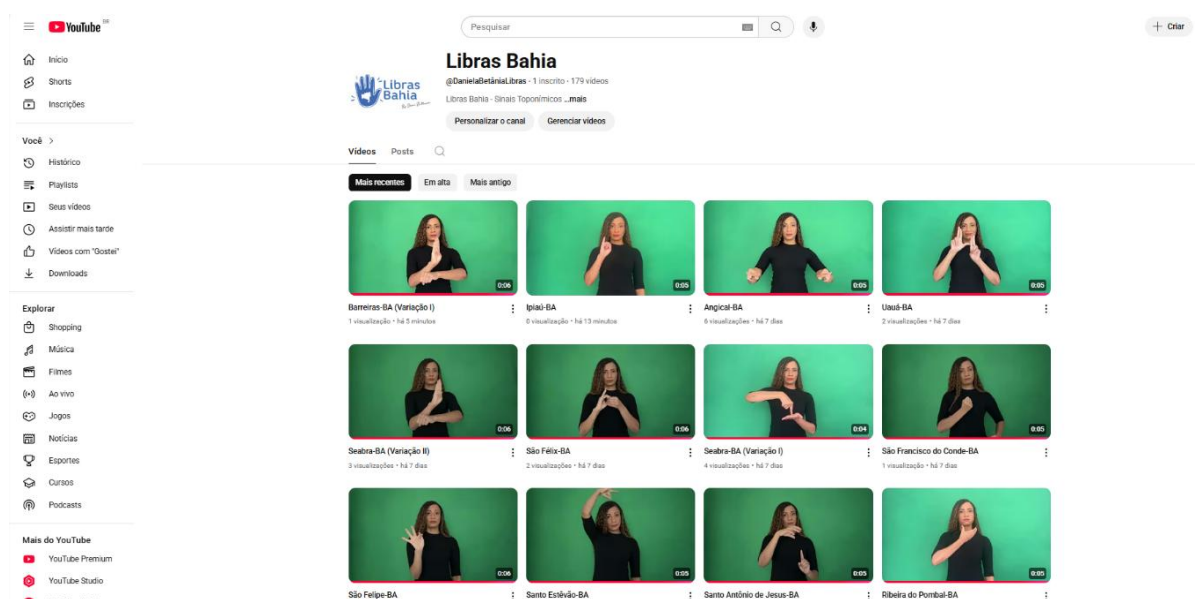
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

7. DISCUSSÕES E ANÁLISES DOS DADOS

Nesta seção, apresentam-se os dados dos 149 municípios baianos para os quais foi identificado um sinal correspondente em Libras. O trabalho partiu do levantamento dos 417 municípios do estado, mas a etapa de análise em Libras concentrou-se apenas naqueles em que se identificou o uso de um sinal pela comunidade surda baiana.

Para registro, organização e preservação desse patrimônio linguístico, foi criado um canal no *YouTube* (<https://www.youtube.com/@DanielaBet%C3%A2niaLibras>) que reúne, em uma única plataforma, os vídeos contendo os sinais em Libras de todos os municípios estudados, bem como suas variações. Essa iniciativa visa não apenas documentar, mas também facilitar o acesso e a difusão desses sinais, servindo como base de consulta para pesquisadores, professores, intérpretes e até o próprio Povo Surdo.

Figura 54 – Página inicial do Canal do Youtube *Libras Bahia*



Fonte: elaborado pela autora.

Para cada município identificado sinal foram recuperados dados históricos, etimológicos e culturais em línguas orais, obtidos em fontes como Ramos (2008), Correia (2017), IBGE (2025), *sites* institucionais, materiais cartográficos e documentais, compondo o campo de contextualização da ficha lexicográfico-toponímica. Em concomitância, apresenta-se a classificação taxionômica em Libras, a estrutura morfológica do sinal, o contexto de uso contendo os aspectos motivacionais que originaram as escolhas, quando encontrados.

As fichas estão organizadas por Territórios de Identidade da Bahia e, dentro de cada território, em ordem alfabética. Essa disposição preserva o agrupamento regional, evidencia a distribuição geográfica e cultural dos sinais e facilita a consulta. Tal sistematização possibilita compreender o processo de nomeação na perspectiva bilíngue, em que a parte em português atua como base descritiva, enquanto a análise em Libras constitui o núcleo central da pesquisa, ressaltando os processos motivacionais e as influências culturais que orientam o surgimento dos sinais toponímicos.

Na presente amostra, que apresentaram sinais correspondentes em Libras, foi realizada inicialmente a análise taxionômica dos respectivos topônimos na perspectiva das línguas orais. A seguir, apresenta-se um quadro contendo as taxionomias e os respectivos municípios classificados:

Quadro 155-Municípios Agrupados por Classificação Taxionômica em línguas orais

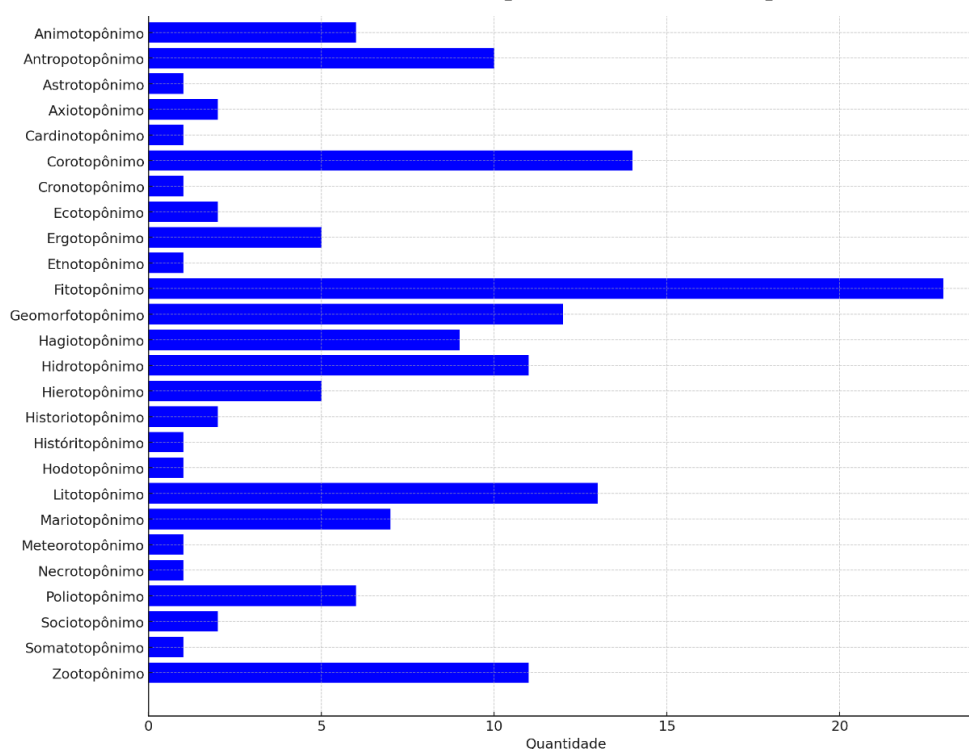
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	MUNICÍPIOS
Animotopônimo	Piatã, Valente, Formosa do Rio Preto, Catú, Belo Campo, Vitória da Conquista
Antropotopônimo	Seabra, Aurelino Leal, Teixeira de Freitas, Luís Eduardo Magalhães, Wanderley, Amélia Rodrigues, Antônio Cardoso, Paulo Afonso, Lauro de Freitas, Rafael Jambeiro, Antônio Gonçalves
Astrotopônimo	Araci
Axiotopônimo	Cardeal da Silva, Governador Mangabeira
Cardinotopônimo	Entre Rios
Corotopônimo	Bonito, Itaju do Colônia, Valença, Alcobaça, Itanhém, Prado, Sobradinho, Casa Nova, Cotegipe, Gavião, Aramari, Olindina, São Desiderio, Filadélfia
Cronotopônimo	Nova Viçosa
Ecotopônimo	Tucano, Uruçuca
Ergotopônimo	Lençóis, Caravelas, Tanquinho, Poções, Jequié
Etnotopônimo	Maragogipe
Fidetopônimo	Cruz das Almas
Fitotopônimo	Xique-Xique, Boninal, Palmeiras, Biritinga, Candéal, Cansação, Canavieiras, Pau-Brasil, Mucuri, Caetité, Capim Grosso, Araçás, Ipecaetá, Muritiba, Cocos, Pindobaçu, Camaçari, Mata de São João, Angical, Juazeiro, Canudos, Curaçá, Floresta Azul
Geomorfotopônimo	Morro do Chapéu, Serrinha, Ilhéus, Barreiras, Itatim, Serra Preta, Jacobina, Alagoinhas, Esplanada, Barra do Choça, Campo Formoso, Porto Seguro
Hagiotopônimo	São José da Vitória, Santa Rita De Cássia, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Félix, Santa Bárbara, Santo Estêvão, São Gonçalo dos Campos, São Francisco do Conde
Hidrotopônimo	Irecê, Riachão Das Neves, Boquira, Iaçu, Ipirá, Riachão do Jacuípe, Ribeira do Pombal, Rio Real, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Ipiaú
Hierotopônimo	Bom Jesus da Lapa, Santa Luz, Milagres, Salvador, Senhor do Bonfim

Historiotopônimo	Medeiros Neto, Castro Alves
Igneotopônimo	Queimadas
Litotopônimo	Barrocas, Almadina, Barro Preto, Itabuna, Ibicaraí, Itamaraju, Itapetinga, Jiquiriçá, Laje, Itaberaba, Terra Nova, Itaparica, Itacaré
Mariotopônimo	Conceição do Coité, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Nazaré, Madre de Deus
Meteorotopônimo	Brumado
Necrotopônimo	Anguera
Odontotopônimo	Ponto Novo
Poliotopônimo	Teofilândia, Ubaitaba, Catolândia, Cristópolis, Serrolândia, Eunápolis
Sociotopônimo	Feira de Santana
Somatotopônimo	Camacan
Zootopônimo	Ichu, Amargosa, Jaguaquara, Mutuípe, Ubaíra, Uauá, Inhambuê, Irará, Anagé, Andorinha, Jaguarari

Fonte: elaborado pela autora

Os resultados evidenciam uma ampla diversidade de classificações, sendo os fitotopônimos a categoria mais recorrente, seguidos por geomorfotopônimos e hagiopônimos, o que revela forte influência da flora, da geografia física e da religiosidade na nomeação dessas localidades. Outras categorias, como corotopônimos, hidrotopônimos, zootopônimos e antropotopônimos, também se destacam, refletindo múltiplas motivações históricas, culturais e naturais. A síntese desses resultados pode ser vista no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Distribuição das Taxonomias Toponímicas nos Municípios Baianos



Fonte: elaborado pela autora

Levando em consideração os dados das 149 cidades analisadas nessa amostra e os resultados dos estudos anteriores, é possível concluir que há uma forte convergência entre os achados. Tanto o recorte atual quanto os apresentados por Correia (2017) e Ramos (2008) apontam a presença marcante das *taxes* de natureza física, especialmente hidrotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos e zootopônimos, confirmando a relevância dos elementos naturais na nomeação dos municípios baianos. Essa presença expressiva evidencia uma continuidade histórica na associação entre o espaço físico e a identidade cultural.

Da mesma forma, a recorrência de topônimos de cunho religioso, como hierotopônimos e hagiotopônimos, reforça a influência cristã e colonial já observada nos estudos anteriores, enquanto corotopônimos e litotopônimos mantêm seu papel na representação de aspectos geográficos, históricos e simbólicos.

Embora este estudo tenha considerado as classificações aplicadas nas análises anteriores realizadas em línguas orais, optou-se por utilizar ampliações no enquadramento taxonômico que foram criadas para detalhar ou até mesmo ampliar a metodologia proposta por Dick (1990, 1992). Por essa razão, foram incorporadas *taxes* sugeridas por precursores das pesquisas de Dick, permitindo maior precisão na identificação das motivações toponímicas. Nesse sentido, destacam-se os mariotopônimos, conforme proposta de Carvalho (2014), que reúnem topônimos associados às invocações da Virgem Maria, caso de Madre de Deus, Conceição do Jacuípe, Conceição da Feira, Coração de Maria e Nazaré, que, embora pudessem ser classificados como hagiotopônimos, encontram enquadramento mais específico nesta categoria. De forma semelhante, categorias como os igneotopônimos, sugeridos por Carvalho (2010), possibilitam compreender de maneira mais acurada topônimos motivados por elementos relacionados ao fogo, como ocorre com o topônimo Queimadas. Essa ampliação não rompe com os estudos em línguas orais anteriores, mas as complementa, adequando a análise às particularidades dos municípios baianos.

Os municípios selecionados neste estudo ampliam esse panorama ao quantificar e evidenciar categorias menos frequentes, como cronotopônimos, necrotopônimos, hodotopônimos e etnotopônimos, que, embora minoritários, enriquecem o repertório semântico da toponímia baiana.

Os resultados obtidos em línguas orais não apenas corroboram as tendências já identificadas, mas também as aprofundam, ao apresentar um recorte específico, o dos municípios com sinais identificados em Libras, permitindo observar de forma mais precisa como as motivações históricas e culturais se preservam ou se transformam nesse conjunto.

No que tange à Libras, a análise foi feita com base na classificação taxionômica e na estrutura morfológica dos sinais, identificando-se as categorias motivacionais predominantes, suas variações e a presença de ocorrências com dupla motivação. Esse levantamento possibilitou quantificar e comparar a incidência de cada categoria, bem como evidenciar o papel das motivações visuais, culturais e derivadas das línguas orais no processo de nomeação. A seguir, apresenta-se o Quadro 156, com a distribuição dos sinais por classificação taxionômica, que sintetiza esse panorama e serve de base para a análise interpretativa subsequente.

Quadro 156 – Topônimos municipais agrupados conforme classificação taxionômica: dados da Libras

CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	MUNICÍPIOS
Animotopônimo	Senhor do Bonfim
Astrotopônimo	Jequié
Cardinotopônimo	Seabra, Salvador
Corotopônimo	Angical
Cromotopônimo	Formosa do Rio Preto
Ergotopônimo	Morro do Chapéu, Araci, Serrinha, Teofilândia, Ubaira, Ipirá, Catú, Conceição do Jacuípe, Irará
Etnotopônimo	Jaguarari
Fidetopônimo	Barrocas, Cruz das Almas
Fitotopônimo	Irecê, Palmeiras, Piatã, Cansanção, Itabuna, Pau-Brasil, Itatim, São Gonçalo dos Campos, Governador Mangabeira, Cocos, Fitotopônimo
Geomorfotopônimo	Boninal, Almadina, Ilhéus, Valença, Mucuri, Serra Preta, Anguera, Tanquinho, Itaparica
Grafematopônimo	Biritinga, Candéal, Conceição do Coité, Valente, Barro Preto, Camacan, Alcobaça, Itamaraju, Itanhém, Nova Viçosa, Prado, Amargosa, Jiquiriçá, Laje, Juazeiro, Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Wanderley, Boquira, Caetitê, Serrolândia, Alagoinhas, Cardeal da Silva, Entre Rios, Esplanada, Olindina, Amélia Rodrigues, Antônio Cardoso, Feira de Santana, Terra Nova, Barra do Choça, Belo Campo, Poções, Vitória da Conquista, Ipiaú, Campo Formoso, Filadélfia, Pindobaçu, Ponto Novo, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Teixeira de Freitas, Xique-Xique
Hagiotopônimo	São Desidério, Santo Estêvão, Santo Amaro, Nazaré, Santa Rita de Cássia
Hidrotopônimo	Lençóis, Itacaré, Uruçuca, Caravelas, Casa Nova, Iaçu, Riachão do Jacuípe, Aramari, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Maragogipe, Paulo Afonso
Historiotopônimo	Curaçá, Castro Alves
Hodotopônimo	Aurelino Leal, São José da Vitória, Medeiros Neto, Riachão das Neves, São Félix, Antônio Gonçalves
Ignetopônimo	Queimadas, Camaçari
Mariotopônimo	Coração de Maria
Meteorotopônimo	Santa Luz
Mimetopônimo	Ibicaraí, Ubaitaba, Itaberaba, Capim Grosso, Araçás, Santo Antônio de Jesus, Muritiba

Sociotopônimo	Mutuípe, Rafael Jambeiro
Zootopônimo	Ichu, Tucano, Canavieiras, Itapetinga, Jaguaquara, Canudos, Uauá, Gavião, Jacobina, Ribeira do Pombal, Ipecaetá, Conceição da Feira, Santa Bárbara, Andorinha

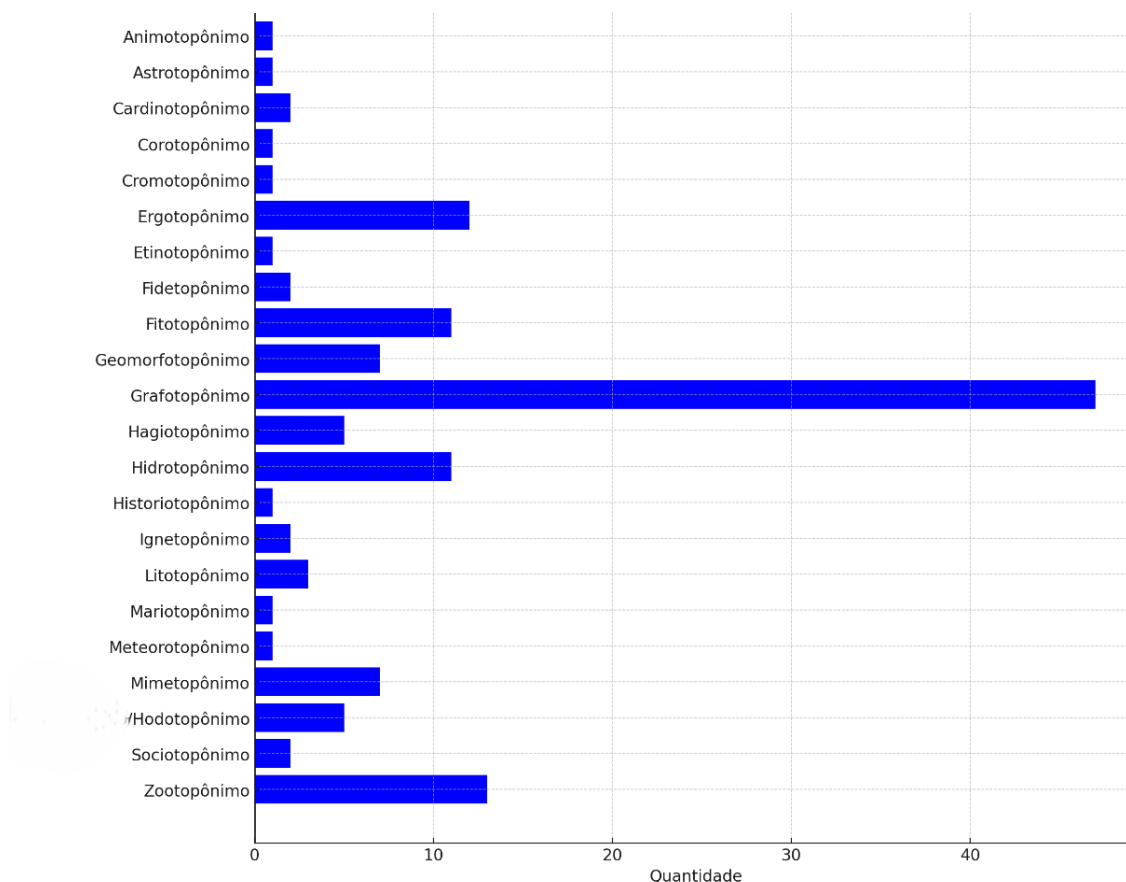
Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos 149 toponímicos registrados em Libras mostra uma predominância expressiva dos grafotopônimos (47 ocorrências, cerca de 34%), categoria formada por sinais motivados por inicialização, soletração ou outros recursos gráficos de origem nas línguas orais. Esse dado evidencia a forte influência do contato linguístico e do empréstimo gráfico na formação dos sinais toponímicos.

Na sequência, aparecem os zootopônimos (13 ocorrências, 9,5%), relacionados a animais característicos das localidades, e os ergotopônimos (12 ocorrências, 8,7%), associados a atividades humanas, profissões e artefatos. Logo após, surgem fitotopônimos e hidrotopônimos, ambos com 11 ocorrências (8%), refletindo a importância da flora e da hidrografia como elementos identitários recorrentes na composição dos sinais.

As categorias mimetopônimo e geomorfotopônimo apresentam 7 ocorrências cada (5,1%). As primeiras reúnem sinais motivados por logomarcas, monumentos ou aspectos visuais marcantes, enquanto as segundas se relacionam às características físicas do relevo. Em seguida, aparecem os hagiopônimos e a categoria unificada hodotopônimo, cada uma com 5 registros (3,6%). Posteriormente, surgem os litotopônimos (3 ocorrências, 2,1%) e, com 2 ocorrências cada (1,4%), fidetopônimo, ignetopônimo, sociotopônimo e cardinotopônimo.

Por fim, algumas categorias aparecem apenas uma vez (0,7% cada), compondo ocorrências pontuais, mas relevantes para a diversidade motivacional do *corpus*: animotopônimo, astrotopônimo, corotopônimo, cromotopônimo, etinotopônimo, historiotopônimo, mariotopônimo e meteorotopônimo. Esses casos ilustram a variedade de estratégias utilizadas pela comunidade surda na nomeação dos municípios baianos, refletindo tanto fatores culturais quanto geográficos e sociais. Observe esta dimensão no gráfico 02:

Gráfico 02 – Classificação Taxionômica dos Municípios Baianos em Libras

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dados analisados, foram identificados 43 casos de topônimos em Libras com dupla motivação. Conforme aponta Santiago (2021), a descrição detalhada dos constituintes semânticos é essencial para reconhecer essas ocorrências, pois permite compreender as diferentes camadas motivacionais que coexistem em um mesmo signo toponímico.

Em todas essas ocorrências, uma das motivações foi de natureza grafotopônimo, proveniente da língua oral, enquanto a outra estava associada a fatores socioculturais e visuais de maior relevância para a comunidade surda. Nessas situações, embora a motivação grafemática esteja presente, optou-se por registrar a classificação que reflete a base semântica de maior impacto no uso efetivo entre os surdos.

Para fundamentar essa decisão, adotou-se o conceito de peso sociosemântico, discutido por Aguilera (1999) no artigo *Taxionomia de topônimos: problema sem solução*. A autora argumenta que, diante de múltiplas motivações, deve-se considerar para registro aquela que possui maior importância simbólica, histórica ou identitária para a comunidade. Embora esse

critério apresente limitações quando aplicado à toponímia em língua portuguesa, entende-se que, no contexto da Libras, ele é particularmente pertinente.

Essa pertinência decorre das diferenças estruturais entre a Língua Portuguesa e a Libras: enquanto a primeira apresenta linearidade temporal e sequencialidade de informações, a Libras permite uma construção espacial e simultânea de sentidos. Dessa forma, ao classificar topônimos com bases semânticas distintas, priorizou-se a motivação que apresenta maior centralidade visual e sociocultural na configuração do sinal, mesmo que coexistam motivações oriundas da língua oral.

Esse procedimento assegura a preservação de elementos que poderiam ser marginalizados no registro formal, garantindo que a documentação dos sinais toponímicos reflita tanto a complexidade semântica quanto as especificidades socioculturais da comunidade surda.

Esse panorama evidencia que, em Libras, o contato com as línguas orais é um fator determinante na formação dos sinais toponímicos, mas que há, também, forte presença de motivações visuais (mimeotopônimos) e referenciais ao meio físico (hidrotopônimos, fitotopônimos e geomorfotopônimos).

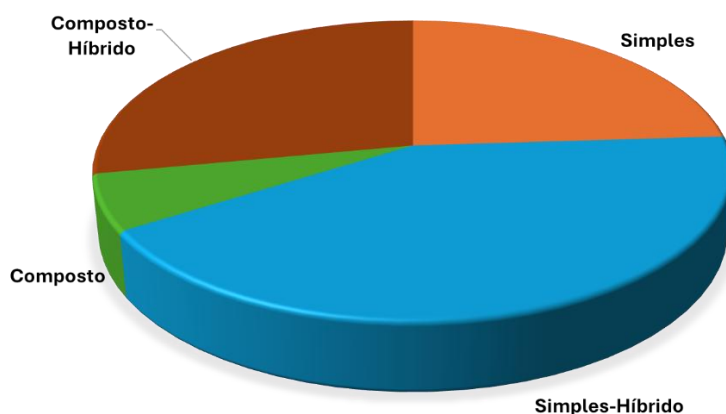
Entretanto, se isolarmos os grafematopônimos, ou seja, aqueles cuja motivação apresenta influência direta dos registros escritos das línguas orais, é possível perceber que os demais sinais revelam motivações predominantemente visuais ou semânticas, ancoradas em referências concretas e culturalmente significativas para a comunidade surda. Quando esses casos são somados às formações puramente visuais, observa-se que seu número ultrapassa o quantitativo de sinais cuja motivação é derivada das línguas orais, evidenciando que a visualidade e o significado real exercem papel central na preservação e na expressão da identidade cultural surda.

A análise dos sinais em Libras exige atenção aos processos morfológicos, pois é por meio deles que se compreende como cada sinal é formado e estruturado, bem como as relações entre seus elementos constitutivos. Leva-se em consideração que Sousa (2019b) propõe a classificação dos topônimos em Libras em quatro categorias: simples, simples híbrido, composto e composto híbrido. Vale ressaltar que se classifica como híbrido o sinal cuja configuração de mão remete a letras do alfabeto da língua oral.

Ainda segundo Sousa (2019b), a diferença entre sinais simples e compostos está no número de formantes: os primeiros possuem apenas um, enquanto os segundos apresentam dois ou mais. Com base nesse modelo classificatório, os sinais analisados nesta pesquisa foram

organizados conforme seu tipo de formação morfológica, e a distribuição percentual será apresentada no Gráfico 03, a seguir.

Gráfico 03 – Distribuição dos topônimos em Libras conforme configuração morfológica



Fonte: elaborado pela autora.

No *corpus* analisado, foram identificados 38 sinais toponímicos classificados como simples, 66 como simples-híbridos, cinco como compostos e 44 como compostos-híbridos. Em termos percentuais, esses valores correspondem a 24%, 42%, 6% e 28%, respectivamente. Nota-se que os sinais com influência direta da língua oral, representados pelas formações híbridas, somam 110 ocorrências, o que equivale a 70% do total, evidenciando o peso expressivo da inicialização ou de outros recursos oriundos da língua portuguesa na criação da toponímia em Libras. Já as formações puramente visuais, sem traços da língua oral (simples e compostas não híbridas), correspondem a 30% do *corpus*, revelando menor frequência, mas ainda desempenhando papel importante na diversidade de estratégias morfológicas adotadas.

7.1 PANORAMA DA ANÁLISE DOS SINAIS TOPONÍMICOS EM LIBRAS

A análise dos dados evidencia um fenômeno processo de nomeação que vai além da mera transferência do nome: ele envolve a interpretação do significado lexical do topônimo e a criação de um sinal que estabeleça uma equivalência semântica ou cultural. No *corpus* analisado, esse processo manifesta-se de duas formas principais. A primeira é a tradução que mantém o significado original, como no caso de Cocos, cujo sinal em Libras remete diretamente ao fruto, preservando a categoria motivacional fitotoponímica. Nesse contexto, o procedimento

aproxima-se de um empréstimo semântico com equivalência, pois o termo da língua oral é reinterpretado visualmente sem alteração de sentido. O sinal correspondente pode ser visualizado no QR Code disposto na Figura 55.

Figura 55 – QR Code para acesso ao sinal do topônimo do município de COCOS, em Libras.



Fonte: elaborada pela autora.

A segunda forma é a tradução que modifica o significado original, como em Serrinha, cujo sinal não se refere à serra enquanto acidente geográfico, mas sim ao instrumento “serra” utilizado para cortar, deslocando sua classificação motivacional para ergotopônimo. Nessa situação, há uma modulação, nos termos de Albert (2006), caracterizada por uma alteração perceptível na estrutura semântica do topônimo. O QR Code apresentado na Figura 56 direciona para o vídeo com a realização do sinal em Libras:

Figura 56 – QR Code para acesso ao sinal do topônimo do município de SERRINHA, em Libras.



Fonte: elaborada pela autora.

Esses dois exemplos demonstram que a tradução toponímica em Libras pode oscilar entre a literalidade ao significado do topônimo em língua oral, preservando a equivalência lexical e cultural e a adaptação, em que o sinal final reflete a interpretação da comunidade surda sobre o nome original, e, no caso do sinal de Serrinha, provocando deslocamentos de categoria taxionômica. Assim, embora o produto possa ser enquadrado em uma motivação específica, o

processo tradutório merece análise própria, por se configurar como um mecanismo produtivo que mobiliza recursos linguísticos e culturais da Libras para a nomeação do espaço geográfico.

Esses casos evidenciam que os sinais analisados se constituem como exemplos de empréstimo linguístico por calque, uma vez que o processo de nomeação envolve a tradução literal do significado do topônimo em língua portuguesa para a Libras. No campo dos estudos toponímicos, o calque é compreendido como um processo de motivação em que o conteúdo semântico do nome original é reinterpretado visualmente, preservando o vínculo com o sentido de origem, ainda que expresso por meio dos recursos estruturais e culturais da língua de sinais. Essa tradução interlinguística reforça o caráter produtivo do fenômeno e demonstra como a Libras, em contato com o português, incorpora elementos da língua oral de forma criativa e significativa, adaptando-os à sua gramática visual-espacial.

A análise dos dados evidenciou a presença de diferentes tipos de variação linguística nos sinais toponímicos registrados. Entre elas, destaca-se a variação diastrática, que está relacionada a fatores sociais, como classe, escolaridade ou profissão, e que influencia a forma de sinalizar. Um exemplo ocorre no município de Santo Amaro, onde grupos distintos da comunidade surda apresentam diferenças perceptíveis na realização do sinal. A seguir, a partir dos QR Codes na Figura 57, tem-se os sinais de Santo Amaro.

Figura 57 – QR Code para acesso aos sinais do topônimo do município de SANTO AMARO, em Libras.



Variação de sinal I

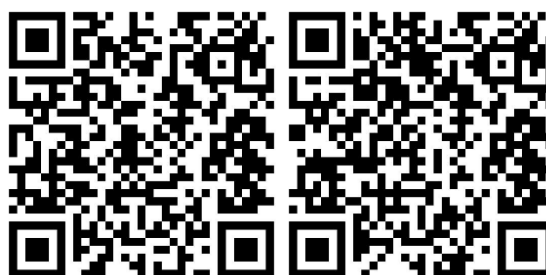
Variação de sinal II

Variação de sinal III

Fonte: elaborada pela autora.

Outro fenômeno identificado foi a mudança linguística, ocorrida ao longo do tempo, em geral após um processo de variação e que pode resultar em alterações significativas na forma do sinal. Isso foi observado no município de Feira de Santana, cujo sinal atual apresenta diferenças em relação a versões utilizadas por gerações anteriores, demonstrando que a mudança é fruto de uma variação diageracional, neste caso. Essa diversidade reflete transformações culturais, comunicativas e intergeracionais.

Figura 58 – QR Code para acesso aos sinais do topônimo do município de FEIRA DE SANTANA, em Libras.



Variação de sinal I Variação de sinal II

Fonte: elaborada pela autora.

Diante dessa diversidade, para fins de análise neste estudo, optou-se por adotar a forma utilizada pelos surdos nativos das cada localidade, por compreender que essa é a variante que melhor representa a identidade linguística local.

Os sinais de IRARÁ e CATU revelam um ponto instigante na classificação toponímica em Libras: ambos remetem a sons reconhecidos socialmente, que têm origem em artefatos humanos. No caso de Irará, a motivação vem do toque do sino utilizados em bois e cavalos para encontrá-los com facilidade; em Catu, do som da sirene de uma antiga indústria. Aqui, não é o objeto material que aparece diretamente no sinal, e sim uma de suas propriedades mais marcantes, o som, que passou a identificar o lugar na memória coletiva, inclusive dos surdos, o que se torna algo curioso. Esse recurso é um exemplo de relação metonímica, em que o efeito sonoro é tomado como representação do espaço urbano.

Considerando o conceito de ergotopônimos como topônimos relativos a elementos da cultura material humana, mesmo quando não há clareza de sua categoria, é possível enquadrar Irará e Catu nessa classe, desde que se reconheça uma distinção interna: os ergotopônimos primários, que remetem diretamente ao objeto, e os ergotopônimos secundários, que evocam um atributo característico desse objeto, como som, formato ou movimento. Ipirá e Catu encaixam-se nesse segundo grupo, pois remetem não ao sino ou à sirene em si, mas ao som que esses artefatos produzem. A seguir, a partir da Figura 59, é possível analisar o sinal de CATU.

Figura 59 – QR Code para acesso ao sinal do topônimo do município de CATU, em Libras.



Fonte: elaborada pela autora.

Essa escolha mantém a coerência com a classificação taxionômica da toponímia e reflete o funcionamento real da motivação em Libras, que frequentemente seleciona a característica mais saliente para a comunidade, mesmo que não seja a forma visual do objeto. Nesses casos, o som funciona como gatilho de memória social, e a forma manual o traduz por padrões rítmicos e movimentos icônicos.

Embora se possa argumentar por uma classificação mimeotoponímica devido ao caráter imitativo, essa hipótese perde força quando a imitação se refere a um artefato humano e não a elementos da paisagem natural. Nesse sentido, a mimese é apenas o recurso expressivo utilizado, enquanto a motivação central permanece ergotoponímica. A categoria de ergotopônimos secundários acomoda perfeitamente esse tipo de ocorrência: sinais que evocam propriedades derivadas do objeto, e não o objeto em si.

Essa abordagem também oferece um critério claro para casos futuros. Se o som vem de fenômenos naturais, ele deve ser classificado de acordo com sua origem, como chuva, vento ou trovão em meteorotopônimos; rios e marés em hidrotopônimos; animais em zootopônimos. Já quando a fonte é um artefato ou construção humana, a classificação ergotoponímica se mantém, com a marca “secundário” para indicar que a referência não é direta, mas baseada em um atributo do objeto.

Por fim, o rótulo “motivação não identificada” agrupa 11 municípios para os quais, até o momento, não foi possível determinar a motivação do sinal, conforme se dispõe no Quadro XX. Essa ausência de clareza não significa, necessariamente, inexistência de origem motivacional, mas pode refletir a falta de registros consolidados ou o fato de que tais informações permanecem restritas a determinados grupos da comunidade surda ou se perderam ao longo do tempo.

Quadro 157 – Topônimos municipais cujas motivações não foram identificadas: dados da Libras

CATEGORIA	MUNICÍPIOS
Motivação não identificada	Anagé
	Bonito
	Catolândia
	Cotegipe
	Cristópolis
	Eunápolis
	Inhambupe
	Itaju do Colônia
	Porto Seguro
	Rio Real
	São Francisco do Conde

Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma, os elementos não encontrados devem ser compreendidos como um estágio provisório da análise. A ausência de registro ou de consenso não implica a inexistência de motivação, mas evidencia a necessidade de investigações que contemplem a memória coletiva e o repertório dos usuários nativos da Libras, garantindo que a descrição dos sinais reflita as práticas linguísticas em uso. Além disso, deve-se considerar que a dinâmica visual dos espaços está sujeita a transformações, seja em função de mudanças nas referências naturais ou urbanas, seja pelas experiências sociais e culturais da comunidade local. Nesse processo, aspectos que antes orientavam a nomeação podem perder relevância ou serem esquecidos, resultando na opacidade da motivação original do sinal. Esse cenário reforça a importância de registros sistemáticos em banco de dados, como o disponibilizado no *site Libras Bahia*, assegurando a preservação e a difusão desses sinais, bem como a possibilidade de revisões e reinterpretações futuras.

7.2 O LIBRAS BAHIA ENQUANTO REPOSITÓRIO DIGITAL

O *site Libras Bahia*, disponível em domínio <https://librasbahia.com.br/>, foi desenvolvido como produto desta tese, com o objetivo de reunir, sistematizar e divulgar os sinais toponímicos dos municípios baianos em Libras. Sua criação busca ampliar a acessibilidade da comunidade surda, valorizar a língua de sinais como espaço legítimo de produção de conhecimento e oferecer um ambiente acadêmico e inclusivo, no qual os resultados da tese possam ser explorados de forma prática e interativa.

Ao acessar o *site*, o visitante encontra logo na página inicial um vídeo em Libras que apresenta o espaço e explica sua proposta. Esse recurso coloca a Libras em posição central, assegurando acessibilidade e protagonismo da comunidade surda no processo de divulgação científica. Ao lado do vídeo, há uma síntese em Língua Portuguesa que resume o trabalho realizado e situa o leitor quanto ao caráter da pesquisa. Essa combinação promove uma experiência bilíngue, permitindo que diferentes públicos como a comunidade surda, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral tenham acesso às informações de maneira clara e organizada. A identidade visual é marcada pela logo do *Libras Bahia*, acompanhada da referência ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UEFS (PPGEL), instituição que dá sustentação acadêmica ao trabalho. Assim, a página inicial cumpre duas funções principais: acolher o visitante e orientar sobre os conteúdos a serem explorados nas seções seguintes. A seguir, apresenta-se a imagem da página inicial do *Libras Bahia*:

Figura 60- Página inicial do *Site Libras Bahia*



Fonte: <https://librasbahia.com.br/>

Ao adentrar no *site*, o vídeo em Libras traz explicações sobre o projeto de pesquisa, o grupo ao qual está vinculado e os dados sistematizados na tese. Ao lado, a síntese em português reforça o caráter bilíngue da proposta. Na parte superior, as abas de navegação organizam o conteúdo do *site* e permitem explorar diferentes seções: Territórios, Ficha Lexicográfica, Metodologia, Resultados, Glossário e Favoritos. A seguir, apresenta-se a imagem da página principal do *site*:

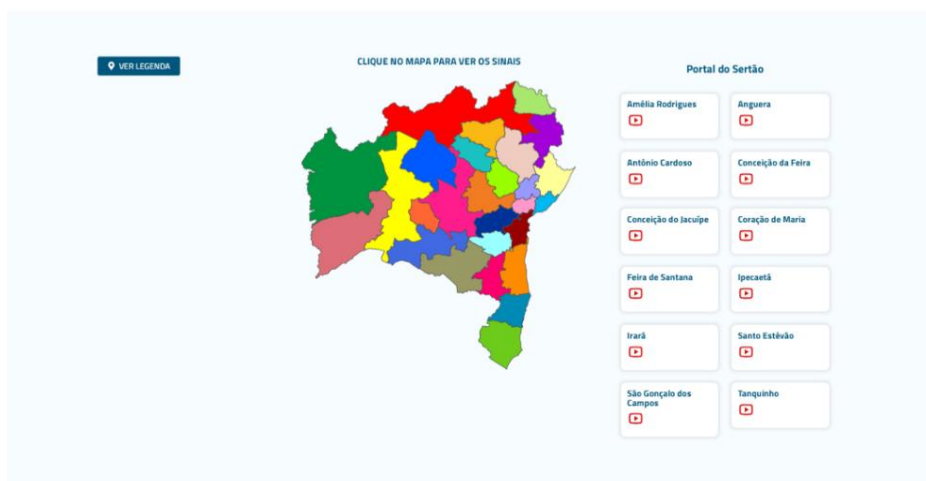
Figura 61- Página inicial do *Site Libras Bahia*



Fonte: <https://librasbahia.com.br/>

Rolando a página, o visitante encontram o mapa interativo dos territórios de identidade da Bahia. Esse recurso organiza os sinais toponímicos de forma geográfica e intuitiva, possibilitando uma navegação visual pelo estado. Ao posicionar o cursor sobre o mapa, é possível selecionar cada território de identidade. Ao clicar, abre-se a lista de municípios com sinais registrados no banco de dados do estudo. Cada município está vinculado a um ícone que direciona o visitante a um vídeo em Libras, hospedado no canal *Libras Bahia* no YouTube, preservando a modalidade viso-espacial, como observado a seguir:

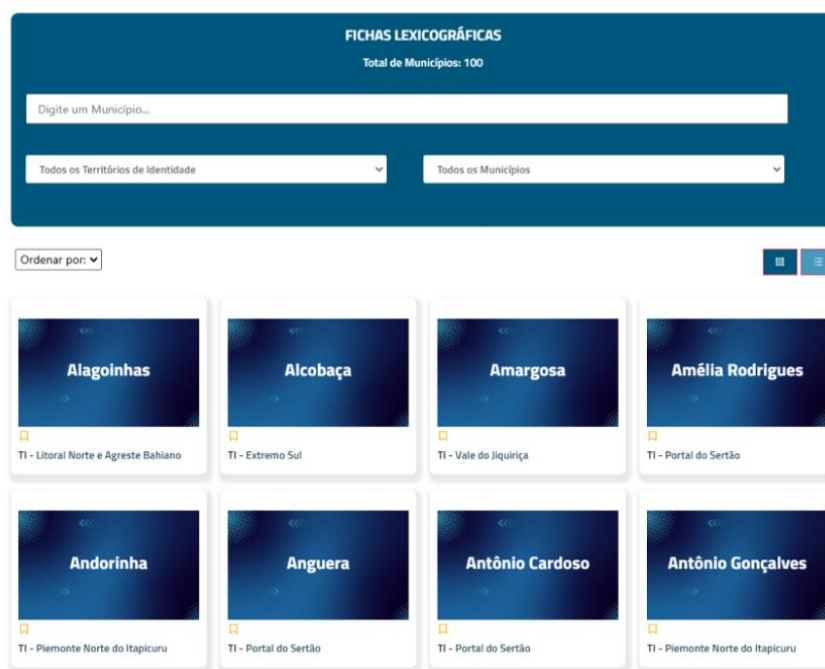
Figura 62- Mapa integrativo do *Site Libras Bahia*



Fonte: <https://librasbahia.com.br/>

Ainda na página principal, estão disponíveis os sinais organizados em fichas lexicográfico-toponímicas. Os municípios aparecem em ordem alfabética, o que facilita a busca direta por um nome específico. Também há filtros que permitem selecionar tanto por território de identidade quanto por município, oferecendo diferentes caminhos de consulta. Cada ficha dá acesso a dois recursos: ao clicar na área central, abre-se o vídeo em Libras correspondente ao sinal do município; ao acionar o ícone amarelo abaixo, aparecem as informações lexicográfico-toponímicas. Dessa forma, o *site* disponibiliza os vídeos e, ao mesmo tempo, sistematiza os dados da tese em formato de fichas, assegurando tanto a preservação quanto a acessibilidade dos registros. A seguir, apresenta-se como essas informações são exibidas:

Figura 63- Vídeos e informações lexicográficas do *Site Libras Bahia*



Fonte: <https://librasbahia.com.br/>

A organização alfabética dos municípios cumpre papel essencial, pois permite localizar rapidamente o município desejado e verificar se já possui sinal registrado ou se ainda não foi documentado.

Na aba de apresentação, descrevo em primeira pessoa minha trajetória acadêmica e profissional, situando-me como autora da tese e criadora do *Libras Bahia*. Nesse espaço, o visitante encontra informações sobre minha formação, atuação docente e atividades de pesquisa em Libras, compreendendo o percurso que levou ao desenvolvimento do estudo e à criação do *site*. Na sequência, são apresentadas as imagens dos integrantes do Grupo de Pesquisa ao qual

a investigação está vinculada, acompanhadas de *links* para seus currículos. Essa organização evidencia a inserção institucional do estudo e reforça o caráter científico e coletivo do projeto.

Por fim, o *site* conta com a aba Formulário de Contato, onde o visitante pode se comunicar comigo em Língua Portuguesa, por escrito, ou em Libras, por meio de vídeo. Esse recurso foi desenvolvido para garantir acessibilidade, permitindo que surdos e ouvintes entrem em contato de maneira simples, como observado na imagem a seguir:

Figura 64- Formulário de contato do *Site Libras Bahia*

FORMULÁRIO DE CONTATO

Vamos conversar!

Preencha os campos ao lado e aguarde o contato da nossa equipe.

Enquanto aguarda o nosso retorno, aproveite para conhecer nossas redes sociais:

Nome

E-mail

Mensagem

Enviar

Libras Bahia
By Dani Beltrame

"Libras: A Voz da Inclusão! Rompendo barreiras, conectando pessoas e construindo um mundo mais acessível para todos!" 🙌❤️

Siga-nos no

© 2025 Site Libras Bahia – Todos os direitos reservados

Fonte: <https://librasbahia.com.br/>

Assim, a página principal reúne os elementos centrais do estudo e da proposta do *site*: a apresentação em Libras e em português, o mapa interativo, as fichas lexicográficas, as informações sobre a autora e o grupo de pesquisa, além do formulário de contato acessível. Existem ainda abas intermediárias que apresentam informações específicas e complementares.

Assim, o *site* consolida-se como um espaço acadêmico e inclusivo, que valoriza a documentação dos sinais toponímicos e promove a difusão do conhecimento tanto para a comunidade surda quanto para a ouvinte, reafirmando-se como um ambiente de registro, acessibilidade e memória toponímica da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada confirmou que a toponímia em Libras dos municípios baianos constitui não apenas um campo linguístico, mas também um espaço de memória, identidade e resistência cultural. Ao nomear os lugares, a comunidade surda reinterpreta e ressignifica o território, projetando sobre ele suas experiências visuais, históricas e sociais. Esse processo revelou que a língua brasileira de sinais, ao lidar com o léxico toponímico, ultrapassa a função referencial e se transforma em um instrumento de registro cultural e de fortalecimento identitário.

O objetivo central da pesquisa foi compreender as motivações e os processos envolvidos na criação dos sinais toponímicos em Libras, a partir do inventário dos 417 municípios da Bahia. Embora os dados em língua portuguesa tenham sido considerados, sobretudo para compor o campo de contextualização histórico-etimológica, o foco da análise recaiu sobre os 149 sinais efetivamente utilizados pela comunidade surda. Esses sinais foram sistematizados em fichas lexicográfico-toponímicas, nas quais a parte em português serviu como suporte descritivo, mas a ênfase esteve na classificação e interpretação dos sinais em Libras. Dessa forma, os objetivos específicos foram plenamente cumpridos, uma vez que os sinais foram identificados, organizados e descritos, consolidando-se a análise na perspectiva da língua de sinais.

Os resultados revelaram uma diversidade expressiva de classificações. Em língua portuguesa, confirmou-se a predominância de categorias de natureza física, como os fitotopônimos, hidrotopônimos e geomorfotopônimos, bem como de motivações religiosas, em consonância com Ramos (2008) e Correia (2017). Em Libras, destacou-se a presença significativa dos empréstimos linguísticos por transliteração e inicialização, que corresponderam à parte expressiva do *corpus*. Esse dado, embora relevante, deve ser compreendido como um reflexo natural da condição bilíngue da comunidade surda brasileira, que aprende o português como segunda língua e convive com ele nos mesmos espaços geográficos. Assim, esses empréstimos não devem ser interpretados como mera reprodução da língua portuguesa, mas como um recurso produtivo que dialoga com a realidade sociolinguística em que a Libras está inserida.

A análise também demonstrou a riqueza das criações visuais. Quando se isolam os sinais formados de modo puramente visual, sem influência direta da língua oral, percebe-se a produtividade de diferentes processos motivacionais e influências culturais. Esses sinais evidenciam como a comunidade surda valoriza experiências perceptivas, privilegiando o

aspecto visual como recurso central para a nomeação. Categorias como mimetopônimos, zootopônimos, fitotopônimos e hidrotopônimos confirmam que a língua de sinais mobiliza elementos da natureza, da cultura e do espaço físico para atribuir significados próprios às localidades, ressignificando-as a partir de uma lógica visual.

A análise morfológica evidenciou a predominância das formações híbridas, que representaram 70% do *corpus*, resultado esperado diante da forte convivência entre Libras e português. Ainda assim, 30% dos sinais apresentaram estruturas visuais autônomas, reafirmando a criatividade da Libras e sua capacidade de produzir soluções próprias. Esse quadro confirma que o processo de nomeação em língua de sinais é híbrido, mas não dependente, já que combina empréstimos da língua oral com criações originais, reinterpretando os topônimos a partir de estratégias visuais e culturais.

Outro ponto relevante foi a identificação de fenômenos de tradução toponímica. Em alguns casos, preservou-se o significado original do topônimo oral; em outros, houve deslocamento semântico, revelando que a comunidade surda reelabora os sentidos a partir de sua própria perspectiva. Essa tradução, portanto, não é literal, mas interpretativa, mobilizando recursos visuais que ressignificam o espaço. Também foram observadas variações linguísticas, como a diastrática e a diacrônica, além de estratégias motivacionais baseadas em atributos perceptíveis, como sons de artefatos humanos, que reforçam a complexidade e a riqueza do processo denominativo.

No que diz respeito à categoria de motivação não identificada, compreende-se que essa classificação não significa ausência de origem motivacional, mas sim lacunas de registro ou falta de consenso entre usuários da Libras. Esse dado abre um campo fértil para investigações futuras, que poderão aprofundar a recuperação da memória coletiva da comunidade surda e consolidar sinais ainda em processo de construção.

Como desdobramento direto da pesquisa, foram criados o *site Libras Bahia* e o canal homônimo no *YouTube*, que reúnem os vídeos, fichas e classificações dos sinais estudados. Esses produtos constituem repositórios bilíngues, dinâmicos e acessíveis, que podem beneficiar diretamente a comunidade surda, professores, intérpretes e pesquisadores. Ambos funcionam de forma complementar: o site organiza as informações de modo sistematizado e acadêmico, enquanto o canal amplia o alcance social e facilita a circulação dos sinais em ambiente digital. Juntos, asseguram a preservação, difusão e uso social do conhecimento produzido nesta tese e consolidam-se como espaços vivos, que podem ser continuamente atualizados e explorados em futuras investigações.

Dessa forma, a pesquisa cumpre seu propósito de documentar, analisar e sistematizar os sinais toponímicos dos municípios baianos, ao mesmo tempo em que abre caminhos para novas investigações. Os dados obtidos podem subsidiar trabalhos futuros em áreas como variação linguística, tradução, ensino de Libras e políticas linguísticas, demonstrando que o objeto permanece em movimento.

Assim, esta tese se encerra reafirmando que cada sinal toponímico registrado é mais do que uma unidade lexical: é expressão de identidade, história e cultura. Ao reunir, classificar e disponibilizar esses registros, reafirma-se que a Libras não apenas nomeia lugares, mas também os recria, perpetuando na língua visual a memória coletiva da comunidade surda. Este trabalho representa, portanto, uma etapa cumprida, mas que se projeta para o futuro como um compromisso científico e social com a valorização da Libras e com a preservação da memória toponímica da Bahia.

A investigação realizada confirmou que a toponímia em Libras dos municípios baianos constitui não apenas um campo linguístico, mas também um espaço de memória, identidade e resistência cultural. Ao nomear os lugares, a comunidade surda reinterpreta e ressignifica o território, projetando sobre ele suas experiências visuais, históricas e sociais. Esse processo revelou que a Língua Brasileira de Sinais, ao lidar com o léxico toponímico, ultrapassa a função referencial e se transforma em um instrumento de registro cultural e de fortalecimento identitário. Esta é uma pesquisa inédita e pioneira no cenário nacional, ao realizar o primeiro levantamento sistemático e a análise dos sinais toponímicos dos municípios baianos em Libras, inaugurando uma vertente inovadora nos estudos toponímicos em línguas de sinais no Brasil.

O objetivo central da pesquisa foi compreender as motivações e os processos envolvidos na criação dos sinais toponímicos em Libras, a partir do inventário dos 417 municípios da Bahia. Embora os dados em língua portuguesa tenham sido considerados, sobretudo para compor o campo de contextualização histórico-etimológica, o foco da análise recaiu sobre os 149 sinais efetivamente utilizados pela comunidade surda. Esses sinais foram sistematizados em fichas lexicográfico-toponímicas, nas quais a parte em português serviu como suporte descritivo, mas a ênfase esteve na classificação e interpretação dos sinais em Libras. Assim, a pesquisa não apenas alcançou todos os seus objetivos, mas também estabeleceu parâmetros metodológicos que poderão orientar futuros estudos toponímicos em línguas de sinais.

Os resultados revelaram uma diversidade expressiva de classificações. Em língua portuguesa, confirmou-se a predominância de categorias de natureza física, como os fitotopônimos, hidrotopônimos e geomorfotopônimos, bem como de motivações religiosas, em consonância com Ramos (2008) e Correia (2017). Em Libras, destacou-se a presença

significativa dos empréstimos linguísticos por transliteração, inicialização e calque que corresponderam à parte expressiva do *corpus*. Esse dado, embora relevante, deve ser compreendido como um reflexo natural da condição bilíngue da comunidade surda brasileira, que aprende o português como segunda língua e convive com ele nos mesmos espaços geográficos. Assim, esses empréstimos não devem ser interpretados como mera reprodução da língua portuguesa, mas como estratégias criativas de adaptação linguística, que dialogam com a realidade sociocultural em que a Libras está inserida.

A análise também demonstrou a riqueza das criações visuais. Quando se isolam os sinais formados de modo puramente visual, sem influência direta da língua oral, percebe-se a produtividade de diferentes processos motivacionais e influências culturais. Esses sinais evidenciam como a comunidade surda valoriza experiências perceptivas, privilegiando o aspecto visual como recurso central para a nomeação. Cada sinal observado revela a força simbólica de uma língua que olha o mundo através das mãos, ressignificando o território pela visão e pela cultura. Categorias como mimetopônimos, zootopônimos, fitotopônimos e hidrotopônimos confirmam que a língua de sinais mobiliza elementos da natureza, da cultura e do espaço físico para atribuir significados próprios às localidades, transformando o ato de nomear em um gesto de pertencimento.

A análise morfológica evidenciou a predominância das formações híbridas, que representaram 70% do *corpus*, resultado esperado diante da forte convivência entre Libras e português. Ainda assim, 30% dos sinais apresentaram estruturas visuais autônomas, reafirmando a criatividade da Libras e sua capacidade de produzir soluções próprias. Esse quadro confirma que o processo de nomeação em língua de sinais é híbrido, mas não dependente, já que combina empréstimos da língua oral com criações originais, reinterpretando os topônimos a partir de estratégias visuais e culturais.

Outro ponto relevante foi a identificação de fenômenos de tradução toponímica. Em alguns casos, preservou-se o significado original do topônimo oral; em outros, houve deslocamento semântico, revelando que a comunidade surda reelabora os sentidos a partir de sua própria perspectiva. Essa tradução, portanto, não é literal, mas interpretativa, mobilizando recursos visuais que ressignificam o espaço. Também foram observadas variações linguísticas, como a diastrática e a diacrônica, além de estratégias motivacionais baseadas em atributos perceptíveis, como sons de artefatos humanos, que reforçam a complexidade e a riqueza do processo denominativo.

No que diz respeito à categoria de motivação não identificada, compreende-se que essa classificação não significa ausência de origem motivacional, mas sim lacunas de registro ou

falta de consenso entre usuários da Libras. Essa constatação projeta novos caminhos para futuras pesquisas, voltadas à reconstrução da memória coletiva da comunidade surda e à consolidação de sinais ainda em formação, reafirmando o caráter vivo e dinâmico da língua de sinais.

Como desdobramento direto da pesquisa, foram criados o site *Libras Bahia* e o canal homônimo no *YouTube*, que reúnem os vídeos, fichas e classificações dos sinais estudados. Esses produtos constituem repositórios bilíngues, dinâmicos e acessíveis, que podem beneficiar diretamente a comunidade surda, professores, intérpretes e pesquisadores. A curto prazo, representam instrumentos concretos de democratização do conhecimento e de valorização da Libras como patrimônio linguístico e cultural da Bahia. A longo prazo, configuram-se como um legado científico, social e educacional, capaz de inspirar novas investigações, ampliar políticas linguísticas e fortalecer o reconhecimento da Libras como língua de expressão territorial e identitária.

Dessa forma, a pesquisa cumpre seu propósito de documentar, analisar e sistematizar os sinais toponímicos dos municípios baianos, ao mesmo tempo em que projeta horizontes para novas descobertas. Os dados obtidos podem subsidiar trabalhos futuros em áreas como variação linguística, tradução, ensino de Libras e políticas linguísticas, demonstrando que o objeto permanece em movimento.

Esta tese se encerra reafirmando seu caráter inédito, sua relevância científica e seu compromisso social. Cada sinal toponímico registrado é mais do que uma unidade lexical: é um fragmento de história, um gesto de identidade e uma expressão de resistência cultural. Ao reunir, classificar e disponibilizar esses registros, reafirma-se que a Libras não apenas nomeia lugares, mas os recria, perpetuando na língua visual a memória coletiva da comunidade surda. Este trabalho não representa um ponto final, mas um ponto de partida, um marco pioneiro que se projeta para o futuro como compromisso ético, científico e cultural com a valorização da Libras e com a preservação da memória toponímica da Bahia.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *ATOBAH: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia*. Caletoscópio. v. 4, n. Especial, 2016. II DIVERMINAS, p.576-588.
- AGUIAR, Mônica Cruz de. *Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras*. In: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira (Orgs.). *Libras em estudo: descrição e análise*. São Paulo: FENEIS, 2012, p. 109-121.
- AGUILERA, Vanderlei Andrade. *Taxionomia de topônimos: problema sem solução?*. Signum: Estudos da Linguagem, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1999.
- ALEMÃO, Vicharlisson Brito. Projeto *ATAOB: armazenamento e dados em Libras*. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre– UFAC. Rio Branco: UFAC, 2017.
- AUBERT, Françoise H. *Modalidades de tradução: teoria e resultados*. TradTerm, São Paulo, v. 5, p. 99–157, jun. 1998.
- BAHIA. Secretaria de Cultura. *Divisão Territorial da Bahia*. Salvador: SecultBA, [20--]. Disponível em: <http://www.secult.ba.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- BAHIA. Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural. *Territórios de Identidade*. Salvador: Bahiater/SDR, [20--]. Disponível em: <http://www.sdr.ba.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- BOMFIM, Caroline Pereira; ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Os zootopônimos do território de identidade Bacia do Jacuípe*. Revista Philologus, v. 26, n. 76 Supl., p. 703–715, 2020.
- BEZERRA, Manuella Trindade. *Formação dos sinais toponímicos acreanos*. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PI BIC). Universidade Federal do Acre– UFAC. Rio Branco: UFAC, 2015.
- BEZERRA, Manuella Trindade. *Sinais toponímicos do Acre: a iconicidade no processo de formação*. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre– UFAC. Rio Branco: UFAC, 2016.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 25 de abril 2002. Seção 01, p. 23
- CAMPELLO, Ana Regina et al. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008.
- CARVALHO, Maria Aparecida de. *Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso – Mesorregião Sudeste Mato-Grossense*. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MARTINS, Juliana Alves. *Dicionário da Língua de Sinais Brasileira: a Libras em suas mãos*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

CARMO, Felipe dos Santos do. *Toponímia em Libras dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco (AC): análise dos aspectos formais e motivacionais dos sinais que nomeiam os espaços urbanos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras). Universidade Federal do Acre. Rio Branco: UFAC, 2021.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. Tese. (Doutorado em Linguística). UFMG. Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Paulo Vaz de. *Breve Historia dos Surdos no Mundo*, SurdUniverso; 2007.

CASTILHO, A. T. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010

CERQUEIRA NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves de. *O extremo sul da Bahia que não pertence à Bahia*. Caminhos de Geografia, v. 13, n. 41, p. 307–319, 2012.

CHAIBUE, Karime. *Toponímia e Libras a partir do sinal de Formosa*– GO. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias (Orgs.) *A Linguística na teoria e na prática*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 408-428.

CIDADES DO EXTREMO SUL DA BAHIA EM LIBRAS [vídeo]. YouTube, 2022. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=mx6K2L0BF0k. Acesso em: 1 ago. 2025.

CORREIA, Clese Mary Prudente. *Bahia de todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2017.

COUTO, Jorge. A gênese do Brasil. In.: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta: A experiência brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DANTAS, Emanuelle Resurreição. *Estudo toponímico bilíngue (português–Libras) das instituições de ensino públicas e privadas de Feira de Santana*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux: origine et evolution*. Paris: Delagrave, 1926.

DE CARVALHO, Paulo Vaz; CONFORTO, Simone Ferreira. *Breve história dos surdos no mundo e em Portugal*. 2014.

DE SOUSA, Alexandre Melo; BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil*. Revista Sinalizar, v. 5, 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. *Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. Revista Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*. Pernambuco: UFP, v. 19, p. 119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *O problema das taxionomias toponímicas*. Uma contribuição metodológica. Separata da Revista de Letras, São Paulo, USP, p. 373-380, 1975.

EVANGELISTA, Antonia dos Reis Salustiano. *O processo de desmatamento do bioma caatinga: riscos e vulnerabilidades socioambientais no território de identidade do Sisal, Bahia*. Revista Geográfica de América Central, v. 2, n. 47E, 2011.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica*. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009.

FELIPE, Tanya Amaral. *Os processos de formação de palavras em Libras*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FERNANDES, Eulália; STROBEL, Karin. *A comunidade surda: identidade, representações e práticas pedagógicas*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FERREIRA, Daniela Betânia dos Santos. *Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*. 186f. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)– Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FERREIRA-BRITO, L. Por uma gramática de línguas de sinais. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FRANCISQUINI, I. de A. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba*. Dissertação (Mestrado) - UEL. Londrina, PR: 1998.

FRYDRYCH, Daniele Cristina. *Iconicidade e arbitrariedade na Libras: uma análise da motivação nos sinais lexicais*. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em 22 fev. 2024.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.

GUIA GEOGRÁFICO – História da Bahia. *Fragmento da Carta das Cortes (1749)*: mapa da Bahia. Disponível em: <https://www.historia-brasil.com/bahia/mapas-historicos/seculo-18.htm>. Acesso em: 1 ago. 2025.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de língua brasileira de sinais*. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2020.

IBGE, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. V.36. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 Maio 2024.

INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA – IFBA. *Sinalário de Libras da Chapada Diamantina* [recurso eletrônico]. Seabra: IFBA Campus Seabra, 2022. Disponível em: www.youtube.com/playlist?list=PLzXAtB7UT0PAq6GelMhrBUmGy6HDdst90. Acesso em: 1 ago. 2025.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio cultural*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 1996.

ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, v. 1, p. 11-20.

JESUS, Carlos Messias Alves de. *Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*. 169f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)– Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. *Tenho um aluno surdo. E agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFScar, 2013.

LAGE, Creuza Santos; PEIXOTO, Heraldo; VIEIRA, Cláudia Margarete Batista. *Aspectos da vulnerabilidade ambiental na Bacia do Rio Corrente-BA*. 2008. Disponível em: <http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/29c056f3972874a02070e9b44ed0e5ae500e05bb.pdf>. Acesso em: 01 maio, 2025.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice Müller de. Línguas de sinais do Brasil: *Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação*. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). *Estudos da língua brasileira de sinais II*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 15-27.

LIBRAS BAHIA, Daniela. *Daniela Betânia Libras* [canal no YouTube]. YouTube, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@DanielaBet%C3%A2niaLibras>. Acesso em: 17 ago. 2025.

LIBRAS BAHIA. *Estudo toponímico dos municípios baianos em línguas orais e em Libras*. Disponível em: <https://librasbahia.com.br/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

LIMA, I. A. de. *A motivação religiosa dos topônimos paranaenses*. In: Estudos lingüísticos – XLV Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP, 1997.

LUCHI, Sabrina S. *O signo lingüístico na perspectiva de Ferdinand de Saussure: um percurso sobre a constituição de suas noções principais*. Revista Philologus, Rio de Janeiro, n. 57, p. 97-112, 2013.

MARCELINO, Lico Bezerra. *Variação fonológica, morfológica e lexical em topônimos referentes a cidades acreanas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2021.

MARENTETTE, Paula Frances. *It's in her hands: A case study of the emergence of phonology in American Sign Language*. 1995.

MARINS, Mídian Jesus de Souza. *Estudo Toponímico Português: Libras das unidades de saúde de Feira de Santana-BA*. Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2024.

MEDEIROS, Sheila Cristina de. *Ícônico ou arbitrário? Motivado ou imotivado? Diferentes tipos de motivação em sinais da Libras*. *Revista da ABRALIN*, v. 18, n. 3, p. 1044–1072, 2019. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1748>. Acesso em: 21 jul. 2025.

MIRANDA, Roselba Gomes de. *Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins*. 186f. Dissertação (Mestrado em Letras) SUMÁRIO Universidade Federal de Tocantins. Porto Nacional: UFT, 2020.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

OLIVA, A. R. *A África não está em nós: a história africana no imaginário de estudantes do Recôncavo Baiano*. *Fronteiras*, v. 11, n. 20, p. 73–79.

PAIS – *Projeto para Acolhimento, Informação e Suporte à Familiares de Crianças Surdas*. Universidade Federal da Bahia, Departamento de Fonoaudiologia. Disponível em: <https://pais.ufba.br/pais>. Acesso em: 17 ago. 2024.

PEREIRA, Ariana Boaventura. *Toponímia em Libras de Rondônia: análise formal e semântico-motivacional dos nomes dos municípios*. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2025.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller. *Língua Brasileira de Sinais V*. Florianópolis, Brazil: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; MACHADO, Rodrigo Nogueira; SILVA, Jair Barbosa da. *Introdução ao estudo da Libras*. São Paulo: Editora Contexto, 2025.

QUADROS, Ronice Muller de. *Libras*. Parábola: São Paulo, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. 2008. 3 vol. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008

SANTIAGO, Iago Gusmão. *A onomástica na Bahia setecentista: estudo da toponímia de base portuguesa na capitania da Bahia de todos os santos (1761-1807)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SANTOS, Adriano Rodrigues dos. *Dicionário de sinais dos municípios do estado do Ceará*. Araraquara: Letraria, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Paulo Hernandes Gonçalves da; ALBUQUERQUE, Francisco Edvir ges. *As ciências do léxico: proposições para a prática docente no ensino de línguas indígenas*. Revista Univap, São José dos Campos, v. 24, n. 44, 2018. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/1877> Acesso em: 1º maio 2021.

SINAIS DE CAPIM GROSSO E REGIÃO EM LIBRAS [vídeo]. YouTube, 2022. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=iSgKQobv_pI. Acesso em: 1 ago. 2025.

SOUSA, Alexandre Melo de –*Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade*. Alexandre Melo de Sousa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Metodologia para a pesquisa toponímica em Língua Brasileira de Sinais*. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (Orgs.). *Perspectivas para o ensino de línguas*. v. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2018, p. 08-37.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais*. In: ISQUERDO, A.N. (org). *Toponímia Urbana: estudos*. Campo Grande: Ed UFMS, 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. *O Web Software Toponímia em Libras: pesquisa e ensino*. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. *Perspectivas para o ensino de línguas 3*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019b.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson G. *Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma perspectiva de toponímia por sinais*. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STOKOE, Willian. *Sign Language structure: na outline of the communication systems of the American deaf*. Studies in Linguistics. Buffalo: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

STROBEL, K. L. *História da educação de surdos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

TALASK, Anamelia Gomes. *Psicologia e surdez: a importância do conhecimento da língua brasileira de sinais (LIBRAS) pelo gestalt-terapeuta*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Faculdades Integradas Maria Thereza, Niterói, 2006.

TAUB, Sarah F. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 044/2018. *Aprova o Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras*, sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 13 abr. 2018

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; FERREIRA, Daiane, XAVIER, André Nogueira. *Contribuições aos estudos toponímicos da libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras*. Revista GTLex, v. 6, n. 1, p. 234-267, 10 fev. 2021.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. *Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná*. TRABALHOS COMPLETOS DA XXI SEMANA DE LETRAS. Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr_uKAQAYX9u/view. Acesso em: 10 maio 2020.

XAVIER, André Nogueira. *A motivação na Libras: um estudo sobre iconicidade e estrutura lexical*. Cadernos de Tradução, v. 1, n. 18, p. 189-202, 2006.